



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Geovane Batista da Costa

“LAMPIÃO DA ESQUINA”, UM JORNAL ALTERNATIVO DO BRASIL: ILUMINANDO IDENTIDADE(S) E REPRESENTAÇÃO (ÇÕES) DO(S) HOMOSSEXUAL (IS), DE 1978-1981.

Juiz de Fora

2019

GEOVANE BATISTA DA COSTA

“LAMPIÃO DA ESQUINA”, UM JORNAL ALTERNATIVO DO BRASIL: ILUMINANDO
IDENTIDADE(S) E REPRESENTAÇÃO (ÇÕES) DO(S) HOMOSSEXUAL (IS), DE 1978-
1981.

Juiz de Fora

2019

GEOVANE BATISTA DA COSTA

“*LAMPIÃO DA ESQUINA*”, UM JORNAL ALTERNATIVO DO BRASIL: ILUMINANDO IDENTIDADE(S) E REPRESENTAÇÃO (ÇÕES) DO(S) HOMOSSEXUAL (IS), DE 1978-1981.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Dra. Beatriz Helena Domingues

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa, Geovane Batista da.

“LAMPIÃO DA ESQUINA”, UM JORNAL ALTERNATIVO DO BRASIL : ILUMINANDO IDENTIDADE(S) E REPRESENTAÇÃO (ÇÕES) DO(S) HOMOSSEXUAL (IS), DE 1978-1981. / Geovane Batista da Costa. -- 2019.

238 f.

Orientadora: Beatriz Helena Domingues

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História, 2019.

1. Jornal Lampião da Esquina. 2. Representação do homossexual. 3. Homossexualidade Masculinizada. 4. Homossexualidade efeminada. I. Domingues, Beatriz Helena, orient. II. Título.

GEOVANE BATISTA DA COSTA

**LAMPIÃO DA ESQUINA”, UM JORNAL ALTERNATIVO DO BRASIL:
ILUMINANDO IDENTIDADE(S) E REPRESENTAÇÃO (ÇÕES) DO(S)
HOMOSSEXUAL (IS), DE 1978-81**

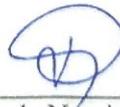
DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade Federal de
Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção
do título de MESTRE EM HISTÓRIA.

Juiz de Fora, 28/08/2019.

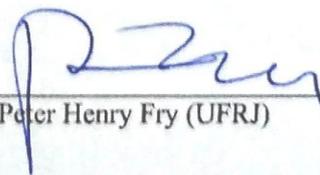
Banca Examinadora



Prof.^a. Dr.^a. Beatriz Helena Domingues - Orientadora



Prof.^a. Dr.^a. Fernanda do Nascimento Thomaz (UFJF)



Prof. Dr. Peter Henry Fry (UFRJ)

Á minha mãe Odanilza; ao meu pai João; ao meu amor Gabriel; ao presidente Lula; aos meus amigos e a tod@s LGBTQI+.

AGRADECIMENTOS

Desafio maior do que escrever essa dissertação, foi tentar ser justo e lembrar de todas as pessoas que de forma direta e/ou indiretamente me ajudaram para a finalização de mais uma etapa da minha vida. Este trabalho só foi possível porque em várias ocasiões pude contar com a amizade e compreensão destas pessoas com as quais compartilhei cada momento de alegria e dificuldade neste trajeto que ora se encerra. Então, caso me esqueça de alguém, se sintam homenageados por estas que agora citarei.

Agradeço, primeiramente, à minha amiga e professora Bia pela orientação durante todo esse tempo, que com sua paciência, generosidade e sabedoria me garantiram segurança e inspiração para a tessitura deste trabalho. Obrigado por ter acreditado em mim.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Dr. Peter Fry e Dr.^a Fernanda Thomás, que se dispuseram a participar e colaborar com essa dissertação, tecendo comentários bastante pertinentes de forma sensível e generosa, que talvez não pudesse ter tido igual, caso a banca fosse configurada com outra formação.

Agradeço à minha família, em especial minha prima Janaina, que sempre me apoiou em tudo na vida, e, aos meus irmãos Jean e João Paulo, pelos momentos de descontração.

Agradeço ainda aos meus pais, João e Odanilza, por terem me mantido na UFJF por todo esse tempo e pela ajuda que deram ao me darem a sensação de que, quaisquer que sejam minhas decisões na vida, sempre contarei com seus apoios e suportes, tanto financeiros, quanto emocionais.

Agradeço também ao Gabriel pelo amor, carinho, paciência e pela atenção que me deu durante todo esse tempo. O apoio que me deu através de palavras confortadoras e dos puxões de orelha fora muito importante para que eu seguisse adiante em certos momentos em que pensei que não daria conta. Obrigado pela compreensão e por ter passado esse tempo todo ao meu lado. E, peço desculpas novamente pelas vezes que estava ao seu lado só de corpo presente, mas com a cabeça na finalização da dissertação.

Agradeço ainda aos meus amigos e amigas que fiz durante o período na faculdade e que são pessoas muito especiais que carrego no coração como Diego, Adriano, Leonardo Leal, Guilherme, Leonardo Guimarães, Janaina, Juliana, Luana, Eduardo, Lucília, Priscila, Sheila, Samantha e Monalisa, pela amizade, paciência, compreensão e pelos momentos de distração e diversão após momentos de tensão.

Agradeço também aos amigos que fiz durante o mestrado, como Emilla, Eduardo e Marcelo (*in memoriam*), que são aquelas pessoas que fazem parte daquele grupo de pessoas

que você conhece e conversa por 1 min, mas, parece que já se conheciam há anos, e, que tornam seus dias muito mais felizes.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFJF, pela contribuição direta presente neste trabalho através das disciplinas ofertadas. Agradeço especialmente aos professores Dr. Alexandre Mansur Barata e à professora Dra. Fernanda Thomás, que ministraram disciplinas cursadas durante o mestrado. Seus questionamentos, discussões e posicionamentos foram fundamentais durante o amadurecimento das reflexões para a escrita desta dissertação.

Agradeço também ao professor Dr. Rafael Bispo, do departamento de Ciências Sociais, da UFJF, pelas dicas de leitura e apontamentos para o trabalho.

Agradeço aos ex-professores do ensino médio que contribuíram e muito para a minha escolha profissional, como Claudinha, Nielsen, Gilmar, Ana Olivia e Marcilea. E, também aos ex-professores da graduação, que me prepararam para a vida profissional, como Sônia Miranda, Célia Borges, Carla Almeida, Mônica Ribeiro, Cláudia Viscardi, Alexandre Barata, Fernanda Thomás, Ludmilla e Sônia Lino.

Agradeço também aos amigos e amigas que foram aparecendo ao longo da minha vida, como Nara, Maria (Fifia), Robson, Edinaldo.

Agradeço, por fim e de modo cordial, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou a realização de minha pesquisa no mestrado através do auxílio financeiro concedido ao longo do curso.

Os machos não se dividem em dois grupos distintos: os heterossexuais e os homossexuais. O mundo não está dividido em ovelhas e carneiros. Nem todas as coisas são negras nem todas são brancas. É um princípio fundamental da taxinomia que raramente na Natureza se encontram categorias nitidamente separadas. Só a mente humana inventa as categorias e tenta abrigar os fatos em compartimentos separados. O mundo vivente representa uma continuidade em todos os seus aspectos. Quanto mais depressa aprendermos esta noção, aplicando-a ao comportamento sexual do homem, tanto mais depressa compreenderemos claramente o que é a realidade do sexo.

Kinsey, 1972: 586

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é interpretar a disputa pela construção de sentidos e as práticas discursivas nas representações dos homossexuais do sexo masculino nas páginas do jornal *Lampião da Esquina*, entre 1978 e 1981. Além disso, objetivamos algumas pautas mais específicas: historicizar o jornal *Lampião*; apresentar as relações de tensão envolvendo o jornal e seus leitores quanto a representação dos homossexuais; investigar de que forma o periódico contribuía (ou não) para a construção de identidade(s) do(s) homossexual(ais); e, por fim, identificar através da seção *Cartas na Mesa* como o discurso de *Lampião* chegava aos seus leitores e como estes os apropriavam. Para isso, partimos de duas questões: Como os discursos no jornal (des)construíam estereótipos e (re)construíam tipos ideais de homossexuais? Quais representações apareciam mais no periódico: o homossexual masculinizado ou o efeminado? Para referencial teórico, adotamos as reflexões de Michel Foucault sobre análise de discurso e de Stuart Hall sobre o conceito de representação. Metodologicamente, partimos da contextualização histórica e seleção da fonte. Em seguida analisamos as seções de *Lampião*, principalmente, as seções *Esquina*, *Opinião* e *Cartas na Mesa*. Por fim, efetuamos uma análise de discurso sobre as seções para acompanhar a representação de homossexuais do sexo masculino. Dessas representações destacamos as que se referiam à efeminação e a masculinidade dos homossexuais, porque nos parecem expressar as relações de poder entre os sujeitos envolvidos na produção discursiva observada no jornal.

Palavras-chave: Jornal *Lampião da Esquina*. Representação do homossexual. Homossexualidade Masculinizada. Homossexualidade efeminada.

ABSTRACT

The main objective of this work is to interpret the dispute for the construction of meanings and the discursive practices in the representations of the male homosexuals in the pages of the *Lampião da Esquina* newspaper between 1978 and 1981. In addition, we aimed at some more specific guidelines: to historicize the *Lampião* newspaper; to present the tensions involving the newspaper and its readers regarding the representation of homosexuals; to investigate how the journal contributed (or not) to the construction of homosexual identity (s); and finally to identify through the section Letters on the Table how *Lampião's* speech came to his readers and how they appropriated them. For this, we start with two questions: How did the discourses in the newspaper (dis) construct stereotypes and (re) constructed ideal types of homosexuals? Which representations appeared most in the journal: the masculinized homosexual or the effeminate? For theoretical reference, we adopt Michel Foucault's reflections on discourse analysis and Stuart Hall on the concept of representation. Methodologically, we start from historical contextualization and source selection. Next we analyze the sections of *Lampião*, mainly, the sections Corner, Opinion and Letters in the Table. Finally, we conducted a discourse analysis on the sections to follow the representation of male homosexuals. Of these representations we highlight those referring to the effeminacy and masculinity of homosexuals, because we seem to express the power relations between the subjects involved in the discursive production observed in the newspaper.

Keywords: *Lampião da Esquina* Newspaper. Representation of the homosexual. Masculinized Homosexuality. Effeminate homosexuality.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1	33
Figura 2	43
Figura 3	43
Figura 4	49
Figura 5	49
Figura 6	50
Figura 7	50
Figura 8	50
Figura 9	51
Figura 10	60
Figura 11.....	60
Figura 12	60
Figura 13	61
Figura 14	61
Figura 15	61
Figura 16	62
Figura 17	62
Figura 18	62
Figura 19	63
Figura 20	63
Figura 21	64
Figura 22	64
Figura 23	64
Figura 24	67
Figura 25	67
Figura 26	68
Figura 27	68
Figura 28	68
Figura 29	69
Figura 30	69
Figura 31	69
Figura 32	70

Figura 33	70
Figura 34	71
Figura 35	71
Figura 36	72
Figura 37	72
Figura 38	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: “ENFIM UM JORNAL MARAVILHA”	26
1.1) "SNOB", "LE FEMME"... OS BONS TEMPOS DA IMPRENSA GUEI	28
1.2) “UM PRODUTO NOVO NA PRAÇA”	36
1.3) “LAMPIÃO É DESNUDADO”	42
1.3.1 O nome	42
1.3.2 O Conselho editorial e o expediente de Lampião	45
1.3.3 O formato	48
1.3.4 As seções de Lampião	53
1.3.5 Anúncios e propagandas	58
1.3.6 Rubricas, Charges, cartuns e história em quadrinhos: o humor gráfico em Lampião	65
1.4) “SAINDO DO GUETO”.....	74
1.4.1 Circulação e distribuição	75
1.4.2 Nossas gaiolas comuns	78
1.4.2.1 Mulheres	79
1.4.2.2 Negros	81
1.4.2.3 Ecologia	85
1.4.2.4 Índios	87
CAPITULO II: “CORRE QUE LÁ VEM OS HOME”	91
2.1) “REPRESSÃO: ESSA NINGUÉM TRANSA”	97
2.2) “MAS A VIOLÊNCIA DO SISTEMA PODE?”	109
2.3) “A FORÇA ESTÁ CONOSCO”	122
2.4) “NÓS HERÓIS E ARAUTOS”: O APAGAR DE LAMPIÃO	127
CAPÍTULO III: “NÓS TAMBÉM ESTAMOS FAZENDO HISTÓRIA” - AS REPRESENTAÇÕES DOS HOMOSSEXUAIS EM LAMPIÃO	132
3.1) “Desbloqueando o tabu”.....	134

3.2) “Homossexualismo: que coisa é essa?”	152
3.3) “Desnudando Lampião”	160
3.3.1) As identidades efeminadas	162
3.3.1.1) Transexuais	162
3.3.1.2) Travestis	166
3.3.1.3) Bicha	173
3.3.2) As identidades masculinizadas	178
3.3.2.1) Homossexuais “machos”	178
3.4) Outros modos de representar a as identidades	184
“QUAL É A TUA, OH LAMPIÃO?”: APONTAMENTOS FINAIS	191
FONTES	198
REFERÊNCIAS	201
ANEXO	212

Introdução

É um exercício tentador e também difícilíssimo iniciar esse meu texto que tenta circunscrever, de modo mais direto possível, a minha temática, os meus objetivos e aquilo que se constituiu como meu “objeto” de pesquisa. E por isso, resolvi não iniciar por eles, mas sim pelos incômodos que me levaram até esta pesquisa, e já adianto que não foram poucos, mas me limitarei aos principais.

Meus dois primeiros incômodos datam exatamente de uma década atrás. Lá nos idos de 2008, comecei o 3º ano do ensino médio, e até então, não tinha tido contato com homossexuais, e se tinha algum homossexual já passado por minha vida, não me lembro que fosse assumido, e então minha convivência social sempre havia sido com heterossexuais. Eu já sabia que era homossexual e tinha algumas relações com alguns rapazes “heterossexuais” (digo isso porque eles se consideravam assim, pois achavam que ao desempenharem somente o papel ativo, isto é, aquele que penetra, não eram homossexuais, pois estes seriam somente aqueles que assumiam o papel passivo, ou seja, aquele que é penetrado), mas era tudo às escondidas. Ninguém sabia de nada. Ouvia alguns borborinhos entre os corredores sobre a minha sexualidade, mas nunca ninguém havia me chamado diretamente de “bicha”, “viado”, gay ou coisas do tipo. Meu primeiro contato com um homossexual assumido, veio acontecer então no finalzinho do ensino médio, e este rapaz, me lembro muito bem que sofria muito preconceito e era chamado pejorativamente de “bichinha” e “viadinho”. Lembro que era uma pessoa amigável, comunicativa, divertida, mas também muito gesticulativo, debochado, fazia uso de maquiagem, usava brincos (que na verdade eram piercings)... Enfim, como se diz hoje, ele era muito “pintoso”, ou seja, era assumido e não disfarçava para ninguém, porque já havia saído do armário e não queria voltar mais para lá. Estava eu num dilema muito grande, pois queria a amizade dele e conhecer alguém que era homossexual e assumido, para saber um pouco mais sobre o tal mundo homossexual, mas sabia que ficando amigo dele correria o risco de também ser reconhecido como “viadinho”, “bicha”. Então, resolvi pagar para ver o que aconteceria, até porque estava saindo daquele colégio e já pretendia entrar no ensino superior, pois já tinha ouvido falar que ele era mais aberto a aceitar a questão da homossexualidade e a presença de homossexuais. O resultado foi que me associaram sim à imagem de homossexual, mas nunca ouvi os termos que foram usados para este meu amigo. Quando diziam algo a respeito de mim, designavam-me como gay. Isto sem dúvida foi algo que me inquietou, pois não sabia o por que um era bicha/viado e o outro gay. E num dia

qualquer, um dos rapazes “heterossexuais” que eu mantinha relações me respondeu a essa minha dúvida dizendo que eu era visto pelas outras pessoas como gay, porque era mais “discreto” por não dar muita pinta, isto é, não tinha muitos trejeitos femininos, porque me vestia mais como um rapaz se veste e meu comportamento era mais masculino, pois não era escandaloso, etc., e tal. Este então foi meu primeiro incomodo – o que fazia um homossexual ser designado como bicha e outro como gay – e que é o grande responsável pela minha investidura num tema como a homossexualidade.

Já o meu segundo incomodo caminhava paralelo ao primeiro, e tem a ver com uma discussão sobre a homossexualidade em si. Já tinha ouvido da boca de um padre em minha confissão de crisma, que a homossexualidade era um pecado, pois Deus criou Adão e Eva, e não Adão e Ivo, e por isso que quem tivesse relações homossexuais seriam mandados direto para o inferno, porque segundo ele, em alguns lugares da bíblia se condenam as relações homossexuais e se diz que os efeminados não terão salvação... Também já tinha visto na TV que a homossexualidade era algo de gente imoral, porque era cometida por pessoas que tinham relações com várias pessoas, e que, portanto, era coisa de gente safada... Pelas telas da televisão vi que a homossexualidade era uma doença, pois eram pessoas mentalmente perturbadas, ou pedófilas, ou com algum distúrbio hormonal ou emocional... Resumindo tudo o que eu tinha ouvido falar... o homossexual era um pecador, e/ou um imoral, e/ou um doente. Sabia que não era um doente, assim como também não era um imoral, mas pela minha criação cristã, pensava ser um pecador...

Assim, estes dois incômodos – a caracterização do gay e da bicha, e, o significado da homossexualidade como pecado, imoralidade e ou doença -, que fazem uma imagem padronizada dos gays sempre me angustiava, e, incapaz de aceitar a veracidade disso, fui em busca de respostas. Então, em 2010 comecei a cursar História, por achar que o curso abrangeiria a questão de gênero, enfocando a temática da homossexualidade, fato que não ocorreu, resultando assim numa terceira angústia. Por isso, comecei a ler sobre o assunto por conta própria, e, comecei a entender a homossexualidade através de textos de cientistas da religião, sociólogos, antropólogos e biólogos. Dentro do campo da história havia trabalhos que faziam menções à homossexualidade, mas não existiam pesquisas que contemplavam a homossexualidade como objeto de investigação, e eu me perguntava o porquê de a sexualidade não ter sido um objeto histórico estudado tão amplamente como a questão da escravidão no Brasil. Hoje em dia, dentro do campo historiográfico, existem mais trabalhos que tem como objeto de estudo a homossexualidade, e tendo Lampião como fonte ou como objeto de pesquisa o número é ainda menor, como pude constatar em um levantamento no

banco de teses e dissertações da CAPES, que tem o registro de oito dissertações – uma de 1998, uma de 2006, quatro de 2015, uma de 2016 e uma de 2017 -, e uma tese de 2012. Nesse sentido, na tentativa de produzir um trabalho que buscasse pensar o jornal por outros vieses, ainda não discutidos por esses trabalhos, pensei na possibilidade de buscar entender as representações de homossexuais masculinos e femininos nas páginas do jornal.

Em 2012, tive contato com os escritos de Chartier através da professora Célia Borges, e a partir daí me encantei com o seu conceito de representação. E uma das primeiras oportunidades que tive para empregá-lo foi na disciplina de Patrimônio Histórico II, lecionada pela prof. Maraliz Christo, quando resolvi estudar as diferentes imagens de Joana D’Arc na história a partir das estatuetas feitas para homenageá-la, que a representavam ou como herege, ou guerreira e/ou ainda como santa. Depois, em 2014 a temática das representações voltou aos meus trabalhos, mas agora direcionando o olhar para os jornais, pois nesse ano resolvi estudar como alguns jornais cariocas representaram e repercutiram a morte de Getúlio Vargas em suas páginas. Em 2015, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado novamente voltei à questão da representação, mas agora trabalharia com a história oral e a narrativa de professores que lecionaram no Colégio Magister para entender as representações que cada um dos entrevistados e entrevistadas tinham sobre o referido colégio. Enfim, a questão das representações sempre foi uma temática pujante em minha vida acadêmica, e por isso resolvi continuar dando atenção a ela nesta minha pesquisa que trata sobre a representação que se tinha e que se fazia dos homossexuais nas páginas do jornal *LAMPIÃO da Esquina*.

Mas por que esse jornal? Por que essa temática? Bem, começando pela temática da homossexualidade acredito que ela já tenha sido respondida através dos meus incômodos explanados anteriormente, mas vale acrescentar ainda, que é um tema pujante no período em que vivemos: na TV, a temática se faz presente em novelas e em reportagens, em programas de diversos formatos (não somente nos programas de humor); na política temos assistido militantes homossexuais a lutarem pela manutenção de direitos já conquistados e pela reivindicação de outros que querem conquistar, etc. Além do mais, ainda hoje se discute a tão famosa “cura gay” defendida por alguns psicólogos e religiosos, e, segundo pesquisas, a violência contra os homossexuais ainda continuam elevadas, tendo a cada 24 horas a morte de um homossexual e feita de modo brutal e com resquícios de crueldade. Enfim, é um tema atualíssimo e que diz muito de minha formação e do tempo em que vivo, que pode ser resumido com o provérbio árabe a seguir (que li e é um dos meus livros de cabeceira de cama: *Apologia da História*, de Marc Bloch): “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais” (BLOCH, 2001, p.6) , ou seja, o trabalho do historiador é determinado pelas

inquietações do tempo presente, porque o nosso olhar e nossos escritos nunca são desinteressados, já que a história é sempre alimentada por inquietudes do nosso próprio tempo.

Quanto à escolha do jornal *LAMPIÃO da Esquina* ocorreu por ter percebido nele uma fonte riquíssima de investigação, pouco explorado no campo da História, e por se tratar de um veículo informativo específico que dá para pensar na (re) produção de práticas discursivas sobre @s homossexuais e a homossexualidade em que estes próprios pudessem falar de si mesmos. Para além dessas duas questões, também resolvi estabelecer uma distância temporal em relação aos sujeitos e ao tema que queria compreender, e por isso, optei por fazer um recorte temporal no qual cheguei ao jornal *LAMPIÃO*, cuja primeira edição foi em abril de 1978 e a última publicação foi em junho de 1981. É válido destacar que tomei conhecimento de *LAMPIÃO* quando em um dia qualquer estava na internet e resolvi jogar no Google para buscar algo sobre o cangaceiro José Virgulino, vulgo Lampião, ser gay, e apareceu algumas páginas que direcionavam para artigos sobre o jornal. Intrigado com tantos artigos sobre tal jornal, li alguns deles e aí me encantei. Ao descobrir por um desses artigos lidos que todas as edições de *Lampião da Esquina* estavam digitalizadas e disponíveis para *download* gratuito no *site* do Grupo Dignidade¹ de Curitiba, aí foi uma euforia só! Realizei o *download* das 38 edições regulares e das 3 edições extras² para o meu computador e comecei a ler a edição de número zero e aí não tive mais dúvidas de que *LAMPIÃO* era um jornal importante para trabalhar através de uma perspectiva histórica. Assim, *LAMPIÃO da Esquina* iluminou a minha vida e se tornou tanto minha fonte quanto meu objeto de pesquisa. Enfim, por tudo isso, e por ter achado que *LAMPIÃO* conseguiria dar conta das questões que nortearão esta pesquisa – que são: compreender como o jornal representou @s homossexuais durante o período de sua existência; investigar de que forma o periódico contribuía (ou não) para a construção de identidade (s) d@(s) homossexual (ais); e identificar através da seção *Cartas na Mesa* como o discurso de *LAMPIÃO* chegava aos seus leitores e como estes os apropriavam -, ele foi escolhido como minha principal fonte e objeto de estudos.

¹ O Grupo *Dignidade* é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1992 em Curitiba. Seu objetivo é atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e identidade de gênero. As 41 edições do *Lampião da Esquina* podem ser acessadas de forma gratuita pelo site dessa ONG ou consultadas pessoalmente no Centro de Documentação Professor Dr. Luiz Mott junto à sede do Grupo Dignidade, que está localizado na Av. Marechal Floriano Peixoto, número 366, conjunto 43, centro de Curitiba – PR, CEP: 880010-130. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/>>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

² Na Edição Extra 1, de dezembro de 1979, tinha algumas entrevistas já publicadas no ano de 1978-79; a Edição Extra 2, de maio de 1980, trazia a seção Ensaio, que tinha textos sobre a temática homossexual enviados por colaboradores do jornal; e, a Edição Extra 03, sem o mês, mas com a data do ano de 1980 também trazia algumas das entrevistas já publicadas pelo jornal.

Findado o tecer de meus incômodos, creio eu já ter sido perceptível ao caro leitor que tanto a seleção do meu objeto de pesquisa quanto a seleção de meu tema, não são dados objetivos, mas sim subjetivos, pois apesar de ter consciência da necessidade de objetividade nos escritos históricos, concordo com Novick (1988) que pelo menos para estas duas questões – tema e objeto – o tal “nobre sonho da objetividade” é impossível, já que partem das escolhas de cada historiador para a escrita da história, visto que:

[...] qualquer coisa que ele [o historiador] faça, o espírito público do seu tempo reage sobre ele. [...] Sua maneira de considerar a história é imposta ao historiador pelo seu tempo. O ponto de vista no qual se situa não é determinado, como nas ciências, pelo estado do desenvolvimento dos conhecimentos, mas pelo estado de civilização do público ao qual se dirige e ao qual ele mesmo pertence. [...]. Cada época refaz sua história, transpõe-na, de certa forma, em um tom que lhe é apropriado. [...]. O historiador é dominado, sem perceber, pelas ideias religiosas, filosóficas, políticas que circulam ao seu redor (LORIGA, 2012, p. 251).

É importante salientar que esta discussão entre o peso do presente e a objetividade na escrita dos historiadores não se resume aos escritos de Novick e de Pirenne, e que poderíamos citar, por exemplo, Arthur Lovejoy, que afirma que “a pesquisa do historiador é sempre, nas suas intenções, instrumental à satisfação presente – ou, mais precisamente, futura – de ter uma resposta provável para a questão histórica” (LOVEJOY apud LORIGA, 2012, p. 252); e Droysen, que não acredita numa pesquisa objetiva, porque para ele “[...] só o que é desprovido de pensamento é efetivamente objetivo”, pois a “partir do momento em que o pensamento humano toca e envolve as coisas, elas deixam de ser objetivas. [...]”. E conclui que aqueles “que veem, na tarefa suprema do historiador, o fato de não acrescentar nada de pessoal, mas de simplesmente dar a palavra aos fatos, não se dão conta de que os fatos não falam a não ser pela voz daqueles que os conceberam e os compreenderam” (DROYSEN apud LORIGA, 2012, p. 254), já que para Droysen a base da escrita da história é a interpretação dos fatos.

No entanto, é válido destacar que este trabalho não será uma obra literária ou de ficção, mas sim um trabalho historiográfico, com sua metodologia, análise crítica das fontes e toda a objetividade necessária para ter o afastamento devido do meu objeto de pesquisa. Por falar nisso, a fonte principal desta pesquisa é o jornal *LAMPIÃO da Esquina*, um jornal que não se encaixa dentro do conceito de grande imprensa - termo usado para designar o conjunto da mídia que compõe a porção mais significativa em termos de divulgação que pode ser diária, semanal, quinzenal, etc.; de circulação, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro cuja dimensão, em termos empresariais, atinja uma estrutura que implique na

dependência de um alto financiamento publicitário para a sua sobrevivência³ -, mas sim naquilo que chamam de imprensa alternativa - também conhecida como “*nanica*”, “*de leitor*”, “*tropicalista*”, “*marginal*”, “*emergente*”, “*independente*” ou ainda “*underground*” -, cujos jornais e revistas faziam críticas ao regime civil-militar e aos valores culturais, pois remetiam a uma ideia de “resistência contracultural ao que não está ligado às políticas dominantes e, também, a uma saída para uma situação difícil” (ROSA, 2005, p. 2).

Dentro da imprensa alternativa tinha-se várias subcategorias de jornais, e destas, destacamos a “imprensa gay”, por ser justamente a esta categoria à qual *LAMPIÃO* pertence. Destinada majoritariamente aos leitores gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, e em sua grande maioria, produzida por jornalistas gays, sejam eles amadores ou profissionais, este tipo de imprensa surgiu nos EUA, na Califórnia, em 1947, com o jornal *Vice-Versa*, e aqui no Brasil, em 1963 no Rio de Janeiro com o jornal *Snob*. Tanto nos EUA quanto no Brasil e no resto do mundo a imprensa gay surgiu “da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis” (RODRIGUES, 2007, p. 55).

O jornal *LAMPIÃO da Esquina* está enquadrado, desde a sua origem até o seu término, no contexto brasileiro de abertura política “lenta, gradual e segura” posto em prática pelo general Ernesto Geisel, o penúltimo dos cinco presidentes militares que governaram o país desde o golpe civil-militar⁴ em abril de 1964. E é de suma importância perceber duas questões: a sua emergência na sociedade brasileira se dá particularmente na década de 1970, que foi um período marcado pela atuação de novos movimentos sociais, como o dos negros, das mulheres e dos homossexuais, que lutavam entre outras coisas, contra a opressão, pela redemocratização e pela busca de liberdade de expressão; e, atentar para o fato de que mesmo tendo sido criado um pouco antes da extinção do AI-5, e ter sobrevivido até 1981, o período o

³ Ver AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**. O exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e o Movimento. Bauru: EDUSC, 1999, p.37.

⁴ Escolhi trabalhar com tal termo – e não com ditadura militar – pelo fato de concordar com Daniel Aarão Reis (2014), que entende que, a ditadura veio do golpe de setores organizados da sociedade civil (empresários, Igreja, imprensa) e dos militares, que implementaram e mantiveram a ditadura, se beneficiando das políticas repressivas do período. Daniel (2014) chegou a afirmar que a ditadura civil-militar teve seu fim em 1979, quando ocorreu a revogação do AI-5 e a Lei da Anistia, passando então, a termos o restabelecimento do *estado de direito* e o fim do *estado de exceção*. Para o referido autor, entre 1979 e 1985, teria vigorado um Estado autoritário – e não propriamente uma ditadura –, que teria sido responsável por fazer a transição para a democracia. Daniel (2014), então chama a nossa atenção para o fato de que se não aceitarmos que a ditadura não terminou em 1979, portanto, não podemos também considerar que ela terminou em 1985, pois este ano só marcou a passagem do mandato presidencial, após eleições indiretas, de um militar para o civil, no caso, o político José Sarney, que foi um dos principais apoiadores civis da ditadura. Deste modo, deveríamos, portanto, conforme Reis Filho (2014), considerar que a ditadura só terminou em 1988, quando tivemos a promulgação da Constituição.

qual *LAMPIÃO* foi produzido não foi menos repressivo quanto podemos pensar, pois sofreu perseguição do Estado brasileiro e de grupos terroristas.

LAMPIÃO era feito por 11 homens assumidamente gays - os jornalistas Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata e João Antonio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean Claude Bernardet; o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt; o cineasta e escritor João Silvério Trevisan, e o antropólogo Peter Fry -, que faziam parte do conselho editorial. Surgiu em abril de 1978, como uma edição experimental, a edição de número 00 (zero), somente com o nome de *LAMPIÃO*, no entanto, por uma questão de direitos autorais, o conselho editorial do jornal na edição de número 01, que já tinha começado a ser vendido em algumas bancas de jornais, acrescentou o termo “*da Esquina*”, que fez parte do nome do jornal até o seu fim, em junho de 1981.

LAMPIÃO era uma publicação da Esquina – Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda, impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A., localizada no Rio de Janeiro, e teve 16 páginas por edição do nº zero ao nº10, e a partir da edição de nº 11 passou a ter 20 páginas. A primeira edição ficou restrita ao Rio de Janeiro, sendo enviada a 5 mil pessoas aleatórias escolhidas pelos membros do Conselho. Contudo, a partir da edição de nº3, o jornal começou a ser distribuído para além do Rio, alcançando as cidades de São Paulo (SP), Recife (PE), Salvador (BA), Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG) e Porto Alegre (RS).

LAMPIÃO da Esquina surgiu com sete seções: *Opinião* (equivalia ao editorial), *Ensaio* (composta de textos sobre temas gays enviados por colaboradores), *Esquina* (seção com artigos traduzidos, textos opinativos e notas variadas), *Reportagem* (seção com matérias informativas, ou com assuntos das matérias de capa, e, ou com entrevistas); *Literatura* (seção de poesias que eram enviadas pelos leitores), *Tendências* (seção cultural que falava de Livros, Exposições, Peças teatrais, etc.), e *Cartas na mesa* (seção de cartas de leitores que opinavam, discutiam e debatiam matérias com os respectivos comentários dos jornalistas). A partir da edição de nº5 é publicada uma nova seção: *Bixórdia*, uma espécie de coluna social marcada pela utilização de palavras típicas da “cultura” gay. E posteriormente a partir do nº18 temos a seção *Troca-troca*, que era o espaço para paquera onde perfis de leitores eram publicados para eventual correspondência entre os interessados (ARIAS; AMARAL, 2016, p. 115). Outras seções apareciam esporadicamente como: *Ativismo*, *Festim*, *Violência* e *Verão*.

O jornal *LAMPIÃO da Esquina* tinha uma linguagem própria dos jornais alternativos: variava de uma linguagem formal e erudita a uma linguagem mais coloquial, mais próxima da forma como se conversava nos espaços de sociabilidade homossexuais, incluindo gírias e

expressões como “bichas” e “viados”, por exemplo. E usar tais palavras populares e pejorativas, era intencional, como fica claro no artigo intitulado “*As palavras: para que temê-las*”, de Aguinaldo Silva no nº3. Com este artigo, podemos concluir que o periódico buscava despertar reflexões através das palavras que, até então, tinham uma conotação negativa e de desconstruir os estereótipos⁵ ligados aos homossexuais.

Como resultado disso, pensei em estudar como *LAMPIÃO da Esquina* representou e criou identidades entre os homossexuais masculinos e femininos em suas páginas durante o tempo de sua existência, e acreditei que uma saída metodológica para entender o jornal seria uma análise de conteúdo dos discursos, realizada em quatro de suas seções: *Opinião*, *Reportagem*, *Esquina* e *Cartas na mesa*. Contudo, acatando algumas sugestões concedidas pelo professor Alexandre – que lecionou a disciplina de Seminário de Linha de Pesquisa -, de alguns colegas da turma e da minha orientadora, revi a metodologia do projeto, mantendo os autores e conceitos, como identidade, representação, mas avaliando agora o conteúdo total do jornal, e não mais só das quatro seções, para se ter uma noção mais aprofundada sobre a temática da homossexualidade.

Partindo então do pressuposto de que a linguagem mais popular e da subcultura gay usada por *LAMPIÃO da Esquina* funcionava ao mesmo tempo como um ato de resistência ao mundo heterossexual – já que o jornal a usava para retirar a imagem pejorativa de palavras do vocabulário hetero, usadas normalmente para ofenderem ou humilhar, como “viado”, “bicha”, “sapatão” etc., por exemplo –, e que também funcionava como um elo entre o mundo homossexual e o mundo heterossexual. Conforme o meu entendimento, este fato resultava numa forma de se pensar sobre a homossexualidade e os homossexuais, o que desencadeou algumas questões que irão ser problematizadas na pesquisa, como: Quais seriam esses estereótipos? Como o jornal representou os homossexuais? Quais os discursos sobre a homossexualidade e sobre o homossexual que o jornal fazia? Como os leitores se apropriavam de tais discursos? E se, *LAMPIÃO* construía ou não identidades homossexuais?

Enfim, com *LAMPIÃO da Esquina*, como objeto e como fonte, quero problematizar os estereótipos atribuídos aos homossexuais e a criação ou não de identidades homossexuais a

⁵ Segundo Homi Bhabha “estereótipo” é um “um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório”, caracterizado pela simplificação, “porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito” (BHABHA, 1998, p. 110-117). Em outras palavras, o estereótipo poderia ser pensado como um conjunto de crenças simplificadoras que se tem sobre as características positivas e/ou negativas atribuídas a grupo de pessoas, que molda a forma como as pessoas pensam e respondem a esse grupo.

partir das representações⁶ da homossexualidade e dos homossexuais, porque o objetivo principal dessa pesquisa é o de compreender como os sujeitos homossexuais foram representados no jornal. E por isso é necessário diferenciarmos a forma como os sujeitos homossexuais se apresentavam e como eram apresentados nas páginas do periódico. Por conta disso, busco as condições do surgimento dos enunciados que compunham o discurso sobre a homossexualidade nas páginas do *Lampião da Esquina*, pois ter acesso as condições em que um discurso emerge é determinar as “[...] condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (FOUCAULT, 2008, p. 31). Assim, portanto, pensei em manter como metodologia a análise discursiva para poder observar e compreender os discursos sobre as homossexualidades.

É importante frisar que há vários conceitos sobre a Análise de Discurso (AD), e que aqui nesse texto usamos a concepção da análise de discurso de linha francesa. Vale ressaltar também que temos no campo das ciências humanas e sociais debates que muitas vezes lhe encara mais como uma disciplina ou como uma perspectiva teórica do que um método analítico⁷. Voltando à Análise de Discurso, se a tomarmos como método, é importante chamar a atenção para o fato de que ela segue algumas etapas e procedimentos. Conforme Orlandi (2001) num primeiro momento é necessário selecionar um “objeto simbólico” que pode ser um texto verbal ou não verbal para ser analisado. Em seguida, é preciso passar pelo “processo de superficialização” que configura as propriedades discursivas, ou seja, nesse primeiro

⁶ De acordo com Chartier: “Nas definições antigas (por exemplo, a do *Dicionário universal* de Furetière em sua edição de 1727), as acepções correspondentes à palavra ‘representação’ atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”. Cf. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 11 (5), 1991, p. 184.

Desta forma, dito isso, utilizo o conceito conforme os escritos de Chartier (1990) que entende a representação como uma realidade dada, constituída, que criam sentidos de fatos que levam sujeitos a pensarem e agirem de alguma forma. Ver CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990x.

Para complementar essa ideia sobre o conceito, uso Hall (2016), que afirma que a representação é a produção de sentido pela linguagem, já que a relação entre o mundo exterior e os signos ocorre a partir da assimilação dos conceitos pela nossa mente e depois são representados pelos signos (palavras, sons e imagens) através da linguagem. Vale ressaltar que o autor também aponta que temos pelo menos três abordagens teóricas em termos de representação: a refletiva/reflexiva, em que a linguagem apenas reflete o que existe no mundo tal como um espelho, sem interferir no processo de representação; a abordagem intencional, na qual a linguagem expressa a ideologia do sujeito falante, aquilo que ele quer dizer, os traços de sua personalidade; e a construcionista, onde o significado é construído através da linguagem, com o uso de sistemas representacionais – conceitos e signos. Neste trabalho, usarei então a abordagem construcionista, por entender as representações, como já disse, como uma construção de sentidos através da linguagem. Ver: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

⁷ Para saber mais sobre análise de discurso ver: ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. 4ed. Campinas: Pontes, 1983

tratamento da análise do texto fazemos um levantamento de “gestos de interpretação” que servem para observarmos como ocorre o funcionamento da linguagem. Estes gestos da interpretação seriam os elementos linguísticos que constituem o texto e contribuem para a produção de sentidos, como o contexto, por exemplo, que materializa discursos e revela ideologias, como por exemplo, os sujeitos, espaço, tempo, interesses etc. Após, essa fase de análise, em que se percebe e entende os gestos de interpretação (contextos), isto é, em que se compreende o funcionamento da linguagem, é que então entramos no nível da interpretação em que poderemos enxergar o objeto discursivo, e a partir dele, analisarmos o que é dito nesse discurso. Em resumo, a análise do discurso passa então da inteligibilidade do texto através do texto e pelo contexto, por um processo de decodificação, portanto, para a interpretação e compreensão do discurso⁸. Todavia, ainda existem quatro tipos de abordagens que podem ser feitas sobre o objeto: 1) análise dos sentidos (reflete sobre formação discursiva e ideológica do texto); 2) análise dos sujeitos (reflete sobre quem fala e para quem fala); 3) análise do silenciamento (reflete sobre aquilo que não está sendo dito no texto) e 4) análise da estruturação do discurso (reflete sobre como o discurso se organiza no texto)⁹.

Em suma, compreendo que ao empreender a AD como um método significa que está tentando se entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com o seu contexto de produção, dando assim um destaque à história e a sociedade que o produziu. A abordagem da análise de sentidos foi escolhida para esta pesquisa, por permitir indagar quais representações *LAMPIÃO* construiu sobre os homossexuais. Caberá também entender e explicar como, por meio da representação o jornal pretendia combater/diminuir a discriminação no início da década de 1980. Além disso, buscarei ainda compreender os caminhos percorridos pelo jornal para consolidar ou não tais identidades e representações, a partir de cartas dos leitores que proporcionavam uma interação entre o público leitor e os editores.

Fiz um levantamento no banco de teses e dissertações da CAPES e encontrei alguns trabalhos na área da História que tiveram o jornal *Lampião da Esquina* como fonte e que acabaram por levantar questões que diferem das que serão abordadas por mim neste trabalho - como a questão do discurso e da representação dos homossexuais, por exemplo. A dissertação

⁸ Ver ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

⁹ Ver BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (Org.). **Pesquisas em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p.235-256.

de Cláudio Roberto da Silva (1998)¹⁰, por exemplo, se debruçou sobre os relatos orais, e entrevistou os membros do corpo editorial do *Lampião*, tendo como finalidade historicizar o movimento político que foi desencadeado por essa publicação e a constituição de movimento homossexual no país. Já a dissertação de Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006)¹¹, dialoga com autores como Nietzsche, Foucault e Deleuze e constituiu uma interpretação das subjetividades homossexuais, através da seção *Cartas na mesa*, do jornal *Lampião*, que, para o autor, levava o indivíduo a reconhecer-se, íntima e publicamente, como sujeito de uma homossexualidade. Tem-se também Paulo Roberto Souto Maior Júnior (2015)¹², que na sua dissertação analisou os discursos do assumir-se homossexual através das publicações no jornal *Lampião da Esquina*, buscando compreender de que modo os textos publicados no jornal apontavam nesse sentido. Em sua dissertação, Ronaldo Pires Canabarro (2015)¹³ buscou identificar nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) como foi se afirmando e se construindo as identidades das travestis enquanto força política no Brasil. Ainda temos Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso (2015)¹⁴ que na sua dissertação utilizou de Bourdieu e Foucault, para analisar o período de 1978-81, os sujeitos nas páginas de *Lampião* e a violência contra os homossexuais no jornal. Por fim, temos Rita de Cassia Colaço Rodrigues (2012)¹⁵ que em sua tese através de teóricos como Roger Chartier e de Pierre Bourdieu, analisou a entrada de travestis, bonecas, viados, gueis¹⁶ e lésbicas na cena política brasileira, reivindicando o direito à vida livre de discriminação.

¹⁰ SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 1998.

¹¹ BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?** Sobre quando *Lampião da Esquina* colocou as cartas na mesa. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-São Paulo, 2006.

¹² MAIOR JUNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?** O *Lampião da Esquina* e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, Pernambuco, 2015.

¹³ CANABARRO, Ronaldo Pires. **Fazendo travestis - Identidades transviadas no jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, 2015.

¹⁴ MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. ***Lampião da Esquina*: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**. Dissertação História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

¹⁵ RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo**: Quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Rio de Janeiro, 2012.

¹⁶ *Lampião* escrevia a palavra “gay” dessa forma em suas páginas. A forma aportuguesada da palavra norte-americana “gay”, que ainda não tinha uma boa recepção no país, talvez tenha a ver com a questão da contracultura brasileira, que rejeitava concepções estadunidenses por acreditarem que a realidade brasileira era diferente da vivida em outros países. Ver: MAIOR JÚNIOR, Paulo R. Souto; NASCIMENTO, Regina Coelli G. A vontade de fala(r): Fragmentos da colaboração do *Lampião da Esquina* no movimento homossexual brasileiro. **XXVII Simpósio Nacional de História**, ANPUH –Brasil, Natal, Rio Grande do Norte, 22 a 26 de julho de 2013.

Mas também no banco de teses e dissertações encontrei quatro trabalhos que se aproximam do meu objetivo e que irão dialogar diretamente com esta pesquisa. O primeiro deles é a dissertação de Almerindo Cardoso Simões Júnior (2006)¹⁷, que usando dos conceitos de memória, de Pollak, e de lugar de memória, de Pierre Nora, defendeu o jornal como responsável por uma “(re)afirmação homossexual”, e circunscreveu os processos de construção das múltiplas identidades homossexuais através das cartas de leitores publicadas no jornal *Lampião*. O segundo trabalho, é a dissertação da Mariana Quadros Gimenez (2015)¹⁸, que buscou compreender a (re)construção da identidade do movimento homossexual brasileiro no final da década de 1970 e analisá-lo como espaço de questionamento de um discurso dominante referente aos homossexuais, o qual possibilitou a construção de outra representação do indivíduo homossexual na época. O terceiro trabalho é a dissertação de Alexandre Magno Maciel Costa e Brito, defendida em 2016¹⁹, que tinha como objetivo compreender as representações de violência contra a população LGBT nos discursos textuais/imagéticos do *Lampião* e as representações sociais das identidades de gênero presentes nesse jornal. E por último, a dissertação de Ronielyssom Cezar Souza Pereira (2017)²⁰ que usou como referencial teórico as reflexões de Michel Foucault sobre *análise de discurso* para compreender como os seus editores representaram os sujeitos homossexuais do sexo masculino.

De todo modo, meu trabalho se diferencia não pela temática em si, mas pela forma como analiso os problemas de nosso estudo. Não trabalharei com histórias de vida e nem com a história oral, apesar de trazerem contribuições para o tema. Também não trabalharei com uma ou duas seções do jornal *Lampião*, mas com todas. Ademais, optei por manter alguns autores já usados nesses trabalhos já defendidos e publicados e em acrescentar alguns

Mas LAMPIÃO chegou a usar a palavra gay em várias edições, e na edição de nº 3, Aguinaldo Silva diz que a palavra *gay* foi traduzida por LAMPIÃO para *guei*, porque tal palavra significava “absolutamente nada”. Ver: SILVA, Aguinaldo. **LAMPIÃO da Esquina**. As palavras: para que temê-las? Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, jul-ago 1978, p. 5.

Talvez ainda a rejeição à palavra *gay* tenha a ver com a questão comercial que vinha junto com ela, como a venda de livros, discos, revistas etc. Ver: ACOSTA, Adão. **LAMPIÃO da Esquina**. Música para o povo guei. Rio de Janeiro, ano 1, nº 6, novembro de 1978, p. 13.

¹⁷ SIMÕES JÚNIOR, Almerindo C. **E havia um lampião na esquina**: memórias, identidades e discursos homossexuais. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2006.

¹⁸ GIMENEZ, Mariana Q. **“SAINDO DO ARMÁRIO”, porque é tempo de abertura**: memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Mato Grosso do Sul, 2015.

¹⁹ BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. **O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) – UNB, Brasília, 2016.

²⁰ PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **“Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”?** – a produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017.

outros autores que sustentarão os nossos objetivos, através de seus conceitos, como os de: **identidade** de Stuart Hall (2003), **representação** de Hall (2016) e o de **discurso** de Foucault (2003), e assim, optei por manter um diálogo com os trabalhos de Gimenez (2015), a partir da questão do discurso, de Simões Júnior (2006), procurando entender a construção de identidade(s) homossexual(ais) e o de Ronielysson Pereira (2017) pela questão das representações dos homossexuais masculinos no jornal.

Três capítulos estruturam a dissertação que foram organizados estabelecendo um diálogo entre si, aprofundando a interface entre a problemática levantada e os objetivos deste trabalho: historicizar o *Lampião da Esquina*, explorar o contexto político brasileiro e analisar as representações d@s homossexuais.

No Capítulo I intitulado “**Enfim, um jornal maravilha**”, menciono jornais homossexuais anteriores ao *Lampião* para falar do seu surgimento e de suas características. É um capítulo dedicado, quase que exclusivamente, para falar de *Lampião da Esquina*.

No Capítulo II, intitulado “**Corre que lá vem os home**”, apontarei o contexto do surgimento do jornal *Lampião*. Falo do movimento de contracultura, da ditadura civil-militar, da abertura política, enfim, falo do regime civil-militar, e de como ele lidou com a homossexualidade e com o jornal *Lampião da Esquina*. Falo também das questões que levaram o seu término em 1981.

Por fim, no Capítulo III – “**Nós também estamos fazendo história**” - **As representações dos homossexuais em Lampião** -, é concretizado o objetivo de apontar os dados colhidos sobre as representações da (s) imagem (ns) e da (s) identidade (s) dos homossexuais nos jornais. Trabalho nesse capítulo com o jornal, do qual retiraremos os discursos dos editores e dos leitores.

Lampião da Esquina mesmo tendo pouco tempo de vida – mas que se comparado a outros e pelo contexto em que se enquadra durou até bastante tempo -, cumpriu o seu papel e iluminou as questões referentes às minorias, principalmente, sobre os homossexuais, e acabou construindo novas imagens a respeito deles, que até então era vista de forma pejorativa. Entretanto, não estou afirmando aqui que LAMPIÃO conseguiu fazer com que os brasileiros heterossexuais e homossexuais mudassem totalmente de ideia quanto ao que pensavam ou não sobre a homossexualidade, mas estou afirmando aqui que ele se constituiu como um espaço de reflexão para aqueles que buscavam outras formas de explicações, e foi além disso, pois o jornal também abriu espaço para que os próprios homossexuais tivessem voz na sociedade.

CAPITULO I: “Enfim, um jornal-maravilha”²¹

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cercada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 2014, p. 9-10)

Com a citação acima, dou início a tessitura dessa dissertação chamando a atenção para a questão dos) **discurso(s)**, do(s) **lugar(es) de fala** e dos **tabus**. Desta forma, podemos questionar: O que é permitido falar? Quem pode falar? O que acontece quando falamos? Antes de mais nada, queria esclarecer que quando utilizo a palavra **discurso** no decorrer da dissertação, estarei me referindo à noção expressada por Foucault no livro *A arqueologia do saber* (2008), ao pontuar que:

o discurso não é apenas um conjunto de signos - elementos que remetem a conteúdos ou a representações -, mas sim uma prática que forma sistematicamente o objeto de que fala. O discurso designa, em geral, um conjunto de enunciados - unidade elementar do discurso que tem seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material); não é uma estrutura, mas uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não - que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, em geral, as regras, que não são somente linguísticas ou formais, de funcionamento comum. Enfim, discurso é um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação. (FOUCAULT, 2008, p. 56)

Dito de outra forma, o **discurso** não pode ser pensado como um amontoado de palavras ou frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura o imaginário social, por ter poder e controle, tendo em vista que em toda sociedade:

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento

²¹ Título extraído de notícia homônima publicada na seção Esquina da edição nº 12, p. 4, de maio de 1979, do jornal *Lampião da Esquina*.

aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 09).

Desta maneira, esse sistema pode inviabilizar, impedir e invalidar saberes produzidos por grupos marginalizados, subalternizados, como o dos negros, mulheres e homossexuais. E por isso, o conceito de **lugar de fala** se fará presente também, não por pensar que os lugares sociais ocupados por estes grupos determinam uma consciência discursiva sobre esses lugares, mas por ter a consciência de que tais lugares que ocupamos socialmente nos fazem termos experiências e perspectivas diferentes. Quando não temos a possibilidade de fala, devido ao fato de sermos “historicamente invisibilizados”, não temos a possibilidade de podermos existir, pois não temos reconhecida as nossas humanidades. Assim, falar não se restringe à ação de emitir palavras, mas falar por nós mesmos, poder ser vistos, poder ser ouvidos, enfim, poder existir. Portanto, parto do pressuposto de que tais grupos marginalizados podem e devem falar por si, sem ter interdição ou mediação de outrem, porque tal lugar de fala não é impossível de se transcender. Mas há medo, há incômodo do grupo que sempre teve somente poder em ouvir o outro fala por si, pois se rompe com a voz única. Ideias e verdades desagradáveis poderiam vir à tona, e trazer para a consciência daqueles que sempre falaram por outros, a culpa, a vergonha e o conhecimento dos outros (RIBEIRO, 2017, p. 78-79).

Por fim, queria destacar o significado de **tabu**, que aqui tem o sentido de ser aquilo que não é habitual, acessível a todos. Assim, o **tabu** está ligado à ideia de algo reservado, expressado, essencialmente, em proibições e restrições (FREUD, 2013, p. 12)²². No caso em específico dessa dissertação, teremos como tabu a **sexualidade** e a **homossexualidade**. A sexualidade é entendida por mim como expressa por Amaral:

um aspecto central do ser humano durante toda sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (AMARAL, 2007, p. 3)

Portanto, hoje podemos nos deparar com afirmativas como: “Nascemos machos e fêmeas: a sociedade que nos faz homens e mulheres” (MOTT, 1998, p. 57) e “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 9), e as entendermos, já que ambas querem

²² Para saber mais ver FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Penguin, 2013.

dizer a mesma coisa: as sexualidades humanas não são apenas fruto de um instinto, como em outros mamíferos, da genética, dos hormônios ou das genitais, mas de uma construção sociocultural, que varia no tempo e espaço de sociedade para sociedade. Além disso, é de grande valor destacar que a sexualidade é marcada por práticas que tem normas heterossexuais, o que faz com que as outras sexualidades, como a **homossexualidade** (pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo gênero) e a **bissexualidade** (pessoas que sentem atração por pessoas de mesmo gênero e do gênero oposto), sejam vistas como inferiores à da **heterossexualidade** (pessoas que são atraídas por pessoas do gênero oposto).

Tendo feito essas considerações, tomemos agora como situação hipotética a existência de um jornal homossexual que falava abertamente sobre sexualidade num contexto repressivo da história do Brasil, o da ditadura civil-militar²³. Pensaram nisso? Pois bem, existia, e, o nome desse jornal maravilha era *Lampião da Esquina*. Por isso, nesse capítulo, tenho como objetivo dissertar sobre o jornal *Lampião* passando pela questão de como se deu a ideia de fazê-lo, do seu nome, formato, das pessoas que nele trabalharam, entre outras questões, mas antes de adentrar no jornal, tentarei enquadrá-lo dentro de um contexto maior: o de publicações alternativas gays.

1.1) "SNOB", "LE FEMME"... OS BONS TEMPOS DA IMPRENSA GUEI²⁴.

Enfim a luz no fundo do túnel. A luz do Lampião abre finalmente o caminho que nos levará à luz elétrica, sem dúvida, muito mais segura. (Rogério Naccache, 1978, nº 2, p. 15)

²³ Escolhi trabalhar com tal termo – e não com ditadura militar – pelo fato de concordar com Daniel Aarão Reis (2014), que entende que, a ditadura veio do golpe de setores organizados da sociedade civil (empresários, Igreja, imprensa) e dos militares, que implementaram e mantiveram a ditadura, se beneficiando das políticas repressivas do período. Daniel (2014) chegou a afirmar que a ditadura civil-militar teve seu fim em 1979, quando ocorreu a revogação do AI-5 e a Lei da Anistia, passando então, a termos o restabelecimento do *estado de direito* e o fim do *estado de exceção*. Para o referido autor, entre 1979 e 1985, teria vigorado um Estado autoritário – e não propriamente uma ditadura –, que teria sido responsável por fazer a transição para a democracia. Daniel (2014), então chama a nossa atenção para o fato de que se não aceitarmos que a ditadura não terminou em 1979, portanto, não podemos também considerar que ela terminou em 1985, pois este ano só marcou a passagem do mandato presidencial, após eleições indiretas, de um militar para o civil, no caso, o político José Sarney, que foi um dos principais apoiadores civis da ditadura. Deste modo, deveríamos, portanto, conforme Reis Filho (2014), considerar que a ditadura só terminou em 1988, quando tivemos a promulgação da Constituição. Outros historiadores, como Marcos Napolitano (2014) e Carlos Fico (2004), consideram que a ditadura militar começou em 1964, com um golpe dado por civis e militares, porém, o que se seguiu foi um governo estritamente militar, já que o poder de decisão sempre esteve sob a tutela dos militares, mesmo contando com o apoio de civis, que só terminou em 1985, com a eleição do civil Tancredo Neves.

²⁴ Título extraído da entrevista homônima publicada na seção Entrevista da edição nº 28, p. 6, de 25 de setembro de 1980, do jornal *Lampião da Esquina*.

O jornal *Lampião da Esquina* faz parte daquilo que vários autores (KUCINSKI, 1991; ARAUJO, 2000; BARROS, 2003; ROSA, 2005; LIMA; CERQUEIRA, 2007; AGUIAR, 2008; PÉRET, 2011) definem como **imprensa alternativa**, também conhecida como “**nanica**”, “**de leitor**”, “**tropicalista**”, “**marginal**”, “**emergente**”, “**independente**” ou ainda “**underground**”²⁵, cuja invenção “remonta aos pasquins do período regencial (1831-1840) e também aos jornais anarquistas publicados pelos operários entre os anos de 1880 e 1920” (ROSA, 2005, p. 2). É válido sublinhar que o termo “alternativo” não é forjado no período da ditadura, pois já no início do século XIX, tal palavra já estava presente no vocabulário brasileiro pelo menos desde o período monárquico (AGUIAR, 2008, p. 233). Vale mencionar que o termo alternativo remete à ideia de “resistência contra cultural ao que não está ligado às políticas dominantes e, também, a uma saída para uma situação difícil” (ROSA, 2005, p. 2); e que tal palavra contém quatro significados essenciais:

o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil, e o do desejo das gerações dos anos 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 1991. p.10).

A palavra alternativa então serve para designar aquilo que vai contra o discurso hegemônico, aquilo que se refere a uma saída para uma situação difícil. Talvez por isso, quando se pensa em imprensa alternativa²⁶ se pensa que sua origem esteja atrelada ao período militar no governo brasileiro, o qual censurava a grande imprensa²⁷ e fazia dela a porta voz oficial do governo. Mas como a imprensa alternativa surgiu no período da ditadura? Ela surgiu da articulação de duas questões: “do desejo dos movimentos de esquerda de protagonizar as transformações que propunham”, e da “insatisfação dos jornalistas e intelectuais com a grande imprensa”, o que os levam à busca de espaços alternativos para poderem divulgar suas ideias (BARROS, 2003, p. 63). Assim, os jornais alternativos desempenham uma dupla função na sociedade do período do regime civil-militar: para os jornalistas, tais jornais representavam um tipo de espaço de manifestação de ideias que eles

²⁵ Para saber mais sobre os nomes que a imprensa alternativa recebeu recomendamos ver: BRASIL, Bruno. Por um mundo livre e menos “careta”: a imprensa alternativa durante o regime militar. In: Biblioteca Nacional (Brasil). **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 2007. Vol. 124. p.1-192.

²⁶ Sobre a palavra **imprensa alternativa** o autor Kucinski (1991) afirma que foi cunhada por Alberto Dines em abril de 1976 na coluna que escrevia que se chamava “Jornal dos jornais”, na *Folha de São Paulo*. Ver: *Idem*, p.15.

²⁷ Segundo Aquino (1999), o conceito de grande imprensa é usado para designar o conjunto da mídia que compõe a porção mais significativa em termos de divulgação que pode ser diária, semanal, quinzenal, etc.; de circulação, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro cuja dimensão, em termos empresariais, atinja uma estrutura que implique na dependência de um alto financiamento publicitário para a sua sobrevivência. AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**. O exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e o Movimento. Bauru: EDUSC, 1999, p.37.

não tinham na chamada grande imprensa; e por outro lado, para a sociedade, de forma geral, representavam a necessidade da construção de espaços de “resistência” ao regime civil-militar.

Vale destacar que, mesmo em seu período de grandes vendas, entre 1975 e 1977, a imprensa alternativa não teve a pretensão de substituir a grande imprensa, e nem que os leitores trocassem os grandes jornais pelos tabloides que surgiam, justamente pela falta de estrutura administrativa e financeira e também porque dependiam da grande imprensa, nem que fosse para criticar o que saía ou não saía nesta (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005, p. 20).

Quero também chamar a atenção de que dentro da imprensa alternativa, temos conforme Kucinski (1991), algumas subcategorias de jornais, como os de:

- “esquerda” (publicações influenciadas direta ou indiretamente pelos partidos e organizações políticas de esquerda, que na época se encontravam na clandestinidade, como, por exemplo, os jornais *O Pasquim* (1969), *Opinião* (1972), *Movimento* (1975), *Versus* (1975), *Em Tempo* (1978), *Coojornal* (1976), etc);
- “contracultura” (eram jornais mais voltados para a crítica dos costumes, que apresentavam o descontentamento com relação aos valores morais, contestando as maneiras de pensar, sentir e agir de grande parte da sociedade brasileira, além de criticar também o regime civil-militar, como, por exemplo, *Bondinho* (1970), *Flor do Mal* (1970), *Verbo Encantado* (1971) etc.)
- “publicações de movimentos sociais” (geralmente não eram elaborados por jornalistas, mas por pessoas diretamente vinculadas aos movimentos sociais que buscavam representar. Era deste tipo a “imprensa feminista”, tendo como exemplos *Brasil Mulher* (1975), *Nós Mulheres* (1976), *Mulherio* (1981); a “imprensa negra”, com os jornais *Tiçã* (1978), *Simba* (1977), *Koisa de Crioulo* (1981), *Nego* (1981); a “imprensa gay”, com jornais como *Snob* (1963), *O Centauro* (1968), *Opinião* (1968), *Lampião da Esquina* (1978); os jornais do movimento estudantil (como o *Terra Roxa* (1972) do DCE da Universidade de Londrina), jornais ligado à publicações ecológicas (como a *Folha Alternativa e Ecojornal*, ambos publicados em 1979), os jornais de bairro/ regionais, como *Carrinho* (1975), *Novo Jornal* (1971) etc²⁸.

Apesar dessas categorizações, uma concepção não eliminava a outra. Assim, poderíamos ter, por exemplo, jornais políticos que tratassem de assuntos culturais, ou vice-

28 Para saber mais ver KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo. EdUSP, 2003;

versa. Além disso, os jornais alternativos, até mesmo os de mesma categoria, tinham suas diferenças e semelhanças, pois poderiam se diferenciar por terem o formato tabloide (tamanho pequeno) e outros o formato estandarte (com folhas grandes); uns com textos densos e longos, outros de linguagem popular e curtos; alguns eram vendidos em bancas, outros com circulação restrita e distribuídos nas ruas; ou se assemelhavam por terem tiragem irregular, o que significa que não visavam o lucro, e por terem duração efêmera²⁹. Todavia, os jornais alternativos na época da ditadura tinham uma grande questão que os unia: eram sempre de oposição ao governo e ao discurso oficial, ou seja, tinha um discurso contestador, antigovernista e contra hegemônico (MENDES, 2011, p. 27).

Queria destacar a atenção para uma subcategoria de “publicações de movimentos sociais”, a da “imprensa gay”, por ser justamente a esta categoria que *Lampião da Esquina* pertence. Antes conhecida como imprensa “entendida” ou “rosa choque”, e, hoje conhecida também como imprensa “gay”, “homossexual” ou imprensa “homoerótica”³⁰, tanto no Brasil como no mundo, este tipo de imprensa “surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis” (RODRIGUES, 2007, p. 55). Destinada majoritariamente aos leitores gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, e em sua grande maioria, produzida por jornalistas gays, sejam eles amadores ou profissionais, este tipo de imprensa surgiu nos EUA, na Califórnia, em 1947, com o jornal *Vice-Versa*, e aqui no Brasil, em 1963 no Rio de Janeiro com o jornal *Snob* (PERET, 2011).

Lampião reconheceu a existência desses outros jornais "entendidos" em duas edições: a de número 27 e a número 28. Na edição de número 27, *Lampião da Esquina* destaca que eram rotulados como pertencentes à imprensa "entendida" ou “rosa choque” jornais como

SNOB (de Agildo Guimarães, Rio), *La Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Le Vic*, *Le Sophistique* (de Campos), *O Felino*, *Mito*, *Darling* e os jornais de Salvador: *La Saison*, *Gay Society*, *Fotos e Fofocas* (o primeiro jornal a cores segundo

²⁹ Entre 1964 e 1980 nasceram e morreram no Brasil cerca de 150 periódicos, e a metade deles nem chegou a completar 1 ano de existência, tendo vários desses jornais ficado apenas com duas ou três edições. Aproximadamente só 25 jornais duraram um pouco mais, de 3 a 5 anos, e mesmo assim, não com a forma original de quando haviam surgido. Ver: ABRAMO, Perseu. **Um trabalhador da notícia**: textos de Perseu Abramo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p.12.

³⁰ Apesar de existirem três denominações para a imprensa voltada para o público homossexual – imprensa gay, imprensa homossexual e imprensa homoerótica -, em questão de conteúdo elas não diferem, o que as diferenciam é o posicionamento político frente ao conceito da homossexualidade e do sujeito homossexual assumido pelo autor que as empregam. Para saber mais sobre imprensa gay ver: PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011. Para imprensa homossexual ver: FERREIRA, Carlos. *Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina*. São Paulo, **Revista ALTERJOR**, Ano 01, Volume 01, Edição 01, Janeiro-Dezembro de 2010. E para saber sobre imprensa homoerótica ver: ARIAS, José Miguel; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. *Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015)*. **Cuadernos.info**, 2016, nº39, p. 101-112.

seu editor Waldeiton Di Paula - vide *Lampião* nº 4), *Baby*, *Zéfiro*, *Little Darling* (posteriormente *Tiraninho*) e *Ello*, todos mimeografadas e distribuídos de mão em mão nos pontos de encontros homossexuais”. (...) Entre os super-nanicos destacavam-se: *Gente Gay* e *Gay Press* (Rio, ambos xerocados, 100 exemplares), *Aliança dos Ativistas Homossexuais* (RJ), e, por fim, *Entender*, o primeiro jornal impresso Guei, com tiragem inicial de 10 mil exemplares (distribuição mão-a-mão) e *Jornal do Gay* (depois *Gay News*), estes últimos vendidos em bancas de jornais (SP). (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, nº 27, 1980, p. 4)

Não consegui verificar se a designação do termo imprensa "entendida" era usada por outros jornais, mas *Lampião* a usou na edição 27, que mencionava também a existência de “colunas Gueis que veiculavam notas sociais e amenidades”, como “Tudo Entendido” (de Fernando Moreno, na *Gazeta de Notícias*, Rio), “Guei” (de Glorinha Pereira, no *Correio de Copacabana*, Rio) e "Coluna do Meio" (de Celso Curi, na *Última Hora*, de SP) (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, nº 27, 1980, p. 4).

Na edição 28, *Lampião* destacou o papel do jornal *Snob*, publicando uma entrevista realizada pela colaboradora do jornal Leila Miccolis com Agildo Guimarães, criador do jornal, intitulada “*Snob*”, “*Le femme*”... *Os bons tempos da imprensa guei*, onde aponta que a aparição de vários jornais gays no Brasil não surgiu por acaso, pois em 1963 foi fundado o *Snob*, que

começou como uma brincadeira, porque nós [da Turma Okay, que era um grupo de homossexuais brasileiros fundado em 1961] fizemos um concurso de Miss Traje Típico de Travesti, e quem esperávamos que ganhasse não ganhou; achamos uma injustiça e então, para protestar, partimos para um jornal, datilografado, numa folha só. Depois virou uma revista, com muitas páginas. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, nº 28, 1980, p. 6)

Distribuído de forma gratuita na Cinelândia e em Copacabana, portanto, só no Rio de Janeiro, o *Snob* teve 99 edições regulares e uma edição “retrospectiva”, e foi publicado entre julho de 1963 e junho de 1969, em função da intensificação da repressão à imprensa, entre outras repressões, durante o governo do general Emílio Médici (GREEN; POLITO, 2006, p. 155).

Criado por Agildo Guimarães, o jornal era uma espécie de “colunismo social” que tinha uma linguagem sarcástica, irônica e com duplo sentido: e que oferecia acesso ao mundo gay das “bichas”, “bonecas” e “bofes” através de colunas de fofocas, matérias sobre moda e beleza, entrevistas e reportagens de jornalistas que faziam uso de pseudônimos para expressar suas ideias no anonimato (GREEN; POLITO, 2006, p. 155).

Como destacado por Agildo Guimarães na entrevista concedida à Leila, *Snob* era um trabalho ingênuo, cujos textos versavam sobre amenidades por não ter temas “políticos” em

suas páginas, mas que não podemos deixar de reconhecer o seu valor criativo, pois motivou a publicação de pelo menos mais uns 30 jornais semelhantes (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 28, 1980, p. 6). Conforme um levantamento realizado por James Green (2000), surgiram, no Rio de Janeiro, *Terceira Força* (1963), *Zona Norte* (1963), *Vagalume* (1964), *O Mito* (1966), *Cinelândia à noite* (1966), *O Bem* (1966), *Edifício Avenida Central* (1966), *O Show* (1966), *O Estábulo* (1966), *Le Femme* (1968), *O Centauro* (1968), *O Vic* (1968), *O Grupo* (1968), *Darling* (1968), *Gay Press Magazine* (1970), *20 de Abril* (1970), *La Saison* (1970), *Eros* (1978); em Niterói temos *O Mito* (1966), *Os Felinos* (1967), *Opinião* (1968); em Campos, no Rio, temos *Le Sophistique* (1966); em Salvador os jornais *Fatos e Fofocas* (1966), *Gay* (1967), *Gay Society* (1967), *Baby* (1967), *Zéfiro* (1967), *Baby* (1967), *Little Darling* (1970), que mais tarde passou a ser chamado de *Ello* (1978); e na cidade de Belo Horizonte temos os jornais *Fatos e Fofocas* (1963) e *Mais* (1966) (GREEN, 2000, p. 325).

Lampião da Esquina reconhecia o valor do jornal *Snob* e de muitos outros, fosse publicando apenas os nomes (ver figura 1) ou fazendo anúncios mais elaborados.



Figura 1. Fonte: *Lampião da Esquina*, nº 2, 1979, p. 14.

Os anúncios, de forma geral, eram muito criativos e provocativos.

Leia o jornal mais excitante do país... Travetis, lésbicas, prostitutas, polícia, porrada. Repórter encara qualquer assunto sem medo. Faça sua assinatura pelo telefone 253-5038 ou mande o cupom abaixo pelo correio. Repórter um jornal que dá o que é seu. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 15, 1979, p. 7)

O PRAZER, O GOZO, A ALEGRIA: rádice. Combate Sexual da Juventude Como você está combatendo a repressão sexual? Como está transformando a sua realidade imediata? Na Rádice 14 o depoimento da juventude, o papo de Reich. O enfoque político da sexualidade, as questões relativas à informação e educação sexual, como está se transando o corpo, os papéis que estão sendo assumidos. Monogamia, virgindade, masturbação, relações homo, hetero, bissexuais. Os locais e alternativas encontradas, a imagem de uma vida sexual ideal. Tudo numa linguagem verdade, direta, informal. Rádice - Revista de Psicologia, uma revista para leitores inteligentes e sensíveis. Leia e curta, não fique com água na boca. Em setembro, nas bancas e nas bocas. Peça ao jornaleiro. Rádice. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 28, 1980, p. 18)

Contra o terror, ideias! Estamos lançando uma grande campanha de assinaturas do Coojornal, procurando neutralizar os efeitos dos atentados terroristas contra as bancas de jornais e revistas. Participe você também da campanha contra o terrorismo e ajude a manter o Coojornal. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 29, 1980, p. 19)

PLEIGUEI – A revista do homo. O Jornal, em formato de revista, que abre caminho para a segunda geração de publicações gueis no Brasil. Variedades, política sexual, consumo, transa do corpo... Uma gama infinita de assuntos que interessam aos entendidos de todos os sexos. Não perca o Primeiro Número. Aguarde! Agosto em todas as bancas do Brasil. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 37, 1981, p. 18)

Mas nem toda relação de *Lampião* com a imprensa alternativa foi amistosa. Quando digo isso, me refiro à relação de amor e ódio nutrida entre os lampiônicos (pessoas que produziam o jornal) e *O Pasquim*, que surgiu no Rio de Janeiro e circulou de 1969 a 1991, adotando o humor para se fazer crítica cultural, mas que perpetuava opressões contra as feministas e os gays (CRUZ, 2019, p. 108). Temos como exemplo dessa relação conturbada o excerto “Dica: o ‘Pasquim’ nublê”, que aparece publicado no número 2 de *Lampião*, sob a autoria de Rafaela Mambaba, onde ela se posiciona em relação a uma nota provocativa de Roberto Moura, um dos editores d’*O Pasquim*, citado na edição número 1 de *Lampião*, quando Antônio Crysóstomo o criticou pela falta de “imaginação crítica” ao não entender a apresentação do grupo musical “Frêneticas”. Na publicação de Moura, n’*O Pasquim*, intitulada “A luz tosca do Lampião”, e republicada em *Lampião*, por Mambaba, ele define *Lampião* como um “jornal das tias”, além de afirmar que seria “difícil imaginar os Dzi Croquetes pais do que quer que seja” e que “tem gente que desmunheca ouvindo Jamelão. E gente que curte o Dali e o Oscar Wilde sem revirar os olhinhos”. Na resposta a Moura, Mambaba deveria se referir ao jornal não como de tias, mas como “de bichas, bonecas, viados”, e, que a luz tosca “deveria ser do bisavô”, porque a de Lampião “continua acesa, acésissima” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº2, 1978, p. 4)

Cruz (2019) nos chama a atenção para duas construções de sentidos para o “humor” que Moura queria passar no seu texto: o uso da palavra “tosca” e a expressão “jornal das tias”. Ou seja, para o autor, quando Moura usa a palavra “tosca”, associa homossexualidade como algo que é vil, porque é um dos sentidos etimológicos desta palavra. Assim, poderíamos depreender do título “A luz tosca de Lampião” tanto “um discurso de vinculação da homossexualidade com tolice, quanto um discurso que associa o *Lampião* a um jornal rudimentar, feito sem apuro, cuidado ou instrução”, e, que a referência ao *Lampião* como “jornal das tias” sinaliza “o uso de uma simbologia da homossexualidade masculina associada

à perda do gênero masculino, como algo negativo, quanto a referência ao envelhecimento dos editores de *Lampião*, também como negatividade (CRUZ, 2019, p. 110).

Voltando à relação de *Lampião* e *O Pasquim*, poderíamos dizer de forma geral que em várias edições, *O pasquim* é taxado como machista, basta ver a reportagem sobre Lucy Mafra na edição de nº 4 do jornal *Lampião*, cuja matéria recebeu o nome de *A "mulher nua do Pasquim" fala dos seus grilos: Confissões de um objeto sexual*, onde ela fala dos preconceitos sexuais, do assédiados jornalistas, e de ser usada como um objeto sexual pelo pessoal de *O Pasquim* (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 4, 1978, p. 13), assim como a edição de número 27, na página 8, onde Francisco Bittencourt provoca os outros lampiônicos ao dizer que

alguns colaboradores trouxeram para as páginas de LAMPPIÃO um discurso ou uma terminologia que está dentro da filosofia do Jornal, mas que vem sendo usado de maneira tão adolescente e antiga que parece usar apenas para "épater les bourgeois" [tradução livre minha: "chocar os burgueses"]. Palavras como sapatona e viado estão sendo usadas dentro de uma linguagem de comício que as torna não pejorativas, mas de duas faces, e de um acento machista, que lembra mais o "Pasquim".

Além de criticar o uso de palavras pelo jornal apenas para "chocar a burguesia", provoca quem as usou, falando que lembram mais *O Pasquim*, por serem machistas. Todavia, nem só em pé de guerra os dois jornais viviam. *Lampião* na sua edição de número 14, com o título "Ao Pasquim com carinho", traz um texto refletindo sobre os 10 anos d'*O Pasquim*, afirmando que

É bem verdade que têm pintado lances de machismo muito fortes nas páginas do Pasquim, mas isso não quer dizer que o machismo seja a síntese, o editorial do jornal. O que o Pasquim faz gozando as feministas com suas mulheres peladas e as bichas com seus botes desmunhecados é gozar a si mesmo. No fundo, Ziraldo, Jaguar e os outros também queriam ser "minorias", mas se sentem muito velhos para isso (...) Se pisou em falso algumas vezes e se a seguir teve algumas recaídas, sua atuação nos momentos de combate foi muito mais importante. Afinal, ninguém é perfeito. Nem nós." (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 14, 1979, p. 5)

Depois dessa breve contextualização sobre imprensa alternativa e imprensa gay, queria finalizar essa parte do texto dizendo o óbvio: essas publicações diferem muito dos jornais de hoje, principalmente pelo modo de produção, que antes era artesanal - havia jornais com um único exemplar feito à mão, como o *Fatos e Fofoca*, de Di Paula, na Bahia; outros mimeografadas (*Estábulo*, *O Felino* etc.), e outros que eram xerocados, como o *Le Femme* – e agora são industrializados. Todavia, todos esses jornais tinham um mesmo objetivo dentro de suas possibilidades: mostrar à sociedade que apesar do tratamento diferenciado que sofriam, os gays estavam ali (GREEN, 2000). Por isso, eles marcaram uma época, e sobre isso tais

jornais tem muito que contar. Mas, como são muitos, optei por mencioná-los, para que não caíam no esquecimento.

1.2) “UM PRODUTO NOVO NA PRAÇA”³¹

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido [que] [...] faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro³².

Com a narrativa acima, em abril de 1978, se acendia *LAMPIÃO*, o primeiro periódico gay, com produção profissional e industrial, e de circulação nacional e urbana, com sua edição experimental de nº 00 (Zero). Voltado para as “minorias”³³, em especial os homossexuais, o jornal *Lampião* surgiu através da proposição de João Antônio Mascarenhas, que segundo o documentário de Livia Perez, ligou para Aguinaldo Silva dizendo que estava cooptando pessoas homossexuais assumidas para fazer um jornal que tratasse abertamente da questão da homossexualidade (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 2016).

A ideia de se fazer um jornal que dentro da chamada imprensa alternativa,

desse ênfase aos assuntos que esta considera "não prioritários", surgiu em novembro do ano passado, e provocou uma série de reuniões; na principal delas, realizada em São Paulo, onze pessoas assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamaria de "compromisso histórico": estava criado LAMPPIÃO, e ficou decidido que os onze criadores formariam um Conselho, encarregado de traçar a linha editorial dessa publicação (LAMPPIÃO, nº zero, 1978, p. 2).

Lampião, apesar de falar de sua origem, não nos dá muitas dicas de como foi a ideia de fazê-lo, por isso busco aprofundar um pouco mais no que já foi produzido sobre o jornal, e percebemos que a ideia de se criar um jornal que discutisse abertamente sobre a homossexualidade surgiu em novembro de 1977, após uma visita de Winston Leyland ao Brasil, que era o diretor da editora gay norte-americana Gay Sunshine Press, que publicava a revista *Gay Sunshine*, de São Francisco, Califórnia (MACRAE, 1990; GREEN, 2000; HEEREN, 2011; SIMÕES, 2012; MARIUSSO, 2015; ARIAS E AMARAL, 2016; PEREIRA, 2017, SANTOS, 2017).

A passagem de Leyland pelo Brasil foi coordenada pelo advogado João Antônio Mascarenhas, o único a assinar a revista de Leyland em toda a América Latina, e tinha como

³¹ Título extraído do texto homônimo publicado na seção Esquina da edição nº 2, p. 5, 25 de junho a 25 de julho de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

³² *LAMPPIÃO*. Rio de Janeiro, Edição Experimental – número zero – abril de 1978, p. 2.

³³ Para *Lampião* minoria era: “um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo” (LAMPPIÃO, Edição nº Zero, p.11).

objetivo a reunião de pessoas para a organização de uma antologia de literatura homossexual latino-americana (HOWES, 2003; MARIUSSO, 2015).

Todavia, desta reunião não surgiu somente a montagem da antologia *Now the Volcano: na anthology of latin american gay literature*, cuja primeira edição foi em 1979 pela editora Gay Sunshine Press, mas gestou-se também a ideia de se “elaborar um material impresso que abordasse a homossexualidade de uma forma séria e do ponto de vista homossexual”, como uma coluna num jornal ou numa revista masculina de linha editorial “séria” (PEREIRA, 2017). No entanto, Aguinaldo Silva indagou a todos o porquê de não fazer um jornal em vez de uma coluna, e a resposta dada por eles a Aguinaldo dizia respeito a exequibilidade financeira do projeto (CRUZ, 2015, p. 79). Aguinaldo era um jornalista experiente que passou pelas redações do *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Movimento* e *Opinião*, e, devido ao conhecimento adquirido, explicou a todos sobre o processo de produção de um tabloide e sobre os seus custos, que não seriam muito altos, como todos imaginavam, e, após algumas reuniões, resolveram partir para a ação constituindo a personalidade jurídica da editora responsável pelo veículo: a editora Esquina (CRUZ, 2015, p. 79). Acatando assim a ideia de se elaborar algo feito por e para homossexuais, decidiu-se não pela criação de uma coluna, mas de algo mais pretensioso: um jornal que circulasse em território nacional (HEEREN, 2011; PEREIRA, 2017).

E assim nasceu *Lampião*, mas não era o primeiro jornal gay a surgir no Brasil, como apontei anteriormente, já que na década de 60 haviam projetos voltados para o público gay, mas, como pretendo demonstrar, não com as mesmas características e finalidade.

Conforme Heeren (2011, p. 89), uma das características de *Lampião* foi a de “dar acompanhamento a suas matérias”. Percebemos isto quando encontramos, por exemplo, na edição zero uma matéria discutindo sobre o “crime” cometido por Celso Curi, e, depois na edição de número 11, quando temos a notícia da absolvição de Celso Curi pela justiça; ou a história do michê conhecido como “Gaúcho”, que no número 01 traz a história do suposto assassinato cometido por ele, e, na edição de número 08, sete meses depois, o jornal mostra o desenrolar da história e abre espaço para que ele possa, já na prisão, se defender; ou ainda, do caso da homossexual Ninuccia, que na edição número 13 tem a história da acusação que pesava sobre ela – ter assassinado sua namorada –, e na edição 27, que nos atualiza sobre a sua vida depois de ser absolvida da acusação.

Lampião procurou desenvolver também uma conscientização política dos homossexuais e discutir abertamente temas como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia e machismo, e tudo isto sem entrelinhas, sem desfaçatez num período em que

questões mais culturais não importavam tanto, pois a maior prioridade era derrubar a ditadura civil-militar instaurada no país.

Poderíamos dizer que, ao contrário de seus antecessores, *Lampião* se distingue também por ter tido circulação nacional³⁴ por pelos menos quatorze capitais do país; ser lançado mensalmente; produzido de forma industrializada, e comercializado em bancas de jornal, o que o possibilitou atingir um maior número de leitores em relação às publicações artesanais, conseguindo o número de tiragens entre 14 mil e 25 mil exemplares, enquanto que os demais jornais xerocados e mimeografados tinham 50 exemplares (MARIUSSO, 2015, p. 22).

O jornal *Lampião* tinha também uma linguagem própria: variava de uma linguagem formal e erudita (de escrita mais densa, mais difícil, mais sisuda)³⁵ a uma linguagem mais coloquial (debochada e mais próxima da forma como se conversava nos espaços de sociabilidade homossexuais, incluindo gírias e expressões como “bichas” e “viados”, por exemplo). O uso dessas palavras populares e pejorativas por parte dos editores de *Lampião* era intencional, apesar de leitores – a quem denominarei “lampiônicos” – discordarem dessa posição:

Muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar, com muita frequência, palavras tidas como pejorativas: bicha, boneca etc., as quais o uso comum deu sempre um tom de ofensa, de epíteto humilhante. Para alguns, o uso destas palavras indicaria uma apelação ao baixo nível que não fica bem em nosso jornal. A estes, a explicação que se segue. O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmistificá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o nosso mundo e o mundo dos **outros**. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras, embora, para quem as adota, sem qualquer tom pejorativo: **entendido**, por exemplo; e até mesmo que empreguemos sutilmente termos de um outro idioma, como é o caso de **gay** (LAMPIÃO balançou logo o coreto, traduzindo-a para **guei**, que significa absolutamente nada). A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas etc... (quanto ao veado, ao vê-la escrita – ou ouvi-la – deve-se sempre lembrar o belíssimo animal que ela designa: esta palavra designa apenas

³⁴ Nota do autor. Através da seção *Cartas na Mesa* podemos perceber que as correspondências chegavam dos estados de: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba, Minas Gerais, Sergipe e Alagoas. Os locais que vendiam o jornal constam no seu Expediente, e, por lá podemos confirmar também a presença de *Lampião* nesses estados e no Distrito Federal.

³⁵ Esta questão de a linguagem ser demasiadamente complicada gerou críticas ao jornal por parte de alguns leitores, que viam *Lampião* como um jornal de formato elitista com um tom de coluna burguesa, já que ele foi fundado por pessoas de classe média, e direcionado assim, apenas para as pessoas capazes de absorver suas informações. Ver: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015, p.70.

isso). Classificar os grupos que não rezam por sua cartilha como coisas exóticas é uma das armas mais comuns do Estabelecido (é, na verdade, o primeiro passo para reprimi-los); não aceitar que esse tipo de classificação seja possível - lutar contra ele – é obrigação desses grupos (SILVA, 1978, p. 5. Negrito do autor.).

Com o artigo acima, de Aguinaldo Silva, podemos concluir que o periódico buscava despertar reflexões através das palavras que, até então, tinham uma conotação negativa e desconstruir os estereótipos ligados aos homossexuais, como os de “viados” e “bichas”. Por isso, defendiam a necessidade de não temer as palavras e de utilizá-las de maneira sábia a favor de quem as usa. Assim, a atitude de dar um novo significado a termos machistas ou de deslocar esses termos de seus usos comuns fazia desse ato uma maneira de positivar a estrutura pejorativa de insulto aos homossexuais (BUTLER, 2003), como exemplificam as palavras “viado” e “bicha”.

Por fim, vale citarmos a questão que irá diferenciá-lo não só dos jornais gays, mas também de alguns outros alternativos: *Lampião*, mesmo compartilhando de um conteúdo engajado politicamente e de um discurso mais dentro do pensamento da “esquerda”, não estava ligado pelo menos de modo aberto a nenhum partido político, uma vez que para as “direitas” a homossexualidade ameaçava a segurança, a família católica e a moralidade, assim optavam por não falar sobre (COWAN, 2015), e, para as “esquerdas”, as pessoas que mantinham relações sexuais e afetivas com outras pessoas do mesmo sexo representavam a decadência do capitalismo (GREEN, 2012), e, por isso as pautas específicas sobre homossexuais eram relegadas por serem consideradas de “luta menor” já que a prioridade era a “luta maior”³⁶, ou seja, a luta de classes (ROSSI, 2015, p. 129). Assim, *Lampião* era um jornal que estava “duplamente à margem da sociedade: à margem da ‘direita’, por enfrentar a sua moral conservadora” e à margem da ‘esquerda’, por enfrentar seu pragmatismo (RODRIGUES, 2010, p. 67). *Lampião* também dizia não estar ligado a nenhum grupo homossexual em especial, e, por isso falava de todos jornalisticamente, e não de forma militante, pois estava

vitalmente interessado no surgimento de grupos homossexuais e, como tal, disposto a abrir espaço, em suas páginas, para todos eles. Nestes casos, no entanto, mais que o ativismo, o jornal se preocupa com o interesse jornalístico do material enviado por estes grupos. O LAMPIÃO é, acima de tudo, um jornal de minorias e não um boletim do ativismo homossexual. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 25, 1980, p. 9)

³⁶ As expressões “luta maior” e “luta menor”, são usadas por João Silvério Trevisan para se referir à relação entre as esquerdas políticas e o movimento homossexual no Brasil. Ver: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 343.

Não preciso dizer que isso não agradou muito os leitores que enxergavam o jornal como um lugar de militância ou não entendiam a militância realizada por *Lampião*. Numa carta escrita pelos grupos homossexuais Auê, Somos, Bando de Cá, G.O.L.S e Grupo Gay da Bahia, publicada no número 31, com o título “Surpresos e decepcionados”, podemos ver isso de forma mais clara:

(...) Já há algum tempo que, com grande perplexidade, começamos a observar o gradual afastamento do jornal *Lampião* dos grupos ativistas homossexuais. Tal distanciamento culminou no nº 29, onde não houve menção alguma a respeito dos grupos, não sendo sequer publicada a costumeira (?) seção "Escolha seu Grupo". Essa atitude nos deixa surpresos e decepcionados, pois não a compreendemos. Sabemos que o *Lampião* nunca quis se comprometer com algum grupo em especial, nem ser um jornal essencialmente ativista, o que respeitamos e achamos muito justo. Mas daí a rejeitar o ativismo dos grupos em geral, vai uma distância muito grande, inclusive porque os grupos sempre apoiaram e colaboraram para a existência do “nosso jornal”. Não é preciso lembrar que em várias ocasiões já se viu ativistas vendendo e distribuindo exemplares nos mais diversos lugares de cada cidade, isso sem mencionar a propaganda individual realizada por membros dos grupos e diversos artigos já publicados (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, nº 31, 1980, p. 12).

Além de a carta confirmar que *Lampião da Esquina* não estava associado a nenhum grupo homossexual, acusa-o de rejeitar o ativismo em suas páginas, e lembra que em vários momentos, foram esses mesmos militantes, que agora, segundo eles, não tinham mais voz dentro do jornal, que criavam o material e que também vendiam *Lampião*. E terminam a carta dizendo que:

entendemos que, a continuar esse clima de afastamento, o prejuízo será não só dos grupos ou do jornal, mas também de todo aquele que se sente oprimido por ter uma sexualidade considerada desviante pelos donos do poder. Esperamos que, juntos, cada um a seu modo, possamos todos lutar contra a mesma opressão que nos atinge”. (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, nº 31, 1980, p. 12)

Apesar desse tom conciliador do fim da carta, na mesma página, como se fosse uma resposta, *Lampião* publica o texto “Lampiônicos: ativistas, astronautas?”, de Aguinaldo Silva. Nesse texto faz crítica aos líderes dos grupos homossexuais que enviaram a carta e diz que o jornal está aberto aos demais membros dos grupos, porque o jornal é de todos, mas tem que ser feitos por jornalistas, já que existem leis que regulamentam as matérias, e para que o jornal não vire um boletim (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, nº 31, 1980, p. 12). Além disso, aponta que tais líderes dos grupos exigiam

do jornal o que a gente acha que já existe no *Lampião* de cabo a rabo: mais ativismo (há uma discordância entre nós e estes cinco grupos sobre o que seja ativismo; eles acham que é apenas a atividade dos grupos; nós, ao contrário, achamos que ativismo pode ser muitas outras coisas. Por exemplo:

colocar pontualmente a cada mês, nas bancas de 21 cidades do país, um jornal de homossexuais como o *Lampião*. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 31, 1980, p. 12)

Aguinaldo conclui lembrando a todos que

o *Lampião* - não esqueçam jamais, queridinhas - foi o primeiro grupo de ativistas homossexuais surgido no Brasil; foi o primeiro a se propor uma tarefa concreta - a publicação de um jornal específico - e a cumpri-la integralmente. Assim, nós não vamos, em nenhum momento, renunciar à nossa condição de ativistas; quanto mais não fosse, porque não ficamos apenas na teoria, mas nos entregamos fisicamente às nossas tarefas; quem duvidar que leia com atenção as matérias do número anterior sobre prostituição masculina, ou deste número, em que falamos de masturbação... (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 31, 1980, p. 12)

Enfim, a linha política do *Lampião da Esquina* era claramente de oposição ao regime civil-militar de direita, mas a abordagem da luta das minorias se distanciava da esquerda tradicional, e, vários artigos lembravam que ambos os sistemas econômicos, capitalismo e socialismo, haviam oferecido duras realidades aos homossexuais (CRUZ, 2015, p. 81). Dos países com experiências revolucionárias de inspiração comunista, podemos citar: a Rússia, que na década de 1930 com Stálin reintroduziu no código penal soviético as leis de sodomia que haviam sido derrubadas na Rússia nos primeiros anos da Revolução Socialista (REICH, 1982); a China, que após a Revolução Cultural de 1966 perseguiu declaradamente os homossexuais, os prendendo baseados em um artigo do Código Penal que condenava “todos os atos de vadiagem” (RUAN E LAU, 1997:361); e Cuba, que com Fidel Castro, em 1971, chegou a declarar oficialmente que a homossexualidade era uma “patologia social”, enviando os homossexuais para realizarem trabalho forçado em acampamentos militarizados com o objetivo de “reformarem” seus “comportamentos antissociais” (GREEN, 2012). Dos países capitalistas podemos citar a Alemanha nazista, a Itália fascista, os EUA, as ditaduras da Argentina, Chile, Uruguai e tantas outras, que não só perseguiram e prenderam como também assassinaram homossexuais. Vale destacar que *Lampião* teve matérias que denunciavam essa repressão aos homossexuais na Alemanha³⁷, Rússia e China³⁸, Argentina³⁹, Cuba⁴⁰, Chile⁴¹, Espanha⁴², EUA⁴³ etc.

³⁷ De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 13, 1979, p. 17

³⁸ Ninguém segura o "ayatollah?". **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 11, 1979, p. 4.

³⁹ Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1978, nº 7, p. 6.

Buenos Aires: dois policiais por quarteirão. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1978, nº 7, p. 8.

Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1980, nº 21, p. 14-15.

1.3) LAMPIÃO É DESNUDADO⁴⁴

Qualquer revista deve a si mesmo e aos seus leitores um momento para definir sua posição e tornar clara a sua filosofia editorial. Nós achamos que ser homossexual é ser normal; que os homossexuais têm uma cultura na qual os heterossexuais existem apenas periféricamente, tal como os homossexuais no mundo heterossexual. Nosso alvo é informar e entreter, nós deixamos a militância aos militantes e a pregação aos pastores. A única bandeira que empunhamos é aquela que reafirma os aspectos positivos do ser homossexual. O que você sempre encontrará em nossas páginas é uma reafirmação: de que há 20 milhões de nós espalhados por este país, portanto, você não está só; de que cada um de nós é uma parte deste todo; e de que ser homossexual é tão comum quanto ter olhos castanhos ou ser canhoto. (PESTANA, nº 3, 1978, p. 4)

Em uma das cartas enviadas para *Lampião da Esquina* publicar, um grupo de homossexuais enviou para a edição número 3 suas impressões gerais sobre o título, o símbolo, a capa e a diagramação do jornal, ou seja, realmente despiu aquilo que o jornal tinha de mais íntimo. Assim, tendo como inspiração essa carta, resolvi escrever nesse subcapítulo sobre o seu nome, expediente, formato, o humor gráfico e os anúncios e propagandas.

1.3.1 O nome

Após a ideia de se fazer o jornal, restava-lhe dar um nome. A princípio, o nome do jornal iria ser “Esquina”, por ser um “lugar icônico para os homossexuais”, isto é, por ser um lugar de encontro de gays, mas como o nome Esquina já tinha sido registrado para ser a editora do jornal pensaram em colocar *Lampião*, por ser ele o instrumento que iluminava a esquina das praças de encontros entre as pessoas (SILVA apud GIMENEZ, 2015, p. 30).

Então, o nome não teria nada a ver a princípio com a figura do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Porém, na hora de se fazer o logotipo do jornal, publicado

The Buenos Aires Affair: Roteiro guei de uma cidade em pânico. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1980, nº 22, p. 14-15.

S.O.S. Argentina. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1980, nº 25, p. 14.

⁴⁰ Cuba: dez anos de caça à s bichas. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1981, nº 33, p. 10.

Histórias que Mãe-Revolução não contava. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1981, nº 33, p. 11-12.

Go home, gay yankee! **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1981, nº 33, p. 12.

Em 1971, um congresso decide o que é pecado. **Lampião da Esquina**, 1981, nº 33, p. 13.

Os órfãos de Sierra Maestra. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1981, nº 33, p. 13-14;

Yo soy cubana; da terra de Fidel. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1981, nº 33, p. 15.

⁴¹ Chile: denúncias da matança. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 7, 1978, p. 7.

⁴² Espanha quente. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 26, 1980, p. 7.

⁴³ Uma vitória na Califórnia. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 7, 1978, p. 4.

Denúncia nos EUA: genocídio. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 7, 1978, p. 4.

Morte em San Francisco. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 8, 1979, p. 2.

NA JAULA. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 17, 1979, p. 4.

⁴⁴ Título extraído do título homônimo publicada na seção Cartas na Mesa da edição nº 3, p. 14, de 25 de julho a 25 de agosto de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

nas capas de cada edição, Aguinaldo Silva e Bernardo Mascarenhas pensaram em “brincar” com tal personagem por ele ser um “símbolo da masculinidade e macheza” nacional (PEREIRA, 2017, p. 55). Assim, se pegarmos o nome *Lampião* teríamos dois sentidos: um metafórico e o outro irônico. No metafórico, o jornal poderia ser o lampião, uma lanterna, um instrumento de luz, que mensalmente iluminaria temáticas tidas como não prioritárias, até então imersas na escuridão da ignorância, como mulheres, índios, ecologia, negros e homossexuais: ou poderia ser a representação do “cabra macho”, do cangaceiro Virgulino Ferreira. Se atentarmos para a figura do logotipo (fig. 2) podemos claramente ver uma referência ao cangaceiro Lampião: um arco formando o chapéu, os círculos expressando os olhos e o bastão assinalando o nariz:



Figura 2: Logotipo do jornal *LAMPIÃO*. Fonte: Lampião (1978)

Já no sentido irônico, poderíamos ver a ironia no fato dos membros do jornal se utilizaram de uma referência de “macheza”, de virilidade, para nomear um periódico feito por homossexuais assumidos, já que na época eles não seriam considerados “homens de verdade” pela sociedade devido às relações sexuais com outros homens, e, como eram assumidos, eram definidos “comportamental e psicologicamente como efeminados”, como bichas, já que os indivíduos mais discretos e másculos eram chamados de “bofes”, que, “ao contrário dos designados como ‘bichas’, eram considerados ‘homens verdadeiros’ ou simplesmente ‘homens’” (ANDRADE, 2015, p. 135).

Ademais, se retirarmos o arco que forma o chapéu, e deixarmos somente os círculos e o bastão, poderia também ser lido como uma alusão a um falo (fig. 3), um dos principais demarcadores da identidade masculina e “metonímia do homem” (BADINTER, 1993, p. 141).



Figura 3: Referência a um falo no logotipo. Fonte: Lampião (1978)

Numa carta enviada ao *Lampião* por um grupo de homossexuais, que não fala qual é, e não tem assinatura, que foi publicada na edição de nº 3, temos a reflexão sobre o nome do jornal e sobre a referência à genitália masculina. Sobre o nome a carta afirma que “ o título é muito bom; a referência ao rebelde é muito bem colocada para um jornal como este; a rebeldia legítima de uma minoria (*Lampião* e seus ‘cabras’); também é muito boa a ideia de ‘acender’ uma primeira luz sobre a questão homossexual” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 14). Já o símbolo do jornal “é uma coisa "fria", e não pode ser considerado feio ou bonito: é como se tivesse sido feito "em série"; a representação fálica é uma atitude agressiva e machista; é uma posição desrespeitosa em relação às mulheres” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 14).

De todo modo, fazendo referência ao cangaceiro ou ao falo, o logotipo sugeria igualmente a associação entre ser homossexual e ser masculino, já que era um jornal de homossexuais que não deixavam de serem homens somente por ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Todavia, o nome *Lampião* só apareceu na edição experimental. Devido a uma questão de direitos autorais, por já haver um jornal gaúcho homônimo, que era editado desde 1976 por um grupo trotskista (QUINALHA, 2017), o conselho editorial do jornal na edição de número 01, que já tinha começado a ser vendida em algumas bancas de jornais cariocas, acrescentou o termo “da Esquina”, que fez parte do nome do jornal até o seu fim, em junho de 1981. Além de se remeter ao nome da editora do jornal que se chamava Esquina, esse complemento -“da esquina” -, fazia referência a um território urbano tradicionalmente associado à vida noturna marginal das cidades e ocupado por muitos dos gays, lésbicas, travestis e outros grupos “minoritários (QUINALHA, 2017, p. 281). Enfim, as esquinas, que são formadas pelo cruzamento de duas ruas e que funcionavam como pontos de encontros para as pessoas, eram muitas das vezes iluminadas por lampiões em lugares que ainda não tinham energia elétrica. Desta maneira, a metáfora no nome do jornal estava completa, pois *Lampião da Esquina* se “tornaria a luz que recairia sobre as minorias, iluminando as esquinas dos guetos onde estas se encontravam, para espantar o fantasma da obscuridade” (SANTOS, 2017, p. 91), ou seja, o jornal serviria para esclarecer os lugares dos homossexuais, para lhes dar visibilidade, já que até então estavam relegados aos becos escuros que a sociedade dominante os submetia.

1.3.2 O Conselho editorial e o expediente de Lampião

Lampião da Esquina reunia 11 homens assumidamente gays em seu conselho editorial, que foram apresentados no editorial do número zero intitulado *Senhores do Conselho*. O jornal os apresentava da seguinte forma:

Adão Acosta, era jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, e ainda exercia esporadicamente as funções de tradutor de (inglês-português); **Aguinaldo Silva**, jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tinha dez livros publicados na época), tendo uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com *Opinião* desde os primeiros números, e é um dos fundadores de *Movimento*; **Antônio Chrysóstomo**, jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários shows. É um dos mais polêmicos críticos musicais do país; **Clóvis Marques**, jornalista e tradutor, crítico de cinema. Subeditor do Guia de filmes publicado pela Embrafilme, é correspondente, no Brasil, de Film Dope, de Londres. Darcy Penteadó, artista plástico e escritor. Foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, *A Meta*, com histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano de 1977; **Francisco Bittencourt**, poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas e era membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil), e colaborava como crítico em vários jornais; **Gasparino Damata**, jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias – *Histórias do Amor Maldito* e *Poemas do Amor Maldito* – que tinham a homossexualidade como tema; **Jean-Claude Bernardet**, crítico de cinema, considerado um dos teóricos do Cinema Novo da época possuía também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do *Opinião*, é um dos fundadores de *Movimento*; **João Antônio Mascarenhas**, advogado, jornalista e tradutor, abandonou os Ministérios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de pessoas que resultou na ideia de se publicar o *Lampião*; **João Silvério Trevisan**, cineasta e escritor, é autor do livro de contos - Testamento de Jônatas deixado a Davi; e **Peter Fry**, que nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas (LAMPIÃO, nº zero, 1978, p. 2.).

Vale destacar que todos os membros do conselho editorial eram de classe média, como podemos ver pelas profissões, e a maioria tinha a cor da pele branca, com exceção de Adão Acosta, o único negro a fazer parte do Conselho. Vale destacar também que a partir da edição de nº 7, João Mascarenhas não aparece mais como pertencente ao Conselho, e, que o nome de Peter Fry só consta até a edição de nº 27. Por fim, vale chamar a atenção para o fato de que na edição nº 32 não aparece mais o nome de nenhuma pessoa do Conselho editorial, excluindo tal designação.

Lampião da Esquina divulgava também o expediente da equipe que fazia o periódico, incluindo as funções especializadas de “coordenador de edição”, “editores”, “redatores”, “correspondentes”, “fotografia”, “arte”, “revisão” e “colaboradores”. Em quase todas as funções especializadas constava a cidade de residência da pessoa: a exceção ficou a encarga da pessoa responsável pela arte do jornal.

O cargo de Coordenador de edição pertenceu ao Aguinaldo Silva da edição nº zero até a edição de nº 32, pois já na edição seguinte o seu nome aparece juntamente com os outros nomes que compunham a parte reservada para designar quem eram os editores, que eram pessoas ligadas a duas cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio, além de Aguinaldo Silva, trabalharam como editores: Francisco Bittencourt, Adão Acosta, Clóvis Marques, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata. Em São Paulo, Darcy Penteadó e João Silvério Trevisan.

Como redatores, o jornal já contava com pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Do Rio de Janeiro *Lampião* teve Adão Acosta, Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues, José Fernando Bastos, Regina Nóbrega, Francisco Bittencourt, Leila Miccolis; de São Paulo, foram Eduardo Dantas, Emanuel Freitas, Zezé Melgar, Francisco Fukushima, Glauco Mattoso, Paulo Augusto, Darcy Penteadó e João Silvério Trevisan, e, de Brasília, Alexandre Ribondi.

Trabalhando como correspondentes - que são aquelas pessoas que tem residência fixa no exterior, especificamente em um país, prestando serviços de cobertura dos acontecimentos não só no país residente como também em territórios ou nações vizinhas (BRITTO, 2004) -, *Lampião da Esquina* teve Fran Tornabene, em Nova Iorque; Allen Young, em São Francisco; Armand de Fluviá, em Barcelona; Ricardo e Hector, em Madrid; Addy em Londres; Celestino em Paris, e, Anton Leicht e Nestor Perkal em Frankfurt.

Na parte de fotografia, as pessoas responsáveis são novamente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em São Paulo, teve os nomes de Ricardo Frago Tupper; Fanny, Cris Calix, Francisco Fukushima e Dimas Shtini, e, no Rio de Janeiro foram Billy Aciolly, Maurício S. Dominques, Valter Firmo, Regina Rito, Dimitri Ribeiro, Ana Vitória, Cyntia Martins e Iara Reis.

A arte do jornal era feita por Ivan Joaquim e Mem de Sá. A partir da edição nº 3, por Jô Fernandes, Mem de Sá e Tônio. A partir da edição nº 4 sai Tônio e entra Patrício Bisso, que desenhava rubricas/selos/vinhetas, para as seções *Reportagem*, *Tendências* e *Literatura*, e, Hildebrando de Castro, que ilustrava algumas reportagens. A partir da edição 14 entra para compor o grupo Paulo Sérgio Brito na diagramação, e, na edição 19, entra Dimitri Ribeiro,

como coordenador. A partir da edição nº 23, sai Sérgio Brito da diagramação e entra Nelson Souto. No número 24 entram José Carlos Mendes e Levi; na edição de nº 27 Mem de Sá fica responsável pela capa, e, Patrício Bisso, Hartur e Levi pelas charges. Já a arte final ficou por conta de Hélio V. Cardoso e Domingos José da Silva até a edição de nº 2, pois na de nº 3, Domingos cede lugar para Gilberto Medeiros Rocha. A partir do nº 8, a arte final era de responsabilidade de Gandhi Gama Neves e Edmilson Vieira da Costa, na edição de nº 9 passou para Edmilson Vieira da Costa, e, a partir da edição 24 ficou sob a responsabilidade de Antônio Carlos Moreira.

O cargo de revisão só apareceu na edição de nº 27 e foi até o último número, ficando sob a responsabilidade da carioca Dolores Rodrigues.

Por fim, quanto aos colaboradores, *Lampião* contou com pessoas que produziam artigos, ensaios, resenhas, ou, que traduziam matérias, faziam entrevistas e reportagens. Estas pessoas contribuíam de diversas partes do país, apesar de ainda constar mais nomes das cidades do Rio e de São Paulo. Do Rio de Janeiro colaboraram: Agildo Guimarães, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Frederico Jorge Dantas, Aristóteles Rodrigues, Alceste Pinheiro, Iapohi Araújo, Luís Canabrava, Paulo Sérgio Pestana, Nélon Abrantes, Nica Bonfim, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito, João Carneiro, José Fernandes Bastos, Regina Rito, Sérgio Santeiro, Henrique Neiva e Leila Mícolis. De Niterói (Rio de Janeiro) colaboraram José Pires Barroso Filho, Paulo Augusto e Carlos Alberto Miranda. Em Campinas (São Paulo), Edward MacRae e Marisa. Da cidade de São Paulo foram Jorge Schwartz, Cynthia Sarti, Glauco Mattoso, Celso Cúri, Caio Fernando Abreu, Jairo Ferreira, Edélcio Mostaço e Paulo Augusto. De Campo Grande (Mato Grosso do Sul), Eduardo Dantas; de Vitória (Espírito Santo), Amylton Almeida; de Recife (Pernambuco), Zé Albuquerque; de Fortaleza (Ceará), Gilmar de Carvalho; de Florianópolis (Santa Catarina), Beto Stodieck; de Brasília (Distrito Federal), Alexandre Ribondi; de Campina Grande (Paraíba), Sandra Maria C. de Albuquerque; de João Pessoa (Paraíba), Políbio Alves; de Natal (Rio Grande do Norte), Franklin Jorge; de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Paulo Hecker Filho; de Curitiba (Paraná), Max Stoltz e Wilson Bueno; de Jacareí (São Paulo), Edvaldo Ribeiro de Oliveira; de Teresina (Piauí), e, Luiz Mott, de Salvador (Bahia).

Neste contexto, o jornal foi o primeiro da imprensa gay a publicar os nomes verdadeiros dos autores dos textos, das pessoas que colaboravam com o jornal; ou seja, não havia mais pseudônimos para esconderem suas verdadeiras identidades (FIDALGO, 2013, p. 43), como acontecia, por exemplo, com o jornal *Snob*.

1.3.3 O formato

Lampião da Esquina era um jornal no formato tabloide (pequeno), característico dos jornais alternativos da época, que teve uma tiragem mensal média de 25 mil exemplares⁴⁵ (MARIUSSO, 2015). Os escritos de Marvin (2015) me ajudaram na compreensão da opção de *Lampião* pelo formato tabloide ao invés do standart (grande), pois ele destaca que a feitura de um jornal com o formato tabloide podia ser impresso em gráficas de pequeno ou de médio porte; o custo para postagem via correios ficava mais barato, se considerarmos o volume de sua massa física; a leitura ficava mais fácil, pois o leitor poderia manuseá-lo em qualquer lugar, e, a produção ficava com um valor menor, já que o formato tabloide corresponde à metade de um jornal no formato standard - que normalmente era o formato utilizado pelos jornais da grande imprensa - que tem uma área total de papel depois de impresso de 56 por 32 centímetros. Todavia, o formato da mancha gráfica não combina muito bem com textos longos e imagens de nenhum tipo (MARVIN, 2015).

Publicado pela editora Esquina, *Lampião* era impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A., localizada no Rio de Janeiro. É importante destacar que a redação de *Lampião da Esquina* estava instalada no Rio de Janeiro, mas também manteve uma equipe editorial em São Paulo. Assim, as pautas do jornal eram definidas nas reuniões que aconteciam tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, cidades onde os produtores do jornal residiam⁴⁶.

Lampião da Esquina teve 16 páginas por edição do nº zero ao nº 10, fugindo da regra a edição de nº 4, que apareceu com 20 páginas. A partir da edição de nº 11 até a de nº 37, o jornal passou a ser impresso com 20 páginas, com exceção da edição de nº 24, que teve somente 16 páginas.

Lampião era impresso em preto e branco, inclusive as fotografias e ilustrações, mas as capas eram coloridas, e, geralmente havia a predominância de duas cores: o preto e mais uma (RODRIGUES, 2007, p, 73). As capas do jornal *Lampião da Esquina* traziam “um número

⁴⁵ Mariusso afirma que a tiragem do jornal era entre 14 mil e 25 mil exemplares, o que já o destacava de outros jornais que eram xerocados e mimeografados e tinham no máximo 50 exemplares. Ver: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, 2015, p.22.

⁴⁶ Moravam em São Paulo três dos onze membros do Conselho Editorial: João Silvério Trevisan, Darcy Penteadado e Peter Fry; e os demais residiam no Rio de Janeiro. Quanto à responsabilidade de editar o jornal, no Rio de Janeiro ficava ao encargo de Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Adão Acosta; e em São Paulo por conta de João Silvério Trevisan e o Darcy Penteadado. Ver: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. Uberlândia - MG, 2015, 209f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

muito grande de chamadas, e uma diagramação⁴⁷ que não definia a matéria principal”, e, por isso, “poderiam ser consideradas, na perspectiva dos cânones tradicionais do design, caóticas” (RODRIGUES, 2007, p. 95). Como exemplos do caos provocados pela diagramação, Rodrigues (2007) aponta: a edição 1 (fig. 4), cuja capa traz “um desenho de um bigode estilizado, que chama muita atenção pelo peso que ocupa na capa. Na legenda vê-se que o assunto é o jogador Rivelino, que usava bigodes”; a edição 4 (fig. 5), que traz a palavra “travesti”, em caixa alta, colocada de tal forma que “num primeiro olhar, parece que a palavra está vinculada às fotos do estilista Clodovil, que aparecem mais embaixo”; na edição número 7 (fig. 6), porque temos o título “Latinamérica: Na terra dos homens, paulada nas bonecas!”, enquanto abaixo dele temos uma série de fotos de rapazes másculos nas praias do Rio; a de número 17 (fig. 7), na qual “splashes e balões de quadrinhos (elementos gráficos) são usados ao mesmo tempo”; e, a edição número 25 (fig. 8), que “apresenta logo abaixo da chamada ‘A volta do esquadrão mata bichas’, três fotos de artistas da MPB: Emilinha Borba, Fagner e Zezé Motta” (RODRIGUES, 2007, p. 114-115).



Figura 4. Fonte: Lampião da Esquina



Figura 5. Fonte Lampião da Esquina.

⁴⁷ Segundo Rodrigues (2010) “diagramar significa construir, estruturar os elementos que irão compor uma mensagem, auxiliando, e até mesmo, guiando o leitor para uma leitura melhor”, e dessa forma, diagramação seria então “o ato de dispor texto e figuras em um determinado campo (página de livro, jornal, revistas, cartazes, etc.)” (RODRIGUES, 2010, p. 102-103).



Figura 6. Fonte: Lampião da Esquina.



Figura 7. Fonte: Lampião da Esquina.



Figura 8. Fonte: Lampião da Esquina.

Segundo Rodrigues (2007, p. 95), as capas são importantes porque trazem as informações que identificam o periódico: o logotipo, o número da edição, a data de publicação e as chamadas para as matérias no interior do periódico. Assim, elas “assumem um papel de vitrine”, pois tem “um duplo papel, que é o de informar e persuadir” ao leitor tanto a comprar quanto a “encampar as ideias subjacentes ao enunciado expresso” (PUZZO, 2009, p. 129). Talvez por isso elas tivessem duas cores. E, pelas capas destacadas acima, podemos concluir que elas se caracterizam pelo uso mais de imagem do que de texto, o que era muito comum dentro da imprensa alternativa de um modo geral; pelo uso de “chamadas de conotações dúbias e sensacionalistas”, e, pela “representação gráfica de seu nome” - traduzida no logotipo, que ficava à esquerda no cabeçalho -, já que a “palavra ‘lâmpião’ era grafada em

fonte mecanizada⁴⁸, e as palavras ‘da esquina’, em corpo menor, com fonte bastão alinhada à direita e abaixo da palavra ‘lâmpião’” (RODRIGUES, 2007, p. 112-113).

Já a diagramação editorial (fig. 9), segundo Rodrigues (2010, p. 107), “era tradicional, de pouca inventividade” por várias questões: tinha “rígidas colunas com fios grossos acima e abaixo delas para sustentar o texto”; uma “moldura retangular de cantos arredondados que separavam as seções”; e, páginas de “pouca força visual, por não enfatizar o valor da informação, por ter um design simétrico e por não valorizar a posição e o tamanho das fotos nos textos”.



Figura 9. Fonte: LAMPIÃO.

Conforme uma carta sem identificação publicada na edição de nº 3, a diagramação do jornal era “muito acadêmica”, com tudo “muito igual: os tipos de letras utilizados, as separações entre as seções e as indicações das seções” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 14). Além disso, afirma que o

aspecto do jornal não estimula o leitor: a apresentação interna é muito “fria” (...); as seções não possuem uma “personalidade”, chegando mesmo a transmitir a sensação de que o jornal não tem seções definidas (...); falta uma dose maior de emoção dentro do jornal e dentro dos artigos, deveriam haver mais reportagens (emoção) que ensaios (frieza); (...) falta uma boa dose de senso de humor; o clima do jornal é demasiadamente sério (...) [o que] acaba transformando o jornal em um veículo para poucos leitores (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 14).

Os textos, por sua vez, eram fluídos, talvez pelo tom ensaístico, e oscilavam entre pequenas notas informativas e textos mais longos com opiniões e reflexões de quem os escreviam. Rodrigues (2010, p. 107) destaca que geralmente “os textos eram longos e impressos com corpo de letra pequeno, nove, e, em alguns casos até com número oito, o que

⁴⁸ Fontes com serifas marcantes, sólidas, formando ângulo reto com a linha de base. (NIEMEYER, 2000 apud RODRIGUES, 2007, p. 113)

poderia prejudicar a leitura”, e, postos em “blocos horizontais ou verticais, o que provocava no leitor uma tendência à monotonia e ao cansaço visual”, pois parecia “ter uma preocupação maior com o discurso verbal, como se a severidade da forma respaldasse a seriedade do conteúdo”. Apesar de tudo isso, não atrapalhava muito a legibilidade das edições de *Lampião*, “porque a vontade de lê-los era maior” (FIDALGO, 2013, p.43).

Os textos de *Lampião da Esquina* tinham um caráter político e "engajado", além de discutir abertamente assuntos como: aborto⁴⁹, sexualidade (masturbação⁵⁰, sadomasoquismo⁵¹), prostituição⁵², homossexualidade (masculina⁵³ e feminina⁵⁴), religião⁵⁵, política (movimentos homossexuais)⁵⁶, maconha⁵⁷ e violência (assassinatos⁵⁸ e estupros⁵⁹) etc. Para trabalharem com temáticas tão sérias, as pessoas que escreviam os textos para *Lampião* faziam uso da ironia para deixar tais assuntos mais leves. Para isso, usavam e abusavam da ironia, do duplo sentido das palavras, não só do nome das seções – **Bixórdia** e **Troca-Troca** -, nem só dos textos – “Heterossexualidade: perversão ou doença?”⁶⁰, “A música popular entendida de dona Lecy Brandão”⁶¹, “Repressão: essa ninguém transa”⁶², “Os machões entraram em pânico”⁶³, “Vamos fazer um troca-troca”⁶⁴, “Homem objeto na relação”⁶⁵, “Lampião agora tem três anus” etc. -, mas também das chamadas das capas, que

eram elaborados com uma ironia alusiva a produções culturais. Na capa onde aparece a imagem do líder sindicalista e o futuro presidente do Brasil Lula tem os seguintes dizeres: “Alô, Alô, classe operária: e o paraíso nada!” (alusão ao bordão do comunicador José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha: Alô, Alô Teresinha!), “Eram os homossexuais astronautas?” (alusão ao livro de Erick Von Däniken, *Eram os deuses astronautas?* de 1968), “E o negro é 'beautiful'?” (alusão a letra da música de Jimmy Cliff – *Wonderful World: Beautiful People* de 1970), “Ao Pasquim com carinho” (alusão ao filme intitulado *Ao mestre com carinho* com Sidney Poitier no papel do protagonista), “Nos embalos de Calmon” (alusão direta ao filme *Embalos de sábado à noite* com John Travolta), “Um bonde chamado prazer” (alusão à peça *Um bonde chamado desejo* de Tennessee Williams), “O

⁴⁹ Edição 11, abril de 1979.

⁵⁰ Edição 31, de dezembro de 1980.

⁵¹ Edição 37, junho de 1981.

⁵² Edição 30, novembro de 1980.

⁵³ Edição 8, janeiro de 1981.

⁵⁴ Edição 1, junho de 1978.

⁵⁵ Edição 26, julho de 1980.

⁵⁶ Edição 16, setembro de 1979.

⁵⁷ Edição 35, abril de 1981.

⁵⁸ Edição 6, novembro de 1978.

⁵⁹ Edição 5, outubro de 1968

⁶⁰ Edição 6, p. 2.

⁶¹ Idem, p. 10.

⁶² Edição 8, p. 7.

⁶³ Edição 17, p. 7.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

céu está caindo” (alusão ao HQ *Asterix* de Alberto Uderzo e René Goscinny), entre outros exemplos. (HEEREN, 2011, p. 110)

Não sei dizer como a ironia era interpretada pelo público leitor de *Lampião*, já que segundo Reginatto (2010) para entendê-la, precisamos de três competências: a linguística, que se baseia no fato de que temos de entender o que está implícito; a retórica, para que possamos perceber o afastamento das normas retóricas e literárias; e, a competência ideológica, que requer de nós a “capacidade e treino a fim de compreender um conjunto de valores sociais e culturais institucionalizados, os quais serão transgredidos” (REGINATTO, 2010, p. 51). Mas, como apontado por nós, o jornal estava repleto de ironias, e, se não pudéssemos compreendê-las, a leitura estaria comprometida.

1.3.4 As seções de *Lampião*

Lampião da Esquina tinha várias seções. Algumas apareciam em quase todas as edições e outras tinham publicações esporádicas.

Opinião era a seção que equivalia ao editorial e era ocupada por opiniões pessoais dos membros do Conselho editorial sobre assuntos diversos. Ela desaparece a partir do jornal nº 7 e ressurge no nº 20 e vai somente até o jornal de nº 29.

Ensaio foi uma seção que se iniciou na edição de nº Zero e vai até a edição de número 29, com exceção das edições de nº 6, nº 10, 12, 14-17, 20-21, 24, 28, 30-37, em que não apareceu. Era composta de textos sobre temas, principalmente gays, escritos por colaboradores.

Ensaios populares foi uma seção que surgiu após uma carta do psicólogo carioca Aristóteles Rodrigues na edição de nº 4 elogiando o jornal e pedindo para colaborar. Assim, a seção segundo o próprio jornal, seria “uma espécie de ‘fala o povo’ (guei ou não), na qual, mensalmente, publicaremos um ou mais artigos enviados pelos leitores”, mas tinha como condições de que o artigo não poderia “ter mais de cinco laudas datilografadas (laudas de 32 linhas)”, e deveria “ser aprovado pelo Conselho (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 8, 1979, p. 4). Aparece pela primeira vez na edição de número 8 e sua segunda e última aparição se dá na de número 9.

Já **Esquina** era uma seção com artigos mais informativos, e às vezes continha até textos traduzidos pelos colaboradores. No entanto, a partir da edição nº 8, seus textos passam a se tornar mais opinativos, como se tomassem para si o espaço que antes era destinado para a

seção **Opinião**, e, que conforme indiquei, deixou de existir a partir do nº 7. É a única seção que aparece da edição número zero à edição número 37.

A seção **Reportagem** continha matérias informativas, ou com assuntos das matérias de capa e também continha algumas entrevistas com pessoas famosas e anônimas. No entanto, a seção **Entrevista**, tomará a função de entrevistar para si, a partir da edição de número 13, tanto as personalidades da época e as do meio artístico, quanto as pessoas comuns dos movimentos das “minorias”, michês, juizes, advogados, diretores e escritores de peças de teatro e filmes etc.).

Literatura era uma seção para poetas novos. Os textos eram enviados pelos leitores, e, era uma seção aberta a todos os que se dedicavam “com talento e verdadeiro empenho à poesia” (LAMPPIÃO, nº Zero, 1978). Gasparino da Mata mensalmente selecionava algumas para publicação “mediante dois critérios: a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana - a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal” (LAMPPIÃO, nº zero, 1978). Como na edição de nº zero o jornal havia prometido poetas novos, na edição de nº 1 ele anuncia a publicação dos escritos de 3 poetas consagrados - o paulista Mário de Andrade, o baiano Sosígenes Costa e o carioca Schmidt -, sob a justificativa de que

a maioria dos poemas recebidos não chegou a tempo para a seleção prévia, e vai esperar até o próximo número. De qualquer forma, os Poemas aqui reunidos não o foram por acaso: primeiro porque eles representam uma incursão desses três poetas num território que geralmente lhes foi estranho (eles se referem à beleza do adolescente). Segundo porque os três provavelmente serão incluídos numa antologia de poemas malditos, cujo lançamento LAMPPIÃO planeja para os próximos meses”. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 1, 1978, p.10)

Tendências era uma seção cultural que tinha as subseções *O Livro* (resenha e indicação de um livro, geralmente, sobre sexualidade), *A Exposição* (indicação de exposições de arte em São Paulo ou no Rio de Janeiro), *A Peça* (indicação de peças teatrais para os paulistas e cariocas) e *O Filme* (continha a análise de um filme, geralmente nacional, e que apresentasse alguma personagem homossexual).

A seção **Cartas na mesa** tinha como ideia ser

uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, foros, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de ideias que norteou a criação do jornal. (LAMPPIÃO, nº zero, 1978, p.14)

Muitas cartas eram assinadas por pseudônimos ou com as iniciais do nome, e, com a cidade do remetente. Elas recebiam um título, que normalmente tinham a ver com o conteúdo da carta, o que significa que elas passavam por um crivo, antes de serem publicadas. Após o conteúdo da carta e os dados da pessoa, em muitas das cartas, seguia-se o “R:”, que enunciava a resposta do jornal, e, não por um editor em particular (BANDEIRA, 2006; PEREIRA, 2017). Contudo havia exceções, e algumas das respostas foram assinadas por um dos editores ou colaboradores do jornal, mas, isso só ocorria quando a carta se referia diretamente à posição de um dos autores do jornal.

Não há indícios dos critérios adotados pelos lampiônicos para a seleção das cartas que eram publicadas, mas numa resposta a uma das cartas enviadas na edição 22, o jornal destacou que o procedimento para publicação era um sorteio: “A gente recebe dezenas de cartas por dia, e o espaço aqui só dá para publicar algumas. Assim, depende da sorte da boneca missivista na hora do sorteio” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 22, 1980, p.18)

De todo modo, é importante destacar que a seção ficou responsável por esse contato entre os leitores - que em suas cartas publicadas opinavam, discutiam e debatiam as matérias apresentadas pelo jornal *Lampião* -, com as pessoas responsáveis pelo jornal - que comentavam as cartas recebidas. Foram publicadas 303 cartas ao todo, ocupando uma ou duas páginas do jornal, e, devido a resposta a uma carta que não pode ser publicada na edição de nº 13 por ser muito grande, deduz-se que as páginas possuíam 72 centímetros:

Atenção, Iara Reis não deu pra publicar tua carta nesse número, porque são 60 centímetros de texto (pra você ter uma ideia todas as cartas publicadas nesta página somadas, dão 72 centímetros). Ela teria que ser editada, mas, como é um assunto muito polêmico, a gente prefere que você mesma faça esse trabalho. Não dá pra diminuir uns 20 centímetros (40 linhas)? Se não, a gente vai ter que deixar de publicar outras cartecas de leitores pra só publicar a tua, e isso é muito chato.) (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 13, 1979, p. 19)

A partir da edição de nº 5 até a edição de número 28, foi publicada a seção **Bixórdia**, que reaparece na edição de nº 30, e, da edição nº 33 à de nº 35. *Lampião* viria explicar o que viria ser a **Bixórdia**:

Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machés, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é traste. Paradoxo i'iwi (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas? (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 5, 1978, p. 12)

Bixórdia era uma espécie de coluna social de teor satírico, marcada pela utilização de palavras típicas da “cultura” gay que faziam humor através de uma linguagem cheia de

expressões e gírias “entendidas”, e com frases curtas e impactantes. Trazia fofocas, denúncias, fazia provocações e escrachava a vida homossexual (CRUZ, 2019, p. 41). Era assinada por uma personagem mítica, criada pelos editores, Rafaela Mambaba, que poderia ser incorporada por qualquer um dos editores do jornal (HEEREN, 2011, p. 176).

A partir da edição nº 18, *Lampião da Esquina* publicou a seção **Troca-troca**, que era o espaço para paquera, onde perfis de leitores eram publicados para eventual correspondência entre os interessados (ARIAS; AMARAL, 2016, p.115). Com o título “Vamos todos fazer um Troca-Troca?” *Lampião* esclarecia que parecia uma agência dos correios, com cartinhas pra todo o lado, pelo tanto de números de cartas enviadas à redação pelos leitores que queriam um relacionamento, assim, como não poderia deixar essas pessoas na mão, resolveram criar esta seção, que, a partir do número 18 atenderia pelo mimoso nome de **Troca-Troca**.

Os leitores mandavam os seus anúncios, e *Lampião* os publicava inteiramente grátis até a edição de nº 36, que começou a cobrar 70 cruzeiros em selos (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 36, 1981, p. 2). Todavia, tinham que ser anúncios bem sucintos, contendo o nome, endereço, assuntos preferidos, etc., e não podia conter "expressões inconvenientes". Como a seção só começou a ser publicada depois desse esclarecimento, realizado na edição de nº 17, a seção era editada num corpo bem menor, e, só saiu “neste número com estas letras enormes só para chamar a atenção de vocês” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 17, 1979, p. 7). É importante chamar a atenção para dois fatos: a partir da edição de nº 29, *Lampião da Esquina* começou a pedir aos leitores para mandar junto ao anúncio uma xerox da carteira de identidade para “evitar a ação de bichas maléficas, que estão mandando anúncios em nome de suas Inimigas, pra que elas recebam centenas de cartas (é isso mesmo queridinhas: centenas) sem saber porquê...” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 29, 1980, p. 4), e, caso os leitores quisessem, a partir da edição de nº 33, *Lampião* passou a fornecer a opção de publicar juntamente com o anúncio uma foto 3 x 4 do anunciante, bastando a este enviar para a editora um cheque de 500 cruzeiros (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 33, 1981, p. 2)

Lampião não curtia “muito essas coisas de fazer um jornaleco sempre muito igual” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 10, 1979, p. 4), e, por isso publicava seções que apareciam esporadicamente:

Ativismo apareceu das edições de nº 20 à de nº 28, e na de nº 31 à edição de nº 35, com publicações de notícias e reportagens sobre grupos organizados de militância e movimentos sociais de luta das “minorias”.

Festim foi outra, e apareceu nas edições 22, 23, 25, 33 e 37 com dicas de festas ou comentando sobre alguma festa que aconteceu.

Violência surgiu na edição 20 e depois voltou a aparecer nas de número 21, 25 e 26; continha notícias e reportagens de assassinatos de homossexuais e mulheres, e, de prisões arbitrárias de travestis e pessoas que se prostituíam.

Bofarada apareceu da edição 22 a edição nº 25 e na edição de nº 27, trazendo fotos de garotos/homens, com ou sem roupa, a cada Edição; depois reapareceu nas 3 últimas edições – nº 35, 36 e 37 – com o nome **Colírio**.

Verão surgiu no número 31 e depois só apareceu na edição 32 contendo dicas de praias e de lugares ou eventos para ir nessa estação.

Denúncia aparece no número 26 e no número 33 com denúncias de violência feita às travestis.

Ecos do Carnaval surgiu e apareceu só na edição 34; continha notícia sobre os carnavais pelo Brasil.

Nostalgia surgiu e apareceu somente na edição 35 e falava sobre algum lugar que serviu de encontro para os homossexuais.

Medicina apareceu somente na edição nº 35 com uma reportagem sobre doenças venéreas.

Bandeira surgiu só na edição 36, para problematizar a questão da pedofilia e defender o direito dos adolescentes de transarem com quem quiserem, além é claro, de se mobilizarem para exigirem esse direito.

Porrada apareceu na edição nº 37 com um texto que refletia sobre o fetiche de apanhar e ser desprezado pelo parceiro.

Enquete surgiu também só na edição 37 e questionava os entrevistados sobre o que eles fariam caso vissem o seu marido beijando outro homem.

Classificados sem Caráter surgiu na edição de número 7, através da ideia do leitor paulista João Alberto Dalcomuner, que publicou gratuitamente o primeiro anúncio, por ter sugerido tal seção, e que se identificou como “Paulista”, de 21 anos, que queria trocar cartas, selos ou postais com pessoas interessadas. A seção apareceu também na edição de nº 8, e, para terem publicados os seus anúncios, os leitores pagavam o valor de Cr\$ 3,00 por palavra publicada, e, o texto do anúncio deveria ser enviado pronto, e junto com ele, o cheque ou vale postal em nome da Editora Esquina. Na edição de nº 8, foram publicados os anúncios: de Glauco, São Paulo, que procurava por homens japoneses para “trocar selos, postais, santinhos e catecismos. Ou algo mais interessante”; um anúncio em que se negociava um quadro de Lula Cardoso Ayres, gravuras de José Altino e xilogravuras de Djanira; e, o anúncio de Beto Coelho, Rio de Janeiro, que queria conversar com pessoas de todo o Brasil, menos sobre

política. A seção reapareceu nas edições de nº 10, com dois anúncios sem identificação: um vendia a coleção quase completa do jornal Pasquim, faltando cerca de 20 números, e, o outro uma coleção da revista Senhor; nº 11, com os mesmos anúncios que apareceu na edição anterior, acrescido do anúncio do paulista José Fonseca, que queria vender 6 revistas gueis americanas por 200 cruzeiros cada; e na edição de nº 12, um anúncio de João Alberto Daldomuner procurando um sócio “filhinho de papai para montar uma produtora de filmes”, e, o anuncio de uma pessoa que se nomeou como “Anjo caído”, Rio de Janeiro, que queria trocar correspondências com pessoas de outras cidades.

Badalo surgiu na edição de nº 10 e apareceu depois na edição de nº 12; trazia informações sobre outros jornais gays e grupos internacionais; esta seção foi criada para satisfazer os leitores que desde o nº 1 pediam por ter informações de outras publicações no exterior, e, o nome “ia ser mais pomposo, algo assim como ‘Gays around the World’, mas no fim optamos por uma coisa mais simples: Badalo, curto e grosso” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 10, 1979, p. 4).

1.3.5 Anúncios e propagandas

Há anúncios vendendo o estilo de vida guei, a moda guei, a literatura guei, o perfume guei, as excursões gueis, o seguro de vida guei, a mobília guei, o relógio, o corte de cabelo, a massagem, as joias, tudo guei. E ainda os métodos milagrosos para a cura da impotência, o crescimento do pênis, lições de halterofilismo a domicílio etc. Tudo prático, é só pagar. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 2, 1978, p. 5)

Os anúncios só começam a partir da edição nº 2 de *Lampião da Esquina*, que teve só o anúncio da “Galeria Ypiranga (GY) Antiguidades: Molduras, máscaras decorativas, Móveis coloniais maciços - Oratórios Floreiras - Apliques - Porta-joias –Etc.”. Na edição 3, *Lampião* já ganha mais um anunciante a discoteca “266 – West: The Gayest Discotheque in town”. Já na edição número 4, para além desses dois anúncios, também começaram a circular pelas páginas do jornal o Instituto de Idiomas Yazigi, a boate Gay Club, as saunas Termas Flamengo e Thermas Danny, e, o anúncio do advogado Luiz Gonzaga Modesto de Paula. Na edição de número 5, já temos os anúncios de detetive feminina, do Celso's Bar e da Clínica para cães e gatos - Rebouças e Bandeirantes. Na edição de número 6, também começam a circular os anúncios de Aulas Particulares de Inglês e Francês, e, de Depilação definitiva Stela. Foi somente na edição número 9 é que surgiu um novo anunciante: a discoteca Studyo Twenty Four-0. Na edição de número 10 também surgem os anúncios do psicólogo Aristóteles Rodrigues, e, da Plantiva - Plantas Decorativas com Arte. Até a edição 15, não

houve mais anunciantes diferentes, e a partir dessa publicação, começou a serem anunciados a boate Sotão Discoteque, um Curso de Arte, a arquiteta Victoria Kuhn e o médico homeopata Hélio Dalefi.

Rodrigues (2016) ressalta que a maioria dos anúncios que circulou no jornal resumem-se a clubes noturnos, saunas, tratamentos estéticos e decoração. Assim, partindo do princípio de que “tais propagandas demonstram como a sociedade [pode] enxerga[r] o homossexual”, e, de que normalmente ela “parte do pressuposto de que homossexual e mulheres têm os mesmos gostos, interesses”, o autor afirma que os anunciantes confirmavam ao anunciar tais produtos e serviços no jornal “que o homossexual tem os mesmos gostos femininos, partindo da ideia criada de que a mulher tem interesses naturais por determinadas áreas e os homens também” (RODRIGUES, 2016, p. 170). Tendo a discordar de Rodrigues (2016) por dois motivos. Primeiro, porque podemos encontrar também anúncios de antiquário, de livros, filmes, peças de teatro, galerias, profissionais liberais (arquitetos, advogados, detetives, professores particulares), profissionais da saúde (psicólogos e médico homeopata), e de clínicas para animais. O segundo motivo é que não podemos esquecer que o jornal também era voltado para mulheres.

Os anúncios vinham de São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Entretanto, o espaço vendido para publicidade no jornal foi muito pequeno, talvez mesmo pela dificuldade na inserção de anúncios e propagandas num “jornal de viado”, porque querendo ou não, o anunciante seria rotulado como um apoiador dos homossexuais e da homossexualidade. Daí resistência para se fazer anúncios em *Lampião da Esquina*. Vejam o que *Lampião* publicou:

“A sobrevivência do nosso jornal depende também de anúncios. Se você é um possível anunciante, de mentalidade avançada e sem preconceitos, dê-nos o seu apoio lembrando que também consumimos tudo o que os demais consomem. É verdade que somos uma parcela da população do país que é considerada minoria, mas que, apesar disso, chega a ser alguns milhões (você sabia?). Portanto, aqui está um potencial de energia (e de Consumo) que ainda não foi inteligentemente aproveitado. Mande-nos a sua sugestão na forma de um anúncio da sua firma ou produto”. (LAMPIÃO, nº zero, 1978, p.14)

Lampião reconhecia a importância dos anunciantes para tentar manter o jornal em circulação, e, desde a primeira edição, vemos que eles convidam as pessoas “de mentalidade avançada e sem preconceitos” para os apoiarem, apelando até para o bom senso de que são milhões de consumidores. Mas nem todos ouviram esse chamado.

pouco mais ousado, tendo um modelo só com cueca, gorro de natal e uma taça de champanhe na mão. Assim como o anúncio da edição 20 (fig. 14), que tem um título com sentido duplo ao trazer um modelo de cueca e o termo “pau”.

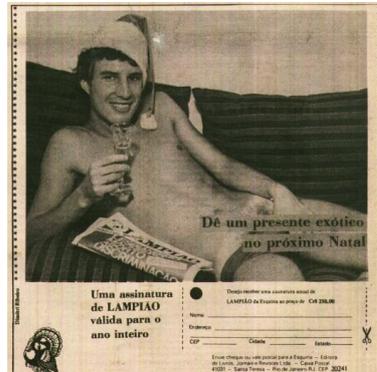


Figura 13. Fonte: Lampião da Esquina.



Figura 14. Fonte: Lampião da Esquina.

Na edição 21 (fig. 15), já temos a inserção de um modelo negro de cueca e colar havaiano. O problema é que coloca este anúncio dizendo que “no carnaval tudo é permitido”, o que dá a entender que somente nesse período é que os homens negros podem ser desejados e alcançados.



Figura 15. Fonte: Lampião da Esquina.

Os anúncios publicados das edições 22 até a de número 26 já não trazem mais modelos de cueca. O da edição 22 (fig. 16) traz dois sapatos masculinos pisando no chão

antiderrapante, chamando atenção para tomarmos cuidado aonde pisamos, ou seja, para não escolhermos qualquer produto duvidoso, e sim ficar com o que conhecemos, no caso com o jornal *Lampião*. Na edição 23 (fig. 17), temos uma ironia, onde temos uma modelo feminina corpulenta com uma moldura desenhada à sua volta, e, o título dizendo que o jornal “não precisa de molduras para disfarçar seu conteúdo”. A edição 24 (fig 18), também trabalha com a ironia, pois traz a frase que dizia que se *Lampião* “existisse na minha época as coisas teriam sido diferentes: as bichas fariam a minha cabeça” e é associada como sendo da Rainha Vitória, rainha do Reino Unido a partir de 1837, conhecida pelas “execuções públicas e por ser conservadora em assuntos relativos à moral e direitos da mulher” (MELO, 2019). Já a edição 25 e 26 (fig 19) usam um modelo com fantasia de palhaço, para falar no anúncio que *Lampião* é o jornal que não trata o homossexual como um “palhaço”.



Figura 16. Fonte: Lampião da Esquina.



Figura 17. Fonte: Lampião da Esquina.



Figura 18. Fonte: Lampião da Esquina



Figura 19. Fonte: Lampião da Esquina.

Já a edição 27 e 28 (fig. 20) já insere uma travesti, com os seios de fora, e com ironia fala que é para assinar o jornal “que não tem vergonha de você”. E na edição 29 e 30 (fig. 21) temos a cantora Leci, que é uma mulher negra e homossexual, falando que as pessoas têm que ver o seu lado homossexual como uma “coisa séria”. Já do número 31 até o 34 (fig. 22), o anúncio retorna com um modelo masculino sem camisa e com o corpo, do abdômen para baixo, abrindo o short jeans, para dar um ar sensual que complementasse “e ganhe um presente de dar água na Boca”. E por fim, os anúncios das edições 35 até a edição 37 (fig. 23) traz um homem com trajes femininos, sentado e com feição pensante ao ter no rosto os dedos encostados, com a frase “Não fique aí sentado esperando a Revolução. Tenha um orgasmo agora!!! Leia e assine LAMPIÃO”, fazendo uma crítica à esquerda que relegava a sexualidade ao segundo plano em detrimento de uma suposta revolução que não chegava.



Figura 20. Fonte: Lampião da Esquina.

Leci Brandão:
Mulher, Negra e Homossexual

"A gente já é marginalizado pela sociedade, então a gente se une, se junta e dá as mãos. E um ama o outro sem medo e sem preconceito."
Quero que as pessoas enxerguem meu lado homossexual como uma coisa séria, que haja respeito."
(Leci Brandão)



**Leve-se a sério também! Leia e Assine LAMPIÃO:
um jornal sem preconceitos.**

Quero Assinar LAMPIÃO da Esquina!

Assinatura Semestral Cr\$ 250,00
Assinatura Anual Cr\$ 450,00

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas L.T.D.A. — Caixa Postal: 41.031 — Santa Teresinha — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.241.

Figura 21. Fonte: Lampião da Esquina

NUS MASCULINOS 81



LAN CALÇEON PARA PESSOAS DESCONTRAIAS

Quero Assinar LAMPIÃO da Esquina!

Assinatura Semestral Cr\$ 250,00
Assinatura Anual Cr\$ 450,00

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____

Figura 22. Fonte: Lampião da Esquina.

**Não fique aí sentado
esperando a Revolução**



**Tenha um orgasmo agora!!!
Leia e assine LAMPIÃO**

Quero Assinar LAMPIÃO da Esquina!

Assinatura anual (duas edições)
Envio por Cheque Cr\$ 450,00
Impressão Cr\$ 400,00

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas L.T.D.A. — Caixa Postal: 41.031 — Santa Teresinha — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.241.

Figura 23. Fonte: Lampião da Esquina.

Para finalizar, queria destacar que *Lampião* oferecia dois serviços aos leitores para angariar mais dinheiro para se manter: **Utilidade** e **Atendimento postal**. O primeiro surgiu oferecido na edição de nº 25, cuja taxa cobrada pelo anúncio seria de Cr\$ 120,00, e o texto não poderia ultrapassar um total de 20 palavras. O serviço **Utilidade** era destinado a

publicações de anúncios de pessoas que estivessem procurando emprego ou oferecendo empregos a homossexuais. Só foi usado nas edições 27 e 28.

Já o serviço de **Atendimento postal** ocorreria a partir do número 36, como foi publicado na edição 35, mas não vingou. Seria um serviço destinado aos leitores para exporem dúvidas e questões a respeito de doenças venéreas, que seriam respondidas pelo Dr. Antônio Carlos Fonseca, que as responderiam. Assim, o jornal publicaria as perguntas e respostas para esclarecimento de outros leitores que tivessem as mesmas questões.

1.3.6 Rubricas, Charges, cartuns e história em quadrinhos: o humor gráfico em *Lampião*

Por humor gráfico, entendo uma categoria geral de construções iconográficas que apresenta diversos gêneros de linguagens iconográficas, dentre os quais destaco as charges, cartuns, caricaturas, e histórias em quadrinhos (MIANI, 2012, p.39; RIANI, 2002, p.20). Todos estes gêneros pertencem ao humor gráfico e apresentam em comum o elemento do humor.

O humor gráfico aparece em *Lampião*, e, como normalmente se confunde muito charge e cartum, queria destacar que a charge - palavra originada do termo francês *charger*, que significa carga, exagero -, é um texto visual que pode se apresentar só através de imagens ou combinando imagem e texto – utilizado para complementar a informação ou o sentido humorístico da imagem -, e, que possui a capacidade de abordar, de forma condensada e humorada, assuntos do dia-a-dia tecendo uma crítica violenta a um determinado fato, personagem ou acontecimento político, e, por isto, é limitada à uma dada temporalidade onde estes fatos ou personagens se contextualizam, pois, para compreendê-la, faz-se necessário recorrer a esse repertório de informações (ROMUALDO, 2000, p.21). Já o cartum - chamado também em alguns casos de anedota gráfica, tem sua origem do termo inglês *cartoon*, que por sua vez veio do termo italiano *cartone* (cartão), que foi aportuguesado no Brasil pelo cartunista Ziraldo (FONSECA, 1999, p. 26) -, seria uma espécie de caricatura que também mistura imagem e texto, mas não teria emprego jornalístico, por sua atemporalidade, por sua “não referencialidade” com a atualidade e por sua ausência de alusões aos fatos jornalísticos, ao contrário da charge, que carregaria essas características (FONSECA, 1999, p. 26). Camilo Riani (2002, p. 34) enfatiza que o cartum não necessita ter uma relação com fatos reais ocorridos ou com personalidades públicas, e, que o seu objetivo é tecer uma crítica das

manifestações do cotidiano que se repetem ao longo do tempo, satirizando comportamentos em sociedade.

É importante destacar que *Lampião*, da edição zero até a edição de número 2, não contava com elementos do humor gráfico, e, isso só veio a mudar porque na edição de número 1 recebeu uma carta anônima que o recomendava a “Aumentar a frescura”, pois, estava “sério demais. Quase não tem piadas, frescurinhas. Está uma literatura pesada e triste”, e respondeu tal carta reconhecendo que o “número zero ficou mais sério do que pretendíamos. Essa é uma coisa a ser corrigida” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 1, 1978, p. 15). Inicialmente *Lampião* fez uma modificação nos textos para a edição de número 2, cujos textos não estavam mais tão sisudos, porque “quando as 11 pessoas que compunham o conselho editorial resolveram lança-lo, ficou decidido que o jornal poderia renascer, ser renovado a cada número”, e, por isso o jornal “modificou a linguagem séria do nº zero para um tom mais descontraído”, que, no nº dois, provocou cartas contestadoras⁶⁶ de alguns leitores e outras de apoio⁶⁷ (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 2).

Lampião reconhecia então que precisava se tornar menos sério, e que isso não dava para fazer só com os textos, que era preciso humor gráfico, mas tinha problema para fazer isso, pois não se tinha muito espaço no jornal, e por isso estavam esperando “pintarem os anunciantes” para poder “aumentar o número de páginas e jogar mais com ilustrações” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 2, 1978, p. 15). Além disso, nenhum cartunista e chargista havia oferecido colaborar com o jornal para contestar “as fórmulas rígidas do mercado machista e partir para um humor mais descontraído e realmente demolidor” e por isso os desafiou ajudarem *Lampião* com isso (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 2).

Como iria demorar um pouco até surgir um corajoso chargista, Patrício Bisso, aceitou a dar um pouco de humor ao jornal *Lampião* “a desenhar uma série de rubricas – ou selos - para as nossas páginas” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 3, 1978, p. 2).

⁶⁶ “(...) Por favor, gente boa, nada disso! Sem frescura, pois ai cai de novo no ridículo e não leva a nada. Além disso, já está na hora de tomar uma conscientização maior sobre a coisa e tentar entender a própria posição e a posição da sociedade com relação ao fato. Frescura é divertida, é jocoso, coisa e tal - mas na casa do vizinho ou em certos programas de TV. Nunca dentro da família de cada um. Vamos manter a coisa dentro de um limite de seriedade, debatendo, informando, conscientizando, mas as frescuras ficam para o carnaval”. Carlos Schorr. Abrindo as sete chaves. In: **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro nº 2, 1978, p. 14.

⁶⁷ “Sabe, concordo com alguns leitores da seção de cartas, quando dizem que o jornal precisa de mais humor, de mais frescura. Realmente, *Lampião* ainda está muito sisudo. Precisa de mais graça, de mais pena de pavão. Acho que não é difícil conseguir bons colaboradores com charges, cartuns”. Sandra Maria C. de Albuquerque. Mais penas de pavão. In: **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro nº 2, 1978, p. 15.

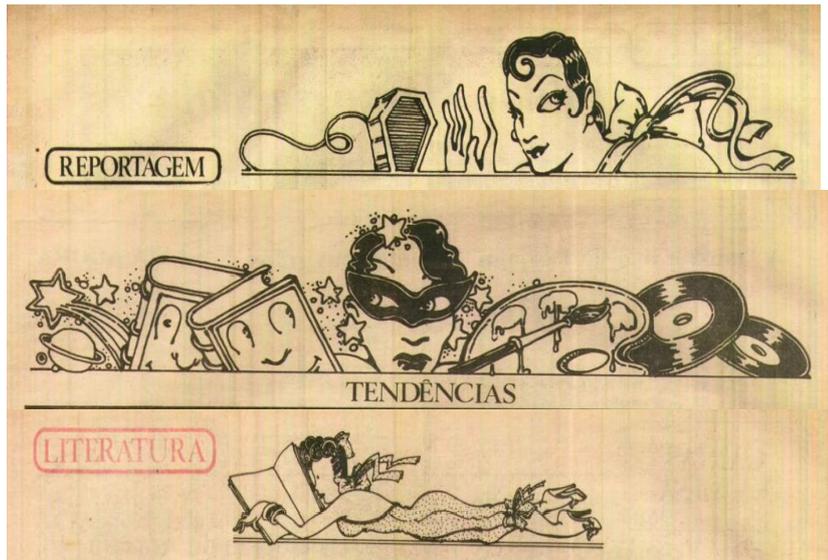


Figura 24. As rubricas/selos/vinhetas de Patricio Bisso. Fonte: Lampião da Esquina.

As rubricas de Bisso, conforme Rodrigues (2007, p. 109), eram “desenhos a bico de pena que remetem ao art nouveau; ilustrações com detalhes, um certo requinte e um pouco de humor”, que apareciam em *Lampião* junto às seções **Reportagem**, **Tendências** e **Literatura** até a edição de número 26 para “dar um certo frescor” ao jornal já que contrastava “com a rigidez da diagramação” (RODRIGUES, 2007, p. 109). Como podemos observar na figura 24, a rubrica da seção **Reportagem** era uma figura andrógina de frente a um microfone; para a seção **Tendência**, era uma outra figura andrógina, se não a mesma, só que em seu entorno tinha livros, discos e paletas de cores; e por fim, na seção **Literatura**, temos uma mulher disposta horizontalmente lendo um livro.

Quanto aos cartuns, *Lampião da Esquina* publicou 5. O primeiro (fig. 25) aparece na edição de número 3, desenhado por Jônio, e brinca com o trocadilho de “viado” e “veado”.



Figura 25. Fonte: Lampião da Esquina, nº 3, p. 5.

O segundo cartum (fig. 26) aparece na edição 4 feito por Rick e que tem o cenário de duas mulheres na cama, que normalmente são vistas como amigas, quando na verdade podem ser um casal.



Figura 26. Fonte: Lampião da Esquina, nº 4, p. 12.

O terceiro cartum (fig. 27) foi publicado na edição 11, por Lublin, que questiona o machismo pois traz o personagem masculino como um herói, o provedor, e que por ter salvado a personagem, se achava no direito de cobrar algo dela, que disse a ele ser lésbica.



Figura 27. Fonte: Lampião da Esquina, Nº 11, p. 11.

O quarto cartum (fig. 28) foi publicado sem identificação no número 11 de *Lampião*. Nele temos uma espécie de arca, onde estão entrando os casais para serem salvos, e vemos um casal de homossexuais masculinos.

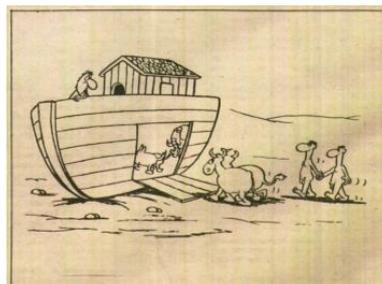


Figura 28. Fonte: Lampião da Esquina, nº 11, p. 6.

O quinto cartum (fig. 29) foi publicado por Bultram na edição 14, e traz o cenário pré-histórico em que temos pelo menos um casal homossexual, o de homens, e duas mulheres questionando o futuro. Poderia interpretar esse cartum como um questionamento ao estereótipo de casais homossexuais, onde um teria que ser mais afeminado e outro mais masculinizado, algo que discutirei no capítulo 3.



Figura 29. Fonte: Lampião da Esquina, Nº 14, p. 6.

Já as charges, a primeira aparece na edição 6 (fig. 30), assinada por Hidelbrando, onde temos Getúlio Vargas próximo da figura de Carmem Miranda, mas ao invés de ter frutas na cabeça, tem o palácio do Catete.



Figura 30. Fonte: Lampião da Esquina, nº 6, p. 16.

E a segunda aparece na edição 8 (fig. 31), publicada por Hélio, onde temos o mesmo personagem homossexual, só que em uma está mais masculinizado e na outra mais afeminado.

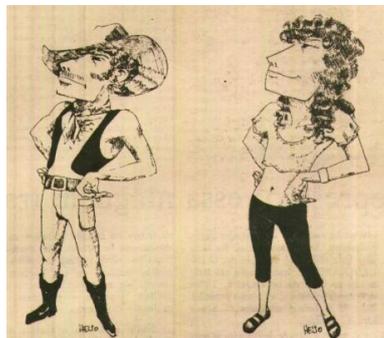


Figura 31. Fonte: Lampião da Esquina, nº 8, p. 8.

Mas foi na edição de número 10 de *Lampião*, que aparecia o chargista que ficou em segundo lugar em publicações de charge no jornal: Hartur. Que foi apresentado aos leitores da seguinte maneira:

Que homem engraçado, meu Deus! Hartur, de 23 anos, é um gaúcho de Porto Alegre. Já colaborou no Coojornal e na Zero Hora, dessa cidade, e agora Lampião lança-o como cartunista a nível nacional. A relação entre pais e filhos, jovens e adultos é um dos seus temas preferidos, além da ecologia, da corrupção etc., etc. Hartur nos promete para o próximo número uma charge sobre as bonecas da Avenida Independência, de Porto Alegre. Agora, meninos, cuidado, se por acaso o encontrarem fazendo pesquisas: Hartur, além de motoca, é faixa preta de judô. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 10, 1979, p. 5)

Hartur publicou suas charges do número 10 até o número 25, contabilizando 15 charges no total⁶⁸. Seus temas preferidos são a relação entre pais e filhos, repressão, economia, exílio, ecologia e corrupção (RODRIGUES, 2007, p. 110). Abaixo apresento duas charges (fig. 32 e 33) dele publicada em *Lampião*.



Figura 32. Fonte: Lampião da Esquina, nº 10, p. 5



Figura 33. Fonte: Lampião da Esquina, nº 15, p. 5

Na edição 21 apareceu Levi, que permanece até o final, podendo ser considerado o chargista do jornal, já que publicou 35 charges⁶⁹. Com Levi a charge passou a fazer parte da matéria, ilustrando na maioria das vezes uma reportagem. Levi abordava temas mais ligados à sexualidade, religião e discussões voltadas às chamadas minorias, principalmente com

⁶⁸ Hartur publicou 15 charges em *Lampião*: uma nas edições de nº 10, nº 11, 13, 14, 22, 23 e 24, e, duas cada nas edições 15, 18, 19 e 25.

⁶⁹ Levi publicou uma charge nas edições de nº 25, 28, 34 e 36; duas nas edições 23, 24, 27 e nº 30; três charges cada nas edições de nº 21, 26 e 31; quatro nas edições 29 e 35, e, seis charges na edição nº 22.

referência temática a pobreza, marginalização do negro, emancipação feminina e violência policial. A seguir apresento duas de suas charges (fig. 34 e fig. 35):



Figura 34, Fonte: Lampião da Esquina, nº 27, p. 3



Figura 35. Fonte: Lampião da Esquina, nº 28, p. 5.

Dentre o total de 58 charges, somente duas não continham assinatura do chargista, e foram publicadas nas edições 31 e 34 de *Lampião da Esquina*. Foram ao todo 4 chargistas identificados: Helio, Hidelbrando de Castro, Hartur e Levi. Hélio publicou em duas edições: a de nº 8 e a nº 13. Hidelbrando, por sua vez, publicou em 3 edições: nº 6, nº 12 e nº 32. Hartur e Levi se destacam como os que mais contribuíram com suas produções, pois juntos publicaram cinquenta das cinquenta e oito charges veiculadas.

Por fim, o humor gráfico tentou estar nos quadrinhos do HQ “Ave Noturna”, que eram de José Carlos Mendes, que não mandou uma identificação sua quando enviou o material para publicação. Então a “única forma de entrar em contato” com ele foi publicando a sua HQ na edição 21 (LAMPIÃO DA ESQUINA, Edição Extra 1, 1979, p. 24)

A HQ Ave Noturna contava a história de um super-herói que protegia os gays que andavam pela cidade à noite. Na sua primeira aparição, como disse na edição 21, a história ocupou uma página inteira do jornal *Lampião* (fig. 36). Nela, um jovem rapaz na noite de Copacabana estava em busca de aventuras amorosas, mas é surpreendido por dois rapazes que

queriam torturá-lo. Estes dois rapazes obrigam o jovem a se despir, e, depois de iniciar a tortura, são surpreendidos com a chegada do herói, que os reconhece de outros episódios de discriminação. Eles fogem e o herói Ave noturna ajuda o rapaz a se vestir, e, ao invés de mostrar sua superioridade, diz ao jovem que ele precisa aprender a se defender sozinho e que ele pode ser corajoso, bastando apenas querer (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 21, 1980, p. 13).



Figura 36. Fonte: Lampião da Esquina.

Já na sua segunda aparição, no número 22, Ave Noturna ocupou apenas meia página de *Lampião da Esquina* (fig. 37). Desta vez a história se passa na saída do cinema Íris, onde os policiais prendiam os frequentadores, principalmente os travestis, mesmo portando documentos para não serem apreendidos por “vadiagem”. Mas os policiais não se importaram com isso e continuaram a coloca-los nos camburões pelo fato de serem “viados”, até que chegou o herói Ave noturna dizendo que o que eles estavam fazendo era ilegal. Os policiais vão embora e o herói fala para as pessoas que estavam sendo presas que elas precisam aprender a lutar (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, nº 22, p. 17).



Figura 37. Fonte: Lampião da Esquina.

Na sua terceira e última aparição, na edição 23, a HQ Ave Noturna também ocupou somente metade da página (fig. 38). Nesta última história, ambientada em Ipanema, dois rapazes tentam assaltar um homem, chamando-o de “boneca”, que diz não ter dinheiro. Eles então falam para ele tirar a roupa, mas antes disso chega o Ave Noturna que os impede de realizar o assalto. Um dos bandidos era o “Mão branca” (um personagem inventado pela imprensa da época para dizer que era ele quem agredia os homossexuais). A história termina com Ave Noturna levando os bandidos para a polícia (LAMPÃO DA ESQUINA, nº 23, 1980, p. 17).

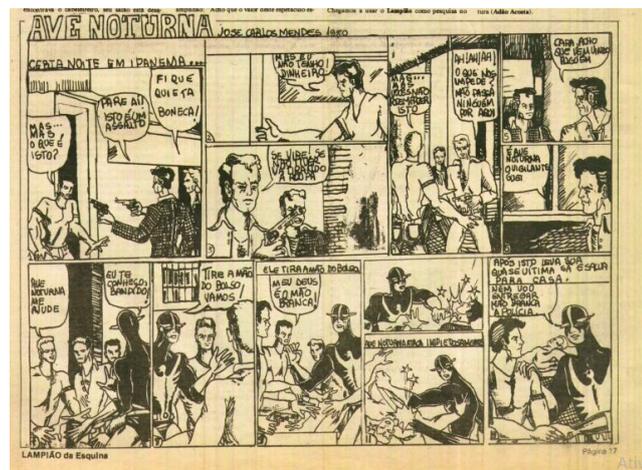


Figura 38. Fonte: Lampião da Esquina

Heeren (2011) chama a nossa atenção para que vejamos as histórias em quadrinhos como tendo uma função de entretenimento, de lazer, mas também uma função mítica, pois “são capazes tanto de alienar como de conscientizar por sua relação com a realidade social” (HEEREN, 2011, p. 124). Após ler as três edições do Ave Noturna, considero que ele conseguia abarcar a dimensão de divertimento, mas também “desenvolvia no leitor uma visão crítica da sociedade e de si mesmo”, pois ao se criar um vigilante gay para protagonizar as histórias, o autor se aproximou da estética hollywoodiana, mas transportou para o universo gay uma forma invertida da ideologia propagada pelos norte-americanos, pois ele não é “um super-herói que instaura uma relação paternalista de dependência”, que é o que fazem os heróis americanos, já que os problemas só são resolvidos pelo socorro urgente que ele proporciona. Pelo contrário, Ave Noturna é um super-herói que “exerce o papel de conscientização com sua abordagem anti-paternalista” (HEEREN, 2011, p. 127-128).

Infelizmente, Ave Noturna ou não agradou os leitores ou o conselho editorial de *Lampião* simplesmente parou de publicá-lo. Não consegui encontrar nenhuma carta ou qualquer outro texto nem elogiando nem protestando pelo seu desaparecimento.

1.4) SAINDO DO GUETO⁷⁰

(...) é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua experiência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (LAMPPIÃO, nº Zero, 1978, p. 2)

Em consonância com Júlio Assis Simões e Isadora Lins França (2005), considero que “gueto” homossexual faz referência aos espaços sociais urbanos públicos ou comerciais compartilhado por sujeitos homossexuais, onde podiam assumir, com relativa tranquilidade, a sua sexualidade, como parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas e saunas. O “gueto” dessa forma, desempenhava um papel importante na medida em que proporcionava um ambiente de contatos no qual as pressões da estigmatização da homossexualidade fossem momentaneamente afastadas ou atenuadas. Ou seja, o “gueto” não somente ampliava a oportunidade de encontrar parceiros e viver experiências sexuais, mas também podia contribuir decisivamente para reduzir os sentimentos de desconforto e culpa em relação à própria sexualidade, reforçando a auto-aceitação do desejo e, eventualmente, a disposição para “assumi-la” em âmbitos menos restritos (SIMÕES; FRANÇA, 2005).

Por outro lado, os guetos faziam com que os homossexuais se distanciassem do resto da sociedade, e vivessem às margens, pois os homossexuais que se estabeleciam nesses locais por lá permaneciam fazendo o que queriam, mas tudo às escondidas, marginalizados. Deste modo, acredito que a saída do gueto parecia ser uma das principais preocupações do *Lampião*, que estava interessado em encarar o desafio de, enquanto uma publicação gay, assumir a luta para que todos os homossexuais fossem aceitos para que pudessem vivenciar sua sexualidade onde e quando quisessem.

De todo modo, *Lampião* não queria obrigar ninguém a “sair do armário”, como fica claro na nota que publica para justificar o porquê de não ter publicado ainda uma matéria sobre os “segredos do futebol”, pois depois de “redigi-la, ficou bem claro que não poderíamos publicá-la sem entrar num clima de “entregação” que não é o nosso”, ou seja, ficava intacta a promessa inicial do jornal: “respeitar os direitos de quem quiser continuar enrustido” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 1, 1978, p.15).

⁷⁰ Título extraído do texto homônimo publicado na seção Opinião da edição nº 1, abril de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

Mas, como o *Lampião da Esquina* mesmo aponta e reivindica em nome da minoria, ele não queria só se assumir e ser aceito, mas resgatar a

condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. Para isso estaremos mensalmente em todas as bancas do país, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. (LAMPIÃO, nº zero, 1978, p. 2)

Enfim, *Lampião da Esquina* defendia a necessidade de romper com o isolamento social que os guetos provocavam, e, por consequência, conseguir uma integração plena dos sujeitos homossexuais à sociedade, porque o gueto se “por um lado era interessante enquanto ponto de encontro, por outro não refletia, não teorizava e nem polemizava a questão, somente a folclorizava” (MATTOSO *apud* SILVA, 1998, p. 399).

A seguir discorro sobre a circulação e distribuição de *Lampião*, afim de demonstrar que ele saiu do gueto carioca e se espalhou pelo Brasil, bem como apontar que a saída do gueto também passou pela feitura dos laços com as outras minorias: negros, índios e mulheres.

1.4.1 Circulação e distribuição

Para o financiamento do jornal, “nove dos onze idealizadores iniciais se cotizaram para criar uma editora de capital fixo. Resolveram também tentar arrecadar dinheiro através de uma carta endereçada a 12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil” (MACRAE, 1990, p. 71). Não sei informar o nome dos 9 editores de *Lampião* que cotizaram, mas o nome da editora que criaram foi “Esquina”, que publicava livros, jornais e revistas, cuja sede ficava no bairro Santa Teresa, Rio de Janeiro. Vale destacar que *Lampião da Esquina* era uma publicação da Esquina – Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda., mas era impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A., também localizada no Rio de Janeiro.

O dinheiro arrecadado financiou as duas primeiras edições de *Lampião da Esquina* (MACRAE, 1990, p. 72), edição de nº Zero e de nº 1, com 16 páginas cada, que teve distribuição restrita ao Rio de Janeiro, por não contar ainda com a distribuição em outros locais.

A primeira edição do jornal *Lampião da Esquina*, a edição experimental de número 00 (zero), não foi comercializada, mas entregue na casa de cinco mil pessoas aleatórias “sem

distinção de credo, raça ou preferência sexual” (LAMPPIÃO, 1978, p. 9.). Essas pessoas foram escolhidas pelos membros do Conselho editorial, ficou restrita ao Rio de Janeiro, entregue na casa de alguns escolhidos, e, protegida por um envelope de papel pardo para não comprometer a quem o recebesse (RODRIGUES, 2007, p. 67), pois nem todos os destinatários eram homossexuais, e, os que eram não poderiam ter exposto publicamente as suas relações homoeróticas ou iriam querer tê-la exposto. Além do mais, poderiam ser para heteros que manifestavam algum tipo de apoio e que queriam se informar, mas tinham receio de serem identificados ou associados como e com os homossexuais ou com a homossexualidade. Assim, o papel pardo poderia ser interpretado como uma garantia de discrição e sigilo dos compradores, além, de atestar a dificuldade que alguns tinham de serem vistos como homossexuais. Esclarecer melhor.

A partir do nº Zero, *Lampião da Esquina* já disponibiliza para os futuros interessados a possibilidade de continuarem recebendo o jornal em casa, através da assinatura, bastando apenas enviar um cheque ou um vale postal endereçado à editora Esquina. Essa opção foi válida para a edição de nº 1 até o último número do jornal, a edição de nº 37. Todavia, foi a partir da edição de nº 3 que os leitores menos tímidos poderiam contar com a opção de comprar *Lampião* em algumas bancas de jornais e revistas por Cr\$, 15,00, e com uma assinatura anual (doze números) de Cr\$ 180, 00. A assinatura no exterior custava o valor de US\$ 15. Esse valor constou até a edição de número 8. Da edição número 9 até a edição 12 o valor do jornal passou para Cr\$ 18,00, e, a assinatura anual para Cr\$ 210,00. A assinatura para o exterior manteve o mesmo valor de US\$ 15. A partir da edição nº 13 até a de nº 17 o valor do jornal passou a ser de Cr\$ 20,00, e, a assinatura anual Cr\$ 230,00. Vale destacar que A partir do nº 18 até o nº 22, a assinatura do jornal passou a ser de Cr\$ 25,00, a assinatura anual Cr\$ 250,00. Foi na edição de número 18 que começaram a vender os números atrasados por Cr\$ 30,00. A assinatura para o exterior se manteve com o valor de US\$ 15. Já na ed. nº 23, o valor de *Lampião* era de Cr\$ 30,00, e, a assinatura anual de Cr\$ 300,00. Os números atrasados passaram a ser comercializados por Cr\$ 35,00, e, a assinatura para o exterior passou a ter o valor de US\$ 25,00. Na edição 24, houve um aumento do valor da assinatura anual que passou a ser de Cr\$ 360,00, e, dos números atrasados que passou a ser de Cr\$ 40,00. Esses valores duraram até a edição 26, pois da edição 27 até a 31, o valor de *Lampião* passou a ser Cr\$ 40,00, a Assinatura Anual Cr\$ 450,00, e, os números atrasados Cr\$ 50,00. Assinatura para o Exterior foi a única que não teve aumento e continuou sendo US\$ 25,00. Na edição 32 e 33, o valor do jornal e da assinatura para o exterior se mantiveram, mas a assinatura anual subiu para Cr\$ 600, e, os números atrasados para Cr\$ 60. O número 34 de *Lampião* passou a ser

comercializado por Cr\$ 50,00, e, os números atrasados a Cr\$ 70,00. A assinatura anual e para o exterior foram mantidas com o mesmo valor. A edição 35 manteve o valor do jornal por Cr\$ 50,00, a assinatura para o exterior por US\$ 25, e, o número atrasado por Cr\$ 70,00, mas passou a oferecer a assinatura anual em envelope fechado por Cr\$ 850,00, ou, como impresso normal, por Cr\$ 600,00. Já os números 36 e 37 de *Lampião*, foram mantidos todos esses valores, com exceção do valor da edição, que passou a ser de Cr\$ 60,00.

Vale salientar que *Lampião* só começou a ser distribuído para além da cidade Rio de Janeiro a partir da edição de nº 3, quando passou a ser comercializado nas cidades de São Paulo (SP), Recife (PE), Salvador (BA), Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG) e Porto Alegre (RS). Já na edição de nº 9, o jornal chegou também às cidades de Joinville (SC), Teresina (PI), Curitiba (PR) e Manaus (AM). Na edição 14, o jornal passou a ser comercializado também na cidade de Vitória (ES). O nº 22 chegou também às cidades de Campos (RJ), Jundiaí (SP), Campinas (SP), Ribeirão Preto (SP), Juiz de Fora (MG), Londrina (PR), Brasília (DF), Goiânia (GO) e Fortaleza (CE). A partir da edição de nº 30, *Lampião* também foi distribuído nas cidades de Divinópolis (MG), Maceió (AL), João Pessoa (PB) e Campina Grande (PB)⁷¹.

Por fim, vale destacar que a circulação do jornal *Lampião* só ocorreu nacionalmente devido a algumas distribuidoras que foram convencidas a fazer sua comercialização, pois como *Lampião da Esquina* era considerado pornografia por muitos vendedores, não era possível encontrá-lo em qualquer banca, mesmo entre aquelas que já vendiam outros jornais alternativos, e, se ainda assim o encontrássemos, ele dificilmente estaria exposto, mas sim escondidos em alguma parte da banca de jornal (SANTOS, 2017, p. 15). Aguinaldo Silva, no artigo “Aguinaldo Silva lembra sua saga na imprensa alternativa, incluindo o primeiro jornal gay do país”, publicado por Mauricio Meireles, do jornal *O Globo*, em 2015, deixa isso muito claro ao afirmar que devido a “empresa distribuidora ser dominada por italianos machistas”, não quiseram “nem saber do primeiro volume do periódico - definido como ‘jornal de viado’”, e, vale ressaltar que o “primeiro número era gratuito. E nem de graça os jornalheiros queriam!” (MEIRELES, 2015).

Assim, tendo o objetivo de não deixar que os nomes dessas corajosas distribuidoras caíssem no esquecimento, destaco os nomes de cada uma e onde atuavam. No estado do Rio, a distribuição era realizada em 2 cidades: na cidade do Rio de Janeiro pela

⁷¹ Estes dados foram retirados das páginas de nº 2 das edições do jornal LAMPIÃO onde se encontravam as informações de quem compunha o conselho, quem eram os redatores e colaboradores, locais de distribuição, entre outras coisas.

Distribuidora de Jornais e Revista Presidente, e na cidade de Campos, pela distribuidora R. S. Santana; em São Paulo também ocorria a distribuição em três cidades: na capital pela distribuidora Paulino Carcanhetti, em Jundiá pela Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda., e em Ribeirão Preto pelo Centro Acadêmico de Filosofia; no estado de Pernambuco, era em Recife que eram distribuídas as edições pela Livraria Reler; na Bahia, a distribuição acontecia em Salvador pela Literarte – Livros, Jornais e Revistas Ltda.; no estado de Santa Catarina, *Lampião* era distribuído em duas cidades: Florianópolis e Joinville, pela distribuidora Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; em Minas Gerais a distribuição ocorria na capital Belo Horizonte pela Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., e depois a partir da edição nº 22 na cidade de Juiz de Fora pela Ercole Caruzzo & Cia Ltda., e a partir da edição de nº30, na cidade de Divinópolis pela distribuidora Agência Souza; no Rio Grande do Sul a distribuição ocorria em Porto Alegre pela Coojornal; em Piauí, na capital Teresina pela Livraria Corisco; no estado do Paraná, a distribuição era em duas cidades: na capital Curitiba pela Ghignone e Cia. Ltda., e em Londrina, pela Livraria Reunida Apucarana Ltda.; em Goiás, ocorria em Goiânia, pela distribuidora Agrício Braga & Cia. Ltda.; no Espirito Santo, na capital Vitória pela Nórbin Distribuidora de Publicações Ltda.; em Sergipe ocorria a distribuição em Aracaju pela distribuidora Welington Gomes de Andrade; em Alagoas, na capital Maceió pela Gosivan R. de Gouveia; no estado de Paraíba ocorria em duas cidades: na capital João Pessoa pela distribuidora Henrique Paiva de Magalhães, e, na cidade de Campina Grande, pela Livro Sete, Empreendimentos Culturais Ltda., e, no Distrito Federal a distribuição ficava ao encargo da distribuidora Anazir Vieira de Souza.

Enfim, *Lampião da esquina* então circulou por 14 estados e mais o Distrito Federal, e, isso pode ser comprovado olhando os locais de distribuição assim como os endereços das pessoas que escreviam para a seção *Cartas na Mesa* do jornal. Só não atingiu mais lugares por resistência dos jornalheiros em comerciá-lo, sob o argumento de que se tratava de pornografia, uma afronta à moral e aos bons costumes, um escândalo (SANTOS, 2017, p. 90).

1.4.2 “Nossas gaiolas comuns”⁷²

As lutas comuns das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros - categorias historicamente silenciadas - têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo deste processo. Estas lutas

⁷² Título extraído de notícia homônima publicada na seção Opinião da edição nº 1, 25 de maio a 25 de junho de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária, é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autoreconhecimento tentando afirmar-se como sujeitos de sua própria história. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 1, 1978, p. 2)

O excerto acima me ajuda a pensar nas relações forjadas pelo jornal, que tentou ser um veículo de comunicação para a expressão de sujeitos historicamente silenciados na grande imprensa, e também na imprensa alternativa: homossexuais, negros, índios e mulheres. Apesar de todas as diferenças que tais grupos poderiam ter, *Lampião* propunha que

cada uma das categorias deveria ter bem claro como se autodefine e como este enunciado dos atributos essenciais e específicos que a tornaram inconfundível, ao mesmo tempo a relaciona com outras categorias sociais. Isto não significa um isolamento das várias categorias ou grupos fechados em si mesmos em busca apenas de sua identidade sexual (nesta sociedade nossas identidades são múltiplas), mas sim uma reflexão prévia a qualquer discussão mais geral, única maneira de reconhecer claramente os seus objetivos e interesses e que papel eles podem desempenhar, ou desempenham, na luta mais ampla pela desigualdade social. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 1, 1978, p. 2).

Estou convencido de que esta ideia de juntar as minorias correspondia a uma maneira de fortalecer e de tirar os homossexuais de um gueto específico, pois levar a sério a questão das “bichas” era mais difícil do que dar crédito, por exemplo, à questão dos negros e dos índios, que já tinham certo apoio dentro da academia.

E como se deu essa união entre tais grupos minoritários em *Lampião*? Bem, de início houve resistência tanto das mulheres quanto dos negros em participarem de um jornal voltado para homossexuais, até porque cada um desses grupos tinha suas próprias pautas, como a questão do machismo, do feminismo e do racismo (ANDRADE, 2015). Mas, mesmo assim, poderiam se unir contra inimigos comuns: a discriminação, a opressão e o silenciamento histórico. Por isso *Lampião* defendia que deveria “ir de encontro a todos os setores marginalizados que, oportunisticamente ou não, foram atirados à lata de lixo da História” (TREVISAN, 1978, p. 5). Assim, desde o início, *Lampião da Esquina* “convocava a colaboração de representantes de outros movimentos sociais” para que cada um deles conduzisse as questões ligadas a eles, para que se evitasse “uma visão considerada estigmatizada dos problemas específicos ligados a cada segmento. Assim, os negros deveriam falar sobre o racismo; as mulheres sobre a situação da mulher; as lésbicas sobre homossexualismo feminino etc.” (ANDRADE, 2015, p. 92-93)

1.4.2.1 Mulheres

As mulheres foram o grupo que mais resistiram a ter presença no jornal. Aguinaldo Silva explicou a ausência delas no artigo “Mulheres do mundo inteiro”, dizendo que “convites não faltaram, no entanto, os mesmos foram recusados”, e, colocava que mesmo assim “nossas colunas continuavam à disposição” (SILVA, 1978, p. 5). Assim, antes delas entrarem para o time de *Lampião*, artigos que diziam respeito a elas foram publicados timidamente, por pessoas que não falavam por elas, mas como reprodução de falas delas em outros locais que ganhavam voz. Na edição zero, por exemplo, temos o artigo “Receita para ter um filho”, sem assinatura, que fala de inseminação artificial para mulheres homossexuais⁷³. Na edição 1 temos os artigos “Feministas com a palavra”, onde o jornal publica trechos da fala da feminista Heleieth Saffioti rebatendo a entrevista do jornal *Movimento* com o sociólogo José de Souza Martins⁷⁴; e, “O amor entre mulheres”, que faz a divulgação do livro *Amor entre mulheres*, que fala das lutas e frustrações das homossexuais e tenta esclarecer sobre o assunto utilizando alguns cientistas⁷⁵. Mas é na edição 3 que temos um artigo assinado por uma mulher, A doença infantil do machismo, de Zsu Zsu Vieira, que trata da questão da virilidade masculina e da repressão às mulheres⁷⁶; e a primeira entrevista com uma mulher, a atriz Norma Bengell, que fala de sexismo e do machismo do diretor da novela *Daniel Filho*⁷⁷. Apesar de ter mais 4 textos sobre o mundo feminino⁷⁸, eles também não foram escritos por mulheres, e, isso só volta a ocorrer na edição de nº 9, com o texto “Mulheres do mundo inteiro...”, de Leila Miccolis, que fala das melhores coisas de 78 – criação do *Lampião* e lançamento do Relatório Hite – e da questão sexual das e para as mulheres⁷⁹.

Todavia, foi a partir da edição número 10 que as mulheres começaram a fazer parte do jornal, e, assim foi com ele até a edição 37. Na edição de nº 11, com o título “Extra! Mulheres chegam pra ficar”, Aguinaldo Silva comemorava a invasão delas e explicava que propositalmente era “grosseiro com as mulheres, com um objetivo bem concreto: eu queria

⁷³ Receita para ter um filho. *Lampião*, 1978, nº Zero, p. 4.

⁷⁴ SILVA, Aguinaldo. Feministas com a palavra. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 1, p. 8.

⁷⁵ SILVA, Aguinaldo. O amor entre mulheres. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 1, p. 13.

⁷⁶ VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 3, p.2

⁷⁷ Norma Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada): “Eu não quero morrer muda”. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 3, p. 8-9.

⁷⁸ ACOSTA, Adão. Um arco-iris desbotado. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 3, p. 12.

TREVISAN, João Silvério. Minorias e a política. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 5, p. 6.

BITTENCOURT, Francisco. Shere Hite: machismo às avessas. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 7, p. 2.

CARNEIRO, João. "Mulheres da vida". *Lampião da Esquina*, 1978, nº 7, p. 12.

⁷⁹ MICOLLIS, Leila. Mulheres do mundo inteiro... *Lampião da Esquina*, 1978, nº 9, p. 4.

sacudi-las” (SILVA, 1979, p. 2). De todo modo, as provocações de Aguinaldo surtiram efeito, e, a partir de então, elas começaram a ganhar espaço no jornal, que “até agora, não tinha publicado nada de importante sobre as mulheres”, porque “fazê-lo sem que elas se decidissem a invadir o jornal e ocupá-lo, seria adotar a mesma atitude paternalista da sociedade em que a gente vive, que está sempre dizendo o que as mulheres devem (não) pensar e (não) fazer” (SILVA, 1979, p. 2).

Dentre os 78 textos publicados sobre mulheres, contabilizei 29 sobre feminismo, criticando o machismo, o comportamento sexual, sugerindo filmes com viés feminista, narrando encontros dos grupos feministas, o direito ao corpo, ao prazer, a liberdade sexual, o direito ao aborto, violências física e sexual; 41 textos que tratavam de coisas relacionadas ao mundo das mulheres, como entrevistas com mulheres famosas, feminilidade, assédio, assassinato, capacidade para o trabalho e aborto; e, 8 textos discutiam sobre: inseminação artificial, repressão da homossexualidade, teorias sobre a homossexualidade feminina etc.⁸⁰.

Queria chamar a atenção para duas questões. A primeira diz respeito à homossexualidade feminina, que teve poucas publicações em *Lampião*, e que pode ser justificada por ser uma temática bastante cara a tais mulheres, pois ser lésbica implicava em uma dupla repressão, na medida em que combinava pelo menos duas formas de discriminação: ser mulher e ser homossexual (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 7). Além, é claro, de ser um jornal que as mulheres homossexuais “hesitavam em aderir” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 24, 1980, p. 14), e daí ter poucos textos, já que o jornal tinha como princípio não falar por elas.

A outra questão que queria levantar é que quando *Lampião* discutia em suas páginas sobre o machismo, buscava demonstrar como ele ainda estava presente na nossa sociedade e como este “era um importante elemento de opressão das mulheres, seja através da recusa do direito ao prazer para estas, do abuso sexual, da violência física e do descaso da justiça quanto aos crimes sofrido por mulheres” (ANDRADE, 2015, p. 110).

1.4.2.2 Negros

Foi a segunda temática que mais apareceu em *Lampião da Esquina*. Começando a ter textos circulando já na edição de número 1, ao todo, foram publicados 33 textos sobre os negros. Assuntos sobre os negros pararam de aparecer na edição 33. Dentre os textos

⁸⁰ No Anexo Temáticas, irei disponibilizar o nome dos artigos e as edições que eles circularam.

publicados, temos um artigo que tratava da falta de visibilidade deles na imprensa, principalmente por ela não cobrir a comemoração dos 90 anos do fim da escravatura⁸¹.

Lampião terá também artigos muito interessantes que refletem sobre a discriminação racial. Um deles, intitulado “Contra a discriminação”, trata especificamente, da discriminação nas publicidades. Neste texto, os publicitários são acusados de demonstrarem para a “maioria da população brasileira (que é negra) que ela só pode se identificar com garis, empregadas domésticas, pipoqueiros, e quando ela tiver ascensão social tem que se portar como um negro africano ou americano”, deste modo, “a propaganda, fator importante na mudança dos hábitos da população, tem cumprido até agora um papel não apenas alheio à realidade do negro; tem cumprido uma missão de preservar a história da discriminação do negro” (GARCIA FILHO, nº 17, 1979, p. 3)⁸².

Outros textos sobre discriminação racial são “Lecy Brandão vai à luta contra o racismo”⁸³, que fala da discriminação sofrida pela cantora Lecy e sua mãe ao serem confundidas como empregadas domésticas na entrada social do Prédio Portal do Parque, situado na rua Dr. Otávio Kelly, na Tijuca; e, o texto “Os negros vão ao paraíso?”⁸⁴, que fala do caso de uma advogada que teve que se submeter a entrar no edifício pela porta de serviço (quase sempre destinada às empregadas, que majoritariamente são negras), e que resolveu usar a Lei Afonso Arinos, mas nada aconteceu a seu favor.

Ainda sobre discriminação racial, *Lampião* tem mais dois outros textos, que de certa forma estão articulados, por tratarem de uma mesma questão, a da teoria da harmonia racial, de Gilberto Freyre. No texto “E se Gilberto Freyre também fosse negro?”⁸⁵, de Jorge Schwartz, se questiona um texto que saiu no *Folha de São Paulo* de Gilberto Freyre falando sobre a harmonia racial brasileira. Schwartz no seu texto afirma que Freyre só defende tal questão porque escreveu o texto de dentro da casa grande e não da senzala, e menciona um caso de discriminação que ocorreu com dois homens negros e dois mulatos homossexuais na boate 266 West, de São Paulo, para comprovar que a teoria de Freyre estava equivocada. O segundo texto, “Qual é o lugar deles? Um garçom escreve ao “Dr. Gilberto Freyre”⁸⁶, de Ivan Santos, é uma crítica de um garçom negro, que no Brasil, segundo ele, é considerado mulato, discordando da harmonia racial defendida por Freyre, e dando o exemplo de que, em

⁸¹ SILVA, Aguinaldo. Gente negra é puro folclore. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 1, p. 8.

⁸² GARCIA FILHO, Januário. Contra a discriminação. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 17, p. 3.

⁸³ MOREIRA, Antônio Carlos. Lecy Brandão vai à luta contra o racismo. *Lampião da Esquina*, 1980, nº 28, p. 5.

⁸⁴ TREVISAN, João Silvério. Os negros vão ao paraíso? *Lampião da Esquina*, 1980, nº 18, p. 2.

⁸⁵ SCHWARTZ, Jorge. E se Gilberto Freyre também fosse negro? *Lampião da Esquina*, 1979, nº 13, p. 2.

⁸⁶ SANTOS, Ivan. Qual é o lugar deles? Um garçom escreve ao “Dr. Gilberto Freyre. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 15, p. 13.

restaurantes finos, não se tem nem a presença de garçons negros: conclui pedindo que ele saia de sua casa grande e vá até a senzala para que ele consiga provar a existência da harmonia racial.

Por fim, temos mais 3 textos que falam sobre discriminação racial. No texto “Fala o Movimento Negro Unificado”, temos uma fala do Movimento, afirmando que a polícia tem um papel importante na manutenção do sistema porque ela reprime, assim como a TV, que demonstra a violência; critica a política mentirosa que tenta esconder, através do mito da democracia racial, um racismo institucionalizado, concluindo que “a suposta superioridade branca é a base de uma ideologia racista que vem atingindo fundamentalmente o negro, justificando sua marginalização política, social e econômica”. Já no texto “Negros: as vítimas da ‘vadiagem’”, Rubem Confete critica a prisão cautelar pois o negro que nunca teve poder de reivindicação e decisão, que é considerado coisa, ser enquadrado em vadiagem, não custaria nada; e, conclui que “O negro continuará sendo a principal vítima de um país onde nunca pediu para nascer, mas de que se tornou o principal construtor”, e que “se faz urgente uma profunda reflexão honesta, imparcial e descompromissada psicologicamente, do Poder Público, para que, talvez um dia, até quem sabe, o negro adquira a condição de homem brasileiro” (CONFETE, 1980, p. 11). E o texto de Antônio Carlos Moreira, “Uma lei branca”, que aborda a história da lei Afonso Arinos e a analisa; concluindo que

desde sua criação, várias pessoas foram autuadas com base nos vagos artigos desta ilusória lei e, pelo que se sabe, raros foram os casos onde sua eficiência fosse confirmada, ficando seus infratores livres de qualquer punição e prontos para novas e audaciosas investidas discriminatórias e racistas. Resta aos negros e aos seus movimentos jogar na lata de lixo este conjunto de artigos e parágrafos apócrifos que além de humilhar sua raça, só serviu para promover seu criador, um branco, e unidos lutarem não por uma mera formalidade legislativa, mas sim a efetiva igualdade de direitos entre brancos, pretos, amarelos, vermelhos, azuis e seres de qualquer outra cor. As manobras históricas de uma Lei Áurea ou de uma Afonso Arinos tem de ser desmascaradas e postas abaixo” (MOREIRA, 1980, p. 5)

Um dos outros temas que aparece é o movimento negro. Na reportagem “E o negro, é “beautiful”?”⁸⁷, publicada na edição 14, critica a atitude dos negros que continuam calados, e expõe alguns dos motivos para isso: a adoção pelas classes dominantes das ideias de Gilberto Freyre segundo as quais “não existe racismo no Brasil”; os negros perderam a noção da sua força real pelo recenseamento não ser mais feito; ausência de bibliografia adequada sobre o negro brasileiro e sobre a África Negra; além disso, setores da classe média negra é que falam

⁸⁷ E o negro, é “beautiful”? **Lampião da Esquina**, 1979, nº 14, p. 8.

por todos os negros. Outro texto que trata da temática é o “Movimentos negros”⁸⁸, de João Carlos Rodrigues, que critica a preferência pelo *PASQUIM* ao *Lampião* pelos representantes das entidades negras para discutir os seus problemas; da divisão existente dentro do movimento negro devido aos egos, e, das posições do Movimento Negro Unificado, do IPCN, do SINBA e da escola de samba Quilombo.

Por fim, temos 3 entrevistas: a com Clóvis Moura, na qual ele fala sobre racismo e a criação do Movimento Negro Unificado⁸⁹; a da atriz Zezé Motta - que fala sobre a vida pessoal, profissional, feminismo, movimento negro e poder guei⁹⁰ -; e, a de Abdias Nascimento - que reflete sobre o movimento negro, o que seria o estado quilombola, lei Afonso Arinos e sobre a discriminação⁹¹.

Outra temática que aparecerá sobre os negros diz respeito sobre a cultura deles. Os primeiros a tratarem disso foram Antônio Chrysóstomo, Celestino e João Carlos Rodrigues, cujos textos foram publicados na edição de nº 15. Chrysóstomo em seu texto “Solano Trindade, um testemunho”⁹², fala de Solano como precursor dos movimentos de arte e da conscientização negra. Já Celestino, em “Qual é o lugar deles? Longe daqui, aqui mesmo: um negro escreve de Paris”⁹³, Celestino fala um pouco de sua vida, fala da história do choro, fala do artista negro bem-sucedido que é aceito na sociedade, fala do artista na Europa, e, dos problemas do negro no Brasil. E, no texto “A noite da palavra negra”⁹⁴, João Carlos Rodrigues, fala de um evento homônimo ao título dado a matéria, organizada pelo ator Zózimo Bulbu, onde foram lançados obras de autores negros, destacando que “Politicamente foi o primeiro ato público badalado da comunidade negra carioca” porque contou “com representantes tanto da elite cultural (os atores e escritores) como de personagens importantes da hierarquia do candomblé (Mestre Didi), da história do samba (Aniceto) e da militância política (Abdias) - além dos simpatizantes brancos” (RODRIGUES, 1979, p. 13).

Depois temos os texto “No Quilombo o samba é pra valer”⁹⁵, que menciona a história de formação dos quilombos; fala da história do samba e das escolas de samba até 1976, e, da consciência do sambista e da falta de anistia para o favelado; “Cinco aspectos da cultura afro-

⁸⁸ RODRIGUES, João Carlos. Movimentos negros. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 17, p. 2.

⁸⁹ SILVA, Aguinaldo & TREVISAN, João Silvério. A praça é dos negros. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 4, p. 6.

⁹⁰ Zezé Motta, negra e mulher-bicha. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 19, p. 11.

⁹¹ Qual é o lugar dos negros no Brasil? Abdias responde. *Lampião da Esquina*, nº 15, 1979, p. 10-13.

⁹² CHRYSÓSTOMO, Antônio. Solano Trindade, um testemunho. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 15, p. 13.

⁹³ Celestino. Qual é o lugar deles? Longe daqui, aqui mesmo: um negro escreve de Paris. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 15, p. 14.

⁹⁴ RODRIGUES, João Carlos. A noite da palavra negra. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 15, p. 13.

⁹⁵ CONFETE, Rubem. No Quilombo o samba é pra valer. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 17, p. 15.

brasileira”⁹⁶, de João Carlos Rodrigues, que fala da peça de teatro (Sortilégio), um disco (Clementina de Jesus), um grupo de dança (OLORUN BABA MIN), uma novela (A descoberta do frio) e um jornal (O Sinba) - todos feitos por negros brasileiros; e, “Dia 31, todo o mundo na praia: Axé!”⁹⁷, de Mirna Grzich, que inicia falando que a unidade dos negros foi mantida pela cor e pela memória coletiva, e, sobreviveram, pela resistência cultural da sua religiosidade, e, é na questão dos cultos afro-brasileiros que o texto irá aprofundar.

Ainda sobre a questão da cultura negra, temos mais 2 textos, e, ambos de Celestino. No primeiro, “Arte negra em Paris, Celestino fala da inauguração em Menllmontant, em Paris, do Ensemble Culturel (Antilhano/e Africano) – Teâtre Noir (Conjunto/Centro Cultural Teatro-Negro), a cargo do diretor-teatral e ator negro antilhano Benjamin Jules-Rosette, que teve uma exposição de pintura e a participação de vários grupos musicais, entre os quais o grupo negro-brasileiro Sacy Pererê, com Sorriso, Dusty, Zé Mané e Rafael; aponta que boa parte da imprensa francesa recebeu muito mal a criação do Conjunto Cultural, como o jornal sensacionalista France Soir, e, o Figaro Magazine, porta voz da Nova Direita, por criarem um gueto. E no segundo, “Um carnaval negro no Havre”, Celestino aborda o “Junho nas Ruas”, promovido pela Casa da Cultura, da Prefeitura do Havre, que contou como uma das atrações o grupo negro de artistas residentes na França - Sacy Pererê.

1.4.2.3 Ecologia

Entre as questões ligadas às minorias, a dos ecologistas teve pouca visibilidade em *Lampião*. A temática aparece na edição número Zero com o texto “Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos”, sem autoria, que tratava sobre os direitos dos animais⁹⁸. O segundo texto sobre a temática foi publicado por Darcy Penteado e tinha como objetivo conscientizar sobre a preservação da natureza ilustrando com algumas catástrofes⁹⁹. Três edições depois, no número 6, o texto de Francisco Bittencourt, “Quem tem medo de Lutzemberger?”, fala um pouco da biografia do ativista gaúcho José Lutzemberg e de como ele “atrapalhava” o sistema que destruía a natureza e só pensava em lucrar com ela¹⁰⁰.

⁹⁶ RODRIGUES, João Carlos. Cinco aspectos da cultura afro-brasileira. **Lampião da Esquina**, 1979, nº 17, p. 17.

⁹⁷ GRZICH, Mirna. Dia 31, todo o mundo na praia: Axé! **Lampião da Esquina**, 1979, nº 19, p. 12.

⁹⁸ Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos. **Lampião**, 1978, nº zero, p. 11.

⁹⁹ PENTEADO, Darcy. Não tem sabiá que aguento. **Lampião da Esquina**, 1978, nº 3, p. 6.

¹⁰⁰ BITTENCOURT, Francisco. Quem tem medo de Lutzemberger? **Lampião da Esquina**, 1978, nº 6, p. 3.

Na edição 7, temos um dos textos mais legais, em minha opinião, intitulado “Homossexualismo e ecologia”, onde Darcy Penteado elabora uma reflexão sobre a relação entre homossexualidade e ecologia, concluindo que o homem estruturou seu domínio na terra sobre duas forças: preservação da espécie (lado feminino) e imposição do poder (lado masculino). Todavia, a imposição do poder para Darcy significava “homem contra homem” ou “homem contra a natureza”, e, o homossexual, conforme o autor, seria o mediador entre o poder que constrói destruindo e a força passiva de preservação representada pelo matriarcado. Ou seja, o homossexual seria um catalizador então das qualidades de ambas as partes e, por consequência o ser intermediário ideal na sociedade futura¹⁰¹.

Foi também a partir da edição número 7, que o ativista Lutzemberg começaria a ter publicado 3 de seus textos, voltados a questões envolvendo a degradação do meio ambiente e sua relação com o desenvolvimento econômico nas sociedades contemporâneas, retirados do livro **Fim do Futuro?** (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 7, 1978, p. 11). O primeiro deles, intitulado “A demolição da ecosfera”¹⁰², tratava da questão econômica atrelada a questão da natureza que só a vê como matéria-prima, mas esquece que a natureza transcende a questão econômica, assim não deveríamos dominar a natureza, mas sermos sócios dela. O segundo texto recebeu o nome de “Bacanal do esbanjamento”, e, falava da orgia da sociedade de consumo, que adora a quantidade pela quantidade; é escrava da tecnologia; é alienada pelos meios de comunicação que criam *status* fictícios e necessidades fúteis e obsoletas, que acabam aumentando o impacto ambiental, gastando mais matéria prima, destruindo a natureza e poluindo mais¹⁰³. E o último, “Reconquista do futuro”, que abordava sobre o consumo exagerado das coisas e de serviços desnecessários como sendo escravizadores, e concluía que era necessário abandonar a megatecnologia por uma tecnologia mais branda para diminuir o impacto ambiental¹⁰⁴.

No ano de 1979, temos 3 textos que de certa forma tratam sobre a temática ecologia. Na edição 9, temos dois textos: “Tem piranha na Amazônia”, de Trevisan e “Incêndio na madrugada”, de Adão Acosta. No de Trevisan, o autor fala da tentativa do governo em vender madeiras para pagar a dívida externa e aumentar ainda mais o desmatamento, e, nos chama a atenção para a importância de se conservar as árvores¹⁰⁵. Já o de Adão Acosta, notícia sobre um incêndio que ocorreu no centro do RJ, mas que não atingiu um hotel frequentado por

¹⁰¹ PENTEADO, Darcy. Homossexualismo e ecologia. **Lampião da Esquina**, 1978, nº 7, p. 11.

¹⁰² LUTZEMBERGER, José. A demolição da ecosfera. **Lampião da Esquina**, 1978, nº 7, p. 11.

¹⁰³ LUTZEMBERGER, José. Bacanal do esbanjamento. **Lampião da Esquina**, 1979, nº 8, p. 10.

¹⁰⁴ LUTZEMBERGER, José. Reconquista do futuro. **Lampião da Esquina**, 1979, nº 9, p. 11.

¹⁰⁵ TREVISAN, José Silvério. Tem piranha na Amazônia. **Lampião da Esquina**, 1979, nº 9, p. 2.

homossexuais¹⁰⁶. E, na edição 16, temos o texto de Darcy Penteado, “Cacilda no globo da morte”, que aborda o espetáculo “Globo da morte” produzido pela atriz Cacilda que trata de conscientizar sobre os problemas ambientais¹⁰⁷. Em 1980, foi publicado o último texto sobre ecologia, “Quem liga pro meio ambiente?”, onde Darcy fala da assinatura pelo Presidente de um decreto de desapropriação de uma área entre Iguape e Peruíbe, no Estado de São Paulo, área essa, além do mais, considerada reserva ecológica, onde serão instaladas duas usinas nucleares¹⁰⁸.

1.4.2.4 Índios

Os indígenas entram como pauta no jornal *Lampião da Esquina* somente na edição nº 8, e, foi o grupo minoritário que o jornal menos deu visibilidade, tendo publicado um total de 8 textos. Talvez pela dificuldade de comunicação com tais grupos, ao contrário das mulheres e negros, que tinha os textos escritos por pessoas que faziam parte de tais grupos, os indígenas tiveram espaço no jornal através de pessoas que não faziam parte das sociedades indígenas.

A questão indígena então só aparece no ano de 1979, e, nele ficará. Aparece nas edições de número 8, 11 e 12. Na edição de número 8, temos um dossiê composto por cinco artigos: “Terra papagalorum”, de Katie van Scherpenberg, abordando o que significa ser índio e de sua história desde a vinda dos europeus até a criação da Funai, além de problematizar a emancipação indígena¹⁰⁹; “Nas raízes da tragédia”, de Sílvio Coelho dos Santos, que critica o projeto de decreto de emancipação que tornaria o índio, não índio, ou seja, que tornaria o índio um “cidadão pleno” deste país¹¹⁰; “Na selva peruana”¹¹¹, traduzido por Trevisan, que traz dois trechos do livro *Keep the river on your right*, do pintor americano Tobias Schneebaum, que viveu algum tempo numa tribo peruana, assim, o texto trata da questão deles serem canibais e que tinham “costumes sexuais que pareciam ‘estranhos’ aos brancos, como penetrar o nativo do mesmo sexo” (TREVISAN, 1979, p. 6); “Notícias do amor-mentira”¹¹², em que Luiz Mott fala que o homossexualismo no Brasil é mais antigo do que o próprio Brasil, conforme o cronista Gabriel Soares, e, fala que o antropólogo Levi-Strauss encontrou entre os Nhambiquara o homossexualismo, que eles chamavam poeticamente de

¹⁰⁶ ACOSTA, Adão. Incêndio na madrugada. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 9, p. 2.

¹⁰⁷ PENTEADO, Darcy. Cacilda no globo da morte. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 16, p. 16.

¹⁰⁸ PENTEADO, Darcy. Quem liga pro meio ambiente? *Lampião da Esquina*, 1980, nº 27, p. 2.

¹⁰⁹ SCHERPENBERG, Katie van. Terra papagalorum. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 8, p. 5.

¹¹⁰ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Nas raízes da tragédia. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 8, p. 5-6.

¹¹¹ TREVISAN, José Silvério. Na selva peruana. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 8, p. 6.

¹¹² MOTT, Luiz. Notícias do amor-mentira. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 8, p. 7.

"amor mentira", e, que para os índios Guayaki, estudados por Pierre Clastres, o homossexualismo também é uma prática socialmente reconhecida, sendo o homossexual passivo chamado de *kyryts*, isto é, -ânus-fazer-amor (MOTT, 1978, p. 7); e, "Repressão: essa ninguém transa", em que Darcy Ribeiro fala do respeito de algumas tribos indígenas perante a homossexualidade, como os Kadiwéu, que tem as *kudinas* - um homem-mulher, ou um homem que decidiu ser mulher, e da moção de família e amor para eles¹¹³.

Já na edição de número 11, temos o texto "No coração da magia, com os índios", em que Antônio Chrysóstomo fala do significado da música para os índios, e, da tentativa de mostrar no Parque Nacional do Xingu a arte dos brancos aos índios e não, como tinha ocorrido desde a fundação do Parque até aquela data, "turistizar" a arte dos "selvagens"¹¹⁴.

Na edição número 12, temos a publicação dos dois últimos textos sobre a temática. No "Aritana, um símbolo"¹¹⁵, sem autoria, *Lampião* menciona Aritana, um dos chefes índios, e se posiciona a favor da campanha de demarcação das terras indígenas. E, no de Francisco Bittencourt, "Vozes no fundo do seringal"¹¹⁶, o autor aborda a experiência entre os chefes Caxinavãs que criaram uma cooperativa para a extração da borracha que quando compravam as mercadorias em Tarauacá as revendiam no seringal com uma média de 50% de lucro, para formar um "fundo de emergência" para o grupo, e fala também da repressão aos índios e denunciam essa questão.

Caminhando para a conclusão, queria evidenciar que *Lampião* tentou sair do gueto e dialogar com as mulheres, negros, índios e ecologistas. *Lampião da Esquina* teve ao longo de 3 anos e meio de vida 41 edições. Foram produzidas trinta e sete edições regulares, da edição número 1 até a edição de número 37, além do número zero e de mais três edições especiais, as edições extras. A edição extra nº 1 começou a ser vendida em dezembro de 1979 e, por razões de distribuição, só foi vendida nas bancas do Rio e de São Paulo, e, para os outros Estados só era possível adquiri-lo pelo reembolso postal a Esquina (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 19, 1979, p. 13). Esta edição de 24 páginas trazia entrevistas sobre política sexual, racismo, discriminação e ativismo negro feitas com Abdias Nascimento, Fernando Gabeira, Ney Matogrosso, Lecy Brandão, Anselmo Vasconcelos, Antônio Calmon, Darlene Glória, Clodovil.

Já a edição extra nº 2, foi vendida em maio de 1980, com 8 páginas, e mais um encarte especial grátis (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 22, 1980, p. 3). Trazia novamente 8 textos

¹¹³ RIBEIRO, Darcy. Repressão: essa ninguém transa. *Lampião da Esquina*, 1978, nº 8, p. 7.

¹¹⁴ CHRYSÓSTOMO, Antônio. No coração da magia, com os índios. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 11, p. 16.

¹¹⁵ Aritana, um símbolo. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 12, p. 6.

¹¹⁶ BITTENCOURT, Francisco. Vozes no fundo do seringal. *Lampião da Esquina*, 1979, nº 12, p. 6.

publicados na seção Ensaio: “Heterossexualidade: perversão ou doença?”, “De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais”, “Mulheres: o mito do prazer”, “Violação: ato de sexo ou de poder?”, “Desbloqueando o Tabu”, “NA JAULA (A história de um presidiário guei)”, “Às portas da lei” e “Quanto vale o negro brasileiro?”.

E a edição extra nº 3, que parece que foi lançada em dezembro de 1980, pois o valor da assinatura anual da revista era Cr\$ 450, como consta nos dados da revista. Como ela vinha com um encarte do calendário de 1981, que não podia ser vendido separadamente, com fotografias de “homens nus, feitas por Cyntia Martins, e, somente para pessoas muito descontraídas”, foi vendida por Cr\$ 200,00, com 12 páginas. Republicava as entrevistas com: Manuel Puig, Jean-Paul Sartre, duas travestis (Flávia e Tatiana) e uma advogada (Alice), e, a entrevista com Henri Amouric e Patrick que pertenciam ao Mouvance Folle-Lesbienne (LAMPÃO DA ESQUINA, nº 31, 1980, p. 10)

Dentro das 37 edições regulares, *Lampião da Esquina* publicou textos que discutiam abertamente assuntos como: aborto, sexualidade, prostituição, homossexualidade, religião, política (movimentos homossexuais), maconha, violência (assassinatos e estupros), imprensa nacional e internacional, cultura, etc. Ao todo contabilizei 901 textos, dos quais 716 tiveram um só autor, os outros 49 mais de uma autoria e 136 sem autoria.

Das pessoas do Conselho editorial de *Lampião da Esquina* que mais tiveram textos publicados foram: Aguinaldo Silva, com 77 textos; Francisco Bittencourt, com 54; João Silvério Trevisan, com 54; Darcy Penteado, com 37; Adão Acosta, com 31 textos, e, Antônio Chrysóstomo com 18. Os que menos publicaram foram Gasparino Damata e Jean-Claude Bernardet, ambos com 2 textos cada; Peter Fry, com 3 textos, João Antônio Mascarenhas com 5, e, Clóvis Marques, com 8 textos. Sem autoria, foram publicados 136 textos e com a autoria da equipe do Conselho editorial foram 7.

Dentre os 46 colaboradores do jornal, os que mais tiveram textos publicados foram Antônio Carlos Moreira com 32; Alexandre Ribondi, 24 textos; João Carlos Rodrigues 23; Alceste Pinheiro com 14; João Carneiro e José Fernando Bastos 12 cada um; Aristides Nunes com 9; Anton Leicht, Rubem Confete e Eduardo Dantas com 6 cada. A maioria dos colaboradores publicaram somente 1 artigo.

Das personagens fictícias criadas pelo jornal, Aracnídea Butantã teve 1 texto publicado e Rafaela Mambaba teve 4. Dentre os grupos homossexuais, o Grupo SOMOS teve 7 textos publicados; o Grupo de Mulheres de Porto Alegre 2 textos, e, os grupos de Ação Lésbico-Feminista, Coletivo de Mulheres do Rio De Janeiro, e, o Grupo Eros 1 texto cada.

Lampião teve ao todo 24 colaboradoras, e, dentre elas as que mais tiveram textos publicados foram Leila Mícolis (18 textos); Dolores Rodrigues (6 textos); Janice Caiafa (5 textos); Mariza (3 textos) e Beatriz Medina, Cynthia Sarti, Lúcia Rito, Regina Nóbrega, Zsu Zsu Vieira (2 textos cada uma). As demais tiveram somente um texto publicado cada.

De toda forma, *Lampião da Esquina* deixou de ser comercializado definitivamente a partir de junho de 1981, mas sua luz, suas ideias, ainda continuaram, continuam e continuarão iluminando os becos e os armários que nos são impostos a cada dia, ensinando que por mais difícil que tudo possa parecer, sempre há uma lamparina, para que possamos caminhar nas estradas perigosas de nossas escolhas, pois, no momento atual da vida política brasileira, o cuidado de si e do outro, somado ao ativismo político, são as nossas únicas garantias de nos manter vivos e com as garantias já conquistadas intactas, sem retrocessos, sem nenhum direito a menos.

Termino esse capítulo aqui falando de luz, porque o próximo, será o das “trevas”. Nele, falo sobre a ditadura civil-militar e sobre a relação entre homossexuais, *Lampião* e ditadura.

CAPITULO II: “CORRE, QUE LÁ VEM OS HOME!”¹¹⁷

(...) é importante perguntar se a liberalidade sexual não faz parte de tal “democratização lenta e gradual”, onde a sexualidade é permitida como válvula de escape para que o resto não caia de podre. Ou seja, se o pão está caro, que se abram as comportas e se forneça circo para o povo. Então, o homossexual vira massa de manobra ou acaba indo divertir plateias entediadas nos teatros. Para que ninguém seja importunado, permite-se a criação de novos guetos ilhados e distantes, sem perigo de contaminação. (TREVISAN, 1978, p. 5)

Muitas coisas começaram a mudar no Brasil a partir da década de 1950, conhecida também como “Anos dourados”¹¹⁸, porque foi nela que ocorreram importantes transformações socioeconômicas e culturais que diferenciaram essa sociedade brasileira da dos períodos anteriores. Até então, no Brasil predominava uma estrutura produtiva eminentemente rural, um processo de industrialização ainda incipiente e com pouco desenvolvimento tecnológico. Agora, com um alinhamento maior com os Estados Unidos¹¹⁹, iniciado nos anos 40, com a ditadura varguista, acentuado pelas políticas externas dos governos do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) - que nos aproximou ainda mais do estilo de vida dos norte-americanos (*American Way of Life*) - e do governo eleito de Getúlio Vargas (1951-1954) e de Juscelino Kubitschek (1956-1960), o país começava a se

¹¹⁷ Título extraído da reportagem homônima publicada na seção Reportagem da edição nº 36, p. 13, de maio de 1981, do jornal *Lampião da Esquina*.

¹¹⁸ O termo a “Era do ouro” ou os “anos dourados” surge entre historiadores e economistas para identificar o *boom* econômico mundial dos anos 50 e 60 que afetou países comunistas e capitalistas e os países do Terceiro Mundo – termo que se consagrou na Conferência Afro-Asiática, na Indonésia, em 1955, para se referir ao conjunto de mais de cem países que afirmavam não fazer parte nem do Primeiro nem do Segundo Mundo, buscando portanto, uma identidade à parte da bipolarização da Guerra Fria, em geral da África e da Ásia, e mais tarde da América Latina -, que passaram a ser considerados “em desenvolvimento”, como o Brasil. Ver: GROppo, Luís Antônio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960**. Tese de Doutorado (Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas -SP, 2000, p. 34-79.

¹¹⁹ Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo se dividiu em torno de dois blocos: a União Soviética, representando o comunismo, e os Estados Unidos, representando o lado capitalista. Essa bipolarização permanente entre os dois grupos, por quase 50 anos, é chamada pelos historiadores de **Guerra Fria**, porque não houve derramamento de sangue, mas apenas disputas econômicas, tecnológicas e políticas, tendo seu auge na década de 70, pois antes os EUA se preocupavam mais com a questão do ainticomunismo. O Brasil resolveu seguir os EUA, apesar de ter estabelecido relações diplomáticas com a URSS em abril de 1945 que depois foi rompida com Dutra em 1947 e restabelecida em 1961 com Jânio Quadros; e relações comerciais, em 1958, no governo de JK. Para saber mais sobre esse alinhamento do Brasil com os EUA Ver: TOTA, Antônio Pedro. **O Imperialismo sedutor: A americanização no Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

modernizar¹²⁰, e com tal modernização, as pessoas começaram a migrar do campo para as grandes cidades à procura de melhores condições de vida e pelo fascínio que causavam¹²¹.

No Brasil dos anos 50, na política vivíamos o período da redemocratização brasileira, depois de oito anos da ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas. Tivemos na presidência o general Dutra (1946-1951)¹²², Vargas (1951-54)¹²³, que voltou ao poder, desta vez pelo voto direto da população, e Juscelino Kubitschek (1956-1960)¹²⁴. Estes três presidentes - Dutra, Vargas e JK - fomentaram o processo de industrialização nacional através da substituição de importações, abertura ao capital externo para investimento, construção de uma infraestrutura como rodovias, hidroelétricas, aeroportos e pela promoção da indústria de base e de produção de bens de capitais, fundamentais para a produção nacional (ALBUQUERQUE, 2015).

¹²⁰ Sobre o processo de modernização da sociedade brasileira desde os anos 1950 até os anos 1970, ver NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian Maria (orgs.). **Historia da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol.4. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

¹²¹ Em 1950 viviam nas cidades somente 10 milhões de pessoas, enquanto 41 milhões vivam no campo, vilarejos ou cidades com menos de 20 mil habitantes. A partir desse ano, migraram para as cidades, 8 milhões de pessoas; nos anos 60, mais 14 milhões, e nos anos 70, 17 milhões. Nos anos 80, as cidades abrigavam 61 milhões de cidadãos, e o campo 60 milhões. Ver: NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian Maria (orgs.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 574 e p. 581.

A população do Brasil, de acordo com a estimativa do IBGE de 2016, era de 206.081.432 de habitantes, e desses 84% moravam nas cidades e os outros 16 % no campo. Ver: IBGE, **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2016**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2016/estimativa_dou_2016_20160913.pdf> Acesso em 30 de julho de 2018.

¹²² Durante o seu governo, foi promulgada a Constituição de 1946, enfrentou várias greves, interviu em vários sindicatos, e adotou uma política econômica liberal, abrindo o país à livre importação de mercadorias. Várias indústrias quebraram, e, antes de terminar o mandato, Dutra resolveu mudar a sua política e resolveu controlar as importações. Ver: REIGOTO, Luhan Martins. Governo Dutra: cenário externo, debate interno e política econômica (1946-1951). **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas**, Niterói, RJ, 2017, p. 1-22. Disponível em <[http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/20%20Governo%20Dutra%20cen%C3%A1rio%20externo,%20debate%20interno%20e%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20\(1946-1951\).pdf](http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/20%20Governo%20Dutra%20cen%C3%A1rio%20externo,%20debate%20interno%20e%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20(1946-1951).pdf)> Acesso em 30 de junho de 2018.

¹²³ Vargas teve um governo marcado por uma política de caráter nacionalista, o que acabou desagradando os Estados Unidos, como a criação da estatal Petrobrás, em 1953, que nacionalizou o petróleo. Devido a falta do apoio popular, forte oposição e um possível golpe de estado, Vargas cometeu suicídio em agosto de 1954, e em seu lugar assumiu seu vice Café Filho, que se afastou por problemas de saúde, depois Carlos Luz, e por fim Nereu Ramos. Ver: FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Nem ortodoxia nem populismo: o Segundo Governo Vargas e a economia brasileira. **Tempo** [online]. 2010, vol.14, n.28, pp.19-58. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a02v1428.pdf>> Acesso em 30 de junho de 2018.

¹²⁴ JK apresentou no seu governo o **Plano de Metas** cuja prioridade foi o crescimento industrial para o desenvolvimento econômico do País. Com o lema "**50 anos em 5**", o Plano possuiu 31 metas que buscaram o desenvolvimento através dos seguintes setores: Energia, Transporte, Indústria, Educação e Alimentação. A política econômica de JK foi nacional-desenvolvimentista, que se baseava na noção de que o Estado é que desenvolveria a nação a partir da entrada de capital estrangeiro no país. Seu governo terminou em 1960 com alto índice de infração e com a desvalorização do salário mínimo. Ver: ALBUQUERQUE, Alexandre Black de. Desenvolvimentismo nos governos Vargas e JK. **XI Congresso Brasileiro de História Econômica & 12ª Conferência Internacional de História de Empresas**, Vitória, ES, 2015, p. 1-28. Disponível em <http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_alexandre_black_albuquerque_desenvolvimentismo-nos-governos-vargas-e-jk.pdf> Acesso em 30 de junho de 2018.

Todavia, a década de 50 não foi de anos tão dourados assim, uma vez que apesar de tal desenvolvimento econômico o Brasil estava imerso por uma enorme dívida externa, apresentava grande desigualdade social, concentração agrária e altos índices de analfabetismo.

Na década de 1960, conhecida como os “**Anos rebeldes**”, o Brasil continuou se modificando. A esquerda parecia ganhar mais força política, existia um aparente avanço liberal, e, o conservadorismo também ganhava novos tons, como o registro junto ao 1º Cartório de Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Paulo, no dia 26 de julho de 1960, da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (SBDTFP ou simplesmente TFP), uma associação civil confessional, cultural e de caridade/assistência, sem fins lucrativos, cuja fundação derivou da decisão de um grupo de católicos leigos, liderada por Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), que tinha o objetivo de defender e estimular a Tradição (católica), a Família (monogâmica e indissolúvel) e a Propriedade (privada) (ZANOTTO, 2010). Presente em mais 57 países¹²⁵, apesar de ter como bandeira a tríade tradição católica, família monogâmica (e indissolúvel) e propriedade privada, que eram favoráveis, tinham outras temáticas que era contra, como o aborto, desarmamento civil, casamento homossexual, eutanásia, entre outras (ALTOÉ, 2006), e, por isso, é considerada um movimento cristão conservador e tradicionalista da direita católica.

Contudo, conseguiu coexistir com tal associação conservadora, uma expansão da homossexualidade urbana - devido o fluxo migratório do campo para as cidades, a partir dos anos 50 e 60 -, sobretudo a dos “efeminados” e “frescos”¹²⁶, como as travestis, que tinham mais projeção na sociedade do que os homossexuais “discretos” (MACHADO, 2010, p. 63). Apesar dessa expansão, é importante destacar que nos 50 primeiros anos do século XX, os homossexuais não eram bem quistos, principalmente, os efeminados, por serem associados a crimes de natureza sexual como promiscuidade, prostituição e pedofilia (MACHADO, 2010,

¹²⁵ Foram undadas outras TFPs e organizações congêneres em diversos países, como: Argentina, Chile, Uruguai (1967), Peru (1970), Colômbia, Venezuela, Espanha (1971), Equador (1973), Bolívia, França, Portugal, Estados Unidos (1974), Canadá (1975), Itália (1976), África do Sul (1980), Alemanha, Austrália (1982), Costa Rica (1983), Nova Zelândia (1985), Filipinas (1986), Paraguai (1987), Grã-Bretanha (1990), Índia (1992), Polônia (1995) e Japão (1996).

¹²⁶ O termo pejorativo “fresco” aparece pela primeira vez no Brasil em 1906 no livro de Francisco José Viveiro de Castro, que recebeu o nome de “Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual”. Contendo o duplo sentido de “puto” – homem efeminado e o de prostituição - e também conotando frescor, jovialidade ou amenidade no clima, o termo “fresco” tornou-se ambíguo e era comum usá-lo para zombar dos homens efeminados ou daqueles que supostamente mantinham relações anais “passivas” com outros homens. Além disso, os frescos estavam intimamente associados com o Largo do Rossio, do Rio de Janeiro. Os múltiplos usos do termo apareceram no Dicionário moderno de 1903: “Fresco — Adjetivo arejado de modernização depravada. Quase frio, ameno, suave, que não tem calor nem venturas. Que faz frescuras, que tem o sopro da brisa. Encontra-se muito nos morros e no largo do Rossio”. Ver: GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 63-64.

p. 63). Então, foi um período muito marcado pelo discurso médico e pela represália a homossexualidade devido às teorias eugenistas – defendiam a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras -, e as ideias de Lombroso - que defendia a existência de um “criminoso nato” -, que estavam em voga, veiculando o estabelecimento de uma relação entre raça, classe, homossexualidade e criminalidade (MACHADO, 2010, p. 69). Assim, negros ou mestiços eram considerados mais penderes ao crime e ao vício que os indivíduos brancos. E como também pertenciam às classes mais baixas eram mais suscetíveis a prisão por crime de vadiagem, enquanto que os homossexuais de classe média e alta eram encaminhados para tratamentos médico-psicológico ou para o sistema manicomial, que se não pudessem “curar”, podiam ao menos ser um lugar para controlar a conduta homossexual (GREEN; POLITO, 2006, p. 220-221).

Com o fluxo migratório do campo para as cidades, os homossexuais de cidades do interior foram atraídos pelas grandes cidades¹²⁷ como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, motivados pela busca do anonimato que a vida urbana poderia proporcionar, e, para escaparem do forte controle familiar, se juntando, com os “nativos das cidades grandes para formar subculturas homossexuais urbanas” (GREEN, 2000, p. 278). Assim,

as opções da vida noturna ampliaram-se e bares exclusivamente para gays foram inaugurados. Os homossexuais passaram a ocupar novas áreas das maiores cidades brasileiras. [...] Apesar da oposição de certos machões, que tentaram afastar as bichas das praias, uma faixa de Copacabana tornou-se território homossexual. Os bailes de carnaval que aceitavam a participação dos gays recebiam ampla cobertura da imprensa, e travestis glamourosos surgiam desses bailes para atuar nas produções teatrais tradicionais que atraíam o grande público. (GREEN, 2000, p. 253).

Vale destacar que a sociabilidade entre os homossexuais não ficou restrita somente a bares e praias, mas também foi estendida a espaços como saunas, discotecas, restaurantes etc. (GREEN, 2000). Começaram a ter também maior visibilidade no mundo artístico, e, é válido destacar dois grupos musicais, que misturavam música, teatro e humor, por terem se oposto

¹²⁷ Atualmente, as academias anglo-saxãs (com histórica tradição de enclaves urbanos homossexuais) tem criticado essa visão de migração orientada sexualmente de modo impositivo, por considerar que ela faz uma supervalorização do ambiente urbano na formação identitária homossexual, ao pensar a metrópole como o destino inevitável para as pessoas homossexuais rurais. Ou seja, o espaço rural seria o espaço do heterossexual e o espaço urbano seria do homossexual, consolidando o entendimento de que o rural seria um espaço opressor, homofóbico e incapazes de fornecer vida cultural, afetiva e sexual significativa, e, o urbano funcionaria como espaço de uma vida de liberdade e satisfação sexual. Deste modo, sobre essa dicotomia geográfica (rural/urbano) se construiria um elemento determinante da formação identitária homossexual. Essa crítica foi orientada sob o conceito “metronormatividade” no mundo anglo-saxão por Judith Halberstam, em 2005, no artigo “In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives” e, no Brasil, por Marcelo Augusto de Almeida Teixeira, em 2015, no seu artigo “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil, publicado em 2015, no qual o autor defende tal questão analisando o Brasil, e, chegando à conclusão de que a prevalência de Rio e São Paulo, como destino impositivo e referência absoluta de um estilo de vida gay moderno, teriam consequências homogeneizantes sobre as subculturas gays locais de outras cidades.

aos papéis sexuais em suas performances e terem desafiado o padrão comportamental e moral defendido pela Ditadura: *Secos e Molhados* e *Dzi Croquettes*. O grupo *Secos e Molhados*, formado em 1971 por Ney Matogrosso, Gérson Conrad e João Ricardo “que subiam aos palcos maquiados e faziam certa crítica à ditadura e à moral sexual” (MAIOR JÚNIOR, 2015, p. 43), foi inspirado na Tropicália, e, desenvolveu performances com forte apelo visual - ressignificando a vestimenta masculina, ao acrescentar a purpurina, a saia, a maquiagem, o ornamento na cabeça, a plumagem, e as joias -, trazendo para o palco, algo que já vinha sendo gestado desde Elvis Presley: a possibilidade de o homem dançar, transgredindo, assim, comportamentos e questionando o ser homem e a sua experiência em estar no mundo (ELÉGUIDA; MORAES, 2013). O grupo com essa formação original, sobreviveu somente até 1974.

Já os *Dzi Croquettes*, surgiram em agosto de 1972, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e duraram até 1976, quando a sua primeira formação se desmontou. O grupo era formado por 13 homens (Wagner Ribeiro, Bayard Tonelli, Roberto de Rodrigues, Cláudio Gaya, Reginaldo e Rogério de Poly, Paulo Bacellar, Ciro Barcelos, Leonardo Laponzina (Lennie Dale), Cláudio Tovar, Benedicto Lacerda, Carlinhos Machado e Eloy Simões), que em suas performances diziam: “Nós não somos homens, nem somos mulheres. Nós somos gente, gente computada igual vocês!”, e, se apresentavam com passos fortes, danças e rebolados, combinando meias de futebol com salto alto, purpurinas e paetês, sutiãs com peitos cabeludos, cílios postiços com barbas e bigode (TREVISAN, 2004, p. 288).

Esses dois grupos – *Secos e Molhados* e *Dzi Croquettes* -, contribuíram para (cor) romper percepções acerca do que é ser homem e do que é ser mulher na cultura brasileira e introduzir a noção de androginia, na medida em que transitavam entre os gêneros masculinos e femininos, expressando que “o masculino está no feminino e o feminino está no masculino”, criticando, assim, a moral sexual e os papéis sexuais rigidamente hierarquizados (CORRÊA; PISCITELLI, 1998, p. 210).

Todavia, apesar da expansão das pessoas homossexuais, entre 1950-80, o Brasil, no campo da sexualidade, ainda continuava bastante conservador, e no que diz respeito, especificamente, à homossexualidade, ainda predominava a visão enraizada da existência de homossexuais e heterossexuais, onde o que importava não era o gênero com que se transava, mas o papel sexual desempenhado no ato (FRY; MACRAE, 1985). Assim, homossexuais eram aquelas pessoas que assumiam as posições passivas, a de penetrados, enquanto os ativos, os penetradores, continuavam com uma imagem de “machos” (FRY; MACRAE, 1985). Houve então neste momento, uma grande preocupação com a possibilidade da oposição

heterossexualidade e homossexualidade, ou ativo e passivo, bicha e entendido, tão discutida nos anos 60 e 70, e da conseqüente instituição de novas formas de rotulação, estigmatização e marginalização, a partir da criação da figura do *gay*¹²⁸ ou da volta das velhas formas, como o fresco, puto, entre outros termos. Esse é um dos motivos, que possibilitou a formação do movimento homossexual¹²⁹ brasileiro já que os militantes homossexuais não queriam que a homossexualidade voltasse a ser vista como pecado ou crime, e, queriam retirá-la do campo das doenças psicológicas - algo que só ocorreu em 1985, quando o Conselho Federal de Psicologia (CFP) deixou de considerar a homossexualidade como um distúrbio, ou desvio, ou uma doença (FACCHICI; SIMÕES, 2009).

Podemos afirmar então que, apesar do clima de ditadura instaurado a partir de 1964, para os homossexuais foi um período de expansão. Mas, conforme James Green e Renan Quinalha (2015), a questão das pessoas gays durante a ditadura foi marcada justamente pela contradição, pois se de um lado significou um momento de expansão social e de liberdade social, porque o milagre econômico criou um novo espaço de consumo e de possibilidade de uma sociabilidade pública que não existia antes, por outro lado, existiam também outras medidas da própria ditadura contra a homossexualidade nesse período. Talvez, esse conservadorismo quanto à (homos) sexualidade, dissesse respeito ao contexto histórico que se vivia, já que foi também na década de 60, especificamente em 1964, que se iniciou o período da ditadura civil-militar.

Durante o contexto da ditadura civil-militar de direita, que tinha a hegemonia política, passamos por duas juntas militares¹³⁰ e por cinco generais-presidentes¹³¹ que deixaram sua

¹²⁸ Atualmente, os brasileiros utilizam os termos *homossexual* e *gay* como sinônimos, porém, nas décadas de 60 e 70 o termo foi rejeitado por parte da militância homossexual brasileira que considerava que o termo não era tão emancipativo e politizado quanto era nos EUA, por conotar aceitabilidade social. Assim, preferiram usar o termo *bicha*, tanto para esvaziar o seu sentido pejorativo quanto para servir à emancipação do movimento homossexual brasileiro. Contudo, na década de 80, o termo *gay* foi melhor assimilado pelas pessoas homossexuais e heterossexuais. Ver: SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 21.

¹²⁹ Um dos primeiros grupos homossexuais a se formar no Brasil foi o *SOMOS*, grupo criado meses depois do surgimento de *Lampião da Esquina*. No final dos anos 70 também foram formados os grupos *Eros* e o *Libertos*. Ambos, atuaram de forma completamente autônoma, com objetivos menos institucionais e mais voltados para a existência pública da homossexualidade. Mas, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o movimento homossexual se reconfigurou, devido ao surgimento da AIDS, e passou a receber financiamentos, se aproximando do modelo das organizações não governamentais (ONGs). Ver FACCHICI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

¹³⁰ A primeira junta militar foi formada no dia 02 de abril de 64, pelo brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (Aeronáutica), o vice-almirante Augusto Rademaker (Marinha) e o general Artur da Costa e Silva, representante do Exército. Permaneceram no poder por duas semanas e teve como objetivo dar ares de legitimidade ao golpe civil-militar. Já a segunda junta, foi formada em 1969, depois do afastamento do Marechal Arthur da Costa e Silva, acometido por uma enfermidade. Ela permaneceu governando por 2 meses e era

marca na história brasileira, por suas ambiguidades, principalmente no campo cultural (hegemonicamente dominado pela esquerda), em que ora censuravam, ora investiam. Desta forma, o capítulo II, tem como objetivo complementar o capítulo I, no qual apresentei *Lampião da Esquina*, buscando refletir sobre o contexto no qual o jornal foi produzido - a ditadura civil-militar -, buscando articular como os homossexuais foram tratados pelo Estado durante tal período e como se desenvolveu, especificadamente, a relação entre o jornal *Lampião* com a ditadura. Assim como no primeiro capítulo, decidi manter os títulos de acordo com os que apareceram no jornal, e, usando-os conforme o conteúdo da dissertação.

2.1) “REPRESSÃO: ESSA NINGUÉM TRANSA”¹³²

No Brasil, ser homossexual não é em si ilegal. Mas o problema é que utilizam subterfúgios para condená-los pelo que se considera crime contra a natureza ou para a aplicação de duras leis sobre sodomia, quando não são presos e enquadrados no elástico e vago delito de falta de decoro público. (LIMA, nº 6, 1978, p. 8)

Em abril de 1964, teve início o período da ditadura civil-militar, após um golpe civil-militar dado no presidente João Goulart, baseado na retórica de moralidade pública e dos bons costumes, na defesa da solidez das tradições, na demanda por mais segurança, na proteção da família, no cultivo de valores religiosos cristãos, apresentando assim, uma congruência com um discurso predominantemente anticomunista (QUINALHA, 2017, p.25). Assim, em nome da derrocada do comunismo (que muitos sabiam que era balela) se uniram os segmentos mais conservadores dos: empresários, que se sentiram prejudicados com os limites impostos à remessa de lucros ao exterior; latifundiários, que ficaram preocupados com a reforma agrária e a tensão que ela poderia gerar no campo; políticos, que pensaram que o golpe se resumiria ao afastamento de João Goulart, com o restabelecimento da ordem e a passagem do poder novamente aos civis; classe média, Igreja Católica, igrejas protestantes, imprensa e o governo

formada pelo general Aurélio Lira Tavares, almirante Augusto Rademaker e o brigadeiro Márcio de Souza Mello. Enfrentou o sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick, pelas organizações armadas do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e instituiu a pena de morte ou prisão perpétua pelo Ato Institucional nº 14.

¹³¹ Os cinco generais que presidiram o Brasil foram: Humberto de Alencar Castelo Branco (1964 – 1967), que deu início a promulgação dos Atos Institucionais, permitiu a existência somente de dois partidos (ARENA e MDB), e promulgou a Constituição de 1967; Artur da Costa e Silva (1967 – 1969), que promulgou o AI-5 e enfrentou várias mobilizações sociais; Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974), que teve no seu governo o “milagre econômico” e os “anos de chumbo”; Ernesto Geisel (1974 – 1979), responsável por iniciar a abertura “lenta, gradual e segura”, e João Figueiredo (1979 – 1985), que teve um governo marcado pela Lei da Anistia, *Diretas Já* e o fim dos militares na presidência.

¹³² Título extraído de um artigo homônimo publicado na seção Reportagem da edição nº 08, p. 7, de janeiro de 1979, do jornal *Lampião da Esquina*.

norte-americano que temiam o possível avanço do comunismo em nosso país, já que o presidente Jango estava cada vez mais associado ao apoio dos Partido Comunista e de países comunistas; e dos militares, que passaram a apontar o perigo que as mobilizações populares representavam para a democracia, ao subverterem a ordem e a paz (NAPOLITANO, 2014).

A partir de março de 67, Arthur Costa e Silva tomou posse como presidente da República, substituindo o general Humberto Castelo Branco, e uma nova Constituição entrou em vigor. O ano seguinte, ficou conhecido como o “ano que não acabou” devido aos inúmeros acontecimentos de 68, pois só de manifestações sociais, durante um intervalo de quase 8 meses, entre o assassinato de Edson Luis, no final de março, e o Congresso de Ibiúna, em outubro, foram mais de 30 passeatas (GROPPO, 2000, p. 301). Devido a este cenário, a resposta do governo¹³³ foi a edição do Ato Institucional nº 5¹³⁴, o AI-5, no dia 13 de dezembro, que resultou num recrudescimento do regime civil-militar, por ser um instrumento que concentrou muito poder discricionário nas mãos do Executivo, e, que ao contrário dos Atos Institucionais anteriores e posteriores, não tinha prazo de vigência definido (AQUINO, 1999, p. 206).

Já na noite do dia 13, tivemos os efeitos desse ato institucional. O Congresso foi fechado - só seria reaberto em outubro de 1969, através do AI-16, para referendar a escolha do general Emílio Garrastazu Médici como presidente -, e prenderam diversos jornalistas e políticos que haviam manifestado oposição aos governos militares, entre eles Juscelino Kubitschek, que ficou preso por vários dias em um quartel de Niterói, quando saía do Teatro Municipal do Rio, após ser paraninfo de uma turma de engenharia. Carlos Lacerda, ex-governador de Guanabara, fora preso no dia seguinte, mas após ficar uma semana em greve de fome, foi liberado. Em janeiro de 1969, foram obrigados a se aposentarem compulsoriamente três ministros do Supremo Tribunal Federal — Hermes Lima, Evandro Lins e Silva e Vítor Nunes Leal — e o ministro do Superior Tribunal Militar (STM) — Peri Constant Bevilacqua. A censura foi sistematizada, tornando-se ilegal qualquer crítica ao governo ou às autoridades

¹³³ Vale frisar que o AI-5 não pode ser entendido somente como uma resposta aos deputados, Congresso ou à luta armada, que desafiavam a autoridade dos militares, mas sim, como parte do projeto de uma linha mais radical, a linha dura, que queria, desde o início do período militar, construir um aparato maior de controle da sociedade, baseado na repressão, na espionagem, na censura e na propaganda política (FICO, 2004, p. 81-82).

¹³⁴ O AI-5 autorizava o presidente da República, sem apreciação judicial, a decretar: recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores; estado de sítio, nos casos previstos na Constituição Federal de 1967; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares a nível federal, estadual e municipal; suspender por 10 anos os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; aposentar compulsoriamente qualquer servidor público e suspender a garantia do *habeas corpus* - instrumento jurídico constitucional, reconhecido no Brasil desde a Constituição de 1891, que garante a “liberdade em favor de quem sofre violência ou ameaça de constrangimento em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder por parte da autoridade” (CAMPANHOLE, 1971, p. 23) -, para determinados crimes.

governamentais. O Serviço Nacional de Informações (SNI), criado em junho de 1964 como órgão de informações da presidência, foi elevado em 68 ao *status* de ministério e atuava com informações e contrainformações, no Brasil e no exterior. Além das ações de espionagem, participou também de “operações de segurança”, isto é, das prisões e interrogatórios nos quais era utilizada a tortura (ALMEIDA, 2012, p. 85-86).

É importante frisar que apesar de termos tido um aumento da repressão no governo de Costa e Silva (1967-69), foi a partir de outubro de 1969, no governo do general Emílio Garrastazu Médici, que se utilizou bastante do AI-5, que a ditadura civil-militar viveu seus “anos de chumbo”, se tornando mais repressiva e violenta, devido ao aumento da resistência, principalmente, de organizações guerrilheiras, como o MR-8, a ALN e a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares), que foram totalmente destruídas ou desarticuladas (MARIUSSO, 2015, p. 30). Mas, foi também no seu governo que ocorreu o período de alegria do tricampeonato mundial de futebol, de 1970; do aparecimento da TV em cores; de “obras faraônicas” (grandes e caras) como: a Usina nuclear de Itaipu, em Angra dos Reis, a rodovia Transamazônica, para ligar o Maranhão ao Acre, a ponte Rio-Niterói¹³⁵; da campanha ufanista promovida pelo governo, com slogans como: “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “Até 1964 o Brasil era o país do futuro: agora o futuro chegou”, “Ninguém mais segura este país”, entre outros; do “milagre econômico” brasileiro. Estes - o “milagre brasileiro” e os “anos de chumbo” - foram “reais e simultâneos, coexistiram negando-se”; e, passados mais de quarenta anos, continuam negando-se, pois “quem acha que houve um, não acredita ou não admite que houve o outro” (GASPARI, 2014, p. 13).

Todavia, o que interessa para esse texto, é destacar que foi no governo do general Médici que a ditadura viveu o seu período de absoluta repressão, violência, vigilância e censura, garantidas por “órgãos de segurança”, com características de poder autônomo, que transformaram a tortura, o assassinato e o desaparecimento de pessoas em rotina (GASPARI, 2014). O que quero dizer com isso, é que foi a partir de 1969 então, que a ditadura acabou se constituindo como um “aparato de repressão política” sofisticado e fundado em pilares que combinavam duas dimensões que se mesclavam: a “saneadora” e a “pedagógica” (FICO, 2015, p. 14).

¹³⁵ Essas três obras - a rodovia Transamazônica, a usina de Itaipu e a ponte Rio-Niterói-, apesar da inegável busca do desenvolvimento econômico brasileiro, foram também usadas pelo regime civil-militar, de forma ideológica, com a finalidade de promover uma soposta imagem da grandeza e da natureza moderna do regime, buscando-se, assim, legitimá-lo, tanto nacionalmente como internacionalmente, pois “embora autoritário, ditatorial, não pretendia ser identificado desse modo” (FICO, 1997, p. 95). Ver: FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1997.

A dimensão mais conhecida da repressão foi a “saneadora”, que com a incumbência de “prender, interrogar, torturar e até mesmo matar os inimigos do regime” chamados de “subversivos”, teve como base a polícia política representada pelo Destacamento de Operações e Informações e Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI)¹³⁶ e a espionagem, organizada a partir de uma grande rede de órgãos de informações de cada força militar: a marinha tinha o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), criado em 1955; o exército criou o Centro de Informações do Exército (CIE), em 1967, e a aeronáutica tinha, a partir de 1968, o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA) (JOFFILY, 2013).

Já a dimensão “pedagógica”, é um pouco menos conhecida, mas revela como os militares buscaram “educar” os civis - tido como corruptos, levados pela demagogia e pelo populismo, sujeitos a todo tipo de influência proveniente das mudanças de costumes e sem a capacidade de praticar regras básicas de civilidade, como votar, por exemplo -, através da censura do cinema, do teatro, da música e da TV para coibir tudo aquilo que pudesse figurar como “atentado à moral e aos bons costumes”; da propaganda política, que ensinava entre outras coisas a votar corretamente, e da disciplina de “Educação Moral e Cívica” obrigatória nas escolas brasileiras, em todos os graus, modalidades e sistemas de ensino, que tinha a incumbência de transmitir um conjunto de atitudes, crenças, valores e comportamentos como obediência às ordens, assiduidade, pontualidade e confiabilidade, que era representativos de um ideal de “ordem” estabelecidos pelo governo (FICO, 2015, p. 14-15). Enfim, estas dimensões serviram como mecanismo de reprodução e legitimação do regime civil-militar.

Napolitano (2014, p. 90), por sua vez, destaca, especificamente, a atuação e a repressão do regime sobre a área cultural, ao nos informar que como a cultura era vista como um ponto sensível para os setores da classe média - a principal base social de sustentação do regime civil-militar, que consumia veementemente o que era produzido por artistas e intelectuais de oposição e de esquerda -, ela, foi entendida pelos militares como uma

¹³⁶ Embora a sequência mais aceitável para a sigla, em termos de hierarquia de funções, fosse CODI-DOI, adotou-se a ordem inversa, pelo protagonismo dos Destacamentos de Operações e Informações (DOI) nas atividades de repressão política. Os Centros de Operações de Defesa Interna (CODI), funcionavam como órgãos de planejamento, controlando a execução das medidas de defesa interna, tanto de informações quanto de segurança, e de repressão. Já os DOI eram unidades móveis, dinâmicas, de ação, subordinadas ao CODI, e realizavam o trabalho de busca e apreensão de provas e pessoas, prisões, interrogatórios, torturas e assassinatos. Ambos foram criados para institucionalizar e aumentar o escopo de atuação da Operação Bandeirante (Oban), implantada em julho de 1969 pelo comando do II Exército, em São Paulo, que reunia representantes das Forças Armadas, da Polícia Federal, do Serviço Nacional de Informações (SNI), do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), da Guarda Civil e da Força Pública do Estado de São Paulo (FPESP), e tinha como objetivo garantir a segurança nacional a partir do controle das informações e da repressão aos opositores do regime civil-militar. O sistema DOI-CODI foi desativado no final do governo do general João Batista Figueiredo, por meio de uma portaria do ministro do Exército, general Valter Pires (ALMEIDA, 2012, p. 86).

subsidiária de uma política de integração do território brasileiro ao reforçar os nossos valores nacionalistas. E, por isso, os militares agiriam sobre a cultura, de forma dúbia, a partir de duas estratégias: usando a censura, que reprimia os “produtos” e “produtores” que eram considerados “subversivos”, e realizando investimentos através de órgãos oficiais, que fariam o planejamento federal para a cultura, reproduzindo os interesses do governo (NAPOLITANO, 2014, p. 90).

O tripé repressivo sobre o campo cultural foi constituído por instituições que produziam suspeitas e impunham silêncio sobre certos temas e abordagens, formado pela combinação de produção de informações, vigilância e repressão policial a cargo dos Delegacia de Ordem Política e Social (Dops)¹³⁷, das inteligências militares – constituída pelo CISA, CIE e CENIMAR -, e do sistema DOI-CODI. Já as censuras¹³⁸, política e dos costumes, que é bem mais antiga na história brasileira, do que podemos imaginar¹³⁹, ficavam

¹³⁷ A Delegacia de Ordem Política e Social, era também chamada de Divisão ou Departamento de Ordem Política e Social, e, esta modificação ocorria na documentação oficial, conforme o Estado. As DOPS, começaram a existir a partir da lei nº 2304, de 30 de dezembro de 1924, com o objetivo de prevenir e combater crimes de ordem política e social que colocassem em risco a segurança do Estado. Durante a ditadura militar, esse órgão foi um importante aparato dos militares no que concerne à investigação, controle e repressão a movimentos políticos e sociais contrários ao regime civil-militar, sendo responsável por torturas, prisões ilegais e execuções. Para saber mais ver: SODRÉ, Caroline Almeida. **Descrição, acesso e difusão dos acervos das DOPS no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20708/1/2016_CarolineAlmeidaSodr%C3%A9.pdf > Acesso em 19 set. 2019.

¹³⁸ É importante destacar que censurar e regular a imprensa são duas ações distintas. Sendo uma atividade muito malvista pelas parcelas escolarizadas da sociedade, a censura se caracteriza como “a ação de proibir, no todo ou em parte, uma publicação ou encenação (STEPHANOU, 2001, p. 11). Essa supressão deliberada alterava o fluxo normal da informação, destituindo de significado um determinado acontecimento. Como a censura limita a liberdade de expressão, ela tem a necessidade de avaliar conteúdos na fase de pré-publicação e de decidir autoritariamente sobre a conveniência ou não dos mesmos. Desta forma, existiram dois mecanismos de censura na ditadura civil-militar: o primeiro era realizado nos espetáculos e diversões, como no cinema e teatro, por exemplo, de modo aberto e transparente, porque era tido pelo governo como um ato “legítimo” por estar ancorado social e juridicamente; e, o segundo mecanismo de censura, era usado na imprensa, e, feito de modo ilegal e quase sempre feito na clandestinidade, por não ter sustentação jurídico-formal, que ocorreu, principalmente, nos “anos de chumbo” (1968-1974) (DOBERSTEIN, 2007).

Por fim, sobre censura, destaco que Renan Quinalha (2017) afirma ter existidos duas censuras na ditadura militar: a política, normalmente realizada na imprensa, e a moral, geralmente utilizada nos espetáculos e diversões públicas. Apesar de estarem intimamente implicadas, já toda ação é política e moral, elas se diferenciavam, e, para demonstrar isso, Quinalha (2017, p. 41), exemplifica apontando a situação de que na censura política, os órgãos de segurança da repressão, entendiam que não bastava calar a voz dos “subversivos”, mas, viam como necessário exterminá-los fisicamente, e, para isso cita o caso do jornalista Vladimir Herzog, que foi morto e desapareceu em 1975. Já na censura moral, os danos profissional e moral causados aos “subversivos” eram inquestionáveis, mas sua integridade física pelo menos era preservada, pois eles eram processados por violação à “moral e aos bons costumes” e poderiam ser condenados ou absolvidos. Renan (2017, p. 41) cita o caso do jornalista Celso Curi, que em 1976, foi processado por por conta da sua “Coluna do Meio”, voltada para homossexuais, e acabou perdendo seu emprego no jornal *Última Hora*, mesmo sendo, posteriormente, absolvido na Justiça.

Já na regulamentação da imprensa, a liberdade de expressão é assegurada e não se tem análise do conteúdo a ser publicado. A regulação acontece sobre os efeitos da publicação já realizada, já posta em circulação, pois o que se regula é a responsabilização de quem escreveu algo que causou dolo à reputação (MACHADO JÚNIOR, 2014).

¹³⁹ Quando a Corte Portuguesa chegou ao Brasil em 1808 e estabeleceu a Imprensa Régia, Dom João VI nomeou também os primeiros censores régios com o objetivo de impedir qualquer publicação contra a religião, o governo

a encargo da Divisão e Serviços de Censura às Diversões Públicas (DCDP)¹⁴⁰, pertencente ao Departamento de Polícia Federal (DPF), subordinado ao Gabinete do Ministério da Justiça (NAPOLITANO, 2014, p. 91).

No entanto, é necessário frisar que a censura política e dos costumes apresentou duas fases distintas: de 1968-75 e de 1975-78 (AQUINO, 1999, p. 212-215). A primeira, ocorreu entre 1968 e 1975, e possuía um caráter amplo, agindo sobre todos os periódicos, sem distinção, podendo ser subdividida em dois períodos: de 1968 a 1972 onde ocorreu uma estruturação da censura do ponto de vista legal e profissional, que intervinha ativamente no conteúdo dos jornais através de bilhetes dirigidos às redações ou por meio de telefonemas dirigidos aos editores; e o segundo que ocorre entre 1972 e 1975, onde temos uma radicalização da censura com a institucionalização da censura prévia aos órgãos que ainda ofereciam alguma resistência. Muitos jornais, grandes e pequenos, foram invadidos, empastelados ou lacrados pela força policial. Muitos diretores de jornais foram presos. O jornal *Opinião*, entre 1972 e 1977, teve 3 edições apreendidas, uma embargada na gráfica antes da impressão e outra inviabilizada por que foram cortadas 170 das 346 laudas da edição. A revista *Veja*, de 1974 a 1976, teve duas edições apreendidas, 60 matérias vetadas na íntegra, 44 fotografias e 20 desenhos e charges foram censurados. O jornal *O Estado de São Paulo* sofreu a censura prévia entre 1972 e 1975, teve 39 editoriais cortados, 1.136 matérias e 54 artigos (MAIA, 2002, p. 469-473).

Já na segunda fase, que ocorreu de 1975 a 1978, a censura passou a ser mais restrita e seletiva: ela lentamente foi se retirando dos órgãos de divulgação e também diminuindo de intensidade as ordens telefônicas e os bilhetes às redações, contudo, permaneceu ainda sobre algumas publicações alternativas. O jornal *Movimento*, por exemplo, de 1975 a 1978, teve

e os bons costumes. A censura só foi interrompida cinco anos depois da Independência, por um decreto de agosto de 1827. No período republicano, em 1921, o governo de Epitácio Pessoa inaugurou a censura com seletividade ideológica ao baixar o decreto 4.269, que regulava a “repressão ao anarquismo”. Com Vargas, na constituição de 1934, se instituiu o direito de resposta, vedou o anonimato, e foi declarado a livre manifestação do pensamento. Mas, o decreto 24.776, que instituiu uma Nova Lei de Imprensa, no seu artigo 6º, parágrafo 6º, permitia que a polícia poderia apreender veículos de comunicação independentemente de mandato judicial. Vargas com a Constituição de 1937, estabeleceu, no artigo 122, a censura prévia aos veículos de comunicação para assegurar “a paz, a ordem e a segurança”, e, com a instauração do Estado Novo (1937-1945) a censura ficou ainda mais forte com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que era responsável pelo registro das empresas jornalísticas e dos jornalistas profissionais. Ver: MATTOS, Sérgio. A censura no Brasil Republicano. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Síndrome da mordaca**: mídia e censura no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 51-55.

¹⁴⁰ O SCDP (Serviço de Censura de Diversões Públicas), foi um órgão federal criado em 26 de dezembro de 1945 pelo Decreto-lei n.º 8.462, para lidar com questões de natureza moral, e, fazer a censura das chamadas “diversões públicas” (o teatro, o cinema, a música, o rádio, as casas de espetáculo, entre outros), mas, que em 1972, tornou-se Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), um órgão de “direção, coordenação e controle” dentro da estrutura do Departamento de Polícia Federal (MARCELINO, 2006, p. 34).

cerca de 6 mil artigos e ilustrações vetadas parcial ou totalmente, sendo que algumas foram proibidas de circular (MAIA, 2002, p. 473).

Napolitano (2014), em contrapartida, estabeleceu uma divisão temporal diferente da de Aquino (1999), e, destacou a existência de três momentos repressivos sobre a área cultural. O primeiro momento aconteceu entre 1964 e 1968, no qual se preservou e tolerou a cultura crítica e de esquerda¹⁴¹, que se afirmou no governo de Jango, e se caracterizou pela ocorrência de uma menor repressão dos artistas, como indivíduos - desde que o artista engajado ficasse dentro do mercado editorial, fonográfico ou televisual, e dos circuitos culturais da classe média -, e mais repressão sobre as instituições e os movimentos culturais, objetivando dissolver as conexões entre a “cultura de esquerda” e as classes populares, o que resultou no fechamento do Centro Popular de Cultura (CPC)¹⁴², ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), e do Instituto Superior de Estudos Brasileiros¹⁴³ (NAPOLITANO, 2014). Napolitano (2014, p. 92) também nos chamou a atenção para a questão de que a área mais visada pela censura nesse momento foi o teatro, não só pelo alcance social que tinha, mais também pela sua capacidade de mobilizar os setores intelectuais de oposição ao regime, e, que ocorreu controle e perseguição à imprensa escrita, realizada, principalmente, via Inquéritos Policiais-Militares (IPM) e processos judiciais, o que culminou na implantação do que o autor chama de “terror cultural”, pois causava insegurança ao transformar todos os intelectuais críticos em potenciais subversivos “inimigos da pátria”, resultando no expurgo de professores nas universidades, apreensão de livros e revistas, proibição de filmes e peças teatrais, e prisões.

¹⁴¹ Para Napolitano (2014), a cultura de esquerda orbitou em torno do Partido Comunista Brasileiro, que desde meados da década de 1950, construiu uma política de alianças de classe que unia o campesinato, o operariado e a classe média progressista, por exemplo, por entender que a cultura devesse ser um idioma universal e o farol da consciência nacional na marcha da história. De viés nacionalista e democrático, a cultura de esquerda valorizava o nacional-popular, ou seja, uma arte engajada que tivesse uma maior identificação com o povo e visasse desconstruir crenças e atacasse tradições, a fim de “politizar as massas”, e uma arte que combinasse as expressões locais e folclóricas com estéticas cosmopolitas.

¹⁴² O CPC foi criado em 1961, tendo como objetivo conscientizar as camadas sociais tidas às margens da sociedade, das ações sociais e políticas que gerava as condições da sociedade brasileira naquele determinado momento, e também garantir a “proliferação” da cultura nacional pelo país, definindo estratégias para a construção de uma cultura nacional, popular e democrática. Ver: SILVA, Robson Pereira da. A contracultura no Brasil: Secos & Molhados e a indústria cultural na década de 1970. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar**, Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI.

¹⁴³ O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi uma instituição do Estado Brasileiro, criado pelo Decreto nº 37.608, de 14 de julho de 1955, como órgão do Ministério da Educação e Cultura (MEC), e diretamente subordinado ao seu ministro. O grupo de intelectuais que o criou, vinculado ao campo das ciências sociais e humanas, era liderado por Hélio Jaguaribe, e tinha como objetivos o estudo de possíveis soluções para intervir na realidade brasileira. O ISEB foi extinto em abril de 1964. Ver: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O conceito de desenvolvimento do ISEB rediscutido. **Texto para discussão da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas**, 137, São Paulo, agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/texto-discuss%C3%A3o/04.08-Conceito-desenvolvimento-ISEB-TD137.pdf>> Acesso em 16 set. 2019.

Deste período poderíamos citar como importante ponto cultural o movimento Tropicália, ou Tropicalismo, cujas raízes foram lançadas em 1967, no *Festival de MPB* da TV Record de São Paulo, quando Caetano Veloso e Gilberto Gil cantaram, respectivamente, as canções *Alegria, Alegria* e *Domingo no Parque* (NAPOLITANO, 2014, p. 100). Napolitano (2014, p. 101), chama-nos a atenção para o fato de que mesmo que a Tropicália não tenha sido um movimento homogêneo, no qual todos os artistas identificados como “tropicalistas” partilhavam dos mesmos valores estéticos e ideológicos, no entanto, tinham como características comuns a crítica à crença no progresso histórico redentor, o que fazia com que os filmes, as canções e as peças de teatro expressassem o choque paralisante entre o arcaico e o moderno, e, a retomada dos procedimentos das vanguarda modernas, revisando o diálogo da cultura brasileira com o mundo Ocidental, ao incorporar a cultura *pop*.

É válido destacar que o movimento tropicalista, além de dialogar com questões específicas da cultura de esquerda brasileira, esteve também intimamente ligado à onda contracultural¹⁴⁴ que tomou conta do Ocidente nos anos 1960. A contracultura foi um movimento que surgiu no Brasil na segunda metade da década de 60, com uma juventude que começou a se engajar politicamente através dos movimentos estudantis para negar diversos aspectos e comportamentos da cultura dominante. Esta juventude buscava a chamada “revolução de costumes”, valorizando a simplicidade, o amor, a natureza e a liberdade; a defesa da liberação sexual, da pílula anticoncepcional - que dava à mulher a decisão de engravidar -, da legalização do divórcio, da prática do sexo natural (sem repressão social) e da sexualidade alternativa, que teve forte expressão, na década de 60, no feminismo e nos movimentos das comunidades gays (REICH, 1982). Estes jovens, enfim, eram contra o consumismo, os valores capitalistas impostos e o conservadorismo, pois isso levaria a uma

¹⁴⁴ Concebemos aqui o conceito de contracultura de Groppo, que o considera num sentido bem mais amplo que o de movimento *hippie*, que se insere nessa modalidade. O conceito de contracultura, para o referido autor, considera também como pertencente as outras experiências comportamentais de indivíduos e grupos, os movimentos artísticos e culturais, as novas modalidades filosóficas, religiosas e místicas, as experimentações com drogas e as discussões e contestações de valores, normas e tradições. É importante frisar que, mesmo com as suas particularidades, o movimento da contracultura brasileira, assim, como o que ocorreu nos Estados Unidos, ocorreu nos principais centros urbanos, como em São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de uma juventude universitária e pertencente à “nova classe média”, que “por encontrarem obstáculos para uma participação mais atuante no plano político-cultural”, acabaram sendo “atraídos por práticas culturais não hegemônicas e marginais, tanto dos esquerdismos (maoísmo, trotskismo, socialismo cristão e anarquismo), quanto dos exotismos (*beatniks*, *hippies*, misticismos, orientalismos)”, e assim, se voltaram contra a sua própria classe social e rebelaram-se contra a ideologia dominante tradicional, começando então a discutir os papéis sexuais tradicionais e a pregar outros valores, práticas, ideias e ideologias, como a qualidade em vez de quantidade, a paz, a harmonia e a igualdade em todos os setores da vida, o uso de drogas, como a maconha e a cocaína, estilo de vida *hippie* (GROPPO, 2000, p. 36-43). Ver: GROPPO, Luís Antonio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960**. Tese de Doutorado (Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas -SP, 2000, p. 603.

libertação do espírito, a luta pela paz e ainda, a valorização das minorias, como as mulheres, os negros e os homossexuais (PRADO; MACHADO, 2008, p. 41).

Como exemplos da contracultura brasileira, para além do movimento da Tropicália, poderíamos citar o surgimento da *Música Popular Brasileira* (MPB) em 1965, quando Elis Regina interpretou “Arrastão”, de Vinícius de Moraes e Edu Lobo; os romances e poesias que se abriram às discussões sociais ou políticas, como as de Antônio Callado, Érico Veríssimo, Ignácio de Loyola Brandão, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade; o surgimento do “cinema novo” com os cineastas Nelson Pereira dos Santos, Robertos Santos e Gláuber Rocha, com temáticas da área rural (“Vidas secas” e “Deus e o diabo na terra do sol”) e depois com temas mais urbanos (“Terra em transe” e “Macunaíma”) (GROPPO, 2000, p. 286-300), e, no teatro, o surgimento do *Teatro Oficina*, em São Paulo no ano de 1958, produzindo várias peças sob a direção de José Celso Martinez Corrêa, e, entre as peças produzidas por ele está “O Rei da Vela”, obra escrita por Oswald de Andrade em 1933 e encenada em 1967 (VALENTINI, 2016)¹⁴⁵.

O segundo momento repressivo contra a cultura ocorreu entre 1969 a 1978, e tinha como principal objetivo a repressão de uma cultura que pudesse mobilizar o radicalismo da classe média, principalmente dos estudantes, suprimindo toda forma de expressão que pudesse ter qualquer significação política; reprimindo obras ou criando dificuldades objetivas para sua circulação e distribuição; exercendo censura à imprensa; atacando a produção cultural universitária e demitindo professores (NAPOLITANO, 2014, p. 92). De acordo com o autor, nessa fase o regime investiu também na criação de duas novas leis: a Lei de Censura, de novembro de 1968, que sistematizava a censura sobre obras teatrais e cinematográficas e criava o Conselho Superior de Censura, implantado efetivamente somente em 1979; e, o Decreto-Lei nº 1.077, de janeiro de 1970, que instaurou uma censura prévia por não tolerar publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes, sobre livros e revistas recreativas, mas não nos de notícias ou informação, como os jornais impressos. Napolitano (2014, p. 92), destaca que é dentro desse período que a Polícia Federal, especificamente a partir de 1972, se reorganizou para aplicar a censura com mais eficiência, com a criação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e com a ampliação do seu corpo de censores; e, que também houve o controle da imprensa através de “bilhetinhos” e telefonemas às redações de jornais de todo país, que saíam do Serviço de Informação ao Gabinete

¹⁴⁵ Para saber mais sobre o teatro ver: < <http://entretenimento.r7.com/corajoso-teatro-brasileiro-resistiu-a-ditadura-militar-31032014> > Acessado em 19 de agosto de 2018.

(SIGAB)¹⁴⁶, criado em 1971, e, o aumento da autocensura¹⁴⁷ nas redações dos periódicos da grande imprensa. Assim, entre 1969 e 79, tivemos 450 peças interdidas, total ou parcialmente; 500 filmes censurados; 200 obras literárias proibidas, etc (NAPOLITANO, 2014, p. 176).

É importante frisar que a censura pretendia atingir a “especificidade da obra, mas não a generalidade da sua produção”, ou seja, censuravam as peças teatrais, os filmes, os livros, mas não o teatro, o cinema ou a indústria editorial, pois o que se queria com a repressão era impossibilitar a “urgência de determinados tipos de pensamentos ou de obras artísticas” (ORTIZ, 1984, p. 89). Desta forma, paralelamente aos procedimentos de vigilância e censura, o regime civil-militar, conforme Fernando Santos (2009, p. 9), desenvolveu um conjunto de políticas de incentivo à produção cultural, através da ação direta do Estado ou pela iniciativa privada, como a criação da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), em 1975, um órgão governamental que poderia funcionar como um “banco da cultura”, ao viabilizar o financiamento às artes, e, que teria três institutos subordinado a ele: Instituto Nacional de Música, que atenderia os músicos eruditos; Instituto Nacional de Artes Plásticas, destinado aos artistas plásticos; e, o Instituto Nacional do Folclore, destinado as atividades da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Napolitano (2014) nos dá como exemplos de investimento do regime civil-militar na cultura outros dois campos das artes: cinema e teatro. No campo do cinema, os militares chegaram a apoiar financeiramente a produção e a distribuição de obras, através da criação: do Instituto Nacional do Cinema (INC), da estatal Empresa Brasileira de Filmes (EMBRASILME) e do Conselho Superior de Cinema (CONCINE)¹⁴⁸. Já no campo do teatro,

¹⁴⁶ A tarefa de censura prévia da imprensa ficava ao encargo do Serviço de Informação do Gabinete (SIGAB), órgão clandestino vinculado à pasta da Justiça e à Polícia Federal (MARCELINO, 2006).

¹⁴⁷ A autocensura é definida por Juliano Doberstein (2007, p. 66), como um procedimento definido pela “introjeção de formas de cerceamento à informação de interesse público, praticada por parte da própria instituição que a operacionaliza”, ou seja, “um controle não exercido, diretamente, por autoridade estranha ao espaço jornalístico como tal”, já que é uma “censura patronal” realizada “com maior rigor, persistência e eficácia”, talvez até mais do que “a censura prévia do governo”.

¹⁴⁸ O Instituto Nacional do Cinema (INC) foi criado pelo Decreto-lei n.º 43, de 1966, como uma autarquia federal subordinada ao Ministério da Educação e Cultura, com o objetivo de formular e executar a política governamental relativa à produção, importação, distribuição e exibição de filmes. Já a Empresa Brasileira de Filmes (Embrasilme), surgiu em 12 de dezembro de 1969, como uma empresa estatal específica para atuar no ramo cinematográfico brasileiro com a função de distribuição do filme brasileiro no exterior, mas que com o passar dos anos também passou a financiar os filmes brasileiros de longa-metragem, passando ao *status* de produtora, a distribuir os filmes em território nacional e a premiá-los. E, por fim, o Conselho Superior de Cinema (CONCINE), que era um órgão colegiado criado pelo Decreto nº 77.299, de 16 de março de 1976, e vinculado ao Ministério da Cultura, pelo Decreto nº 91.144, de 15 de março de 1985, que tinha por finalidade disciplinar as atividades cinematográficas em todo o território nacional, por meio de sua normatização, controle e fiscalização. Para saber mais ver: ZENI, Bruno José. Ditadura Militar brasileira e as estratégias para o controle e fomento do Cinema e da Cultura. **FACES DA HISTÓRIA**, Assis-SP, v.5, nº1, p. 321-337, jan-jun, 2018.

o governo reaproveitou o Serviço Nacional de Teatro (SNT), que fora criado em 1937, para realizar uma expansão de sua estrutura visando realizar o trabalho de divulgação do teatro, através de várias campanhas de popularização, como o barateamento do ingresso, e apoiando diretamente à produção de peças, muitas delas de conteúdo crítico e com atores que faziam oposição ao regime (NAPOLITANO, 2014, p. 176-177).

No setor das comunicações, por exemplo, foi preparado uma infra-estrutura tecnológica que viabilizou a implementação das redes nacionais de televisão, entre as quais sobressaiu-se a Rede Globo, estimulado pela criação da Embratel e do Ministério das Comunicações, que desempenhou um papel destacado, ao atingir um público grande de telespectadores, promovendo entre nós uma verdadeira "integração nacional" - ao mesmo tempo, que destruía toda cultura ou identidade regional -, e disseminando um certo tipo de informação - a única acessível para grande parte da população (FRANCO, 1994, p. 72).

É válido ressaltar que os anos 70, foi marcado por manifestações culturais que estavam inseridas no contexto dos jovens universitários e que não visavam conscientizar o povo sobre seu papel revolucionário, como ocorreu com as tentativas do CPC na década anterior. Conforme Jordana Santos (2009, p. 503), o objetivo da arte na década de 70, foi o de tornar a arte como mais uma forma de luta contra o regime, ao invés de fazer dela um instrumento para a "revolução". De todo modo, vale destacar que o campo artístico-cultural acabou vivendo um momento paradoxal neste período. Se por um lado, a mídia, as artes, e os artistas mais engajados estavam cerceados por uma censura rigorosa, por outro, devido ao estímulo do crescimento econômico - que proporcionou a expansão dos meios de comunicação, como jornais e revistas, por exemplo, e, o consumo de bens culturais, como telenovelas e noticiários -, o campo cultural e artístico passou por um momento criativo e prestigiado socialmente, na medida em que eram reconhecidos socialmente pelo seu papel político de lugares de resistência e de afirmação de valores antiautoritários (NAPOLITANO, 2014, p. 157).

O terceiro e último momento repressivo sobre a cultura na ditadura civil-militar, para Napolitano (2014, p. 93), ocorreu de 1979 a 1985, visando controlar o processo de desagregação da ordem política e moral vigentes, e, para estabelecer limites de conteúdo e linguagem. A ênfase do controle censório recaiu "na moral e nos bons costumes", como ocorreu com o jornal *Lampião da Esquina*, que foi processado por tal motivo, e, que falarei mais aprofundamente, no próximo tópico.

Queria destacar que antes de 1964 já havia um aparato dedicado à censura voltado para os costumes e para questões de ordem comportamental - como o sexo, mudanças no tratamento dado às mulheres e proteção de certos valores cristãos -, mas, foi no regime civil-

militar, que a censura foi ampliada, politizada e a sua prática se tornou cada vez mais sistematizada e ideológica (MARCELINO, 2006, p. 26). No entanto, é bom acentuar três pontos. O primeiro ponto, é que a censura entre 1964 e 1968 era prévia para o teatro, cinema, televisão, rádio e espetáculos públicos em geral, e a posteriori somente para a imprensa escrita e para o mercado editorial (STEPHANOU, 2001, p. 306). O segundo ponto, que está intimamente conectado ao primeiro, diz respeito à questão de não se cair no equívoco de dizer que antes da edição do AI-5 a censura era “assistemática” ou “reduzida”, pois tal imagem corresponde somente à censura executada nos órgãos de imprensa, e não à que era praticada em filmes, peças teatrais e nas músicas (STEPHANOU, 2001, p. 291). E, o terceiro ponto, é que quando digo ampliação da censura, quero dizer que houve um aumento do número de censores, aperfeiçoamento de órgãos especializados na atividade, como o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), e criação de uma elaborada legislação¹⁴⁹, alegando-se a necessidade de defesa da moral e dos bons costumes, já que o que mais parecia incomodar os segmentos moralmente conservadores era a “revolução de costumes”, que ganhavam mais espaço na sociedade com as questões dos direitos de certas “minorias” (mulheres, homossexuais, negros), adoção de novos métodos contraceptivos, legalização do divórcio, uso de drogas como forma de rebeldia e a liberalização sexual (MARCELINO, 2006, p. 42).

Termino esta parte, salientando que a ditadura civil-militar como tudo na história foi e é algo complexo. Foi um período de fervor cultural, mas também de censura. Na economia, proporcionou um grande desenvolvimento na década de 70, mas a maior parte da sociedade brasileira não conseguiu desfrutar dos resultados materiais deste processo. E se tudo realmente tivesse dado certo no período que os militares foram presidentes, o Ato Institucional de abril de 1964 seria o único, mas não foi. Se tudo tivesse dado certo, Costa e Silva governaria com a Constituição de 1967, mas não governou e precisou ainda se apoiar no

¹⁴⁹ Cito as leis 5.250, ou Lei de Imprensa, sancionada pelo presidente Castelo Branco, em fevereiro de 1967, que permitia, entre outras coisas, a apreensão e destruição por determinação judicial dos impressos que “contive[ssem] propaganda de guerra ou de preconceitos de raça ou de classe, bem como os que promove[ssem] incitamento à subversão da ordem política e social” ou, então, que “ofende[ssem] a moral pública e os bons costumes”; a lei 5.536, sancionada em novembro de 68, que dispunha sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, e, trazia consigo determinações para a ocupação do cargo de censor, que passaria a ser denominado “técnico de censura”, precisando ter nível superior para pleitear o cargo, preferencialmente das áreas das Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Jornalismo, Pedagogia ou Psicologia; a Emenda Constitucional nº 1, de 1969, que proibiu a imprensa de publicar qualquer notícia que fosse considerada como “propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceitos de religião, de raça ou de classe” ou “contrárias à moral e aos bons costumes”; e o Decreto-Lei 1.077, de 26 de janeiro de 1970, pelo qual a censura prévia de livros e revistas que tratavam de temas referentes aos costumes, foi regulamentada, sob a responsabilidade do Ministério da Justiça, por meio do Departamento de Polícia Federal, que teria a prerrogativa de “verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente” à moral e aos bons costumes (QUINALHA, 2017).

AI-5. Se pelo menos algumas coisas dessem certo, o AI-5 duraria menos de um ano, no entanto, durou dez (GASPARI, 2002, p. 143).

2.2) “MAS A VIOLÊNCIA DO SISTEMA PODE?”¹⁵⁰

De repente o homossexualismo virou assunto. Deixou os cubículos, os becos, os bares e as hospedarias e chegou às ruas. Dezenas de reportagens, "análises científicas", filmes e obras literárias ganharam lugar de destaque nas prateleiras. Hoje quem quer fazer sucesso precisa de um pouco de frescura, e é preciso ter entre os amigos uma bicha qualquer, para provar a abertura (PINHEIRO, nº Zero, 1978, p. 13).

É interessante começar esse texto destacando que a opressão contra os gays no Brasil não começou na ditadura civil-militar. Aqui, como no restante da América, as práticas homossexuais¹⁵¹ que era manifestada nas tribos indígenas, havendo pequenas diferenças de tribo para tribo, conforme os seus costumes e suas crenças, foram perseguidas criminalmente desde a penetração do europeu em nossas terras (VECCHIATTI, 2008, p. 64). Assim, do século XVI ao XVIII, o Brasil, como uma colônia de Portugal, que devia obediência às Constituições do Arcebispado da Bahia, que consideravam a sodomia “tão péssimo e horrendo crime”, como também um pecado indigno de ser nomeado, por isso chamava-se “pecado nefando”, do qual não se podia falar, muito menos se cometer, incumbiu os tribunais eclesiásticos de julgarem os acusados de sodomia e de entregar os culpados ao poder civil para serem punidos, até mesmo com a pena de morte (VIDE, 2007, p. 331-332).

Esta atitude sobre a homossexualidade foi mantida no Brasil pós-independente, cujo primeiro Código Penal, o de 1823, determinava que toda pessoa que cometesse o pecado de sodomia fosse queimada, e que todos os seus bens fossem confiscados pela Coroa, e que caso tivessem filhos e netos, estes também ficariam difamados (TREVISAN, 2004, p.164). Tais punições vigoraram até a Constituição brasileira de 1824, e era um crime comparado ao de lesa-majestade - traição cometida contra a pessoa do Rei, ou seu Real Estado (TREVISAN, 2004, p. 161).

O processo de descriminalização da sodomia no Brasil só ocorreu com a entrada em vigor do Código Criminal de 1830, que retirava o delito de sodomia de nossa legislação (TREVISAN, 2004, p. 164). Com a saída da relação entre pessoas do mesmo sexo do Código

¹⁵⁰ Título extraído de um artigo homônimo publicada na seção Denúncia da edição nº 33, p. 7, de fevereiro de 1981, do jornal *Lampião da Esquina*.

¹⁵¹ O termo homossexual aparece pela primeira vez no Brasil em 1906 no livro de José Ricardo Pires de Almeida, intitulado “Homossexualismo”. GREEN, James Naylor; POLITO, Ronaldo. **Frescos trópicos**: fonte sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 33.

Penal, a homossexualidade passou, então, a ser enquadrada nos crimes de ofensa à moral e aos bons costumes, a ser “zelada” pela instituição policial (TREVISAN, 2004, p. 192).

A sodomia havia sido descriminalizada no início do século XIX. Contudo, códigos penais com noções vagamente definidas de moralidade e decência pública, assim como provisões que limitavam o travestismo e controlavam rigidamente a vadiagem forneciam uma rede jurídica pronta para capturar aqueles que transgredissem as normas sexuais aprovadas socialmente. Embora a homossexualidade em si não fosse tecnicamente ilegal, a polícia brasileira e os tribunais dispunham de múltiplos mecanismos para conter controlar esse comportamento (GREEN, 2000, p. 58).

Assim, qualquer demonstração pública de atos considerados homossexuais poderia ser interpretada como “atos obscenos” pelo Artigo 280 do Código Criminal de 1830, que punia atos públicos de indecência com dez a quarenta dias de prisão e uma multa correspondente à metade do tempo e reclusão (GREEN, 2000, p. 56-57). Ou ainda poderiam ser punidas de forma implícita pelos artigos 266, 282, 379 e 399 do Código Penal de outubro de 1890. O Art. 266, que tratava da “violência carnal”, punia com prisão de um a seis anos toda pessoa que atentasse contra “o pudor de um ou de outro sexo, por meio de violências e ameaças” ou que corrompesse “pessoa de menos idade, praticando com ou contra ela atos de libidinagem”. Era um artigo normalmente aplicado a casos que envolviam relações sexuais entre adultos e menores. O Art. 282, que versava sobre o “ultraje público ao pudor”, punia com prisão por um a seis meses exposições impudicas, bem como atos ou gestos obscenos, praticados em lugar público, os quais ultrajavam e escandalizavam a sociedade. Por ser um artigo tão abrangente, permitia várias interpretações pelos policiais e juízes que poderiam punir qualquer ato considerado atentatório por eles. Já o Art. 379, que dizia respeito ao “uso de nome suposto, títulos indevidos e outros disfarces”, punia com prisão por quinze a sessenta dias toda pessoa que usasse de nome suposto, trocado ou mudado e que disfarçasse o sexo, trajando roupas impróprias. Ou seja, era um artigo que proibia o ato de se travestir. Por fim, o Art. 399, que tratava dos “vadios e capoeiras”, que punia com prisão de quinze a trinta dias, as pessoas que deixassem de exercer sua profissão e não possuíssem emprego nem moradia, ou que trabalhassem em algo proibido por lei ou que fosse ofensivo à moral e aos bons costumes (GREEN; POLITO, 2006, p. 77-79). Assim, o artigo definia o que era a vadiagem e que aqueles que trabalhavam com prostituição, poderiam ser criminalizados pela polícia.

No século XX temos o retorno das concepções sobre a homossexualidade como crime e doença na Europa. Com base no art. 175, a Alemanha nazista enviou aos campos de concentração pelo menos 15 mil homossexuais (BRAZDA; SCHWAB, 2011). Contudo, mesmo com o fim do regime nazista o Código Penal não sofreu mudanças quanto a isto, e os

homossexuais continuaram sendo classificados como criminosos até 1968, na Alemanha Ocidental, e até 1969, na Alemanha Oriental (ELÍDIO, 2010, p. 2). A França é outro exemplo de país que criminalizou a homossexualidade, já que em 1942 promulgou uma lei no governo Vichy, que reinscreveu no Código Napoleônico, entre os “delitos” sexuais, as relações entre pessoas do mesmo sexo (ELÍDIO, 2010, p. 2); em 1960, o parlamento votou uma emenda para definir a homossexualidade como um “flagelo social”, equipando-a ao alcoolismo e à prostituição. Somente em 1982, a lei foi revogada e a homossexualidade deixou de ser ilegal na França (ELÍDIO, 2010, p. 1-2). E, no Brasil não poderia ser diferente. Tentaram tornar explícito a criminalização das relações homossexuais no Código Penal de 1940, através do Art. 258, que prescrevia que aos “atos libidinosos” entre indivíduos do mesmo sexo, quando causassem escândalo público, se imporia aos participantes detenção de até um ano, ou por se tratarem de anormais, através de uma perícia médica, a pena poderia ser modificada para internação hospitalar. No entanto, essa proposição fora cortada do Código e não se sabe a real motivação (GREEN; POLITO, 2006, p. 96-97).

Nos anos 40 e 50, os homossexuais conseguiram uma certa tranquilidade, mas, isso acabaria na década de 60, com o golpe civil-militar. Todavia, no período ditatorial não houve uma “política de Estado formalizada e tão coerente no sentido de exterminar os homossexuais, a exemplo de como existia uma campanha anunciada e dirigida para a eliminação da luta armada” (BRASIL, 2014, p. 301). Mas, segundo Cowan (2015) houve uma ideologia no regime de segurança nacional dos anos 1960-1980, que tem suas origens nas ideias integralistas e católicas ultraconservadoras dos anos 1930, que relacionava a homossexualidade às esquerdas e à subversão, que, portanto, representava o homossexual como nocivo, perigoso e contrário à família, à moral prevalente e aos “bons costumes”, o que acabou resultando numa legitimação de uma violência direta contra as pessoas homossexuais - que só eram toleradas, principalmente no meio artístico, nas boates e no carnaval -, violando seu direito ao trabalho, seu modo de viver e de socializar, ou causando a censura de ideias e das artes que ofereciam uma percepção mais aberta sobre a homossexualidade e também propiciando a proibição de qualquer organização política desses setores.

Temendo a liberalização sexual e a suposta homossexualização da juventude, as pessoas homossexuais se tornaram o alvo predileto do conservadorismo vigente, que consideravam perigosos não só

a feminilidade pública, mas a ideia de que as várias encarnações da homossexualidade pública, das *bichas* e dos cabeleireiros na televisão até a nova imprensa gay, identificada como tal, aliciariam as pessoas à prática da

homossexualidade ou – pior ainda – tornarem-se homossexuais autoidentificados e denominados (COWAN, 2015, p. 37).

Estimulados por esse perigo eminente, uma das medidas da ditadura contra as pessoas homossexuais foram as prisões. Como a homossexualidade não era condenada no código penal¹⁵², uma das tentativas de o Estado tornar as prisões arbitrárias “legais” foi a prisão cautelar, que era um projeto em estudo pelo governo que, a pretexto de combater a criminalidade, se tivesse sido aprovado, estabeleceria que qualquer pessoa, mediante uma simples suspeita, poderia ser detida para averiguações, por qualquer autoridade policial, e mantida presa pelo prazo de até 10 dias, desde que o fato fosse comunicado a um juiz. Tal proposta não foi aprovada, e, *Lampião da Esquina*, desde que ficou sabendo do desejo de se implantar a prisão cautelar, se posicionou contrário em relação ao assunto. No artigo “Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar?”, publicado na edição de nº 20, em janeiro de 1980, Aguinaldo Silva, apresenta a lei, chamando a atenção que apesar do governo negar o desejo de sua implantação, ficava bem claro que pelas intervenções do Ministro da Justiça, Petrônio Portela, a prisão cautelar, iria se abater sobre os cidadãos comuns, os que não têm acesso às salvaguardas que o sistema oferece aos privilegiados. Ou seja, a prisão por suspeição, por meio de uma avaliação subjetiva, atingiria diretamente os homossexuais, os negros e os pobres que não conseguissem comprovar vínculo empregatício.

Como não se conseguiu aprovar a prisão cautelar, a polícia continuou fazendo as prisões arbitrárias, baseando-se em crimes previstos no código penal, como a vadiagem (por não terem emprego com registro), ou de perturbação da ordem pública, por exemplo. E, quanto a isso, *Lampião da Esquina*, também fez algumas matérias que denunciavam tais prisões arbitrárias. Na edição Zero, de abril de 1978, por exemplo, *Lampião*, trouxe uma matéria intitulada “CINEMA Iris: na ultima sessão, um filme de terror”, publicada sem autoria, que tratava sobre a atuação da polícia em ambientes frequentados por homossexuais - bares, cinemas, ruas, praças -, denunciando as prisões de homossexuais, prostitutas e quaisquer outros que não conseguissem comprovar que exerciam uma profissão reconhecida na saída do Cinema Iris, que ficava na região central do Rio de Janeiro. Em outro artigo, na edição 1, de maio a junho de 1978, que recebeu o nome de “E o direito de ir e vir?”, João

¹⁵² Renan Quinalha (2015, p. 25) em sua nota de rodapé de nº 29, chama-nos a atenção para o fato de ter existido até recentemente entre os militares o art. 235 do Código Penal Militar (CPM), que criminalizava a pederastia ou o ato de libidinagem, quando os militares praticassem ou permitissem “que com ele se pratique, ato libidinoso, homossexual ou não, em lugar sujeito à administração militar”. Foi somente no dia 28 de outubro de 2015, que o Supremo Tribunal Federal (STF), ao julgar a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 291, declarou como não recepcionados pela Constituição Federal os termos “pederastia ou ato de libidinagem” e “homossexual ou não”, expressos no dispositivo do CPM.

Trevisan tratou das perseguições sofridas por travestis em São Paulo, e, cita o caso da travesti Kioko, presa sem causa por uma semana, pois era costureira por profissão, então não poderia ser acusada de vadiagem. Na edição de número 2, de junho de 1978, temos a publicação da matéria “Más notícias do Nordeste, de um leitor do Recife, que não se identificou, mas que denunciava os casos da policia recifense ter levado presos os frequentadores do Bar Atlântico e do Cantinho da Sé, em Olinda, sem aceitar qualquer argumento ou documento, e, terem realizados batidas em boates.

Outro texto de Trevisan que denunciava a prisão de travestis que, mesmo portando carteira de trabalho, eram presas e fichadas, foi o artigo “São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti”, publicado na edição 26, de julho de 1980, que dizia respeito aos episódios chamados de “Operações Limpeza” e “Rondão”. Ocorridas em São Paulo, entre 1979 e 1982, no governo de Paulo Maluf, sob a liderança do delegado Wilson Richetti, essas operações policiais, eram baseadas em estudos criminológicos do delegado Guido Fonseca, que recomendava a contravenção penal de vadiagem como instrumento para combater a homossexualidade, e, tinham como finalidade retirar das áreas residenciais e do centro da cidade de São Paulo, sobretudo das regiões Bocas do Lixo, Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche e Vieira de Carvalho, os sujeitos associados à delinquência que poderiam cometer atos de atentado à moral pública, como homossexuais em geral, travestis e pessoas que se prostituíam, e, colocá-los em um prédio só para homossexuais (BRASIL, 2014, p. 307).

Na edição 31, de dezembro de 1980, Trevisan com o texto “Richetti volta às ruas”, volta a falar dessas ações policiais em São Paulo, só que desta vez elas eram contra as lésbicas. Tais policiais invadiram os bares Cachação, Ferro’s e Bexiguinha e detiveram todas as mulheres que lá estavam, incluindo as que possuíam carteira assinada, sob o argumento de que eram todas “sapatonas” (TREVISAN, 1980, p. 16).

Com o jornal *Lampião*, também podemos observar que Brasília foi palco das repressões policiais. Em setembro de 1980, numa noite qualquer, a Rodoviária e o Setor de Diversões Sul, parte da cidade que se reuniam travestis, prostitutas e seus fregueses, foram invadidos e tomados pela polícia, que costumavam aparecer pedindo a apresentação de documentos pessoais e iam embora. Só, que desta vez, a aparição dos policiais, que teve o patrocínio do Departamento de Polícia Federal e do Juizado de Menores, estavam com cacetes e metralhadoras, fecharam todos os bares e a boate Aquarius, e, levaram para a prisão pessoas que tinham documentação. Essa situação foi descrita na matéria “Pega pra capar em Brasília”, de Alexandre Ribondi, na edição n. 29, de outubro de 1980.

Uma outra medida contra homossexuais, foram os seus expurgos de cargos públicos. Como exemplo, podemos citar o caso de 15 diplomatas cassados do Itamaraty em 1969, sendo que sete deles o foram sob a justificativa explícita de “prática de homossexualismo, incontinência pública escandalosa” (QUINALHA, 2015, p. 248).

Outra medida do governo contra os homossexuais e a homossexualidade, foram os processos contra pessoas homossexuais ou à imprensa que falasse sobre a homossexualidade. O caso mais conhecido de processo à pessoa, é o do jornalista Celso Curi, que trabalhava no jornal *Última Hora*, de São Paulo, publicando “A coluna do meio”, entre fevereiro 1976 e novembro de 1977, quando foi demitido sob o Pretexto de "contenção de despesas" (TREVISAN, 1978, p. 6). Como a coluna era dirigida, principalmente, aos leitores gays, Celso Curi foi processado, de novembro de 1976 a outubro de 1979, e enquadrado no artigo 17 da Lei 5.250 (Lei de Imprensa) por ato de ofensa moral e aos bons costumes, pelo Ministério Público de São Paulo por “promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente”, já que ofendia “de modo contínuo, no período compreendido entre 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral pública e os bons costumes”, cuja coluna exaltava o “homossexualismo” ao defender “abertamente as uniões anormais entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção *Correio Elegante*” (TREVISAN, 1978, p. 6-8). Celso caso fosse condenado, poderia ter tido uma pena de detenção entre 3 meses e 1 ano ou multa de 1 a 20 salários mínimos, mas, ele acabou sendo absolvido em março de 1979.

Já contra a imprensa, que ousou falar sobre a homossexualidade, poderíamos citar os casos da Revista *IstoÉ*, que no ano de 1978, teve uma matéria de 8 páginas intitulada “Os gays saíram à luz”, escrita por 9 jornalistas. Escrita pelos jornalistas Alex Solnik, Fernando Sandoval, Maria Christina Pinheiro, Vera Dantas, Dulce Tupy, Tim Lopes, Lenora Bargas, José Aparecido Miguel e Nirlando Beirão, e falando sobre o “poder homossexual” abordava diferentes personalidades vinculadas ao universo homossexual, criticava a representação tradicional dos homossexuais como “anormais” e destacava a repressão das forças policiais, e, por isso, a revista foi processada pelo Estado de São Paulo sob a acusação de fazer “apologia malsã do homossexualismo” (QUINALHA, 2017, p. 154-158).

No mesmo ano, ocorreu o processo contra a revista *Interview*¹⁵³, na qual jornalistas foram inidicados por matéria de conteúdo homossexual, só por terem realizado uma entrevista

¹⁵³ A revista *Interview*, conhecida como “a bola de cristal do pop”, foi fundada nos EUA em 1969 por Andrew Warhola, conhecido como Andy Warhol, pintor, cineasta e uma das grandes figuras da pop art. Com a morte de Warhol, em 1987, a revista foi comprada por Peter Brant, conhecido por colecionar arte, que colocou para comandar a redação a editora Ingrid Sischy. Retratando todo o circo de celebridades, a publicação dava aos seus leitores uma sensação de proximidade com as estrelas de cinema, aristocratas e milionários que falavam sobre a

com Ney Matogrosso, ex-vocalista do grupo musical *Secos e Molhados*, com o título “Ney Mato Grosso fala sem make-up” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 5, 1978, p. 16), e contra o jornal *Lampião da Esquina*, que teve instaurado o inquérito policial 25/78, em de agosto de 1978, pelo Delegado de Polícia Federal e Chefe da DOPS/SR/DPF/RJ Miguel de Lacerda Mendes, cujo objetivo era

a apuração do responsável ou responsáveis pela publicação, nos ns. ‘ZERO’ e ‘UM’ dos meses de ‘Abril’ e ‘Maio’, do Jornal ‘LAMPPIÃO DA ESQUINA’, de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, vez que, em suas mensagens, [havia] um incentivo muito forte à prática do homossexualismo. (QUINALHA, 2017, p. 301)

Silva (1998) atenta para o fato de que a matéria escolhida para instaurar o inquérito baseado na “moral” e nos “bons costumes”, fora feita por Trevisan, na edição nº Zero, na qual o autor falava do processo sofrido pelo jornalista Celso Curi, acusado também pelo mesmo motivo que queriam processar *Lampião*.

No dia 24 de novembro de 1978, quando o jornal fazia seis meses, Aguinaldo Silva, foi convocado para prestar depoimento, conforme registra o seu termo de declarações perante o DOPS/SR/DPF/RJ, e, que o passo seguinte para o Inquérito Policial n. 25/78, por ferirem a Lei de Imprensa por ofensa à moral e aos bons costumes, foi a convocação para a identificação datiloscópica dos editores Aguinaldo Silva, Francisco Bittencour, Adão José Acosta, Clóvis Marques e Antonio Chrysóstomo de Oliveira, pedida pelo Delegado de Polícia Federal William Barth (QUINALHA, 2017, p. 296-298). Porém, eles compareceram no dia 23 de janeiro na Delegacia da Polícia Federal do Rio de Janeiro, para ratificar os depoimentos, mas “na hora da identificação datiloscópica, se furtaram a cumprir a formalidade legal, através da ingerência de seus advogados” (QUINALHA, 2017, p. 298).

No entanto, *Lampião da Esquina*, resolveu romper com o silêncio, e, na edição de número 9, escancarava a perseguição que estava sofrendo por parte do Governo. O texto “A difícil batalha dos censores contra a realidade - Para o Brasil do ano 2.000 os ‘bons costumes’ do século XIX”, de Aguinaldo Silva, expõe que “o DPF está realizando um inquérito contra esse jornal, tentando enquadrá-lo na Lei de Imprensa sob a acusação de ‘ofensa à moral e aos bons costumes’, por falar sobre homossexualismo” (SILVA, 1979, p. 5). Em contrapartida, o jornal resolve refletir sobre a questão da moral e dos bons costumes. A primeira reflexão foi

vida cotidiana em entrevistas quase sem edição e publicadas em estado bruto. *Interview* ficou conhecida também pelas ilustrações de Richard Bernstein, que trabalhava sobre as fotografias originais, destacando as feições e as colorindo à mão. Ela deixou de ser publicada em 2018 em meio a um processo de acusações de dívidas trabalhistas e de assédio que ainda se arrastam nos tribunais. Ver: ALONSO, Guillermo. Adeus à ‘Interview’, a revista com que Andy Warhol sonhou (e todos nós). *Revista El País*, 23 de maio de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/22/cultura/1526976571_981587.html> Acesso em 30 de julho de 2018

feita por Peter Fry no texto “Cada época com sua medida”, onde aponta que o Código penal brasileiro não criminaliza a relação homossexual, e, portanto, ele reconhece

que as regras que dizem respeito a homossexualidade não pertencem à esfera pública da sociedade, mas sim à esfera privada, e que podem variar de um grupo para outro, de uma classe para outra, de uma geração para outra, e assim, de uma época para outra. É da natureza da moral e dos bons costumes que estes sejam fluidos e variáveis; portanto, não é possível incorporá-los ao Código Penal, que estabelece as mesmas - e imutáveis - regras para toda a sociedade. (FRY, 1979, p. 5)

E Peter concluiu, alfinetando a justiça, dizendo que se

agora, a moral e os bons costumes, por definição não fazem parte do corpus juris da sociedade, é mais que contraditório que o sistema legal tente opinar sobre o que é atentatório contra eles. Não invejo o promotor ou o juiz que tenha que declarar o que é que constituiu moral e os bons costumes para todo o Brasil. No final das contas, o Brasil é muito grande, muito diferenciado. E dizem que ele não pode parar. (FRY, 1979, p. 5)

Lampião também irá criticar o Código da Censura Federal, que para ele,

com 33 anos de existência, se se tratasse de uma pessoa, já teria vivido uma vida inteira. Teria atingido a maioridade, feito serviço militar e, na idade de Cristo, estaria com um panorama totalmente diferente do mundo, a menos que crescesse numa prisão de pensamentos tacanhos. (...) O Presidente João Baptista de Figueiredo jurou que faria do Brasil uma democracia. Agora eu pergunto ao *Lampião*: Diante disso, uma censura de 1946 pode prevalecer ainda? (SANGIRARDI, 1979, nº 9, p. 6)

Lampião questiona, então, se tais critérios sobre "moral" e "bons costumes", estabelecidos no código de 1946, ainda poderiam ser válidos para a época em que viviam, ou se era necessário discuti-los e modificá-los. E, para quem não estava entendendo nada sobre o jornal estar publicando tanto material sobre censura e moral e bons costumes, *Lampião* no texto “Ma che cosa é questa?”, explicou que essas indagações

decorre de um fato que está acontecendo nos salões da Polícia Federal e do qual LÂMPIÃO é o **pivot**. A julgar pelo caráter das perguntas que nos estão sendo feitas e pela absoluta falta de razões, não restam dúvidas de que, mais do que uma tentativa para um possível enquadramento dentro do previsto pela "moral e bons costumes", trata-se de uma rotineira forma de opressão que ainda vigora, apesar das aberturas prometidas e ensaiadas, visando intimidar principalmente os da imprensa nanica, que pelo seu próprio caráter minoritário não está vinculada direta ou indiretamente aos meios e às ideias oficiais. (PENTEADO, 1979, nº 9, p. 6)

E o texto continua, mas agora passando a tranquilizar os leitores dizendo que

Não existe contra nós nenhum processo formado. É um inquérito policial baseado numa denúncia feita sabe-se lá por quem, mas que deve ser alguém muito complicado para querer encontrar em LÂMPIÃO algo que seja ou pareça imoral, a menos que se considere imoralidade defender a ecologia, tentar conscientizar homossexuais do seu papel atuante na sociedade ou

reconhecer os direitos das mulheres e dos índios. Nossos leitores, porém, não devem ficar preocupados com o jornal e com os conselheiros lampiônicos: nós continuaremos respirando enquanto existir Oxigênio. (PENTEADO, 1979, nº 9, p. 6)

Todavia, o inquérito continuou e, como foi noticiado pelo próprio *Lampião da Esquina*, na edição de número 12, as pessoas do conselho editorial foram identificadas criminalmente:

No dia 2 de abril cinco editores de LAMPIÃO da Esquina compareceram à sede do Departamento de Polícia Federal, na Praça Mauá, Rio (que, ironicamente, possui à porta este letreiro: "Imprensa Nacional"), para serem identificados criminalmente. Antônio Chrysóstomo, Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva, Clóvis Marques e Adão Acosta foram fotografados de frente e de perfil (e não de costas, como se esperava), e tiveram suas impressões digitais tiradas dezenas de vezes, indiciados que estão no inquérito de nº 25/78 daquela repartição policial, sob a acusação de "ofensa à moral e ao pudor público" (decreto 1077, Lei de Imprensa). (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 3)

E novamente tentam minimizar o que o jornal estava sofrendo, afirmando que

a identificação criminal encerra a fase de inquérito, já que agora cabe ao delegado que conduziu os trabalhos enviá-lo à Justiça. E esta decidirá se deve denunciar os editores de LAMPIÃO, OU SIMPLEMENTE ARQUIVADO. As absolvições recentes de Celso Cúri em São Paulo, e do poeta Nicolas Behr em Brasília, ambos enquadrados no mesmo item do decreto 1077, mostra qual é a posição da Justiça, a essa altura dos acontecimentos - e da vida nacional - quanto a esse tipo de acusação. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 3)

E o texto termina com humor e atacando indiretamente a justiça, ao refletir que

de qualquer modo, ao anexar aos seus já vastos arquivos as fotos dos cinco editores do LAMPIÃO, o DPF não deve se dar ao luxo de imaginar que com isso eles estão completos. Apenas para dar um exemplo: lá não estão as fotos de Michel Albert Frank, o matador de Cláudia Lessin, nem dos que lhe forneciam aquele que era seu principal combustível - a cocaína. Lá também não estão os responsáveis pelo Grupo Lume, embora a denúncia por sonegação de impostos contra um deles, tenha sido aceita recentemente pelo Supremo Tribunal Federal. Isso para não falar em outras figuras diante de cujas ações nosso trabalho de jornalistas parece aquela história de Davi e Golias (a imprensa é Davi, malhando sem parar o gigante insensível): os Lutfalas e Atallas, os Ludwigs e outros que tais. De qualquer modo, Golias, lá vai pedra..." (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 3)

Trevisan em uma entrevista concedida a Flávia Péret para seu livro *Imprensa Gay*, relatou a dificuldade da polícia em compreender a existência de um jornal gay feito por "viados" que foram prestar depoimentos engravatados como homens e não travestidos de mulheres, e, o despreparo da polícia sobre o caso, durante a oitiva dos depoimentos:

Eu me lembro que, quando chegamos na delegacia, em Higienópolis, o delegado fez o interrogatório errado. Ele confundiu o processo, achando que se tratava de um caso de subversão. Ele nos perguntava: ‘Mas quando é que vocês foram para Cuba? O que vocês foram fazer lá?’, e foi o escrivão que percebeu o equívoco... ele [o delegado] não estava entendendo nada. (TREVISAN apud PÉRET, 2011, p. 54)

Apesar dos equívocos, o inquérito parecia seguir com normalidade. O texto “De bicha, negro e louco, todos nós temos um pouco”, publicado na edição 15, de 1979, por Aguinaldo Silva, informa que os editores paulistas Darcy Penteadó, João Silvério Trevisan e Jean-Claude Bernardet, tinham sido indiciados e qualificados criminalmente em São Paulo, após prestarem depoimento (SILVA, 1979, p. 5). Peter Fry não passou pelo mesmo processo porque, “no dia marcado, estava em Fortaleza, para participar da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência” (SILVA, 1979, p. 5), mas um tempo depois, quando voltou a São Paulo, também foi interrogado sozinho, no Departamento da Polícia Federal, e obrigado a tocar piano numa outra dependência, sendo chamado de gringo e acusado de corromper o Brasil e de poluir a pureza brasileira, como ele mesmo destacou numa entrevista concedida em 1998 ao historiador Cláudio Roberto da Silva, para a sua dissertação *Reinventando o Sonho: Historia Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo*.

Nesse texto de Aguinaldo Silva, também foi exposta a solicitação da presença do tesoureiro do jornal munido das respectivas escriturações e balancetes da editora Esquina relativos aos meses de janeiro a maio de 1979, realizada pelo delegado responsável pelo IPL 25/78-DOPS (SILVA, 1979, p. 5). E, essa foi a outra forma de pressão que o jornal *Lampião* sofreu: a devassa contábil que, apesar de ser formalmente legal, funcionava como uma medida de perseguição política aos veículos considerados “subversivos” (QUINALHA, 2017, p. 301). Essa tentativa de represália, que contou até com uma inclusão do *Lampião da Esquina* no dossiê do Centro de Investigações do Exército (CIEX), tinha como objetivo levá-lo a encerrar suas atividades por razões fiscais, pretendendo provar que o jornal não tinha condições de sobreviver como empresa (ANDRADE, 2015, p. 52).

Após consultarem Luís Celso Soares de Araújo, advogado da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que assessorava juridicamente *Lampião*, e, que ponderou que “a solicitação era ilegal e arbitrária”, e, que, portanto, “deveria ser ignorada” (QUINALHA, 2017, p. 301), a solicitação não foi prontamente atendida. Assim, somente em 16 de agosto de 1979, que a editora apresentou ao Delegado de Polícia Federal os balancetes extraídos dos livros da

editora Esquina. Conforme consta no documento protocolado pelo contador Josias Barbosa Santana,

o balanço patrimonial do primeiro ano de funcionamento do jornal acumulou, até 31 dezembro de 1978, o prejuízo de 7.193,75 unidades monetárias da época. Já o balancete relativo ao primeiro semestre até 31 de julho de 1979, mostrava já o jornal em razoável saúde financeira, com um total acumulado de 648.323,25, revertendo o prejuízo do ano anterior (QUINALHA, 2017, p. 305).

Ademais, no dia 6 de julho, provavelmente para conferir a veracidade das informações que seriam prestadas, segundo Quinalha (2017), o Delegado José da Silva Motta solicitou diligência registrada no Relatório de Missão n. 036/79-Cart/DOPS para verificar, junto à distribuidora de jornais e revistas, a quantidade do referido jornal distribuído ao público em 1979 (QUINALHA, 2017, p. 505). Nesse informe, constavam 4250 exemplares em janeiro, 4300 em fevereiro, 4400 em março e 4000 de março até julho (QUINALHA, 2017, p. 505).

Quinalha (2017) também aponta que no dia 11 de julho de 1979, um dia após à solicitação dos balancetes, o Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro, controlado por forças da esquerda organizada, enviou um telegrama ao Ministro da Justiça solicitando “providências para apuração de responsabilidade e também definição do governo contra exigências na verificação contábil do jornal ‘O Lampião’ por parte da polícia federal” (QUINALHA, 2017, p. 302). Esse apoio ao *Lampião*, conforme o autor, “relativiza o argumento de que as esquerdas não se importavam com as lutas dos homossexuais como se se tratassem de algo menor e secundário” (QUINALHA, 2017, p. 302).

De acordo com Quinalha (2017), o Ministro da Justiça Petrônio Portella determinou que, ainda no dia 11, o DPF lhe entregasse um relatório completo sobre o inquérito que corria contra o jornal. A ordem foi cumprida e o Ministro divulgou, no fim da tarde desse mesmo dia, uma nota com a explicação do diretor do DPF, Moacir Coelho, que foi publicada no jornal *Lampião*, no artigo “Nossa pobreza é nosso maior charme”, sem assinatura, da edição número 15, na qual o delegado dizia querer com a solicitação de livros contábeis e balancetes, provar “que a empresa não tem condições financeiras de se manter” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 5).

Entretanto, *Lampião* questiona tal justificativa dizendo que não cabia à Polícia Federal “- e este é o ponto mais central da questão - verificar se uma empresa tem ou não condições de se manter”, e, que “caso o pessoal do DPF resolva se entregar a este excesso de zelo, a nosso ver, deve começar examinando os livros de [outras] empresas”, pois no caso da editora Esquina “exatamente porque ela não visa ao lucro, os problemas financeiros praticamente

inexistem: toda a verba arrecadada com a venda de um número do jornal é consumida na edição do número seguinte”. O texto ainda questiona “se o DPF acha que nós não temos condições de nos manter, que responda a essa pergunta: quem nos financia? O jornal está no n. 14, e nunca atrasou na sua chegada às bancas”, e, conclui dizendo que “as pressões não nos farão desistir do projeto do jornal. Se a polícia insiste em sua intenção de ver *Lampião* fora de circulação, que aja legalmente: conclua o inquérito em que nos envolveu e o remeta à Justiça (...)” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 5)

Quinalha (2017) aponta que em 10 de setembro de 1979, o delegado José da Silva Motta, solicitou também ao jornal, através de ofício, a apresentação da escrituração da firma,

com a qual pudemos provar ser uma empresa sem lucro de qualquer espécie, com a ínfima tiragem mensal de cerca de 4.000 exemplares, inclusive não contando com anúncios ou mensagens comerciais em suas páginas, fato este que nos leva a pressupor, e neste caso a presunção é válida, de que o tablóide LAMPIÃO DE ESQUINA [sic] tem como finalidade última uma velada mensagem desagregadora, com vistas à destruição de nossa cultura, interesses, sentimentos familiares, costumes e aspirações comuns (QUINALHA, 2017, p. 303).

Ou seja, Dr. Motta afirmava que, após analisar a situação financeira bastante pobre do jornal, ele só poderia consistir em uma iniciativa de ataque ao regime e aos valores morais da sociedade. Apesar de todos esses esforços para encontrar alguma irregularidade na parte contábil, nada foi encontrado. Porém, esta não foi a única estratégia no plano econômico, pois Quinalha (2017) destaca que houve também um planejamento de sanção econômica ao jornal *Lampião*, como consta na Informação n. 051/19/AC/80, proveniente da AC/SNI, que não recomendava

a difusão de anúncios de propaganda por entidades da Administração Pública Federal, em face da prevalência nesses veículos da divulgação de temas hostis ao Governo Federal, como também, em alguns casos, da abordagem de assuntos atentatórios à moral e aos bons costumes”. Logo em seguida, constava o *Lampião da Esquina*, descrito como “periódico da imprensa ‘nanica’” que “defende o homossexualismo e aborda assuntos atentatórios à moral e aos bons costumes. (QUINALHA, 2017, p. 295)

Em outras palavras, tal documento recomendava que as entidades da Administração Pública Federal boicotassem publicidade, anúncios e atos governamental no jornal.

Quinalha (2017) destaca que *Lampião* foi atingido por outras modalidades de violência e repressão. Uma delas, dizia respeito à espionagem oficial, na qual órgãos de informação chamavam a atenção para o *Lampião* desde a sua edição de nº zero, por considerá-lo um risco “sobretudo à moral e aos costumes” (QUINALHA, 2017, p. 294). O parecer n. 3348, por exemplo, datado de 22 de dezembro de 1978 e assinado pela técnica de censura

Marina de A. Brum Duarte, sentenciava que artigos dos dois primeiros números do jornal *Lampião*

enquadra[vam]-se na medicina psicológica e part[iam], sem dúvida, de personalidades com problemas comportamentais de natureza sexual, que se configura[vam] nas fronteiras psicológica e judicial e fer[iam] os preconceitos da moral e bons costumes de nossa sociedade heterossexual – (Lei censória e seus artigos) 20.493/46 em seu regulamento. (QUINALHA, 2017, p. 297)

Outro documento, de caráter sigiloso, que nos propicia a afirmativa da espionagem de órgãos de informação, segundo Quinalha (2017), é o Documento da Divisão de Segurança Institucional do Ministério da Justiça, Informação n. 895/78, difundida para o gabinete do Ministro da Justiça, indicava que

O periódico ‘LAMPIÃO DE ESQUINA’, publicado pela ‘Esquina Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda’, do RIO DE JANEIRO/RJ, órgão da imprensa ‘nanica’ que se dedica à promoção do homossexualismo, em sua edição n. 6, de Nov 78, publicou, na página 4, os artigos intitulados ‘E NO DIA 15, A BONECA MORRE AFOGADA?’, de DARCY PENTEADO, e ‘UM CANDIDATO FALA MAIS ALTO’, de AGUINALDO SILVA. (QUINALHA, 2017, p. 294)

O autor também pontua a existência da Apreciação Especial n.001/19/AC/79, enviada da AC/SNI ao Ministro da Justiça, e, do documento do Ministério da Aeronáutica, Informação n. 0854/CISA-RJ (QUINALHA, 2017). Conforme Quinalha (2017), a Apreciação Especial era um balanço da “atuação dos órgãos de comunicação social - retrospecto do 2º semestre de 1978 - perspectivas para 1979”, que pontuava sobre a “propaganda sobre o homossexualismo”, que estaria sendo “divulgada, particularmente, através do periódico *Lampião da Esquina*” (2017, p. 295). Já a Informação, destacava a entrevista de Abdias Nascimento para o jornal, na qual ele afirmava que “mulheres, negros, índios, homossexuais, deviam lutar juntos contra a repressão”, (QUINALHA, 2017, p. 295).

Quinalha (2017) ainda aponta a existência do relatório do Delegado de Polícia Federal e Chefe da DOPS/SR/DPF/RJ, Miguel de Lacerda Mendes, de 9 de agosto de 1978, dirigido ao Coordenador Regional Policial Edyr Carvalho, destacando que o jornal *Lampião da Esquina*

apresenta[va] matéria ofensiva à moral e aos bons costumes em suas notas e reportagens, vez que em suas mensagens [havia] um incentivo muito forte à prática do homossexualismo, sempre lastreado em nome de pessoas que conseguiram celebridade, fama e destaque junto à sociedade, devido suas atividades profissionais independentemente de suas preferências sexuais recaírem em parceiros do mesmo sexo, o que requer[ia] a aplicação das medidas em vigor para coibir tais abusos. (QUINALHA, 2017, p. 300)

Conforme Quinalha (2017), o relatório registrava também que o jornal: não tinha circulação clandestina e que estava devidamente registrado no Cartório do Registro Civil de Pessoas Jurídicas da capital fluminense, e, que isso “lhe imp[unha] o dever de respeitar e cumprir as regras de direitos que caracteriza[vam] a política do governo na área da moral e dos bons costumes, expressas com absoluta clareza no texto da Lei n. 5250 (Lei de Imprensa)”; e, que a linguagem utilizada pelo jornal que “somente pelo aspecto gramatical pod[ia] ser considerada normal, posto que sob o ponto de vista moral [era] acintosamente grosseira, de uma realidade grotesca e chocante”, sendo que algumas das gravuras “[eram] audaciosas e obscenas, sem desprezar a licenciosidade dos títulos” (QUINALHA, 2017, p. 300).

Para finalizar, queria dizer que *Lampião* não sofreu somente pressão do Governo. De acordo com Trevisan (2004):

Nós tivemos problemas com grupos paramilitares. No segundo semestre de 1979, começaram a explodir bombas em bancas de jornais de vários pontos do país, com panfletos anônimos exigindo que não mais fossem vendidos nem jornais alternativos (quase sempre de esquerda) nem revistas ou jornais considerados pornográficos (e numa das listas apareceu o nome do Lampião). (TREVISAN, 2004, p. 346).

Esses ataques por bombas “foram vagamente atribuídas, pelo governo, a comandos paramilitares”, mas o Governo nunca “instaurou nenhum inquérito para apurar donde provinham e quem eram os integrantes de tais grupos autodenominados Falange Pátria Nova, Brigadas Moralistas e Comando de Caça aos Comunistas” (TREVISAN, 2004, p. 346). Napolitano, por sua vez, complementa essa informação sobre os grupos terroristas e afirma que eram “grupos da extrema-direita militar, como o MAC (Movimento Anticomunista), CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e GAC (Grupo Anticomunista)”, que entre 1978 até meados de 1981, “promoveram uma sequência de atentados a bomba contra pessoas, órgãos da imprensa, livrarias, universidades e instituições identificadas como subversivas”, que só entre 1978-79, promoveram mais de cinquenta atentados (NAPOLITANO, 2014, p. 264).

2.3) “A FORÇA ESTÁ CONOSCO”¹⁵⁴

É por isso que dou força pra vocês. Vocês não deixam a peteca cair; chamam-se de bichas, viados, bonecas, gueis, sem medo das palavras; declaram abertamente sua sexualidade, não têm medo de dizer, sinceramente e sem frescura: trepo, gosto, e daí (E eu sei como a tal de "sodomia" é

¹⁵⁴ Título extraído de um título homônimo publicada na seção Cartas na Mesa da edição nº 05, p. 15, de outubro de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

gostosa. Aliás, seu eu fosse homem...). Vocês me dão força, gente, pra continuar lutando, que o mundo tem jeito, sim, a gente tem é que não se acomodar no nosso canto, mas sim sair dando machadada na cabeça, na nossa e nas dos outros, pra ver se abre um pouco as ideias, e se percebe um pouco da real simplicidade das coisas deste mundo. (MEDINA, nº 5, 1978, p. 15)

A historiadora Creuza Berg, no seu livro *Mecanismos do silêncio: expressões artísticas e censura no regime militar (1964-1984)*, publicado em 2002, analisou e organizou em categorias 221 pareceres de censores e técnicos de censura, encontrados por ela no Arquivo Nacional. Desses pareceres, 86 referiam-se a categoria de trabalhos vetados por tratarem de “atentado à moral e aos bons costumes”, por serem textos entendidos como “maliciosos” pelos censores, por abordarem como temas o sexo, incesto, sensualidade, prostituição e homossexualidade; 60 se referiam a categoria de “contestação ao regime político vigente”; 10 pareceres diziam respeito ao “homossexualismo”; 17 tratavam o tema “violência”; 15 dos pareceres era sobre “Luta de classes” e, 33 dos pareceres, eram sobre “crítica às instituições” (família, Igreja, Exército etc.). Sobre os 10 pareceres que faziam referência estritamente a homossexualidade, Berg nos chamou a atenção para o fato de que a categoria “homossexualismo” era um tema duplamente censurado: “por atentar à moral” e/ou simplesmente por fazer alusão ao “homossexualismo” em si, ainda que de forma jocosa (BERG, 2002, p. 17).

No entanto, *Lampião* não estaria sozinho durante o processo que o Estado inquiriu contra ele. Na seção cartas na Mesa temos algumas mensagens de apoio ao jornal:

(...) Desejo sucesso no processo que está sendo movido contra vocês, meu abraço de solidariedade. (Alberto, nº 15, 1979, p. 18)

Sabendo das pressões que vocês vêm recebendo, desejo expressar meus votos de solidariedade. Esta Luta não diz respeito só às minorias oprimidas, mas também a todos aqueles que desejam ver este país realmente democrático. Já não podemos mais continuar nos escondendo, tendo nossos mais elementares direitos humanos desrespeitados, recebendo discriminação em toda a parte, sendo ridicularizados, etc... Somos seres humanos normais e como tal reivindicamos os nossos direitos à vida e à liberdade! (Rita Foster-Brother, nº 16, 1979, p. 18)

Caros Lampiônicos, esta é a segunda vez que escrevo para vocês. E dessa vez, para colocar minha solidariedade e disponibilidade. Acho que não deve estar sendo nada fácil enfrentar um processo judicial, mesmo porque, as chamadas "justiça" e "censura" vão fazer de tudo para que nós não continuemos transgredindo o que eles chamam de "moral" e "bons costumes". Gostaria imensamente de poder ajudar de alguma forma, mas creio já estar fazendo isso, ao difundir o LAMPIÃO aqui pelas terras do querido ArariGbóia, onde a pegação continua fortíssima, apesar de muitos acharem o contrário. (José Roberto, nº 16, 1979, p. 18)

Políticos também se manifestaram a favor de *Lampião*, como pude observar no texto “Fernando Morais apoia LAMPIÃO”, no qual o jornal falava do apoio do Fernando Morais, deputado estadual eleito pelo MDB paulista e vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, ao *Lampião* pelo inquérito do DPF, que se pronunciou dizendo que

- O inquérito aberto pelo Ministério da Justiça contra o jornal LAMPIÃO e seu corpo editorial só vem revelar, uma vez mais, o caráter autoritário e antidemocrático do governo brasileiro. Só nos surpreende que esse tipo de repressão à liberdade de expressão ocorra no momento em que o atual e o futuro governo acenam com as mesmas promessas de sempre "abertura", "redemocratização" e "institucionalização".

- O pretexto utilizado para abertura do inquérito – segundo o qual o jornal atentaria contra a moral e os bons costumes -, além de batido e cansativo, não resiste à mais superficial análise. O que de fato o governo pretende é calar mais uma voz da imprensa independente, cujo único crime é procurar refletir sobre a dramática realidade em que vivem hoje os brasileiros.

Como cidadão, como jornalista e como parlamentar da oposição, sou solidário com LAMPIÃO e com seus redatores na luta que não é só deles, mas de toda a população - a luta por ampla liberdade de expressão e manifestação (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 10, 1979, p. 2).

Com o texto “De bicha, negro e louco, todos nós temos um pouco: pra que tanto medo?”, Aguinaldo Silva dizia que recebeu apoio da Comissão Permanente de Luta pela Liberdade de Expressão, que congregava 25 entidades no Rio de Janeiro, que divulgou uma nota que declarava aguardar “do Poder Executivo a apuração da responsabilidade nas diferentes ações que vêm restringindo o trabalho e o exercício profissional dos que buscam, nestes jornais, dar a sua contribuição à construção de uma sociedade democrática” (SILVA, 1979, p. 5). O texto de Aguinaldo também destacou que a nota publicada pelo jornal foi “publicada pelos seguintes jornais, só no Rio e São Paulo: O Globo, Tribuna da Imprensa, Última Hora, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, ficando omissa nessa história toda apenas o Jornal do Brasil” e, que na sede do jornal,

junto com as cartas e telegramas de solidariedade para com o jornal, “(houve até doações, de pessoas que acreditaram nas suspeitas do DP sobre a fragilidade de nossas finanças), e um ofício da Cooperativa Brasileira de Cineastas, que nos oferecia o Cinema Ricamar (com um filme à nossa escolha), para fazer uma sessão especial para o LAMPIÃO (isso vai acontecer; aguardem, que o filme será quentíssimo). (SILVA, 1979, p. 5)

Outro texto que aponta o apoio dado ao *Lampião*, “Pintou a solidariedade”, no qual Trevisan fala da atitude de um grupo composto por ativistas do Grupo Somos, jornalistas, intelectuais e leitores do periódico, que resolveu criar o “Comitê de Defesa do Jornal *Lampião*”, com o objetivo de desencadear uma campanha de solidariedade na opinião pública,

que “estava colhendo assinaturas de apoio ao jornal, e mobilizando entidades nacionais e internacionais para protestarem contra as arbitrariedades que estavam sofrendo” (TREVISAN, 1979, p. 5).

E por fim, no texto “Os que estão conosco”, que destacava que durante os 12 meses em que durou o inquérito contra *Lampião*,

sinais de solidariedade foram captados, emitidos de todas as direções. O mais evidente de todos veio de São Paulo, onde o pessoal do Grupo Somos criou um Comitê de Defesa do Jornal *Lampião*, cuja primeira tarefa foi elaborar um manifesto de apoio ao jornal para o qual seriam angariadas assinaturas de pessoas ilustres. O inquérito foi arquivado quando a coleta de assinaturas ia a meio; e pessoas ilustres dispostas a fechar com LAMPIÃO, é que não faltaram para assinar o manifesto. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 19, 1979, p. 2)

Para que os leitores soubessem quem o apoiou, *Lampião* então resolveu publicar o manifesto e a lista de assinaturas:

AO ILMO. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA PELA DEFESA DA IMPRENSA ALTERNATIVA. O Jornal LAMPIÃO DA ESQUINA, dedicado às questões dos setores oprimidos: homossexuais, mulheres, negros, índios, além do problema ecológico; é mais um órgão da imprensa alternativa que vem sofrendo agressões oficiais, através das medidas estratégicas previstas no documento do CIEX (Centro de Informações do Exército), publicado no jornal **O Estado de São Paulo** de 18/04/79, onde era traçado um plano de como eliminar a imprensa nanica através de pressões econômicas, "sem atingir a liberdade de pensamento". Um dos itens do documento reza:

“Dentro da imprensa nanica vem crescendo ultimamente um da chamada "imprensa gay", que se dispõe a defender as atitudes homossexuais como atos normais da vida humana. E é dentro desta visão que os seus diretores estão sendo acusados através da Lei de Imprensa, por crime de “atentado à moral e aos bons costumes” enquanto no mês de julho os livros contábeis do jornal foram requisitados para a fiscalização pela Polícia Federal.

“Nós abaixo assinados, entendemos estes atos oficiais como uma tentativa de castrar o diálogo sobre os setores oprimidos “minoritários” que se faz necessário e urgente dentro de nosso país, bem como repudiamos todas as atividades de coerção e repressão ao direito de existência e manifestação da imprensa alternativa”.

(aa) Clarice Herzog - Plínio Marcos - Luiz Gonzaga Jr. - Alberto Guzik - Ivan Lins - Flávio Aguiar - Leyla Perrone Moisés - João Alexandre Barbosa - Antônio Cândido de Mello e Souza - Alfredo Boi - Devi Arrigucci jr. - Walnice Nogueira Galvão - Teresa Pires Vara - Paul Singer - Heloísa Fernandes - Maria Sylvia Franco - José Arthur Giannotti - José Álvaro Moisés - Ruth Corrêa Cardoso - Fernando Henrique Cardoso - Paulo Henrique Cardoso - Luiz Roberto Cardoso de Oliveira - Maria Josefina Cardoso de Oliveira - Yara de Homoway - Lúcio Kowarick - Maria Teresa Sadek - Leôncio Mas-tios Rodrigues - Eunice R. Durham - Maria Lúcia Montes - M. Manuela Carneiro da Cunha - José A. Guilhon Albuquerque - Octávio Ianni - Francisco C. Weffort - José de Souza Martins - Cândido Procópio F. Camargo - Vinicius C. Brant - Gabriel Culto - Nicete Bruno - Paulo Goulart - Paulo Kein - Fernando Torres - Fernando

Montenegro - David José - Ester Góes - Nilda Maria - José Celso Martinez Corrêa - Cacilda Lanuza - Juliana Carneiro da Cunha – Sônia Mota - Tato Fischer - Roberto Piva - Altair Lima - Júlio Vilan - Paulo Villaça - Dercy Gonçalves - Bruna Lombardi - Carlos Alberto Riccelii - Fauzi Arap - Pedro Si Agnero - Fernando Peixoto - Ruth Escobar - Juan Oviedo - Luiz H. Galante - Antônio Maschio - Assunta Perez - João José Pompeu - Rafael de Carvalho - Ccsssueiu Leandro - Ismael Ivo - Raul Raschou - Ruth Raschou - Marilene Ansaldi - Leilah Assunção - Ruthinéa de Moraes - Yolanda Cardoso - José Roberto Freitas - Sônia Loureiro - Imara Reis - Denise del Vecchio - Cláudia Mello - Eugênia de Domênico - Roberto Farina - Irene Ravache - Jacob Klintowitz - Renina Katz - Carlos Ricardo da Silva - Jornal “Em Tempo” - Jornal “Convergência Socialista” - Mário Sérgio Conti - Raimundo Rodrigues Pereira - Jornal "Versus" - Hélio Goldstein - Sindicato dos Jornalistas de São Paulo - Sindicato dos Bancários de São Paulo - APEOESP - AGRAF - Júlio Tavares - José Adão de Oliveira - Amilton Monteiro - Fernando Morais - Sérgio Santos - João Batista Brada - Franco Baruselli - Mauro Brosato - Eduardo Matarazzo Suplicy - André Bonassi - Rubens Lar - Geraldo Siqueira Filho - Airton Soares - Wanderley Macris - Almir Pazzionotto Pinto - Goro Hama - Marcos Aurélio Ribeiro - Márcia Porto Pimentel - Maria Cristina de Azevedo Róseo - Maria Aparecida Pinto Silva - José Augusto de Camargo Júnior - Isabel Biemel - Rita de Cássia Vilares - Rodolfo Bontuni - Antônio Carlos Pimentel - Olívio Tavares de Araújo - Celso Nunes - Regina Braga - Maria Bonomi – Cláudio Abramo – Rahdá Abramo. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 19, 1979, p. 2).

Quinalha (2017) destaca que a repercussão do caso *Lampião* mobilizou, ainda, uma rede internacional de ativismo homossexual, que fez com que várias cartas e abaixo-assinados, oriundas de diferentes países, “com uma redação mais ou menos igual e quase sempre em inglês”, que expressavam a “preocupação com a arbitrariedade e a severidade dessas medidas”, fossem enviadas ao Ministro da Justiça Armando Falcão e, posteriormente, ao seu substituto, Petrônio Portella, durante a tramitação do inquérito contra o jornal, requerendo ao Ministro que “exer[cesse] sua influência em nome dos direitos humanos e dos direitos civis no seu país” (QUINALHA, 2017, p. 307).

Quinalha (2017) nos chama a atenção para a existência de algumas cartas que ainda eram mais duras e diziam que o Ministro da Justiça “certamente não gostaria de ser colocado ao lado de Adolf Hitler ou Anita Bryant, os quais, de uma maneira monstruosa, foram culpados pela difamação e assassinato de muitos homossexuais inocentes nesse século”, e, cita como exemplo de entidades internacionais a “National Gay Federaion (Dublin), AHA (Berlim), Centre du Christ Libérateur (Paris), AG Lesben & Schwule (Hamburgo), FUORI (Itália), Gay Activist Alliance (Inglaterra), National Gay Task Force (EUA)”, dentre outros agrupamentos (QUINALHA, 2017, p. 307).

Finalmente, depois de mais de um ano, toda a pressão acabaria, e, com a matéria “Somos todos inocentes”, publicada na edição 18, de novembro de 1979, que resumia as

pressões que o jornal sofria desde “agosto de 78, como as visitas matinais dos agentes do DPF, as solicitações arbitrárias como aquela dos nossos livros contábeis, a humilhação de sermos qualificados e identificados numa repartição policial como criminosos”, para enfim falar do fim do processo contra *Lampião* e da absolvição deles pela Justiça (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 18, 1979, p. 2). A matéria ainda traz o parecer completo do Procurador da República, Dr. Sérgio Ribeiro da Costa, que pediu o arquivamento do inquérito, afirmando que

filosoficamente moral e bons costumes se confundem, porque a moral é a parte da filosofia que trata dos costumes ou dos deveres do homem. Já a moral pública tem um conceito absoluto, vale dizer, é a conclusão moral que o público tira de uma determinada conduta. Simplificando, há fatos que pelo seu conteúdo ofendem a moral e alguns. A Lei visa, tão-somente, punir os fatos que ofendem a moral de todos – a moral absoluta – e não a moral de alguns – a moral relativa. No caso em exame, a publicação inquinada de ofensiva à moral pública pode ofender a moral de alguém, mas não de todos. Portanto, é relativo e não absoluto o conceito de moral daquele que condena essas publicações. Com efeito, as matérias publicadas no referido jornal referem-se a teses homossexuais, poesias ligadas a temas homossexuais, notícias ligadas ao mundo da homossexualidade, porém todas elas escritas num vocabulário que não atenta à moral pública. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 18, 1979, p. 2)

Desta forma, após o pedido do Procurador da República, que foi aceito, sem maiores comentários, pelo Juiz da 4ª Vara Federal do Rio de Janeiro, Dr. Ariosto de Rezende Rocha, *Lampião* e seus editores eram inocentados (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 18, 1979, p. 2)

2.4) NÓS HERÓIS E ARAUTOS”¹⁵⁵: O APAGAR DE LAMPIÃO

As bichas precisam tomar cuidado para não ficarem sérias demais, estandárticas, que nem certas feministas. O humor é indispensável, e ele rareou nos três exemplares do LAMPIÃO que andei lendo misturadamente. Talvez porque se trate de gente muito magoada pela vida e por seus (des) semelhantes, com uma carga de revolta tão forte quanto é a repressão, trata-se de um jornal muito triste. (PENIDO, 1978, nº 3, p. 17)

Lampião da Esquina teve ao longo de 3 anos e meio de vida 41 edições. Foram produzidas trinta e sete edições regulares, da edição número 1 até a edição de número 37, além do número zero e de mais três edições especiais, as edições extras. Em suas edições, *Lampião* publicou textos que discutiam abertamente assuntos como: aborto, sexualidade,

¹⁵⁵ Título extraído da carta homônima publicada na seção Cartas nas Mesa da edição nº 2, 25 de junho a 25 de julho de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

prostituição, homossexualidade, religião, política (movimentos homossexuais), maconha, violência (assassinatos e estupros), imprensa nacional e internacional, cultura, etc.

Lampião convergiu com o movimento feminista e com o movimento negro, contudo, não tirou o foco da questão dos homossexuais e da homossexualidade, uma vez que essa era a plataforma central do jornal. Apesar de tudo, *Lampião* teve seu fim em junho de 1981, e este resultado, estava atrelado a várias questões. Uma delas foi a questão das poucas assinaturas que o jornal tinha. Na edição 24, *Lampião* comemorava ter chegado até ela, e evidenciava que

Com este número, atingimos a maioria, e com o tesão de sempre: queremos chegar, depressinha, ao nº 48. Para tanto, LAMPIÃO precisa crescer. E ele só poderá fazê-lo se você, que o lê mensalmente assumir sua condição de lampiônico e colaborar com ele. Estamos iniciando, neste número, a campanha das mil novas assinaturas: precisamos consegui-la até agosto, para que possamos dar início à publicação de livros gueis, de nosso calendário entendido (com fotos que nunca estiveram no gibi), etc. Propagar o jornal que é o porta-voz das causas gueis – esta é a forma mais simples, mais imediata de ativismo, e sua importância é inestimável. É por isso que lhes fazemos, agora, este apelo: participe da nossa campanha das mil novas assinaturas; ajude LAMPIÃO a ser, cada vez mais, o seu jornal. Até agosto, contamos com você. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 24, 1980, p. 2)

A questão das assinaturas sempre foi algo com que *Lampião da Esquina* se preocupou, pois, muitas pessoas não o compravam, já que pegavam emprestados de outras pessoas, como pode ser comprovado pela resposta dada à carta do leitor Fabiolo Dorô na edição nº 5, de 1978: “(...) LAMPIÃO tem pouco dinheiro, porque as pessoas ficam emprestando o jornal pros amigos, em vez de mandar que eles comprem (...)” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 5, 1978, p. 14).

Outra questão que ajudou a apagar mais rapidamente *Lampião*, e, que está atrelada à questão das assinaturas, é o aumento do preço do papel, que tornava cada vez mais caro o preço final do jornal. Pelo menos em duas ocasiões o jornal chamou atenção para isso. Na edição 26, por exemplo, temos a seguinte publicação:

Queridos leitores

Infelizmente não dá mais pra segurar: no próximo número a gente vai ter que aumentar o preço do jornal, que passará a custar Cr\$ 40,00. Com isso a gente adere ao "tratamento de choque" preconizado pelo Ministro Delfim e seus imediatos para a economia brasileira, mas o que fazer? Nos últimos seis meses os custos de impressão, papel, fotolitos, etc., aumentaram para nós em mais de 70%; e, de tanto a gente fazer força pra não aumentar o preço, LAMPIÃO acabou sendo o jornal nanico mais barato, atualmente, nas bancas.

De qualquer modo, pra quem quiser pagar esse aumento, ainda resta uma esperança: basta fazer uma assinatura do jornal, que, até Fins de julho, continuará custando Cr\$ 360.00 (em agosto a assinatura também aumenta: vai para Cr\$ 4500.00). Segundo Rafaela Mambaba, não é tão caro assim:

"Por Cr\$ 40.00", diz ela, "não se toma nem dois chopos". Vocês concordam? (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 26, 1980, p. 2)

E na edição 31 mandam um recado para os assinantes:

Atenção pessoal cujas assinaturas vencem em janeiro e fevereiro: renovem já, e escapem do inevitável aumento do começo de 1981. O Lampião, por mais contestador que seja, não pode fugir aos implacáveis índices de Delfim. Mande cheque ou vale postal para a Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro-RJ): até fins de janeiro o preço continua o mesmo: 450 pratas". (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 31, 1980, p. 2)

A partir dessas citações, podemos confirmar que a elevação do preço do *Lampião da Esquina* foi tensionada pelos altos índices de inflação do período, que segundo Munhoz (1997, p. 61), teve variação anual entre os anos de 1978 a 1981 de respectivamente 40,7% (1978), 77, 3% (1979), 110% (1980) e 95% (1981).

Um outro fator que, geralmente, associam como uma causa do fim de *Lampião*, é a publicação de fotos de homens nus, que desagradou as mulheres, principalmente as lésbicas, por não terem também fotos de outras mulheres publicadas, e outras pessoas que acreditavam no objetivo do jornal, publicado na edição Zero: a desmistificação de estereótipos e preconceitos, a desmarginalização e despatologização da homossexualidade, a denúncia da repressão, a ressignificação de termos considerados pejorativos, como bicha, sapatão, etc., a conscientização e politização da comunidade homossexual e a união com os demais setores minoritários das mulheres, negros, índios e ambientalistas (SIMIONATO, 2018, p. 02; SCHULTZ; BARROS, 2011, p. 02). Desta forma, conforme tal explicação, nas edições finais, o foco de *Lampião* passou a ser a pornografia e temas sensacionalistas, como a masturbação, o sadomasoquismo de alguns homossexuais, enfim, temas que chamassem a atenção para atingir o público, e, portanto, o jornal tornou-se mais um jornal comercial (SIMIONATO, p. 2; SCHULTZ; BARROS, 2011, p. 14; FERREIRA, 2010, p. 11).

Todavia, tendo a discordar deles, pois, a questão do nu causou “muita controvérsia”, pois “os comentários sobre elas no jornal vão da acusação feita de apresentar os homens como objetos sexuais, aos pedidos para que fotos como aquelas saíam apresentadas com mais frequência” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 8, 1979, p. 9). Além do mais, foram pouquíssimas as fotos pornográficas no jornal, que só apareceram mesmo em 9 edições: 22, 23, 24, 25, 27, 33, 35, 36 e 37; pois fotos com pessoas em trajes íntimos, já circulavam desde a edição 7, para ilustrar algum texto ou para se fazer propaganda de assinatura para o jornal.

Outra questão que pode ter sido motivadora para o fim do jornal, foi a relação entre algumas pessoas que faziam parte do conselho editorial. O pessoal do Rio (Aguinaldo), por

exemplo, queria um jornal com características de um jornal, já o pessoal de São Paulo (Trevisan) queria uma publicação militante. Pereira (2017, p. 109) destaca que além desse caráter diferente das publicações, entre um jornal de militância homossexual, como queria Trevisan versus a perspectiva comercial, defendida por Aguinaldo, dois outros aspectos diferenciavam as suas posturas, como o direcionamento para os diferentes leitores, já que Trevisan escrevia para homossexuais conscientizados e Aguinaldo escrevia para abranger todos os leitores possíveis; e, as diferentes preocupações com o que os leitores buscavam no jornal, pois Trevisan buscava a formação e ativismo, e, Aguinaldo buscava dar informação e entretenimento. Por isto, algumas pessoas achavam o jornal sério demais, triste, como Penido, que na edição 3, enviou uma carta pedindo mais humor no jornal.

Uma outra questão que causou discórdia entre os lampiônicos foi a questão da “saída do armário”¹⁵⁶. Enquanto Mascarenhas (1978, p. 2), por exemplo, “pensava que os homossexuais deveriam assumir, tanto seus guetos quanto suas formas de vida”, os outros conselheiros pensavam que esse ato “implicava na manutenção da desigualdade ou na universalização dos sujeitos homossexuais, dizendo que o ato de se assumir, envolvia uma pergunta, que era: ‘Se assumir para quem?’” (RODRIGUES, 2015, p. 69-70). Por isso, João Antônio Mascarenhas “se afastou, de livre e espontânea vontade, por discordar da linha editorial que os outros conselheiros, contra o seu único voto, escolheram para o Lampião” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 36, 1981, p. 3).

Outro fator que contribuiu para o fim de *Lampião* foi o medo dos jornalheiros, que tinham suas bancas atacadas e destruídas por atentados promovidos pela extrema-direita militar (NAPOLITANO, 2014, p. 204).

A repressão a pessoas e à imprensa também são fatores a serem considerados, basta ver os casos de Celso Curi, *IstoÉ, Interview*, e do próprio *Lampião da Esquina*, que foram processados conforme a lei 1077, por atentado à moral e aos bons costumes. No caso do *Lampião*, o arquivamento do processo só ocorreu em outubro de 1979, o que acredito eu, ter desgastado muito o jornal *Lampião* e os lampiônicos.

Ainda dentro do campo da justiça, temos um outro motivo que contribuiu para o apagar de *Lampião da Esquina*: o processo contra um dos conselheiros editorial, Antônio Chrysóstomo. Chrysóstomo, no final de 1980, foi acusado de abusar sexualmente de Cláudia, uma criança que havia sido adotada por ele, pois esta criança vivia “mendigando na rua, com

¹⁵⁶ O jargão “sair do armário” significa o ato de assumir-se homossexual.

a mãe débil mental”, que “era encontrada sempre à porta do prédio onde funcionava a redação do *Lampião*, na Lapa” (ANDRADE, 2015, p. 54).

Os médicos legistas constaram a integridade da criança, mas mesmo assim, Chrysóstomo foi indiciado num processo criminal, sob acusação de “maus-tratos contra menor” e “uso de menor para fins condenáveis” (ANDRADE, 2015, p. 54). Ainda em 1980 mesmo, Chrysóstomo recebeu prisão preventiva, e, oito meses depois foi julgado e condenado a dois anos e oito meses de prisão em regime fechado por atentado violento ao pudor; mais dois meses e vinte dias, por maus-tratos ao menor; e, um ano de medida de segurança em prisão, por periculosidade social (ANDRADE, 2015, p. 54). Chrysóstomo permaneceu preso até março de 1983, quando foi julgado em segunda instância e os juízes o consideraram inocente, “sob alegação de que o julgamento anterior baseava-se não em provas, mas em conjecturas” (ANDRADE, 2015, p. 55).

Enfim todos estes motivos apontados ao longo do texto, que se somam-se a outras questões como o surgimento de outras publicações voltadas para os homossexuais, o pouco número de anunciantes, e, a apropriação, por parte da grande imprensa, dos temas que pertenciam à imprensa alternativa, após o enfraquecimento do regime civil-militar (ROSA, 2005), fizeram com que *Lampião da Esquina* deixasse de ser comercializado definitivamente a partir de junho de 1981, pois sua luz, suas ideias, ainda continuaram, continuam e continuarão iluminando os becos e os armários que nos são impostos a cada dia, ensinando que por mais difícil que tudo possa parecer, sempre há uma lamparina, para que possamos caminhar nas estradas perigosas de nossas escolhas, pois, no momento atual da vida política brasileira, o cuidado de si e do outro, somado ao ativismo político, são as nossas únicas garantias de nos manter vivos e com as garantias já conquistadas intactas, sem retrocessos, sem nenhum direito a menos.

Termino esse segundo capítulo afirmando que *Lampião* foi arauto das boas e más notícias, especificamente, ao que se referia às homossexualidades. Também foi um herói, por ter feito uma resistência do início ao fim numa sociedade dominada pelas normas heterossexuais, conservadoras e machistas. Resistiu a processos judiciais, resistiu aos desequilíbrios financeiros, resistiu aos ataques terroristas. Resistiu o quanto pode, mas, chegou uma hora, que não deu mais, e, deixou para todos nós a sua última forma de resistência, a sua existência. Durante a sua existência no mercado impresso, de 1978 a 1981, *Lampião da Esquina* procurou dar voz aos homossexuais e expor em suas páginas a existência de diferentes homossexualidades. E, é sobre isso que trato no meu próximo e último capítulo.

CAPÍTULO III: “NÓS TAMBÉM ESTAMOS FAZENDO HISTÓRIA”¹⁵⁷ - AS REPRESENTAÇÕES DOS HOMOSSEXUAIS EM LAMPIÃO

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (Lélia Gonzales)

A citação acima, foi retirada da epígrafe de abertura do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzales, publicado em 1984. Início esse capítulo com ela, porque assim como os negros, que Lélia defende no seu texto, os homossexuais, quase sempre, foram silenciados ao logo do tempo e jogados no lixo da história. Os discursos entorno da homossexualidade, não foram proibidos, mas foram controlados e submetidos a restrições morais e de esferas do saber, basta citarmos que quem falava sobre eram os profissionais da área médica e psicológica, os religiosos e os profissionais da Justiça, que tentando ter um controle sobre a homossexualidade, cada um à sua maneira, visaram a produção de discursos baseados em suas verdades¹⁵⁸.

Este ato de falar sobre, me faz pensar na questão de se “fala por” ou em nome de alguém, e “representar”, e, quanto a isso, não tem como não citar as contribuições da indiana Gayatri Spivak, que escreveu o livro *Pode o subalterno falar?*, em 1985, publicado no Brasil em 2010, onde discute a possibilidade de agenciamento do sujeito subalterno, e o papel do intelectual ao tentar representá-los, valendo-se do exemplo da Índia. Para a autora, a palavra “subalterno”, não seria apenas uma palavra clássica para se referir ao oprimido, mas para representar aquelas pessoas que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente, no qual o subalterno é sempre aquele que não pode falar e ser ouvido, pois, se o fizer, já não o é (2010, p. 13). Spivak (2010, p. 39) chama a atenção de que tanto “representação” (“falar por”) quanto “re-presentação” exigem um falante e um ouvinte, e, que o primeiro possui o sentido político de alguém representar um grupo e “falar pelo” outro por ter uma suposta capacidade de conhecer a realidade do representado, assim, o

¹⁵⁷ Título extraído da chamada para assinatura homônima publicada na seção Cartas na Mesa da edição nº 6, p. 15, novembro de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

¹⁵⁸ Foucault critica a ideia de que a partir do século XVIII, houve todo um processo de “repressão” da sexualidade, desencadeado pela moral burguesa e pelo regime vitoriano com a invenção da família conjugal heterossexual. Ou seja, o autor desloca de uma hipótese repressiva, que se baseia no mecanismo de interdição, para uma hipótese do controle sobre a sexualidade, que se baseia na tentativa de produção de discursos verdadeiros, e legitimados, sobre a sexualidade, ao afirmar que na verdade, houve foi um aumento dos discursos sobre o sexo, principalmente o século XIX, que se caracteriza como um período da busca pela sua verdade. Ver: FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 9. ed., Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

emissor, tem seu discurso intermediado pela voz de outrem, que se coloca como um agente da fala e em posição de reivindicar algo em nome dessas pessoas, por está representando quem falou; e, no segundo - “re-presentar”-, a pessoa é agente da fala, porque ele tem certa autonomia e se faz presente no texto, já que não usamos a nossa voz, e, sim a dela, para representar-se. Gayatri (2010, p. 110), contudo, chega à conclusão de que o subalterno não pode falar, e, que a posição da mulher subalterna é ainda mais obscura, por ela ser duplamente silenciada, já que é mulher, num mundo onde só os homens têm o direito de fala, e também uma subalterna.

Spivak (2010, p. 16) também salienta que o papel do intelectual, quando quer re-presentar o subalterno, é o de ficar atento para não o emudecer ainda mais e continuar mandando-o como objeto, mas sim, o de servir, então, como um veículo e/ou criando espaços para que este, quando falar, possa ser ouvido. Desta forma, atento a esta questão levantada pela autora, defendo aqui, que com o ascender do jornal *Lampião da Esquina*, os homossexuais através do jornal, foram re-presentados, se tornando porta-vozes de si e se fazendo ouvir, ao caminhar em trajetórias demarcadas por eles mesmos, sem ter o seu discurso restringido ao consultório médico, ao divã do analista, aos confessionários das igrejas ou ainda aos códigos penais. Assim, escrevendo na primeira pessoa do singular e/ou do plural, os homossexuais, através dos lampiônicos, dos textos que escreviam para o jornal, e das cartas enviadas ao *Lampião*, argumentaram, foram ouvidos, e ocuparam um espaço na mídia brasileira por 3 anos.

Partindo do pressuposto de que nas páginas de *Lampião* temos algumas vozes de grupos cujos discursos foram controlados ao longo do tempo como o de mulheres, homossexuais, negros, índios e ecologistas, e, que também o jornal investia na inversão do estereótipo sobre os homossexuais e na forma pejorativa como a sociedade via e entendia a homossexualidade, *Lampião da Esquina* se tornou para mim e para essa pesquisa, a principal fonte e objeto, para a compreensão de como os sujeitos homossexuais eram representados e como se representavam enquanto homossexuais. E, os conceitos de homossexual, bicha, entendido, se fazem de suma importância para entendermos tais representações sobre as homossexualidades.

Porém, para alcançar o significado de um conceito, é indispensável considerar o contexto em que ele é utilizado e o universo temporal no qual está inserido (KIRSCHNER, 2007). Por isso, além de serem polissêmicos, os conceitos são ao mesmo tempo polêmicos, por serem alvos de disputas (AMARAL, 2007). A disputa, na verdade, ocorre com os discursos, que existem como um mecanismo de controle que determina aquilo que se “pode”

ou não falar e a partir de qual “lugar” (FOUCAULT, 2014). Isto só ocorre porque o discurso não apresenta apenas um sentido, mas tem, acima de tudo, uma história (FOUCAULT, 2008). Por isso, considero que a noção de homossexualidade e de homossexual é um discurso construído historicamente e linguisticamente no século XIX, através do surgimento do termo homossexual dentro de um discurso médico-psiquiátrico, para se referir à relação entre pessoas do mesmo sexo (FRY e MACRAE, 1985).

Assim, esse último capítulo, tem como função comprovar a minha hipótese de que o jornal contribuiu para a demarcação das identidades homossexuais no final dos anos 70 e início dos 80. Deste modo, se ele não criou, pelo menos foi um meio usado para aglutinar essas identidades que estavam presentes na sociedade, e, que muitos não enxergavam ou não queriam enxergar.

3.1) “DESBLOQUEANDO O TABU”¹⁵⁹

Eu fui criado numa sociedade onde ser homossexual era ser criminoso, era ser pecaminoso, uma coisa feia, uma coisa que não se conta uma coisa vergonhosa. Então, o meu desejo foi levado... meu desejo ele foi ensinado a se manifestar somente em situações ligadas à marginalidade: Noite! A palavra noite é feminina já notaram? Dia é masculino: claro, luz, razão, precisão! Noite é feminina: escura, obscura, indefinida, marginal!... Então, meu desejo foi educado para ser avivado em locais tipo barzinhos à noite, becos escuros, saunas... Os tipos de caras que me atraem são caras assim, mais ou menos, que lembram esse ambiente, submundo de coisa assim. (Luiz Carlos Muños)

Freud (2013, p. 12) definia tabu como aquilo que não é habitual, acessível a todos, expressado, essencialmente, em proibições e restrições. Acreditando que a sexualidade, que abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, e, a homossexualidade, que abarca a prática sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo e está enquadrada dentro do conceito de sexualidade, se encaixam nessa definição, apontarei como o jornal “desblocou” tais “tabus”.

Dentre vários textos que poderia citar para exemplificar o que Lampião entendia como sexualidade e homossexualidade, optei pelos que mais causaram comentários na seção *Cartas na Mesa*, e, também por acreditar que eles expressavam de forma mais clara e contundente, a argumentação dos seus autores. Sobre o tabu das sexualidades, *Lampião da Esquina* apontou

¹⁵⁹ Título extraído do texto homônimo publicado na seção Opinião da edição nº 5, p. 2, outubro de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

textos sobre a sexualidade feminina e o prazer no ato sexual. No artigo “Um texto clássico do feminismo americano - Mulheres: o mito do Prazer”, Trevisan, falou da relação da frigidez durante o sexo ou da sua falta de relação com a questão do orgasmo, apontando que o desconhecimento que muitas mulheres tem de sua anatomia (clitóris, vagina, pequenos lábios), que é diferenciada da dos homens, dificulta muito o seu próprio prazer, porque na sociedade machista, ela se agarra a se prender na penetração sexual e a ter no pênis o “corolário da masculinidade”, passando assim a oprimir à masturbação feminina, pois, o reconhecimento do orgasmo pelo clitóris, ameaçaria a heterossexualidade, já que as mulheres poderiam conseguir prazer tanto com os homens, quanto com mulheres, como consigo mesmas; ou seja, a heterossexualidade viraria uma opção (TREVISAN, nº 4, 1978, p. 12).

Já no texto “Nós mulheres e nosso corpo”, de Maria Luiza Helborn, se defende o corpo da mulher, que parece não as pertencer, porque são alvos de desejos, por parte dos homens que até as agridem por causa dele, são alvos de controle de reprodução, e também são alvos de preconceitos sexuais, porque a mulher não tem direito ao prazer, e sua sexualidade é qualificada de “misteriosa e complicada” (HELBORN, nº 11, 1979, p. 11).

Lampião também anunciou uma pesquisa em Edimburgo, Escócia, para criar uma pílula anticoncepcional de açúcar (seis cloros, seis desoglicose) que os homens tomariam e que não prejudicaria a sua personalidade por ela não atingir o hormônio responsável pela agressividade e virilidade deles, dessa maneira, as mulheres poderiam ficar livres de tomar tais “drogas” (BITTENCOURT, nº 5, 1978, p. 3) e os homens assumiriam também seu papel na prevenção de gravidez.

Lampião criticou ainda os papéis sexuais, onde vê nele um esquema machista, ao dividir o mundo onde só temos a possibilidade de ser homem ou mulher, fazendo com que a “louca” (travesti), acabe se perdendo nesse esquema, partindo então para “a negação da masculinidade e chegando a imitar a mulher ideal, portanto, negando o seu corpo de homem” (HECTOR; RICARDO, nº 8, 1979, p. 4); e criticou a heterossexualidade, com a tradução do texto de James Lindesay, psiquiatra inglês, onde se ironizou os saberes médicos e psicológicos referentes à homossexualidade, definindo a heterossexualidade como um desvio sexual, apontando as características comuns dos seres que nascem com esse “problema”, como dificuldade em conciliar impulsos condicionados e agressivos, hostilidade para com as mulheres, reciprocidade rara no ato sexual, a inteligência média seria baixa, etc., e o que causa esse desvio sexual: fazeres constitucionais (genética, desequilíbrio hormonal), influências ambientais e psicológicas (BITTENCOURT, nº 6, 1978, p. 2).

O jornal também abordou o nudismo. No texto “Mulheres, panteras, gorilas, automóveis. E o bicho homem?”, na edição 13, onde se noticiou sobre a exposição de dois corpos de homens nus, em São Paulo, para concluir que se vende álbuns de mulheres nuas, gorilas, panteras, gatos e cachorros, então deveria também vender de homens, porque os corpos masculinos também existem e são bonitos de se ver (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 13). Na edição 27, com o texto “Finalmente: o nu frontal!”, buscou conceituar a nudez como “o homem em seu estágio ecológico mais perfeito”, afirmando que “nas civilizações primitivas o ser humano não escondia a nudez, ao contrário, exaltava-a, principalmente os órgãos sexuais, por serem os elementos geradores da continuação da espécie”, porém, com a expansão do Judaico-Cristianismo, “o que era natural passou a ser inatural”, e, o traje, que “antes era apenas para uma proteção contra as intempéries, tornou-se obrigatório, não só por esconder as partes sexuais, como para escamotear as demonstrações naturais da sexualidade” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 27, 1980, p. 9). O texto também ressalta que o “tabu” da nudez tem sido combatido em algumas épocas, e, que o que temos no mundo de hoje já não é mais o caminho “da exaltação pura do erotismo, que é sadia - mas o da permissividade, que conduz ao obsceno e ao pornográfico”, mas que existem, no entanto, os que “tentam retomar os caminhos aparentemente perdidos de uma nudez saudável e bonita, pagã e sem complexos de culpa que, a meu ver é a trilha da verdadeira moral”, como Vânia Toledo, por exemplo (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 27, 1980, p. 9). Na edição nº 30, ensinou a fotografar homem pelado, e, na edição 36, com o título “A batalha do corpo, ou cenas de nu explícito”, *Lampião* afirmava que a questão do nu em suas páginas foi a escaramuça mais prolongada internamente, já que “havia quem considerasse a publicação de fotos de homens nus um desrespeito”, e porque havia a questão da censura ao corpo masculino (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 36, 1981, p. 10), o que nos ajuda a corroborar com a ideia de que causou problema entre os lampiônicos.

Sobre aborto, *Lampião* tocou de forma mais aprofundada na temática nas edições 25 e 29. Na edição 25, temos os textos “O Aborto Segundo Pasolini”, de João Carlos Rodrigues, no qual Pasolini se diz favorável ao referendo do Partido Radical pela liberação do aborto e critica a legislação que diz respeito ao aborto; vai dizer o porquê considera não-verdadeiros os princípios pelos quais os radicais e progressistas em geral baseiam, por conformismo, a sua luta pela legalização do aborto, e, fala da omissão de se falar do coito (RODRIGUES, nº 25, 1980, p. 2), e, o texto “A palavra das mulheres”, que traz a transcrição de trechos da conferencia pronunciada no teatro Casa Grande, Rio, por Mary Garcia Castro, do Coletivo de Mulheres, sobre a questão da legalização do aborto, que deveria ser uma decisão da mulher e

“não da realização de metas político- econômicas, de defesa de determinados interesses de grupos no poder, ou de um bem-estar de uma população em abstrato” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 25, 1980, p. 2). E na edição 29, com o texto “Aborto corpo livre”, de Janice Caiafa, onde se critica proibir o aborto baseando-se num discurso calcado em qual momento a vida se inocularia no feto ou num discurso baseando-se na preocupação com a sua saúde, mas que não proibir o DIU, que é um mecanismo abortivo, e nem as pílulas hormonais que nem se sabe dos seus efeitos colaterais; pois, o real motivo para a proibição seria o medo da vontade soberana da mulher de decidir pelo curso dos acontecimentos do próprio corpo (CAIAFA, nº 29, 1980, p. 10). O texto finaliza chamando a atenção de que o aborto seria um momento muito especial, pois apesar de ser um momento de sofrimento, existe um prazer que a mulher sente ao fazê-lo: o do exercício de sua vontade; assim, esse gozo teria um sentido político, e por isso não se pode falar do aborto como último recurso, já que ele não é nem algo a que se “recorre”, mas alguma coisa que se manuseia em prol do corpo, como uma ferramenta política, um instrumento de ação, e, um dos meios de proclamar que queremos decidir o que nos diz respeito (CAIAFA, nº 29, 1980, p. 10).

Lampião também se dedicou a falar da masturbação. Na edição 31, temos um verdadeiro dossiê sobre o assunto, com 9 textos. O primeiro texto “Masturbação - O prazer da maioria”, se diz que todos se masturbam, minorias e maioria, e destaca que: ainda é um assunto tabu; muitas mulheres sequer conhecem o local correto onde se deve masturbar; muitos homens quando se masturbam, não pensam em nada enquanto estão praticando-o; a literatura científica sobre o assunto é muito pobre, que na escola, na Igreja e em casa, quando o assunto é tratado, só dizem os “males” que a masturbação faz (SILVA, nº 31, 1980, p. 3). No texto “Prazer solitário: eu, hem?”, de Alexandre Ribondi, o autor aponta que “desde crianças, sempre aprendemos a ligar a masturbação ao ridículo e ao vergonhoso”, e, que “poucas pessoas não se masturbam e, se escondem o prazer que têm sozinhas, é porque ainda acreditam, de uma forma ou de outra, que estão se esforçando em vão ou que não conseguiram nada melhor para fazer”, porque o que há por trás disso “é a projeção de uma ideologia que dá, aos pais, o direito de dispor dos filhos e fechar-lhes todos os caminhos através dos quais eles possam concluir que têm um corpo, um sexo e, principalmente, uma individualidade” para “impedir que o filho goze deixando bem claro que o pênis e a vagina têm apenas uma função: procriar”, assim, “qualquer alteração nesta norma é imoral e suja” (RIBONDI, nº 31, 1980, p. 4).

No texto “Coitadinho do Onan”, Domingues Fernandez, critica Voltaire, que redigiu o texto “Onan”, no dicionário filosófico, sob a influência do médico Tissot, para falar “de uma

forma estúpida e reacionária” que a masturbação como um “delito abominável que não só infringe a lei moral como corrompe o organismo, torna a pessoa doente e idiota, e abrevia a vida”, foi a causa principal para a maldição que pesou sobre Onan (FERNANDEZ, nº 31, 1980, p. 5). Domingues explica que em Israel, fazia parte dos costumes dos levitas, a obrigação de que todos os homens dormissem com a viúva de seu irmão, pra assegurar a continuidade da linhagem, e, que Onan, em vez de cumprir essa obrigação com a sua cunhada, que “não lhe apetecia, achou mais agradável lançar seu sêmen na terra, como conta a Bíblia”, assim, o autor destaca que a proibição do onanismo é “simplesmente o resultado de uma certa política de família e de natalidade, justificada pelo número inferior de hebreus” (FERNANDEZ, nº 31, 1980, p. 5). Por fim, o autor destaca que as escolas poderiam ajudar na questão do entendimento da masturbação com outro ponto de vista, como o de Casanova, que escreveu na mesma época que Voltaire, que um “homem com saúde e que não tem uma mulher deve absolutamente se masturbar quando a natureza imperiosa lhe impõe a necessidade; e aquele que por medo de manchar sua alma se abster, terá como consequência uma doença mortal”, mas que isso não ocorreria porque a escola é “paulina, aristotélica e voltaireana”, e, “como sempre escamoteou outros cérebros esclarecidos” (FERNANDEZ, nº 31, 1980, p. 5).

Sobre a masturbação feminina, *Lampião da Esquina* falou no texto “Para as mulheres, apenas mais um tabu”, de Leila Miccolis, a autora aponta algumas causas que explicam as mulheres porque o “vício solitário” virou um “tabu”. Dentre as causas, ela cita: a ciência, que sempre apontou para a mulher que “no seu aparelho reprodutor estava a origem de todas as suas enfermidades”, assim, “o prazer sexual da mulher, junto a uma série de comportamentos ‘anti-sociais’, era considerado distúrbio passível de tratamento, ou seja, de requintadas torturas”; a família, que ensina desde cedo que a “masturbação dá ‘doença ruim’, provoca tumores, loucura, espinhas, anemia, fraqueza e frigidez” para que as mulheres não explorem seu próprio corpo; e, a religião, com “seu séquito de culpas e pecados” (MICCOLIS, nº 31, 1980, p. 7). Miccolis (1980) conclui dizendo que a masturbação é um avanço político que a mulher tem que ter, pois ela é o “caminho para a auto-conscientização”, e, “seria, dialeticamente, instrumento para a conscientização coletiva” (MICCOLIS, nº 31, 1980, p. 7). O assunto também foi abordado na mesma edição do texto anterior, edição 31, na entrevista intitulada “Algumas reflexões perplexas”, que foi realizada com quatro mulheres: um modelo de revistas eróticas (Célia), uma dona-de-cada da classe média (Helena), uma estudante universitária (Lúcia) e uma mulher de operário (Amélia).

O assunto masturbação ainda aparece nos textos “O onanista”, que é um conto de Trevisan, onde o personagem praticava auto-felação e acabou indo parar num hospício (TREVISAN, nº 31, 1980, p. 8); “E agora, a tradicional ‘enquete’”, onde temos 16 respostas – 13 homens e 3 mulheres de várias faixas etárias – sobre quantas vezes fazem por dia ou semana, locais, e, no que pensam quando esta se masturbando (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 31, 1980, p. 8); “André Gide e o onanismo”, que é um ensaio de Daniel Guérin, que descreve a história de Gide, que com 9 anos foi ameaçado de castração por um médico; foi expulso da escola por se masturbar nela; e, depois descobriu ser homossexual, mas nunca “fez nada mais que a masturbação a dois” (GUÉRIN, nº 31, 1980, p. 9), e, o texto “Masturbação: algumas teorias e uma alegoria”, de Antônio Carlos Moreira, que fala das coisas que eram relacionadas como consequências da masturbação, como a epilepsia, idiotice, desenvolvimento anormal do órgão sexual, tuberculose, anemia, impotência e homossexualismo, mas que já foram desmentidas por não passarem “de imaginação e invenção dos médicos. São produtos artificiais da norma médica e da moral burguesa imperante, que há séculos luta intransigentemente contra a sexualidade e o prazer liberado” (MOREIRA, nº 31, 1980, p. 9).

Lampião da Esquina também falou sobre o sexo entre as pessoas com alguma deficiência física, na edição 36. No texto “Os paraplégicos também transam”, Aguinaldo Silva, faz do texto uma introdução para os outros textos que tem como base as pessoas com alguma deficiência, afirmando que tais textos, ao longo das quatro páginas que seguiriam, criariam “possivelmente um dos momentos mais ousados deste nosso jornal que sempre foi capaz em três anos de vida de tantas ousadias”, pois ele “rompe mais uma vez os padrões convencionais do jornalismo, ao abordar uma questão dessas, tão urgente, de um ângulo inteiramente novo” (SILVA, 1981, nº 36, p. 6). Na entrevista “Daniel Pastura diz como é e convida: - Experimente!”, Daniel, escritor paraplégico, fala de suas “angústias existenciais”, de sua vida sexual, trabalho e diz que os paraplégicos devem reivindicar o seu direito à sexualidade (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 36, 1981, p. 6-8). Com o texto “O títi dos surdos-mudos”, Eduardo Dantas e Paulo Augusto, fala da entrevista com homossexuais surdos-mudos, que se reuniam nas noites de sábados e domingos nas esquinas das avenidas Ipiranga e São João, e, São Paulo. No texto se relata a dificuldade de se fazer a pequena entrevista, devido aos repórteres não saberem se comunicar com eles, e, portanto, precisaram de Maurício, que sabia fazer leitura labial, como intermediário, para responder o porquê a criação desse gueto particular fora do “gueto homossexual da paulicéia”, como ficaram surdos e mudos, e, como eles saiam para flertar, que o texto chama de “caçar”, para afirmar que “o preconceito existe e é forte”, pois “muitos acham ridícula a gesticulação ou o simples fato de que numa relação

fica difícil expressar o prazer e o carinho”, e, que por isso, muitos ficam sozinhos, ou só se relacionam entre eles, e, que existem poucos surdos-mudos que se dedicam a “caçar” fora do gueto, e que quando fazem isso, iam “à caça em locais fechados (tipo banheiro, por exemplo) onde a transa não exige troca de palavras” (DANTAS & AUGUSTO, nº 36, 1981, p. 8).

Temos ainda a entrevista “... Eu descarrego esperma pelos olhos, pela boca, pelos dedos...”, realizada com o escritor e paraplégico João Carlos Pecci, que perdeu praticamente todos os movimentos num acidente automobilístico, e, fala também das peripécias do seu pênis, que nem sempre é potente, mas “é manhoso”, e que “quando resolve, sobe, endurece e até ricocheteia, cabeça grande, procurando o alvo” (LAMPÍÃO DA ESQUINA, nº 36, 1981, p. 9), e, por fim o texto “E agora, Rafaela?, onde Francisco Fukushima, que tentou entrevistar um homossexual, cuja deficiência estava em suas pernas, diferentes uma da outra em espessura e comprimento, mas que não concedeu a entrevista pedindo que o repórter se afastasse porque era “horrorosa” e que “de defeituosa, já basta eu” (FUKUSHIMA, nº 36, 1981, p. 9)

Já sobre os tabus das homossexualidades, quando *Lampião* fala delas em suas páginas, ele fazia frente, principalmente, a 3 discursos que estavam arraigados à questão dos homossexuais: o discurso a Igreja, que os julgava como pecadores e depravados; da Ciência, principalmente a área da saúde, que lhes estigmatizava como portadores de uma doença; e, o discurso da Justiça, que os via como criminosos.

Quanto à relação entre homossexualidade e Igreja, *Lampião* teve mais de uma dezena de textos que tocaram nessa relação conturbada entre as duas. Para falar sobre tal relacionamento, *Lampião* fez uma entrevista com um padre assumidamente gay, Antônio Rui¹⁶⁰, com o judeu homossexual Josef Ben Ami¹⁶¹, e, com o reverendo José Mojica da Igreja da Comunidade Metropolitana de Los Angeles¹⁶²; falou da Dignity, uma organização religiosa católica de homossexuais norte-americana¹⁶³, e também publicou a sua “declaração de princípios”¹⁶⁴.

Todos estes textos tinham como intuito demonstrar que haviam religiosos gays e que as pessoas homossexuais, não precisavam ficar distante de Deus, pois se a Igreja Católica não os desejava, eles eram bem quistos em outras igrejas. Um desses textos publicados por *Lampião* que destaco é o de Paul Quillet, intitulado “Uma Experiência com cristãos gueis”, que narra o

¹⁶⁰ Confissões de um Carmelita Descalço. *Lampião da Esquina*, nº 1, 1978, p. 7.

¹⁶¹ As confissões de um rabino guei. *Lampião da Esquina*, nº 12, 1979, p. 14-15.

¹⁶² Uma igreja para o povo guei? *Lampião da Esquina*, nº 23, 1980, p. 12-13.

¹⁶³ Cristo também está conosco. *Lampião da Esquina*, nº 1, 1978, p. 7.

¹⁶⁴ Dignity: Agrupamento de Cristãos Gueis. *Lampião da Esquina*, nº 26, 1980, p. 4.

seu encontro com um homossexual, em 1971, quando ele trabalhava na pastoral de uma paróquia de Quebec, e também fala da experiência de ter participado do nascimento de um grupo homossexual, o Centro Humanitário de Ajuda e Liberação, que tinha três objetivos: 1) ajudar os homossexuais a se aceitarem, 2) organizar atividades de informação e de encontros com outras pessoas, 3) difundir informações para lutar contra os preconceitos da sociedade (QUELLET, nº 26, 1980, p. 4). O autor chama a atenção para a questão de que a Igreja não tente mudar os homossexuais, e, que estimule todas as pessoas a ter um comportamento humano válido em todos os domínios de sua vida, inclusive na sexualidade, e, pondera que é impossível “descrever em algumas linhas um comportamento ideal, respondendo às exigências do Evangelho” (QUELLET, nº 26, 1980, p. 4).

Um outro texto que tinha um argumento confortador para aquelas pessoas homossexuais que achavam que a sua homossexualidade era um pecado e um ato imoral foi o artigo de Darcy Penetado, “Cristo também está Conosco”, publicado na edição 1:

o homossexual não pede para nascer **dessa** ou de outra maneira. Portanto, desde que se acredite num Deus, passa-se a acreditar que tudo e todo foram criados de acordo com a sua vontade”, pois “os homossexuais são membros do corpo místico de Cristo, englobados entre as pessoas de Deus (PENETADO, nº 1, 1978, p. 7. Grifo do autor).

Lampião também publicou textos que tratavam de relacionar as religiões afro-brasileiras com a homossexualidade. Desta forma, na edição 34 e 36, se publicou um texto explicando a Umbanda e o Candomblé e a relação com a homossexualidade e bissexualidade¹⁶⁵; sobre a vida de Nívio Ramos Sales, como pai de santo e cientista social¹⁶⁶; da transformação do livro em filme¹⁶⁷, e, se faz um resumo do livro *Prova de Fogo* e do papel dúbio de Nívio, como cientista social e como pai de santo¹⁶⁸.

Entretanto, a religião que *Lampião* mais abordou em suas páginas foi o catolicismo. No jornal, se tentou fazer interpretações diferenciadas da bíblia, tentando elucidar que a homossexualidade não era um pecado. Assim, se reproduziu um texto do Padre Netto dizendo que existiu homossexualidade entre dois personagens bíblicos – Davi e Jônatas – e que chegava à conclusão de que a homossexualidade era uma “forma de amor e que este é uma partícula de Deus”¹⁶⁹. Publicou-se também o texto “A Bíblia e o Homossexualismo”, na edição 26, que tentou dar respostas a questões como: O que diz a Bíblia sobre

¹⁶⁵ Homem, mulher, sim, não? *Lampião da Esquina*, nº 34, 1981, p. 9.

¹⁶⁶ Relatos de um desviante. *Lampião da Esquina*, nº 34, 1981, p. 9.

¹⁶⁷ Em busca de movimento próprio. *Lampião da Esquina*, nº 34, 1981, p. 9.

¹⁶⁸ "Prova de Fogo": a religião do erotismo. *Lampião da Esquina*, nº 36, 1981, p. 5.

¹⁶⁹ Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi. *Lampião da Esquina*, nº 12, 1979, p. 15.

homossexualismo no antigo e no Novo Testamento? Como se explica sua posição? É de fato a Bíblia que condena o homossexualismo ou aqueles que a leem?, além de indicar também algumas leituras “que apresentam enfoques cristãos positivos e novos da realidade homossexual” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 26, 1980, p. 6). Por fim, cito o texto “Capitalismo, socialismo, argh!”, no qual Aristóteles Rodrigues aponta que as interpretações teológicas atuais falam da condenação judaica ao “homossexualismo” como uma repressão às práticas religiosas pagãs, e não à prática sexual, em si, e, que Cristo, em nenhum momento, fez referência, seja elogiando ou condenando, os homossexuais ou a homossexualidade, mas que essa não tem sido a interpretação que as religiões têm dado sobre a homossexualidade (RODRIGUES, nº 8, 1979, p. 4).

Contudo, boa parte dos textos publicados, foram de crítica ao Papa João Paulo II e de sua falta de habilidade para com o trato da questão homossexual. No texto “O Papa não nos ama? Nós rezamos por ele”, Francisco Bittencourt fala que a viagem do Papa João Paulo II aos EUA serviu para deixar claro que a crise que a Igreja estava sofrendo era culpa do papado, que não conseguiu passar uma humanidade da Igreja como Paulo VI e João XXXIII (BITTENCOURT, nº 18, 1979, p. 14). O autor ainda destaca que o Papa foi a América, “terra onde surgiram todos os grupos minoritários reivindicantes, para falar justamente contra os programas e as aspirações desses grupos”, e, que ele “é o representante da facção imobilista e autoritária da Igreja” (BITTENCOURT, nº 18, 1979, p. 14). Bittencourt (1979), também faz crítica às religiões protestantes que são “até mais obscurantistas em questões de sexualidade”, e, aponta que “só os cultos afro-brasileiros têm a visão necessariamente ampla e não preconceituosa capaz de compreender a posição revolucionária desses grupos [minoritários], justamente porque, eles também surgiram da opressão patriarcal e machista” (BITTENCOURT, nº 18, 1979, p. 14).

Outros textos que também criticaram o Papa, foram “Um ex-seminarista fala de sua temporada no inferno”, publicado na edição 26, em que João Carneiro escreve sobre suas lembranças de quando era um militante católico e seminarista, e, faz crítica à Igreja e o Papa João Paulo II; “Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Woítjila”, em que texto de Alexandre Ribondi fala da carta do grupo Beijo Livre, de Brasília, endereçada ao Papa João Paulo II, que criticava suas declarações em Chicago, quando ele acusou o homossexualismo de ser “moralmente errado”, e, destaca que a carta seria entregue pelo seminarista Tom, que teve a carta interceptada pela segurança do papado (RIBONDI, nº 27, 1980, p. 3), e, “Nós e o papa: as Denúncia do Fuori”, traduzido por Antônio Carlos Bella. Esse último texto falava do jornal italiano Fuori, que era bimestral e de liberação homossexual, que escreveu um artigo

baseado na visita que o Papa João Paulo II fez em outubro aos Estados Unidos e nas suas declarações sobre a homossexualidade, como de que os homossexuais eram “moralmente desonestos”, o que causou a reação dos movimentos homossexuais do mundo inteiro, inclusive do Italiano que chegou a processar o pontífice (BELLA, nº 26, 1980, p. 6).

Ainda sobre a relação entre Igreja e homossexualidade, gostaria de destacar o texto “A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão”, de Guy Ménard, traduzido por Francisco Bittencourt, no qual o autor cita exemplos que parecem mostrar que a religião, e especialmente a tradição cristã, continuam sendo um poderoso obstáculo para o movimento de libertação homossexual, e, ironiza o fato da Igreja ter se “civilizado” um pouco, pois se antes mandava os homossexuais para o fogo do inferno (passando pelo da fogueira...) ao deixá-los no “braço secular dos torturadores e carrascos”, hoje, ela se contenta em os colocar nas mãos de psiquiatras (MÉNARD, 1980, p. 3). O autor chama a atenção para o fato de que as pessoas que acreditavam estar vivendo em uma época mais liberal, com a qual a religião estaria tentando se “rejuvenescer”, contendo Concílio, missas com música profana, e padres abertos, por exemplo, deveriam observar que existe pelo menos “quatro atitudes atuais em relação ao homossexualismo: uma posição clássica e rígida, uma abertura mais liberal como a posição de Marc Oraison, atitudes novas e positivas de cristãos que veem a homossexualidade de forma sadia, boa e “moral”, e, uma posição mais atenta e respeitadora” (MÉNARD, 1980, p. 4).

E, por fim, destaca o artigo de Alexandre Ribondi, “Bicha é família?”, que faz uma crítica ao Papa João Paulo II e destaca que os homossexuais não estão buscando compreensão nem muito menos se ajoelham diante de Sua Santidade e pedir clemência, pelo contrário, devemos demonstrar que “o homem-de-saia”, com suas declarações, violência e preconceito parece “concordar com as portadas que nós estamos levando” (RIBONDI, nº 28, 1980, p. 9). Defendendo que a Igreja ajuda na manutenção da opressão dos homossexuais, Ribondi (1980), ainda crítica no seu texto a questão de se criar igrejas gays e contesta a heteronormatividade em vez de se juntar a ela. É o caso do casamento entre homossexuais, por exemplo, que para ele parecia “uma corrida em direção a uns **status quo** que eu, independente de ser ou não bicha, sempre contestei”, porque na verdade, o que o sistema oferece “não passa de um cantinho onde possamos sonhar em paz em ser finalmente respeitados - ironicamente, dentro dos mesmos moldes de uma sociedade que, baseada na família, tem sistematicamente elaborado a dominação, o individualismo, a posse e a tara” (RIBONDI, nº 28, 1980, p. 9).

Mas, como disse anteriormente, *Lampião* não fez relação só com a esfera religiosa, fez também com a científica e com a judicial. Sobre a relação entre homossexualidade e ciência, tínhamos os textos: “História da sexualidade”, na edição 3, em que Eldécio Mostaço faz uma resenha e indicação do livro de Michel Foucault; “Pioneiros do movimento guei: as questões científicas e teóricas”, texto sem autoria que consta na edição 10, que destaca os estudos científicos no campo da homossexualidade, de Ulrichs e Richard von Kraft-Ebíng, e, no campo da bissexualidade, de Friedlander e Hirschfeld; “Homossexualismo: duas teses acadêmicas”, de Regina Prandi, na edição 11, onde se fala sobre a dissertação “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo”, de José Fábio Barbosa da Silva, em 1964, que fez uso das teorias de patologia e desorganização social de então, para analisar as relações entre “desenvolvimento da homossexualidade” e o desenvolvimento da cidade; e sobre a dissertação “O homossexual visto por entendidos”, defendida em 1977, por Carmen Dora Guimarães no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que “parte do homossexual como um dado, e sobre ele se debruça, tomando como ponto de apoio empírico a pesquisa de um grupo de 14 homossexuais masculinos residentes no Rio de Janeiro, de classe média, e originários, em sua maioria, de Minas Gerais” (PRANDI, nº 11, 1979, p. 17).

Outro texto que traz essa relação entre homossexualidade e produção científica foi o de Peter Fry, “Falamos os profissionais”, publicado na edição 4, onde o autor faz uma análise crítica do livro *Comportamento Sexual do Brasileiro*, de Délcio Monteiro de Lima, que trazia em suas páginas opiniões de alguns especialistas da saúde, como urologistas, proctologistas, sexologistas, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e ginecologistas; delegados de polícia e prostitutas, sobre o que pensavam a respeito do comportamento sexual no Brasil, mas, como destaca Peter, apesar do livro ser um ponto de partida para pensar sobre a sexualidade, poderia causar num leitor desprevenido a sensação de saber tudo sobre o que diz respeito à sexualidade no Brasil, quando na verdade, o livro tem é uma “racionalização de atitudes não científicas e ideológicas” e “algumas sugestivas hipóteses” (FRY, nº 4, 1978, p. 14)

No texto “Notícias do amor-mentira”, de Luiz Mott, se fala do ponto de vista antropológico que o “homossexualismo” no Brasil é mais antigo do que o próprio Brasil conforme o cronista Gabriel Soares, e, que Levi-Strauss encontrou entre os Nhambiquara o homossexualismo, que eles chamam poeticamente de “amor mentira”; Mott (1979) também cita o caso dos índios Guayaki, estudados por Pierre Clastres, que veem o homossexualismo como uma prática socialmente reconhecida, sendo o homossexual passivo chamado de *kyryts*, isto é, -ânus-fazer-amor- (MOTT, nº 8, 1979, p. 7).

Na edição 25, temos o texto “Na Universidade”, de João Carneiro, em que se fala dos encontros para discutir a questão homossexual na UFF e na PUC/RJ, e, do claro interesse crescente do povo universitário pela homossexualidade e sua discussão, fazendo com que as universidades se vejam obrigadas “a abrir suas portas aos homossexuais”, destacando que “não se trata de uma concessão, de um terreno cedido, não. Ao contrário, é um espaço conquistado por nós, com muita luta, muita briga, algumas lágrimas... e muito suor” CARNEIRO, nº 25, 1980, p. 15).

Outro texto que segue a linha desse, também foi publicado na mesma edição, e recebeu o título “Começam a nos entender. Mas é isso o que interessa?”. Darcy Penteado inicia seu texto falando da carta enviada por um leitor sobre uma palestra na Universidade Estácio de Sá sobre “Homossexualidade masculina e Lesbianismo”, feita pelo Dr. E. Cristian Gauderer, que falou do tema de forma imparcial “apesar de ser hetero” (PENTEADO, nº 25, 1980, p. 12). O autor, destacou também alguns senões, como por exemplo, se só porque uma pessoa é heterossexual, não significa e nem deve significar que ela deva ser contrária ao “homossexualismo” (PENTEADO, nº 25, 1980, p. 12).

Darcy Penteado (1980) destaca que os conceitos científicos sobre “homossexualismo”, mesmo quando imparciais, bem documentados e devidamente atualizados, colocam-se de tal forma dentro de uma lógica habitual de laboratório que os homossexuais conscientizados nunca poderão aceitar na totalidade porque possuem a seu favor a convivência íntima com o assunto, com a qual dialogam de maneira aberta, coisa que nenhum cientista heterossexual, mesmo o mais esforçado conseguiu até hoje, e, que por isso, refuta os fatos que a tradição científica colheu durante anos e anos sobre o "problema" da homossexualidade:

É preciso deixar bem claro também, que a análise científica atual feita sobre a nossa opção sexual não nos perturba nem nos acrescenta nada, a **nós homossexuais conscientizados**, porque a nossa cabeça, a partir do momento da conscientização, já superou traumas, sentimentos de culpa, auto-negações e toda aquela baboseira mental de que os psicanalistas insistem em nos curar. (PENTEADO, nº 25, 1980, p. 12. Grifos do autor)

Penteado (1980) também recusa aceitar que tratem o homossexualismo como um "problema" ou como um desvio da sexualidade, como proposto pelo Dr. Flávio Gikovate, e, acusa Freud de assumir uma atitude paternalista em relação aos homossexuais ao dizer que eles são "indivíduos privilegiadas no desenvolvimento intelectual e cultural", pois opção sexual não tem nada a ver com inteligência e cultura, e, que todos os heterossexuais fazem isso a fim de se penitenciar pelo que a humanidade tem feito contra os homossexuais, mas afirma, que ele não tem como objetivo a segregação dos heterossexuais para impor padrões homossexuais no mundo, porém, deseja “fazer válida a nossa normalidade - mas que ela nos

venha por direito, não obsequiada como numa abertura política, na forma de uma concessão piedosa ou como prêmio de bom comportamento, antecipadamente exigido como condição para a liberdade” (PENTEADO, nº 25, 1980, p. 12).

Todavia, Darcy finaliza o texto constatando que “mesmo tentando ser compreensivos, os heteros jamais aceitarão como tal, a nossa opção sexual e a nossa cultura específica, enquanto tomarem como ponto de partida a **sua** conceituação de valores”, e, que “para qualquer tentativa de integração minoritária **é necessário o abandono completo dos padrões estabelecidos pelo sistema dominante**, tanto de uma parte como da outra” (PENTEADO, nº 25, 1980, p. 12. Grifos do autor).

Lampião também teve textos que criticaram diretamente a área da saúde por tratarem os homossexuais como doentes, como no texto “Para o Dr. Eiras, fugiu a média, é doente mental...”, sem autoria, publicado na edição 32. Outros textos que também trataram disso foram “Contra a loucura de ocasião”, de Aguinaldo Silva, no qual o autor fala de uma nota do Centro Acadêmico de Debates e Estudos de Psicanálise (CADEP) a favor de absolvição do ex-líder religioso Aparecido Galdino Jacinto por ser louco, para criticar a psiquiatria, dizendo que ela leva os seus especialistas a emitir conceitos do tipo “o homossexual é anormal e neurótico porque tem problemas infantis não-resolvidos”?, sendo assim, conclui que todos os cidadãos brasileiros, vítimas de discriminações sociais, religiosas, científicas ou políticas, teriam como obrigação se engajar na luta pela revisão dos conceitos que lesaram Galdino ao manicômio (SILVA, nº 10, 1979, p. 4); e, o texto “Eram os homossexuais astronautas?”, do grupo SOMOS, também se têm uma crítica, só que agora voltada ao curso de Psicologia de Itatiba (SP) por ter uma disciplina - Psicopatologia clínica -, que estudava a homossexualidade como uma doença. Mas, os estudantes dessa faculdade descontentes com tal perspectiva acadêmica do seu curso, convidaram os grupos SOMOS e EROS para um debate sobre homossexualidade, mas, quando eles chegaram lá, se depararam com perguntas que queriam “descobrir as ‘causas’ da nossa ‘enfermidade’”..., que no entanto, não foram discutidas, pois não se tem causas e nem curas, já que a “homossexualidade é um dado normal e o nosso objetivo básico é a luta pelo direito à nossa sexualidade” (SOMOS, nº 14, 1979, p. 2).

Pegando esse gancho, queria destacar que o texto “Homossexualismo: que coisa é essa”, de Darcy Penteado, publicado na edição de número 2, ponderando que tentar “ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil, mas impossível e, com todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações” (PENTEADO, nº 2, 1978, p. 2). Penteado (1978, p. 2)

alerta que a medicina já não entende mais a homossexualidade como uma doença, “prescrevendo como tratamento, por exemplo, aplicações ‘dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência’” ou “o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletro choques no órgão genital do paciente”, pois agora ela se apoia em uma tese de conciliação endócrino psicogênica”, segundo a qual “desejo sexual e erotismo dependem, tanto no homem como na mulher, de um grupo de substâncias denominadas andrógenos, aos quais os seres humanos reagem com comportamentos masculino ou feminino, conforme a sua maior ou menor atuação”.

Já Rodrigues (1979) em “Capitalismo, socialismo, argh!”, faz uma relação entre a psicologia e a homossexualidade, chamando a atenção para a insistência da psicanálise em classificar homossexuais como doentes, como tendo “um comportamento adquirido, reforçado, instalado e (ou não) utilizado; logo, passível de ser reconicionado para o heterossexualismo (na medida em que a pessoa o queira) (RODRIGUES, nº 8, 1979, p. 4). Por sua vez, Darcy Penteado, no texto “Canhotos: uma minoria liberada”, é taxativo ao afirmar que a ciência ainda não provou que a homossexualidade é uma predisposição congênita natural ao ser humano, mas que, concorda que o homossexualismo não pode mais ser considerado uma doença psíquica, como se julgava antes (PENTEADO, nº 16, 1979, p. 5). Por fim, queria citar o texto Só queremos ser entendidas, do Grupo SOMOS, na edição nº 12, que denuncia que

as pesquisas médicas sempre foram feitas com homossexuais em situação especial: pessoas que estavam presas ou internadas em hospitais psiquiátricos, pessoas que procuravam tratamento pessoas que se reuniam em boates ou bares "entendidos". Quer dizer: as pesquisas sempre se basearam em pessoas visíveis, portanto, que faziam parte de um grupo muito reduzido, não representativo do conjunto dos homossexuais (GRUPO SOMOS, nº 12, 1979, p. 11)

Ou seja, para o Grupo SOMOS, não deveríamos ficar esperando que os psiquiatras decidam se a homossexualidade é uma doença ou não, pois somos nós que deveríamos declarar que ela não o é. Ao sair da alçada da igreja e ir para a da medicina, ou seja, deixando de ser pecado para ser vista como doença, era possível agora curar a homossexualidade (FRY, 1982, p. 101). Conforme o caso, diferentes caminhos de cura para esta “doença” eram recomendados, tais como: hipnose, ginástica, vida ao ar livre, castidade, internamento, castração terapêutica, lobotomia, procurar prostitutas etc. (CORBIN, 2009, p. 547). A associação entre homossexualidade e patologia só foi desfeita em 1973, quando a Associação Americana de Psiquiatria retirou o termo designativo às relações entre pessoas do mesmo sexo, que era o termo homossexualismo, da lista de distúrbios psicológicos apresentados no

catálogo conhecido como Terceiro Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM III) (ROUDINESCO; PLON, 2003). A partir de então, a palavra homossexualidade, que determina um estado de comportamento, passou a ser utilizada nos estudos acadêmicos e sociedade no geral (REZENDE, 2004).

No que se refere ao campo das doenças, os EUA, por exemplo, é um dos países que a taxou como sendo um transtorno mental, em 1952, pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), no seu primeiro *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais* (DSM). Isto porque, um pouco antes, em 1948, o médico Alfred Kinsey, divulgou um estudo, que procurava detectar o verdadeiro comportamento sexual dos americanos, buscando demonstrar que a homossexualidade era “natural” não por ser influenciada por genes, nervos ou hormônios, mas apenas por ser regular, comum ou amplamente difundida na população conhecido como o *Relatório Kinsey* (FRY; CARRARA, 2016, p. 268). Com este relatório, Kinsey (1948) reconhecia a diversidade e a fluidez do comportamento sexual humano, demonstrando que a sexualidade não se encaixa perfeitamente nas categorias de exclusivamente heterossexual ou de exclusivamente homossexual, já que 37% dos homens estadunidenses tinham tido pelo menos uma experiência homossexual; 18% tinham tido experiências homossexuais e heterossexuais durante um período mínimo de três anos, e que 4% eram exclusivamente homossexuais. Kinsey acabou comprovando a ideia da bissexualidade (FRY; MACRAE, 1985, p. 92). Kinsey, com os dados obtidos criou uma tabela para classificar a orientação sexual humana, que a seu ver é um *continuum*: a *Escala Kinsey*¹⁷⁰, que vai do valor zero (hetero exclusivo) ao seis (homossexual exclusivo). No meio, no número três, há o sujeito bissexual.

A relação entre pessoas do mesmo sexo só deixou de ser considerada uma doença em 1993, quando foi retirada do Catálogo Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS)¹⁷¹. No Brasil foi necessário que no ano de 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) editasse a resolução 001/99, na qual declarava que a homossexualidade

¹⁷⁰ *Escala Kinsey*: 0- Heterossexual exclusivo; 1 - Heterossexual com 1 ou mais orgasmos homossexuais; 2 - Heterossexual com diversos orgasmos homossexuais; 3 – Bissexual; 4 - Homossexual com 1 ou mais orgasmos heterossexuais; 5 - Homossexual com diversos orgasmos heterossexuais; 6 - Homossexual exclusivo. Ver: KINSEY, Alfred C. et all. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, W.B. Saunders Company, 1948.

¹⁷¹ Conforme Kutchins e Kirk (1997), a retirada do “homossexualismo” do CID deve ser compreendida em um contexto mais amplo de debate em torno do esvaziamento da psicanálise na APA. Fazem parte deste contexto quatro fatores: 1) mudanças históricas nas concepções de homossexualidade, 2) a emergência do movimento militante gay, 3) a transformação da psiquiatria e de sua organização profissional e, por fim, 4) uma disputa interna nesse campo a respeito da psicanálise. Ver: Kutchins, Herb, & Kirk, Stuart A. (1997). The fall and rise of homosexuality. In: Herb Kutchins, & Stuart A. Kirk. *Making us crazy: DSM - the psychiatric bible and the creation of mental disorders* (pp. 55-99). Nova Iorque: The Free Press.

não constituía doença, além de proibir que psicólogos propusessem a cura para a homossexualidade (TREVISAN, 2004, p. 383).

Para terminar, esta questão da relação entre homossexualidade e ciência, queria destacar que ainda hoje existem dezenas de teorias que comungam do fascínio social pelas causas da homossexualidade. Alguns pesquisadores dizem que a homossexualidade é genética, outros que é causada por um mal funcionamento glandular, outros garantem que é resultante de desequilíbrios psicossociais dentro da família, ou que o hipotálamo dos gays é igual ao das mulheres¹⁷². Fry e Carrara (2016, p. 271), questionam que é impossível as definições de homossexuais só pela genética, pois esta precisaria da ajuda da história e da cultura, e que, portanto, a genética seria inconclusiva. De todo modo, nenhuma dessas teorias, que estão presas a uma classificação social tentando explicar porque certos homens e mulheres se atraem por pessoas do mesmo sexo, são suficientemente conclusivas, e, para mim, bastaria aceitarmos que a origem da homossexualidade é a mesma da heterossexualidade: questão de gosto e de preferência. O importante é saber que parece não existir qualquer diferença física ou mental entre quem gosta do mesmo sexo, dos dois ou do sexo oposto, pois a homossexualidade é “apenas” uma variação natural da sexualidade humana, e, portanto, é tão normal e saudável quanto a heterossexualidade ou a bissexualidade.

Já sobre a relação entre a Justiça e homossexualidade, *Lampião da Esquina* publicou dois textos. O primeiro, intitulado “Cada época com a sua medida”, foi publicado na edição 9, no qual Peter Fry falou da moral e dos bons costumes e da homossexualidade no nosso código penal, afirmando que o nosso era baseado no código napoleônico, e, que embora declare que é ilegal um homem casar com mais de uma mulher ou manter relações sexuais com pessoas que são menores de idade, em lugar nenhum ele fala a respeito das relações sexuais entre adultos do mesmo sexo, seja ela do sexo masculino ou feminino (FRY, nº 9, 1979, p. 5). Peter (1979) destaca que o nosso Código Penal reconhecia que as regras que dizem respeito a homossexualidade não pertenciam à esfera pública da sociedade, mas sim à esfera privada, e que “podiam variar de um grupo para outro, de uma classe para outra, de uma geração para outra, e assim, de uma época para outra”, pois seria da “natureza da moral e dos bons costumes que estes sejam fluídos e variáveis”, portanto, impossíveis de “incorporá-los ao Código Penal, que estabelece as mesmas - e imutáveis - regras para toda a sociedade” (FRY, nº 9, 1979, p. 5).

¹⁷² Para saber sobre cada uma Ver: HART, J. e RICHARDSON, Diane. *Teoria e Prática da Homossexualidade*. São Paulo: Zahar Editores, 1983.

E o segundo texto, “Às portas da Lei”, publicado na edição 17, sem autoria, contém uma entrevista com o professor Ruy da Costa Antunes, catedrático de Direito Penal na Universidade de Pernambuco, que diz que ser homossexual no Brasil não é crime, pois as leis brasileiras não definem o homossexualismo, diferentemente do que acontece em outras legislações, que tem artigos nos códigos penais, como a legislação alemã (art. 175), soviética (art. 121), tcheca (art. 244), iugoslava (art. 186), rumena (art. 200) e búlgara (art. 176) (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 17, 1979, p. 4). Ruy ainda destaca que não existe também no Brasil nenhuma proibição para o exercício de certas profissões pelo homossexual, pelo menos explícita, salvo no caso da profissão militar, que a considerada incompatível com a disciplina e dignidade da caserna, cujo Código Penal Militar, no artigo 235, pune com detenção de seis meses a um ano a prática de ato de libidinagem, homossexual ou não, em lugar sujeito a administração militar; e, que caso de alguém tente extorqui-lo, a pessoa que faz a extorsão é enquadrada no artigo 158 do Código Penal Brasileiro, que pune com reclusão de quatro a dez anos a extorsão (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 17, 1979, p. 4).

Outra relação que *Lampião* abordou foi entre a homossexualidade e a imprensa, por difundirem imagens negativas da homossexualidade. Em várias edições o jornal trouxe artigos e/ou ensaios denunciando e criticando o modo depreciativo com o qual os jornais da época tratavam a figura do homossexual. Um exemplo é o artigo “Não me espreme que eu sangro!”, de Glauco Mattoso, publicado na edição 4, em que criticou a forma como dois jornais impressos cariocas, *O Dia* e o *Noticias Populares*, veiculavam matérias envolvendo homossexuais associando a eles alguma doença e/ou algum crime. Além dos jornais impressos, os membros do *Lampião da Esquina* buscavam criticar também, o modo como os homossexuais eram vistos na imprensa televisiva¹⁷³, na mídia¹⁷⁴ e no cinema¹⁷⁵.

Para desmistificar os mitos entorno das homossexualidades, *Lampião*, desde a edição de número Zero, informou aos seus leitores que não pretendia “soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape”, mas lembrar que “uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade

¹⁷³ MASCARENHAS, João Antônio. A opinião pública na TV. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, jun./jul. 1978, p. 9.

¹⁷⁴ Ver: TREVISAN, João Silvério Trevisan. Um novo produto na praça. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, jun./jul. 1978, p. 5; SILVA, Aguinaldo. Na TV minutos de muita emoção. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, out 1978, p. 5; CRHISÓSTOMO, Antônio. O Céu está caindo. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, ago. 1979, p. 4; Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano II, n. 17, out 1979, p. 3; Nossos comerciais, por favor. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, abr. 1980, p.10 e, MOREIRA, Antonio Carlos. Bichices na Tevê (plim, plim). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano III, n. 26, abr. 1980, p. 11.

¹⁷⁵ RODRIGUES, João Carlos. O homossexual e o cinema brasileiro. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, abr. 1979, p. 15.

numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria¹⁷⁶ oprimida” e destruindo “a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua experiência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos” (LAMPPIÃO, nº zero, 1978, p. 2), ou seja, exterminando o estereótipo do homossexual, cheio de trejeitos e que encara sua sexualidade como uma maldição.

Lampião da Esquina, então, traçou como seu objetivo acabar com a imagem padronizada da homossexualidade e do homossexual, tentando aponta-los como seres humanos “normais”.

Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu lugar atuante numa sociedade, com o direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância como foi dada até agora, não obrigado! É muito pouco. (PENTEADO, nº 2, 1978, p. 2)

É importante frisar que os lampiônicos não reivindicavam qualquer especificidade. Nem de superiores e nem como inferiores. Muito pelo contrário! Nem beatos e nem malditos, os gueis eram seres humanos, eram cidadãos.

(...) O que gostaríamos de deixar claro para a grande maioria é que com o nosso trabalho não queremos agredir e nem impor nada a ninguém. O que queremos é nosso direito de sermos tratados como seres humanos. A homossexualidade não escolhe casa para se instalar, não escolhe classe social, nem regime político; portanto, qualquer família pode ou poderá vir a ter um membro homossexual. Seria importante se as famílias que tivessem homossexuais dentro delas não os vissem de modo preconceituoso, e não tentassem interferir na sua opção sexual.

Queremos que respeitem a nossa sexualidade como respeitamos a dos outros. Queremos o nosso direito à felicidade. Não queremos ser recusados, quando batemos numa porta à procura de emprego, por força de nossa condição; não podemos aceitar que num ambiente de trabalho sejamos colocados sempre de lado quando se trata de uma promoção; não queremos mais servir de chacota, nem sermos tratados como bobos da corte: é chegado o momento de pôr fim ao tempo das bichas boazinhas. (...)

Não somos, como muitos querem fazer crer, "doentes" ou "anormais". Se entre nós há pessoas problemáticas, isso é principalmente pela carga de repressão que sofremos desde crianças. Os que conseguem sobreviver a esta repressão sem maiores agravos, tornam-se, em paz com sua opção sexual, pessoas como quaisquer outras. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 16, 1979, p. 9)

¹⁷⁶ Quando me refiro a minoria, acredito que o conceito abarca todas as categorias que de alguma maneira eram e são marginalizadas, excluídas, ignoradas naquilo que desrespeita a vida cotidiana. Acredito também que o jornal *Lampião* foi instrumental por implantar no Brasil a noção de minoria, como entendemos hoje. É importante salientar que o termo “minorias” no jornal é usado “comumente para caracterizar grupos cuja opressão não depende exclusiva ou diretamente da produção voltada para o lucro”, como “mulheres, negros, índios e homossexuais” (TREVISAN, 1978, p. 9). Ver: *Lampião da Esquina*, Ano I, n. 02, Rio de Janeiro, jun.-jul. 1978, p. 9.

Era assim que o jornal *Lampião* enxergavam a homossexualidade e os homossexuais, e era assim que ele queria que a sociedade os enxergassem. *Lampião* não queria definir o que era homossexualidade ou homossexual, só queria provar que eles existiam e lhes dar uma existência humana digna, pois sabiam que ao tentarmos definir o específico, enfrentaríamos o risco de criar novas divisões, novas categorizações. *Lampião da Esquina*, não criou nenhuma, mas, apontou os vários discursos – da medicina, da justiça, da Igreja, da imprensa - que envolviam as homossexualidades, e, divulgou as categorias existentes que já haviam sido consolidadas ou que estavam ainda em construção.

3.2) “HOMOSSEXUALISMO: QUE COISA É ESSA?”¹⁷⁷

Por causa deste silêncio é que se criaram, e vêm sendo mentidos, muitos mitos em relação ao homossexualismo. Um deles, que este jornal desde o começo pretende desmoralizar, é aquele segundo o qual os homossexuais são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar; se o homossexual vive grande parte de sua vida nas sombras, não é que ele goste disso; é que lhe foi imposto; se ele compensa sua insegurança e sua instabilidade transformando-se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresenta como padrões ideais - é o caso do sapatão e da bicha-louca -, não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano. (SILVA, nº 9, 1979, p. 5)

Apesar das homossexualidades serem bem mais antigas do que pensamos¹⁷⁸, cuja prática existiu em todas as sociedades e em todos os tempos históricos, mas, com nomações diferentes¹⁷⁹ até à invenção do sujeito homossexual, no século XIX, só havia categorias ou

¹⁷⁷ Título extraído do texto homônimo publicado na seção Opinião da edição nº 2, p. 2, 25 de junho a 25 de julho de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

¹⁷⁸ O primeiro registro que possuímos acerca da homossexualidade data de 4500 anos antes de Cristo, ocorrendo entre Oros e Seti, na sociedade egípcia (GUIMARÃES, 2009, p. 555).

¹⁷⁹ Na antiguidade clássica ocidental, por exemplo, recebia o nome de **pederastia**, utilizado para designar o relacionamento erótico entre um homem mais velho (erastes, que significa amante), geralmente acima dos 30 anos, e um rapaz mais jovem (eromenos, que significa amado), que variava entre 12 e 18 anos, e desempenhava o papel passivo, de penetrado; e como normalmente, dos 25 aos 30 tornavam-se um homem adulto, logo se esperava que assumissem o papel ativo, de penetrador (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101 – 102).

A pederastia era vista como um ato pedagógico necessário na educação dos jovens rapazes de famílias nobres, pois entendiam que essa prática institucionalizada era necessária para o desenvolvimento da masculinidade e de preparação para a vida pública. Assim, permitia-se aos rapazes o direito de “escolha” da pessoa que os formariam, já que cabia a eles aceitar ou não o convite dos seus erastes (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101 – 102).

No Império Romano, influenciado pelo Cristianismo, a prática da homossexualidade recebeu o nome de **sodomia**, termo usado para designar qualquer ato sexual que não tivesse a finalidade da procriação, e, normalmente, era através do coito anal (VAINFAS, 1989, p. 145). O termo é originado do relato do Antigo Testamento no Livro do Gênesis sobre a destruição das cidades Sodoma e Gomorra, pelo suposto desejo sexual dos moradores da cidade nos dois anjos que estavam hospedados na casa de Lot.

termos de identificação para fazer referência às pessoas que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo, mas não havia realmente uma identidade entre tais sujeitos que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo. Vale destacar que existe uma diferença entre os conceitos identificação e identidade. Identificação seria a ação e o efeito de identificar outrem ou de se identificar, e, está relacionada com a identidade, que é construída a partir da negação e da diferença, justamente porque aquilo que é “desigual”, estranho, avesso, acaba fortalecendo ou reforçando elementos significativos da identidade em questão. É a partir da diferenciação entre **eu** e o **outro** que se constrói a identidade. Pois, o “outro” é o estranho, e a partir dessa estranheza, do que o outro é ou não é, que surge o que eu sou (HALL, 2014, p. 111-112). Portanto, a diferença é exaltada para que haja a demonstração da identidade. Por fim, quero manifestar que concordo com o Hall (2003) que devemos falar de identidade sempre no plural, pois hoje não possuímos mais uma “cédula identitária central” única e estável que nos caracterize como indivíduo, ou seja, esse descentramento produz uma “identidade móvel, múltipla e fragmentada” formada e transformada “continuamente pelos sistemas culturais”, compondo assim, diversas identidades vivenciadas pelo mesmo ser, que nem sempre estarão em concordância uma com a outra, portanto, admitindo-se que estas possam ser até mesmo contraditórias e conflituosas (HALL, 2003, p. 108).

É importante frisar que o termo homossexual fundou identidades, mas conforme Bandeira (2006, p. 20), se faz necessário questionarmos a existência de um sujeito “homossexual” universal, cuja identidade foi criada através da linguagem que, por meio de um nome, procurou nivelar uma multiplicidade de práticas diferentes a fim de simplificar a complexidade das relações entre pessoas do mesmo sexo, para submetê-las e domina-las. Em conformidade com esse pensamento, identifiquei alguns leitores que discordavam dessas identidades ou em classificar as pessoas em homossexuais. Vejamos as cartas de Luiz Carlos Amorim, publicada na edição de nº 7, e de Roberto Ferreira, publicada na edição 8, por exemplo

(...) Não concordo que nós, os homossexuais, constituamos uma classe. Somos pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, com os mais diversos pontos de vista, posições políticas conflitantes e daí para diante. O fato de nossas preferências sexuais serem estas ou aquelas não nos torna uma

No século XVIII, a prática da homossexualidade perdeu a referência bíblica de sodomia, mas começou a pertencer ao campo da medicina e passou a ser chamada de “**inversão**”, onde o “invertido” associava-se a “efeminado”, portanto, portador de uma inversão sexual, devido a uma condição orgânica, congênita ou a uma variação da natureza (BADINTER, 1993, p. 12).

Quando se chegou ao século XIX, a homossexualidade deixou de ser vista apenas como um pecado e passou a ser encarada como uma doença a ser tratada (VECCHIATTI, 2008, p. 59), e daí surgem dois conceitos para fazer referência às pessoas que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo: **uranista**, em 1862, e **homossexual**, em 1869.

classe à parte, com interesses próprios e objetivos comuns. (...) (AMORIM, nº 7, 1978, p. 15)

(...) o que significa a palavra gay? Eu conheço homossexual. Se gay está enquadrada nesta categoria, pergunto eu, então: porque esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o Jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!

A bicha pobre da Avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da República não serão homossexuais iguais àquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será gay também? Para mim todos são! (...) Vocês não estão acompanhando o tempo? Não chegaram à conclusão que muita etiqueta, muita classe não está mais dando certo?

(...) Vocês agora adotaram uns certos nomes para discriminar outros. Andar com a cara pintada agora e "andrógino"; sair pelas ruas aos gritinhos com brincos, saltos altos unhas pintadas e um coração desenhado nas bochechas é gay; bicha, não é! Que p... é esta? Pra mim tudo é igual, a questão é assumir, mostrar educação, classe, categoria e valor e cumprir suas obrigações (...) (FERREIRA, nº 8, 1979, p. 13)

Apesar de concordar com Amorim (1978) e Ferreira (1979), em alguns pontos, acredito que *Lampião* não buscou privar uma identidade comum a todos os homossexuais. Nesse sentido, concordo com Nando Ramos, que na edição de nº 12, apontou que o que os lampiônicos procuraram foi “abrir o gueto à ventilação de ideias, tornando mais arejada a convivência, ou o confinamento na maior parte das vezes, dos homossexuais”, que muitas das vezes poderiam se o “homossexual prostituto, ao travesti miserável, à bicha louca alienada...” (NANDO RAMOS, nº 12, 1979, p. 4), e, com Bandeira (2006, p. 21), de que o jornal *Lampião* reproduzia enunciados mostrando diferentes formas de ser homossexual, portanto, “não existe um sujeito homossexual idêntico a si mesmo” e cabendo então “falar em homossexualidades, a fim de indicar não somente a diversidade que esta nomeação procura referenciar, mas também o campo de disputas, a batalha em que esta mesma diversidade se insere em busca de sua legitimação”, buscarei as representações das homossexualidades masculina que estão presentes nos seus discursos. Por isso, esmiuçarei a forma como os lampiônicos, sujeitos homossexuais masculino, se representavam e (des) construíam as identidades homossexuais nas páginas de seu jornal.

Para isso, seguirei a reflexão de Hall (2016), de que a representação é a produção de sentido através da linguagem, e, que a linguagem produz identidade, resolvi, então, começar pela questão do uso da linguagem, como componente analítica. *Lampião da Esquina*, para retirar o sentido pejorativo das palavras que eram usadas pela sociedade para desmerece-los, optou, então por usar palavras como “bichas”, “viado”, “sapatão”, “boneca”, às quais “o uso comum deu sempre um tom de ofensa, de epíteto humilhante” (SILVA, 1978, p. 5). Desta

forma, para que seus leitores entendessem a proposta do jornal, Aguinaldo Silva escreveu o texto “As palavras: para que temê-las?”, publicado na edição de número 3, de 1978, explicando que

O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmistificá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a "separação" que existe entre o **nosso** mundo e o dos **outros**. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras, embora, para quem as adota, sem qualquer tom pejorativo: **entendido**, por exemplo; e até mesmo que empreguemos sutilmente termos de um outro idioma., como é o caso de **gay** (LAMPIÃO bagunçou logo o coreto, traduzindo-a para **guei**, que significa **absolutamente nada**).

A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas, etc... (quanto a veado, ao vê-la escrita - ou ouvi-la - deve-se sempre lembrar o belíssimo animal que ela designa; esta palavra significa apenas isso). Classificar os grupos que não rezam por sua cartilha como coisas exóticas é uma das armas mais comuns do Estabelecido (é na verdade, o primeiro passo para reprimi-los). Não aceitar que este tipo de classificação seja possível - lutar contra ele — é obrigação, desses grupos. Assim acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel neste jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo. É parte do nosso papel, igualmente, responder à altura às provocações do tipo Roberto Moura (LAMPIÃO nº2) e Ivan Lessa (neste número). Fazer ironia velada ou não em torno da homossexualidade velada das pessoas sempre foi uma prática de alguns representantes da imprensa machista que, para isso, contaram sempre com a cumplicidade do silêncio; os atingidos com medo que a repercussão fosse ainda maior, preferiram, à resposta, ficar recolhidos à sua suposta insignificância. Nossa posição é oposta; se nos chamarem de bichas respondemos que somos mais que isso - somos trichas. Mas... (e há sempre um mas... na vida de qualquer machão), aproveitaremos a ocasião para recolher do nosso vastíssimo arquivo, ciosamente organizado pela fera Rafaela Mambaba, duas ou três coisas que sabemos - e sempre saberemos - sobre o autor da ironia. Assim, por todas essas coisas, ficam os possíveis desafios avisados: em matéria de imprensa os jornalistas que fazem LAMPIÃO da Esquina sempre adotaram a posição ativa, ativíssima. Alguma dúvida? (SILVA, 1978, p. 5. Grifos do autor.)

Com o artigo de Aguinaldo Silva, podemos concluir que o periódico buscava despertar reflexões através das palavras que, até então, tinham uma conotação negativa e desconstruir os estereótipos ligados aos homossexuais, como os de *viados* e *bichas*. Por isso, defendiam a necessidade de não temer as palavras e de utilizá-las de maneira sábia a favor de quem as usa. Assim, a atitude de dar um novo significado a termos machistas ou de deslocar esses termos de seus usos comuns fazia desse ato uma maneira de positivar a estrutura pejorativa de insulto aos homossexuais (BUTLER, 2003).

Todavia, nem todas as pessoas concordaram com a justificativa, o que gerou algumas manifestações de indignação à postura do jornal, pois, segundo tais manifestantes, ela

indicava “uma apelação ao baixo nível” (SILVA, 1978, p. 5). Como exemplo, destaco a carta do leitor Alfredo Rangel, do Rio de Janeiro, que disse ter achado inteligente a ideia do termo “guei”, mas

quanto aos outros (bicha, boneca, etc.), continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra, isto é, o significante traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmos termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo. Acho que quando algo se encontra já consagrado pelo uso, ainda mais de maneira deletéria, como no caso em foco, devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substituí-lo por algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que o uso de um termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo-se um novo termo, tendo-se cuidado para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. Entenderam o que eu quero dizer? (RANGEL, nº 4, 1978, p. 18).

Para Alfredo Rangel, a apropriação das palavras utilizadas para depreciar homossexuais não levaria ao esvaziamento de seus significados pejorativos. Assim, o seu questionamento colocava em voga a posição do periódico sobre a forma de articular as representações homossexuais dentro da linguagem. A resposta ao questionamento do leitor, veio na resposta da carta, publicada na mesma edição da carta, em que os lampiônicos disseram que

R - a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não; elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas, quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiuçá-las, esgotá-las. No nosso caso particular, essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades; é preciso ter consciência, inclusive, de que essa “livre expressão” de que você fala, não é através de LAMPIÃO que vamos consegui-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 4, 1978, p. 18).

É importante sublinhar, que tão importante quanto a palavra, é o seu significado. Porém, de acordo com Kirschner (2007), para alcançá-lo, é indispensável considerar o contexto em que ele é utilizado e o universo temporal no qual está inserido. Desta forma, se tomarmos todas as palavras como discursos, e, portadoras de história, é de suma importância destacar que se no século XIX tivemos a criação do sujeito homossexual, no século XX, teremos a criação de outros termos para (des)qualificar os sujeitos que tinham relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo, dentre eles “viado”, “bicha”, “entendido” e “gay”. Deste modo, pretendo apresentar rapidamente um pouco desses termos, para que possam entender o sentido pejorativo que tinham e que *Lampião* tentou ressignificar.

Os termos “viado” e “bicha” aparecem respectivamente nos anos 20 e 30 do século XX, contudo, não se sabe ao certo suas origens. “Viado” pode ter uma ligação entre homossexuais efeminados e o animal veado; pode ainda estar associado a um personagem da Disney – Bambi, que era um veado delicado, frágil e dócil¹⁸⁰ –; pode também estar ligado a uma batida policial ocorrida em um parque do Rio de Janeiro em 1920, com o objetivo de prender homossexuais jovens que ali circulavam e que, devido ao fracasso da tarefa, teve como justificativa dos policiais o fato de os jovens terem corrido como veados; ainda pode ter surgido do termo *Hirsch*, que em alemão significa “veado”¹⁸¹. Contudo, vale frisar que a associação entre o termo e o animal só ocorre no Brasil, pois, nos países do hemisfério norte, o veado representa a masculinidade e é símbolo nacional de alguns países (MACHADO, 1994; PEREIRA JÚNIOR, 2002; SAFFIOTTI, 1987).

Já o uso da palavra “bicha” é encontrado nos anos finais da década de 1930 nos registros policiais na cidade do Rio de Janeiro, para se referir a Madame Satã (ZAMBONI, 2016). Uma das hipóteses apontadas para o uso de “bicha” seria a de que se trata de uma adaptação da palavra francesa *biche*, que significa “corsa”, o feminino de veado. O termo *biche* também era usado na França para se fazer referência a uma jovem mulher (GREEN, 2000). No nordeste do Brasil, “bicha” é sinônimo de “prostituta” e, ao mesmo tempo, de “lombriga”, “solitária”; portanto, estar “com bicha na barriga” é estar doente de uma verminose, é estar com algo que se contorce para se alimentar de restos (BANDEIRA, 2006). Além disso, “é também feminino de bicho (classe de animais inespecíficos que abrange desde insetos até mamíferos)” (PARKER, 1992, p. 77) e, por esse motivo, é esse “termo, com sua ênfase numa feminilidade de animal, [aquele] que atrai mais claramente a imaginação popular” (PARKER, 1992, p. 77). Nesse sentido, já temos aqui o lado pejorativo do termo, que parece ter ocorrido no início dos anos 60, quando começou a competir com o uso de “viado” para insultar os homossexuais (GREEN, 2000).

Como podemos perceber, a ideia de homossexualidade até então estava diretamente relacionada à prostituição, à afeminação e a uma postura passiva nas relações sexuais, pois, em relação aos homossexuais “ativos”¹⁸², o termo de designação era “bofe”, o qual, no nordeste, é utilizado para nomear as vísceras de um animal, geralmente dispensadas na hora

¹⁸⁰ Acredito que esta hipótese seja pouco provável, já que o filme infantil só surgiu nos anos 40, especificamente em 1942, duas décadas depois dos primeiros registros do aparecimento do termo “viado”. Leonídio Ribeiro também já havia documentado o uso da palavra “viado” na gíria brasileira em 1938.

¹⁸¹ O termo *Hirsch* veio do nome de Dr. Hirsch, um médico em Frankfurt, na Alemanha pré-Hitler, que teria demonstrado que o “cruzamento” entre judeus e alemães produzia casos frequentes de “homens-mulheres” e “mulheres-homens”. Hirsch considerava esses seres superiores e os chamava de andróginos (MACHADO, 1994).

¹⁸² Homens que durante a relação sexual desempenham o papel de penetrantes; aqueles que penetram;

da alimentação, ou seja, aquilo que não se come¹⁸³ (BANDEIRA, 2006). Portanto, “bicha” e “viado” eram expressões que designavam a inferioridade social do “passivo” frente ao “ativo”. Então, chamar o outro de “bicha” ou de “viado” é mais do que apenas revelar o papel sexual, é também o desqualificar.

Já no fim dos anos 60 surgem dois termos para designar os homens que tinham relações sexuais e afetivas com homens: “entendido” e “gay”, que tentariam romper com o estereótipo do homem-efeminado. “Entendido” é uma expressão nacional que aparece entre a classe média urbana carioca e paulista nos anos 60, buscando remeter a um comportamento sexual igualitário, que não imitasse as dicotomias ativo/passivo e masculino/feminino, associadas à interação tradicional e hierárquica de homem/bicha¹⁸⁴. Em outras palavras, visava à transformação do modelo engessado bicha/homem, ativo/passivo, na do homossexual/homossexual (GREEN, 2000). No entanto, nessa mesma década, a expressão “entendido” apresentava-se com múltiplos usos e conotações: era sinônimo de “boneca”¹⁸⁵ ou “bicha”, ou seja, uma pessoa que sentia atração por “homens verdadeiros”; era usado pela classe teatral entre 1964 e 1965 como uma palavra menos ofensiva para se referir a um homossexual; era sinônimo de “enrustido” etc (GREEN, 2000).

Já o termo *gay*¹⁸⁶ servia para descrever as pessoas que “transavam” com outras pessoas do mesmo sexo sem que adotassem os “trejeitos” associados à figura da “bicha”. Ao contrário de “bicha”, a palavra “gay” tinha a mesma intenção do termo “entendido”: não ser pejorativo (FRY e MACRAE, 1985). Originária do inglês norte americano, “gay” quer dizer

alegre, feliz e supõe uma identidade social que se coadune com essa ideia. Essa identidade prevê uma relação sexual e afetiva igualitária entre os parceiros, a ideia do casal feliz, bem ajustado socialmente, tal como os modernos casais heterossexuais (LIMA e CERQUEIRA, 2007, p. 272-273).

O objetivo da palavra “gay” era, enfim, confrontar “homossexual” e assinalar que os homens que transavam com homens, que até então eram taxados como desviados, anormais

¹⁸³ É válido destacar que o verbo “comer” na frase tem uma conotação sexual, e significa penetrar alguém na relação sexual.

¹⁸⁴ Chama-se esse sistema de hierárquico porque a relação sexual ocorria entre não iguais: o homem (ativo) penetrava e dominava a bicha, a mulher, que assumia a posição passiva. O ativo não perdia sua virilidade, sua masculinidade, enquanto que o passivo era “inferiorizado” e visto como “mulher”. Ou seja, o que importava era o papel sexual desenvolvido e não a identidade do parceiro sexual. De acordo com o antropólogo Peter Fry (1982), foi a partir da década de 1960 que esta classificação hierárquica começou a se desmantelar e, assim, nos anos 70, houve a consolidação de um modelo “hierárquico” simétrico ou igualitário.

¹⁸⁵ Conforme Canabarro (2015, p. 79), o termo *boneca* é utilizado para se referir às travestis ou para bichas (muito) afeminadas, e, que o uso do termo tem a ver com a possibilidade de “montar-se”, pois a palavra boneca, enquanto substantivo, é usada para definir um brinquedo, geralmente de plástico, que pode ser montada, recriada, em que se pode trocar a roupa e deixá-la com outra aparência.

¹⁸⁶ Conforme Maior Júnior (2015, p. 55), o termo *gay*, existe desde o século XIX, e, designava uma cultura específica e positiva, passando a ser utilizado a partir da década de 1960 nos EUA, quando surge o Movimento Gay.

ou doentes, naquele momento tinham o orgulho de se sentirem atraídos pelas pessoas do mesmo sexo. Era o denominado “Orgulho Gay” ou “Gay Pride” que fazia parte do Gay Liberation Front norte-americano.

Porém, a tensão entre os gays efeminados (bichas, viados, travestis) e aqueles com uma identidade mais masculina (bofe, entendido) foi se tornando cada vez maior. A imagem da bicha desmunhecada, efeminada, era atacada pelos heterossexuais e também rechaçada pelos entendidos/gays, que defendiam uma imagem mais “bem-comportada”, pois pretendia-se demonstrar

que o bom homossexual é o gay e que a bicha é uma má cópia do homossexual ideal, igualitário. Mais ainda, ela é uma cópia degradada, um simulacro da essência real da homossexualidade que o gay representa. Sendo assim, a bicha não chegaria nem mesmo a ser um conceito, mas apenas um preconceito a ser exterminado (ZAMBONI, 2016, p. 22).

Nesse sentido, a existência do entendido/gay se justificava pela eliminação conceitual da bicha, acusada de “queimar o seu filme”. “Entendido”/ “gay” e “bicha” eram categorias diferentes e expressavam condutas diferentes, porque a bicha resistia e o entendido/gay se (re)ajustava, desde que não fosse efeminado. Contudo, vale frisar que, de início, tanto “gay” quanto “entendido” não foram palavras bem aceitas pelo movimento militante homossexual, cuja peculiaridade estava em

rejeitar tanto “entendido” como gay, preferindo ficar com o velho termo “bicha”. Propondo uma nova “bicha”, militante e consciente, a ideia era de conseguir esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito que representava de suas conotações negativas. Se autodenominar de “bicha” veio a ser uma maneira de “assumir” uma homossexualidade considerada mais “consciente” do que a dos gays e “entendidos” e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral. Mais tarde, outros grupos viriam a adotar outras estratégias, como é o caso do Grupo Gay da Bahia, que adotou o termo americano (FRY e MACRAE, 1985, p. 24-25).

Todavia, na década de 80, o movimento homossexual acabou se rendendo ao termo estadunidense, a fim de criar uma identidade gay brasileira cuja terminologia não remeteria mais a doença, perversão, “safadeza” ou maus hábitos. Entretanto, essa identidade ainda encontraria resistências no Brasil, pois desde os anos 60 já coexistia com pelo menos dois modelos identitários que operavam simultaneamente: a díade bicha/homem verdadeiro, que predominava nas classes populares; e a díade entendido/entendido, gay/gay, que era adotada pela classe média urbana. Esses modelos parecem ter se mantido muito presentes na sociedade atual. Entretanto, a masculinidade já não é mais dissociada da homossexualidade, assim como uma possível feminilidade.

Enfim, se antigamente o termo “pederastia” era um ato pedagógico necessário na educação dos jovens rapazes de famílias nobres, e, o termo “sodomita” se referia ao praticante de um ato considerado pecado e tipificado como um delito criminoso, e, o termo homossexual foi entendido como um todo, um modo de vida a ser assimilado, através de suas condutas sexuais, afetivas, familiares, sua biologia, fisiologia e psique, pois, nada do que “ele era escapava da sua sexualidade” (FOUCAULT, 2008, p. 50)¹⁸⁷, criando uma identidade homossexual, o século XX, foi de criação dos termos “guei”, “lésbica”, “sapatão”, “boneca”, “viado”, “bicha”, “entendido”, que, segundo Guilherme Império (1978, p. 14), não eram apenas parte da linguagem coloquial adotada pelo *Lampião da Esquina*, mas, palavras “apropriadas para servir à construção de identificações possíveis”. Tais palavras também são indicativas da “intenção do jornal de fomentar uma visibilidade homossexual mais próxima de uma imagem-padrão aceitável socialmente no jogo das identificações homossexuais” (IMPÉRIO, 1978, p. 14). Desta forma, o uso e escolha da palavra era crucial para posicionar-se, e, funcionava como um ato político, de empoderamento, da pessoa homossexual, por exigir reconhecimento dos seus direitos de existir, de combater a violência que sofriam e formar uma imagem orgulhosa de si mesma. Por isso, *Lampião* publicou textos e entrevistas, para esclarecer os homossexuais, que ora consolidavam estereótipos e ora os obliteravam.

3.3) DESNUDANDO *LAMPIÃO*¹⁸⁸

(...) prá início de conversa, essa tal "classe" é totalmente dividida, existindo aí diversas "categorias", tais como "entendidos", "viados", "bichas", "homossexuais" e outras menos cotadas. Está claro que essas categorias não existem como coisas fixas, mas são estereótipos criados por preconceitos de pessoas de dentro da "classe". Os "entendidos" (aí falo de pessoas que se denominam assim) são via de regra pessoas pertencentes à classe média embebida dos preconceitos burgueses), e que se recusam a ser chamados de bicha - "bicha é diferente". Existem mesmo alguns que chegam ao cúmulo de se achar (se portam como tal) seres especiais, talvez relacionados com torças transcendentais-extra-terrenas! (...) E voltando àquele ponto da visão crítica da sociedade, estes mesmos “entendidos” o que fazem? Têm, para si, este valor sexual "invertido" e assumem todos os outros valores do sistema, da sociedade vigente. (...) Por outro lado, há uma outra categoria de gueis, aqueles que irritam e enojam os “entendidos”: as bichas, aquelas mesmas que há não sei quantos anos atrás já perambulavam pela São João e Ipiranga Também, via de regra (há exceções) são pessoas originárias de uma classe social mais baixa e oprimida, onde as artificialidades da burguesia não atingiram tanto, os preconceitos não se arraigaram tanto, e nem há tantas

¹⁸⁷ (trad. livre) “rien de ce qu’il est au total n’échappe à sa sexualité”. FOUCAULT, 2008, p. 50.

¹⁸⁸ Título inspirado no nome atribuído a uma carta -“LAMPIÃO é desnudado” -, da seção Cartas na Mesa, da edição nº 3, p. 14, 25 de julho a 25 de agosto de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

informações culturais, de padrões e valores que possam criar uma estrutura capaz de aguentar por mais tempo a repressão vigente. Então são aquelas que sonham em ser Brigitte Bardot e partem com tudo prá isso. Eu quero aqui lembrar que essas aí foram as pioneiras, as cuspidas e repudiadas, que impuseram, dada sua ousadia, a existência do homossexualismo à sociedade. Quer dizer, as pessoas são obrigadas a ver que existe, não é fantasia. Isso beneficiou inclusive os "entendidos", que tanto repudiam essas bichas. Então, quem é que está sendo revolucionário nisso tudo? Quem é que está contribuindo para a modificação do atual estado de coisas. (FISCHER, nº 4, 1978, p. 18)

Apesar do aumento considerável de publicações sobre sexualidade já nos anos de existência do jornal, Henrique Neiva (1978), chamava a atenção de que muitos dos livros que surgiram, estavam “repletos de estereotípias sociais e até científicas, como a ‘crença’ na existência de compartimentos sexuais estanques, como se realmente houvesse ‘o homossexual’, ‘o heterossexual’, ‘a lésbica’”, o que para ele, parecia ser um esquecimento das ideias já defendidas por Alfred Kinsey, que “já tinha destruído tais classificações, aceitando-as apenas como adjetivos para atos sexuais, e nunca para rotular indivíduos concretos (NEIVA, nº 3, 1978, p. 12).

Todavia, acredito que tais adjetivos para os atos sexuais, resultam na criação de identidades nos indivíduos, que acabam experienciando a sexualidade conforme as categorias já instauradas. No entanto, reconheço que a identidade sexual, é apenas mais uma das muitas outras identidades que o sujeito comporta, e, que ela não é fixa, podendo o indivíduo se deslocar para qual categoria lhe convém, de acordo com a sua vontade e desejo. Dentro dessas categorias identitárias das homossexualidades masculinas, destaco as pessoas transexuais, as travestis, os homossexuais e as bichas.

Isto posto, inspirado nos leitores, que mandaram a carta para *Lampião da Esquina*, falando de seus aspectos gráficos e formato, ou seja, tirando a sua roupagem, para ver como ele era sem os seus adereços, como capa, formato, etc., resolvi também desnudar *Lampião* olhando as identidades dos homossexuais masculinos que ele (re) apresentava. Tendo como base as questões que Talita Vasconcelo (2014) fez ao estudar as representações do feminino na revista *O Cruzeiro*, refiz as mesmas perguntas para a representação sobre as homossexualidades masculinas em *Lampião*: por que e como nos limitamos e somos limitados nas nossas possibilidades de ser, ou estar? Que construções imagéticas, que discursos, modelos, que normas são essas que nos interpelam na produção da nossa identidade? Como e por que somos assujeitados, gendrados, enquadrados em padrões que tentam decretar aquilo que somos e o que não somos? E por que quando não nos conformamos ou nos encaixamos nesses padrões, quando não aceitamos essas definições

impostas a nós, somos excluídos, espezinhados, apontados, vilipendiados? (VASCONCELOS, 2014, p. 9).

Não sei se tenho respostas para tais questões, mas, pretendo apresentar como as categorias sexuais estavam presentes no jornal *Lampião da Esquina*.

3.3.1) As identidades efeminadas

Nessa categoria alargada, encaixo as identidades das pessoas transexuais, travestis e bichas por serem elas que se aproximam física e comportalmente dentro daquilo que socialmente denominam como características atreladas aos femininos.

3.3.1.1) Transexuais

Numa entrevista com Lennie, do grupo Dzi Croquettes, publicada na edição de nº 2, de 1978, temos uma parte, bastante elucidativa, do pensamento da época sobre as pessoas homossexuais. Vejamos:

Lennie - Olha, essa questão, se alguém me perguntasse: “Lennie, você gostaria de ser mulher?” Minha resposta seria NÃO! Porque eu gosto do meu corpo como ele é, gosto do meu peito cabeludo, gosto de transar com outro homem, igual a mim.

Chrysóstomo - Não é vantagem. Noventa por cento dos homossexuais são assim, pensam assim. Mas tem pelo menos dez por cento que gostaria de ser mulher.

Lennie - As pobres bichinhas querendo ser mulher. Um horror... (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 2, 1978, p. 7)

Muitos indivíduos acreditavam que os sujeitos homossexuais queriam ser do sexo oposto, principalmente se fossem homens efeminados ou mulheres masculinizadas. Destarte, para as pessoas que realmente queriam fazer a cirurgia de reversão do sexo, era complicado realizar tal ato, porque poderia ser configurado como lesão corporal. Aponto para exemplificar tal questão, o texto “Transexualismo: um julgamento moral”, de Aguinaldo Silva, que fala sobre a condenação do cirurgião plástico Roberto Farina, por ter realizado uma operação de reversão sexual, que foi configurada como lesão corporal, e foi condenado por “ofensa à integridade física da paciente Valdirene” (SILVA, nº 5, 1978, p. 5).

Outro problema para as pessoas transexuais, que *Lampião* apontou, foi o fechamento de locais que faziam as cirurgias no exterior. Um texto que tratou sobre o assunto foi “Transexualismo no fim”, onde se noticia o fim das operações de mudança de sexo nos EUA, porque o psiquiatra diretor do programa do hospital norte-americano John Hopkins disse que

"a cirurgia funciona como um paliativo, mas não cura o que é essencialmente um distúrbio psiquiátrico" (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 16, 1979, p.16).

Isto posto, foi na edição 35, que realmente achei um dossiê, com 5 textos, sobre a transexualidade. No texto "Quem lucra com esta operação?", Adão Acosta questiona o projeto de lei do deputado do PDS paulista, José de Castro Coimbra, que era médico e dono de clínica, que queria regulamentar as operações de mudança de sexo. Dando a entender que o projeto favorecia financeiramente ao deputado e usando a terminologia que se utilizava na época para se referir à operação transexual - o termo transexualismo -, o autor prossegue o texto dizendo que

Corro até a estante e pego o dicionário Aurélio para tirar as dúvidas: nele, a palavra não existe. Mesmo assim, é o maior ibope na chamada classe guei: todo o mundo fala de transexualismo; todos comentam a tal operação; tem os prós e os contras, mas ninguém perde a chance de discutir o tema. Quanto a mim, tenho minhas dúvidas sobre os resultados desta mudança. O mais imediato, segundo informações que colhi de fontes **fidedignas** (quer dizer, bichas já operadas) é que, a partir da castração (ou ablação, como prefere o deputado Dr. Coimbra), o gozo se torna impossível. Eu, que gosto muito, mas muito mesmo, de gozar, fico chocado com uma notícia destas. Mas além deste problema urgente e imediato (**pra onde vão os espermatozoides da bicha que não pode gozar: pra cabeça? Mas a cabecinha dela, segundo os médicos que a operaram, é de mulher!**), existem outros, psicológicos e legais. Conheço várias operadas, mas nenhuma delas deixou de ser, apesar de ter cortado tudo, visivelmente homossexual; são os ambientes homos que elas procuram, são os amigos homos, é a mesma velha mitologia homo que elas continuam a cultivar pela vida a fora. Muda a aparência, mas, debaixo desta, o que continua existindo é uma boa bicha, castrada ou não. (ACOSTA, nº 35, 1981, p. 5. Grifos do autor)

Acosta (1981), também chamou a atenção para o fato da questão legal da operação, que não é levada a sério, já que as "bichas ganham um arremedo de xoxota, mas continuam com identidade masculina, ou seja, ainda são os senhores fulano de tal, e **não as madames que gostariam de ser**" (ACOSTA, nº 35, 1981, p. 5. Grifos do autor).

Queria destacar que as cirurgias de mudança de sexo na época da produção e circulação de *Lampião* eram recentes e não se sabia muito sobre a transexualidade. Assim, o texto de Adão poderia ser acusado, à primeira vista, de preconceituoso e transfóbico, e talvez até seja mesmo, mas não sei se teria como pensar diferente dele na época, com as poucas informações que se tinha, então, acredito que devêssemos pensar mais no que ele escreveu, sem evitar julgamentos. Assim, vale sublinhar, que a fala de Acosta (1981) se aproxima bastante de uma pesquisa realizada em 1996 e 1997, em Salvador, com travestis, por Don Kulick, intitulada *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, que apesar de estarem separadas por mais de 15 anos, apresentam o mesmo ponto de vista: "as operações de

mudança de sexo não resultam na produção de mulheres e ao mesmo tempo tiram toda a possibilidade de uma pessoa experimentar o prazer sexual” (KULICK, 2008, p. 101).

Outra questão que aproxima os dois textos, é a questão da crença de que com a operação de mudança de sexo, o esperma que não sai do corpo, durante o orgasmo, acabava subindo para a cabeça. Diferente de Acosta (1981), Kulick (2008) aponta que esse pensamento predominava dentro das crenças das travestis, que afirmavam que o sêmen podia “subir para o cérebro, onde supostamente coagula e forma ‘uma pedra’. A pedra vai aumentando de tamanho até que, depois de dez ou 15 anos, provoca uma “trombose” que causa loucura” (KULICK, 2008, p. 101). Kulick (2008) destaca que elas não sabiam como funcionavam, que só sabiam que acontecia e citavam exemplos de transexuais que haviam enlouquecido, como Luciana Buceta, de Recife:

Conforme a história contada por todas, Luciana perambulava pela cidade mostrando a “buceta” a qualquer pessoa que quisesse ver (e eventualmente até a pessoas que não tinham o menor interesse em ver). Porém, uma travesti que pensou muito a respeito me disse o seguinte: o sêmen vai para o cérebro porque os testículos não são retirados na cirurgia - eles são apenas reposicionados no interior do corpo. Além disso, uma vagina produzida cirurgicamente é composta de “nervos” do pênis virado ao avesso e introduzido no púbis. Com isso, prosseguia o raciocínio, o sêmen que originalmente viajaria através do pênis para fora do corpo, agora, através do pênis invertido, viaja para dentro do corpo, podendo se alojar no cérebro, onde se cristaliza na pedra que provoca a loucura (KULICK, 2008, p. 101-102).

O autor destaca em uma nota de rodapé que essa ideia entre as travestis tem correspondência, e provavelmente se origina de uma outra crença muito comum no Brasil, segundo a qual a tensão sexual acumulada “sobe para a cabeça”, podendo resultar em comportamentos irracionais, mas, que as pessoas que costumam usar tal argumento, não sabem exatamente “o quê” sobe para a cabeça (KULICK, 2008, p. 258).

No texto “Como Num Conto de Fadas”, de Antônio Carlos Moreira, se critica novamente o projeto do deputado José de Castro Coimbra, dizendo que juridicamente parecia tudo estar acertado, porque as pessoas poderiam operar e depois, provavelmente, poderiam retificar na certidão de nascimento o item sexo, mas que tudo isso ignorava mais uma vez o fator social, que mascarava a complexidade do todo, e, dessa forma, as “Marias serão realmente Marias, e não José como outrora. Parece um conto de fadas”, ou seja, acabar-se-iam com as travestis, porque elas deixariam de serem homens, pois não teriam mais a genitália masculina (MOREIRA, nº 35, 1981, p. 5). Com esse texto, podemos ainda observar como a questão da sexualidade ainda estava pautada pela presença da genitália sexual, e, a confusão entre ser travesti e ser uma pessoa transexual. No texto, Moreira (1981) assim como Acosta

(1981), ressalta a questão da fragilidade jurídica depois da operação e de que o projeto visava mais o lucro dos médicos, do que resolver os problemas de seus pacientes.

O texto de Moreira (1981) também dialoga com um outro, que se encontrava na mesma página, intitulado “Homem/mulher: pra virar tudo basta operar?”, sem autoria, onde se fala novamente do projeto do deputado Coimbra, e como ele surgiu depois do caso do processo do Dr. Farias, e acrescenta de novidade a definição de que “o transexualismo é uma ‘entidade clínica autônoma, separada do homossexualismo’, e o transexual, de maneira diversa do homossexual, ‘repudia o sexo para o qual se apresenta instrumentalmente dotado’” (LAMPÃO DA ESQUINA, nº 35, 1981, p. 5). Isto é, temos uma definição atual do que significava ser uma pessoa transexual, e, uma diferenciação entre a pessoa homossexual, que se sente de acordo com o seu sexo, e, a pessoa transexual, que acha que o seu sexo tem um desacordo entre o corpo e a mente.

Na reportagem “Claudie: o transexualismo é um estilo de vida?”, Odacy Costa fala da vida da transexual Claudie, sobre os seus problemas, a sua operação, o seu di-a-dia, trabalho e amor, mas apresenta sempre uma crítica disfarçada, como o comentário que se faz ao seu jeito de não falar alto e nem muito para que a voz não “saísse mais grave do que gostaria” (COSTA, nº 35, 1981, p. 6-7). Ou seja, para Odacy Costa, fisicamente a pessoa transexual poderia parecer com uma mulher ou com um homem, mas havia características que ainda poderiam identificar a pessoa transexual como pertencente ao sexo que nasceu.

E por fim, temos o texto “... Esse espírito dos sexos”, de Regina Nóbrega, que de forma mais sensível afirma que a origem do “problema” do transexual varia muito, pois, “vêm desde o nascimento, segundo alguns e, desde a primeira fase da infância, segundo outros. É um problema temporal, espacial e cultural nos mais diferentes períodos da História”, e, que o transexual vive um “sentimento incontrolável de **estar no corpo errado**”, por isso, a pessoa tem uma necessidade real “de adaptar-se ao meio que o condena. Se ‘ele’ usa roupa de mulher não é para se gratificar ou para se exhibir. ‘Ele’ se **sente mulher mesmo**, e se traja de acordo com sua identificação mais profunda com o sexo feminino”, mas, o “que se processa aí é um **fenômeno genético desviado** para os médicos, uma perversão para os leigos ou os falsos moralistas, uma natureza típica dos erros de gestação”, só que para o transexual, não é nada disso, e toda essa situação “não passa de um inferno. E a única saída é a cirurgia, a troca de identidade e, dos seus órgãos genitais. Ou o suicídio” (NÓBREGA, nº 35, 1981, p. 7. Grifos da autora).

A autora destaca também os sofrimentos do transexual no exército, para se conseguir trabalho, e, para relacionamentos afetivos, pois não se consideram homossexuais, em geral, e

se “apaixonam por homens **normais**, sonhando com a possibilidade de um relacionamento amoroso **normal**”, e, que por isso a medicina e a jurisprudência brasileira devem se conciliar em uma “solução legal para o tratamento dos transexuados, pessoas inocentes que não podem nem devem ser abandonados pela sociedade” que a “todo momento [acaba] impondo modelos para o comportamento sexual das pessoas” (NÓBREGA, nº 35, 1981, p. 7. Grifos da autora).

Termino destacando que a transexualidade continua refém do discurso médico, sendo ainda hoje considerada uma patologia no Código Internacional de Doenças (CID-10) e no Manual Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), que são os principais documentos que orientam as políticas públicas para o processo transexualizador realizado nos Centros de Referência. Isso significa que as pessoas transexuais que desejam as cirurgias dependem dessa patologização para acessar a agência do Estado, já que o diagnóstico de transexualidade é condição para a realização do processo transexualizador (CRUZ, 2019, p. 74).

3.3.1.2) Travestis

Sobre a identidade Travesti, *Lampião* publicou vários artigos. No texto “Mesmo no Carnaval baiano, cada macaco no seu galho”, de Peter Fry e MacRae, os autores falam da inversão da sexualidade que ocorre nos carnavais, sem problema algum, e do papel dos travestis nele, que acabam “jogando o jogo do poder”, pois durante os quatro dias do carnaval, onde heterossexuais também se travestem, as travestis ficam no centro das atenções para fazer do carnaval um carnaval, mas que durante o resto do ano, elas ficam longe do restante da sociedade, pois no final das contas, o “poder” heterossexual diz que “gente que transa sexualmente com pessoas do mesmo sexo é diferente”, é “homossexual, é guei, e, gente assim tem o seu devido lugar” (FRY; MACRAE, nº 1, 1978, p. 3).

Outro texto que chama a atenção foi “TRAVESTIS! (Quem atira a primeira pedra?)”, publicado na edição 4, por Rafaela Mambaba, ou seja, alguém do conselho editorial, que apontava que as travestis existiam desde a idade antiga e que eram criativas através de fotos que traziam o visual da travesti brasileira. Pereira (2017, p. 162), chama a atenção para o sentido polissêmico do título, onde podemos observar “a associação entre a palavra travesti (glamorosa) e a ironização da citação bíblica de João, capítulo 8, versículo 7, que expressava ‘quem não tem pecado que atire a primeira pedra’”, ou seja, “apresentava a travesti como o alvo de julgamentos da sociedade, o que equivalia à comparação com mulher ‘adúltera e pecadora’ apresentada a Jesus para ser apedrejada”. Talvez esse texto fosse uma das respostas

dos lampiônicos às críticas vindas de leitores, que achavam que eles tinham preconceitos contra as travestis. Vejamos por exemplo a carta de Jairo, do Rio de Janeiro, na edição 14:

(...) Apesar de não conhecer nenhum de vocês pessoalmente, mas sim, por fotos, ai vai um pequeno protesto: não concordo com a discriminação que vocês fazem contra os travestis. Não sou um deles, mas no carnaval bem que gostaria de fazer uma Carmem Miranda. (...) Sempre o LAMPIÃO escreve mal sobre os travestis brasileiros; que têm plástica ou são cheios de silicone, etc... Não veem o lado artístico deles - isso sem falar de Valéria ou Rogéria. Eu só sou contra esses que andam na Vieira Souto ou na Lapa de navalha e gilete, praticando assaltos. Esses são caso de policia. Agora eu pergunto: travesti não é homossexual? Ou não é guei? Ficaria grato se vocês me esclarecessem. (...) (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 14, 1979, p. 19)

Na carta de Jairo, o referido leitor critica os lampiônicos por falarem que as travestis são cheias de plásticas e silicone, e, que não vê o lado artísticos delas, e, para isso cita duas travestis famosas da época, Rogéria e Valéria. Jairo também destaca outras imagens atrelada às travestis: a da prostituição e de criminosas.

Na resposta dada pelo jornal à carta de Jairo, podemos ver que o jornal se justifica dizendo que ao se falar das plásticas e silicone, está fazendo somente uma constatação, e, não realizando uma crítica, além claro de dizer que não é contrário às travestis, e, que sempre quando houver notícias importantes sobre o mundo delas, irá publicar. Veja:

R. - Quando a gente diz que alguns travestis brasileiros se submetem a plásticas ou o implante de silicone, estamos fazendo uma constatação, e não uma crítica, Jairo. Não sei de onde saiu essa história de que nós somos contra os travestis; o problema é que existem homossexuais para todos os gostos, e o jornal procura mostrar isso, falando de todos os tipos, inclusive dos travestis. Quanto a Darcy, que escreveu no número anterior sobre as bichas portuguesas, você não deve esquecer que foi ele quem transformou Vera Abelha, um travesti brasileiro numa atriz, tornando-a estrela de sua peça encenada em São Paulo, “A Engrenagem do Meio”. A questão, também, é que a gente acha que o simples fato de uma pessoa ser travesti não basta para transformá-la em notícia, dentro de um jornal guei. Mas quando houver motivo para isso, nós falamos de travestis com o devido destaque. Um exemplo: no nosso nº 10, o assunto mais importante da capa era Veruska, que sofria pressões do síndico, no prédio onde morava. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 14, 1979, p. 19)

Já o texto “Mimosas”, sim; mas é bom não confundir”, também publicado na edição 4, de Regina Rito, foi uma reportagem com a *drag queen* Jorge Alves/Geórgia, que *Lampião* trata como “um travesti, que não gosta de “bichas” e nem de transexuais” (RITO, nº 4, 1978, p. 9). Pereira (2017, p. 63), nos chama a atenção para o fato do adjetivo “mimosa” fazer “alusão exclusivamente sobre a efeminação da travesti Geórgia Bengston” e que tal matéria “ainda denotava a representação de travestis ligadas à vida artística”, mas que “inseriu elementos que interseccionavam a vida de determinadas travestis: a necessidade de manter

uma vida dupla, a dificuldade de sobreviver apenas como travesti e a não identificação integral com o gênero feminino”, o que para o autor significa que eles “apareciam como desestabilizadores de uma identidade travesti”, já que “nos mostra justamente a prática da travestilidade para além de uma identificação homossexual. Ou seja, aponta a prática da travestilidade para uma performance estética profissional”. De todo modo, Pereira (2017), toca na questão do texto de Rito (1978) ter ido além da representação da travesti ligada à vida artística¹⁸⁹, porque a maioria dos textos ou as ligavam a isso, ou à prostituição¹⁹⁰.

Sobre a vida artística das travestis, destaco o texto “Quando o certo é o avesso”, de Aguinaldo Silva, publicado na edição 25, que inicia o texto criticando “a dublagem (ou micagem) alastrou-se como uma praga entre as travestis “artistas” nivelando todas na mesma faixa de falta de imaginação”, para falar do show de dublagens que aconteceu no Bifão Cabaré, intitulado “Noite do Avesso”, em que não existia estrelismos, mas uma travesti ajudando a outra, e, que não apenas dublam, mas tentam se parecer cada vez mais com a cantora favorita e que na segunda parte se transformam retirando maquiagem, adereços, roupa de mulher (SILVA, nº 25, 1980, p. 17). Neste texto específico de Aguinaldo, ele trata travesti com *drag queen*, que a grosso modo, hoje, poderíamos definir que são pessoas que se transformam no outro sexo, com uma finalidade artística.

Mas, não foi só o Aguinaldo que cometeu equívoco no que se refere à identidade travesti. José Fernando Bastos, no texto “Eloína dá o serviço: operação, implantes, silicone, etc”, na edição 21, ao fazer entrevista com a travesti Eloína que fala sobre o início da transformação do seu corpo, sobre a vida que teve em Paris, sobre a sua operação de mudança de sexo, ou seja, Eloína não era uma travesti, nem sei se fora um dia, porque o texto dá a entender que ela era uma pessoa transexual.

Outro texto que também cometeu esse mesmo equívoco de Bastos foi o de Adão Acosta, intitulado “Juiz de Fora elege sua ‘Miss Gay’”, publicado na edição 16, ao falar que os “os rapazes são todos de Juiz de Fora, e se travestem numa boa; não usam silicone e, pelo que parece, não sonha, em virar mulher” (ACOSTA, nº 16, 1979, p. 13), que a travesti Bamby, de São Paulo, criticou numa carta enviada à edição 18 de *Lampião*:

(...) o repórter Adão Acosta, me pareceu muito longe de ter preconceito contra travestis, e isto me deixou com medo, porque dentro das minorias, nós

¹⁸⁹ Ver os textos: *Mário Chaves (Mariza)* (nº 9); *A incrível metamorfose de Andrea Casparelly* (nº 27); *Intimidade com uma estrela* (nº 32); *Rogéria superstar - Confissões íntimas da Camisa 10 dos travestis* (nº 32) e *Rogéria, o ator: enfim a revelação* (nº 34).

¹⁹⁰ Ver os textos: “*Mônica Valéria*”, *uma vida em segredo* (nº 7); *Djalma Santos: nosso homem em Vila Kennedy* (nº 10); *Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco* (nº 19); *Libélulas, mariposas, vampiras, damas da noite...* (nº 32); *Vítimas da falta de espaço* (nº 32); *Na Pauliceia, com olhos de lince e pernas de avestruz* (nº 32) e *Um passeio na Zona* (nº 32).

os travestis, somos a menor, e se os homossexuais declararem abertamente a sua antipatia pelos travestis, nós estamos perdidos.

Eu acho o preconceito contra os homossexuais uma coisa descabível, mas infelizmente eu sou travesti e sinto isto na carne. Portanto, eu gostaria de pedir que se vocês não puderem dar as mãos aos travestis pelo menos, façam silêncio em relação a nós e não façam comentários do tipo: "O interessante desta festa do Miss gay é que os rapazes estavam numa boa, não usavam silicone e pelo que parece não sonham em virar mulher" e se sonhassem? Seria crime tentar realizar seus sonhos através do silicone e outras coisas? A outra frase: "é bom lembrar que todos saíram do clube sem querer ser travesti". Não queriam ou não tinham coragem? Como ainda tem muita gente que não tem coragem de ser homossexual e por isto é infeliz.

Eu sou travesti apenas porque tenho um pouco de busto à custa de hormônios, tenho o rosto bem feminino e cabelos compridos, mas se você vier a me conhecer verá que sou uma pessoa sensível, inteligente a ponto de, se eu escrevesse esta reportagem, jamais escolheria aquelas frases tão sem necessidade que o senhor escreveu. Lamento que o nosso primeiro contato tenha sido assim, mas eu não estou mais disposta a me calar quando, me pisarem. Beijos. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 18, 1979, p. 19)

Bamby questiona o preconceito dos outros homossexuais para com as travestis e pede para que se não for para falarem de forma positiva das travestis, que então o jornal, que tem a opinião representada pelo artigo de Adão Acosta, que não publicasse nada sobre a vida delas. Outra questão que aparece no texto é o fato de Bamby dizer que é travesti só porque tem características físicas femininas.

O próprio Adão Acosta, respondeu à carta de Bamby, afirmando não ter preconceito contra as travestis e ressaltando que nem todas as travestis são efeminadas e que ser homossexual, não necessariamente, significaria ter alguma característica externa:

R - Querida Bamby: Em primeiro lugar fiquei muito feliz com sua cartinha, e mais ainda pela sua opinião reivindicatória. Só que houve um mal-entendido: não sou contra os travestis ou qualquer minoria. Acho que as pessoas têm mais é que "curtirem a sua" numa boa. Quando me referi ao silicone que algumas pessoas usam (mulher ou homem) foi lembrando uma série de pesquisas, realizadas no exterior, em relação a este material. Você sabia que o silicone pode petrificar no corpo - e que não existe recuperação - ou então dar câncer? E ainda; existem vários tipos de rapazes, e os de Juiz de Fora realmente não desejam usar silicone; e daí? O resultado é que estamos no mesmo barco, ou não? Um detalhe de sua cartinha: você diz que é travesti porque usou hormônio, tem rosto feminino e cabelo comprido? Conheço muitos rapazes que têm rosto feminino e cabelos compridos e são machões. Não seria o processo homossexual independente da aparência externa? Pense bem! (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 18, 1979, p. 19)

Outra carta direcionada diretamente a um dos lampiônicos, no caso Darcy Penetado, foi a de Paulo C. Bonorino, de Porto Alegre, publicada na edição 34:

Darcy — Quero dar-te meus mais sinceros parabéns pela iniciativa de agrupar travestis, porque sei que o fizestes com a melhor das intenções (...) Parece-me, porém, que como guei tenho todo o direito de dirigir-me ao Lampião, no sentido de aprovar ou desaprovar as afirmações feitas a respeito

dos gueis em geral, travestis ou não (...) Quero dizer-te que não posso aprovar a atitude que o Lampião tem tomado em relação ao travesti. No teu artigo fala em "conscientização" - ora, mas o que seria esta "conscientização"? Em que admitamos o travestismo como uma opção plausível? Pra que maior capitulação face ao sistema? Por que não nos travestirmos também, se admitimos conto viável tal opção de vida? Será que estaremos agindo em sã consciência?

O Lampião só tem feito aprovar o travestismo, quando estamos cansados de saber que grandes males decorrem da prostituição do homossexual, que grandes crimes são diariamente cometidos contra ele e que não raro ele mesmo se torna autor de violência, em consequência da sua opção equívoca e alienante. Aqui em Porto Alegre há não muito tempo um travesti foi morto a pauladas em plena via pública por que ameaçou com faca seu cliente, devido a um desentendimento quanto ao pagamento. Parece-me que já é hora do "nosso jornal" (?) adotar posição mais digna, mais cordata. Como é possível que um periódico libertário fature em cima da alienação das pessoas? Isto é mais um pecado social pelo qual prestaremos contas ao Senhor. Lembra que teremos de responder àquele que tudo sabe (...) por nossas ações e omissões (...). (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 34, 1981, p. 2)

O leitor Paulo questiona se a travesti seria uma opção plausível dentro da homossexualidade, e, ao contrário dos leitores Jairo e Bamby, diz que o jornal as aprova, mesmo quando sabe que elas se prostituem e cometem crimes. Paulo também questiona a questão da conscientização dos homossexuais feitas por *Lampião da Esquina* e diz que ele age de forma equivocada por apoiar determinadas questões ou por ficar omissos.

Darcy, por sua vez, também fez questão de responder à carta de Paulo, destacando as diferenças ideológicas entre eles e definindo que a conscientização que ele pretendia realizar era da sociedade em geral, chamando atenção para a questão da igualdade de direitos:

R - Meu querido (...) sua visão ideológica do movimento homossexual é incrivelmente estreita e unilateral. A contragosto poderia acrescentar que ela é preconceituosa e fascistóide - só não o faço porque acredito nas suas boas intenções.

Somos opostos, portanto, ideologicamente. Entendo "conscientização" de e sobre homossexualismo num sentido muito amplo, sem determinação das castas ou dos eleitos. Meu conceito visa, então (muito pretensiosamente, reconheço), não só conscientizar os homos dos nossos direitos de igualdade, como ao maior número possível de heteros. Mais ainda: se necessário (e é!) estendê-lo até o teu Deus judaico cristão para que não continue alheio à segregação e perseguição que temos sofrido sob as vistas dele que, como você diz, tudo sabe (e tudo vê) por ser onisciente. É claro que travestismo é uma opção possível! Se ele existe e está aí, como todas as outras, qual a dúvida? Ou você só pretende dar carteirinha de homossexual a quem julgue digno disto perante o Senhor que está no Céu?

Os travestis, que você só julga pela aparente fachada consumista do sistema, são à sua maneira muito mais contestadores que nós, os carneiros obedientes que, se quisermos sobreviver sem fazer parte dos estereótipos permitidos e úteis (costureiros inteligentes, cabeleireiros habilidosos, decoradores refinados), temos que nos disfarçar de heteros, o que não deixa de ser travestismo e prostituição. Estranha (ou ingenuamente) você acusa o efeito e libera de culpa a causa maior, que é a injustiça oficializada do sistema. Sua

versão da tragédia do travesti linchado a pauladas, por exemplo, parece calcada na imprensa marrom. A priori, você decidiu que a opção do travesti (poderia ser qualquer outra que você também não aprovasse) é *equivoca* — mas é equivocada em relação a qual padrão social ou a qual luta? E *alienante* — será alienante, por acaso em relação ao "democrático sistema político-social" em que vivemos? Ou à nobre e digna tradição da família brasileira? Ou à religião? Qual religião?

A alienação do homossexual só pode ser vista como uma imposição do sistema, nunca dentro da nossa luta comum. Outro item: no trabalho ideológico e profissional dos editores do *Lampião* podem ser apontadas falhas, muitas até, mas nunca posicionamentos que não sejam conscientes e dignos. Quanto ao sermos cordatos, CRUZES! Não nos confunda com velhas tricoleiras! Somos jovens e abertos (de cabeça), e bastante esputanados e irreverentes. Portanto, não espere jamais, de nós, a acomodação ou a concordância naquilo em que não acreditamos. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 34, 1981, p. 2. Grifos do autor)

Darcy frisa que o ato de se travestir é uma opção possível, e que as travestis são até mais conscientes do seu papel como homossexual do que aquelas pessoas que se dizem entendidas, mas que não assumem sua sexualidade, e, que, portanto, tem posições equivocadas e alienantes. Sobre a questão do homossexual consciente, voltarei a falar mais adiante, pois agora, queria destacar que as cartas de Bamby e de Paulo eram direcionadas não ao jornal, como foi a carta de Jairo, mas aos autores dos artigos Adão Acosta e Darcy Penteado. Também queria pontuar que na época, existia uma confusão em relação ao que hoje entendemos como identidade de gênero e orientação sexual, e, que a identidade travesti ainda não se coadunava com a expressão da identidade de gênero atual, pois esta, começava a engatinhar, no meio de tantas outras que procuraram resistir, como a de “boneca” e “bicha”, por exemplo (MORANDO, 2014, p. 70). Morando (2014, p. 70), nos ajuda a esclarecer essa situação, ao afirmar que, para a sociedade da época, travestis eram entendidas e classificadas na sua maioria como homossexuais que queriam ser ou vestir-se como mulher, cujo imaginário social, atrelavam sua imagem à prostituição e à criminalidade, ou ao campo artístico, através de *shows* e desfiles, ou estético, desempenhando funções de cabeleleiras, maquiadoras ou visagistas.

Sobre a relação com a prostituição queria destacar o texto “O travesti, este desconhecido: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma”, de Darcy Penteado, na edição 22, que apontou os conceitos travesti e travestido, e, diferenciou transexuais de travestis. Darcy (1980) também fala que “anatomicamente o travesti se aproxima dos moldes consumistas dos concursos de beleza feminino (enxertos plásticos, seios inflados de silicone, quadris injetados, pelos eliminados pela eletrólise, longos cabelos e maquiagem)”, e, constata que a maioria dos travestis se prostituem, e que se pode

contar “nos dedos as exceções, isto é, aqueles que atuam em shows, ou são maquiladores ou cabeleireiros, e que também adotaram o travestismo como forma de realização pessoal” (PENTEADO, nº 22, 1980, p. 12). Todavia, o autor destaca que “é errado pensar que o travestismo conduza à prostituição, pois “são as exigências do mercado da prostituição que geram o travestismo”, explicando que “muitos homossexuais preferem não ser ativos, pois limitaria a atividade sexual, para ser passivos para ter mais clientes por noite”, e nisso, “os mais masculinizados levam vantagem, porque é o que os clientes normalmente querem sodomizar”; já os efeminados, tentam outro tipo de clientela, os do que querem homossexuais mais femininos, por isso eles acabam se tornando travestis (PENTEADO, nº 22, 1980, p.13)

Para finalizar essa questão sobre as travestis, queria destacar que Pereira (2017, p. 167) chama a nossa atenção de que todos os artigos que falavam sobre as travestis, as tratavam no gênero masculino, o que “explicita a reprodução do pensamento heteronormativo entre alguns editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*”. Todavia, tendo a discordar do referido autor, por estar cometendo um anacronismo, na medida em que, como já foi afirmado anteriormente, as identidades das travestis, não estavam tão delimitadas, como hoje, e, por concordar com Canabarro (2015), que nos diz que

A palavra “travesti”, etimologicamente é um substantivo de ambos os gêneros, masculino e feminino (HOUAISS, 2008). Segundo a regra, portanto, usa-se “o” ao se referir a um homem travesti e “a” para referir uma mulher travesti. A regra não estabelece o que define um homem ou uma mulher, então deixa-se a cargo da lente discursiva de quem os/as nomeia: se a genitália define o artigo, trata-se da herança essencialista do discurso biomédico produtor de machos e fêmeas, por exemplo. Isso desconsidera que homens e mulheres construam seus corpos para além de genitálias, naturalizando uma apropriação construtiva do sexo e do gênero: assim somos porque assim a “Natureza nos fez”. (CANABARRO, 2015, p. 65)

No entanto, Canabarro (2017) também parece cometer um anacronismo ao destacar que quando *Lampião da Esquina* escolhe

condicionantes masculinos, o jornal segue a linguagem comum, adquirida, adaptada, colonizada, que dá primazia ao discurso excludente e que postula: 1) o que define um homem é a presença pênis, logo, a travesti deveria seria homem; 2) para ser homem, é preciso ser heterossexual, pois quem gosta de homem é mulher ou bicha; 3) travesti não gosta exclusivamente de mulheres, logo, deveria ser bicha (CANABARRO, 2017, p. 69).

Concordo com Canabarro ao dizer que se seguimos o raciocínio redutivo do senso comum, concluiríamos que “os homens que gostam de homens, mas não desejam ser mulheres, são bichas; homens que desejam ser mulheres, “trocando” pênis por vagina, são transexuais”, e, que resta então “às travestis, que não são homens, nem bichas, nem

transexuais, serem elas mesmas” assumindo-se e se constituindo como travestis (CANABARRO, 2017, p. 69).

Termino destacando que atualmente, há um consenso sobre a referência no gênero feminino às pessoas cujas identidades se autodenominam travesti, pois falar ou escrever “a travesti” é “uma forma de percebê-las a partir de sua performance de gênero” (BUTLER, 1990; BENEDETTI, 2005; DUQUE, 2013; KULICK, 2008; CANABARRO, 2015).

3.3.1.3) Bichas

Na mesma entrevista com Lennie Dale, do grupo Dzi Croquete, citada já por mim, que foi publicada na edição de nº 2, de 1978, com o título “De presidiário a Dzi Croquete – Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: - Eu sou muito tihoso”, destaco uma outra parte para pensarmos na identidade das bichas. O entrevistado, que era homossexual e preferia sair de categorizações, disse ter ficado apaixonado por Marisa Urban, e, ai então, Francisco Bittencourt, um dos entrevistadores, questionou: “É, mas a Marisa Urban é mulher bicha, que gosta de transar bicha, não é?” (LAMPÍÃO DA ESQUINA, nº 2, 1978, p. 6), e, desta questão, temos a seguinte conversa:

Lennie – É sim. Mas eu acho que hoje em dia não tem essa coisa de bicha. O que é bicha hoje em dia?

João Antônio - Segundo o consenso geral, existe bicha.

Lennie - Mas isso é um diálogo tão antigo! Essa separação de bichas com homens. Existem coisas mais novas, mais atuais. Bem, se eu sou considerado bicha, vocês estão fazendo a entrevista com a pessoa errada.

Chrysóstomo – Mas acontece o seguinte: os homossexuais, até por deboche, pra bagunçar o coreto de quem fala, devem dizer que são bichas. (...)

Lennie – Mas essa palavra é tão completamente antiga!

Chrysóstomo – Taí, não é não. Nem foi explorada em todas as suas implicações gramaticais e semânticas... (Risos, tumulto. Discute-se o significado da palavra bicha).

Lennie – (...) Tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?

Chrysóstomo – Claro que não. Mas as pessoas falam. É o consenso do falatório do país.

Lennie – É mais complicado. Tem os travestis, tem as bichinhas, tem os homossexuais. Tudo muito diferente um do outro.

Chrysóstomo – Em que categoria você se enquadra?

Lennie – Eu faço sexo com tudo o que me dá vontade de fazer. (LAMPÍÃO DA ESQUINA, nº 2, 1978, p. 6).

Desta conversa, quero destacar a tentativa dos lampiônicos em defender a denominação “bicha”, afim de se assumir uma identidade pessoal e coletiva; e, a questão levantada por Lennie Dale de que “[...] tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?”, o que ajuda a desqualificar a construção dos papéis sexuais, além, de questionar também, se aquele que

“come”, o ativo, não seria no caso também “bicha”. Pereira (2017, p. 80), por outro lado, vê nesse questionamento “a retirada da identidade de ‘bicha’ de um lugar inferior ao ‘bofe’, pois, com a emergência da figura do homossexual ‘entendido’, as relações homoeróticas já não eram calcificadas na distinção entre bofe/bicha ou ativo/passivo”.

Já a entrevista com o estilista Clodovil Hernandez, na edição 4, intitulada “Clodovil Hernandez faz a si mesmo esta pergunta: Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho?”, se enfatizou a relação entre a identidade sexual e a dimensão profissional, tendo como pano de fundo um debate sobre comportamentos homossexuais (efeminados ou não) e como isso era absorvido ou recusado pela sociedade:

PF [Peter Fry] – Eu queria saber por que os homossexuais escolhem determinadas profissões, como costureiro, cabeleireiro, “condomblezeiro” e até retratista.

CC [Celso Curi] – Pois é. Você disse que quando entrou na profissão desmunhecava propositalmente. Isso não era uma atitude geral?

CH [Clodovil Hernandez] – Não, absolutamente. Era uma atitude de alguns costureiros. (...) [mas] os homossexuais são instintivamente atraídos por determinadas profissões.

AS [Aguinaldo Silva] – Você acha, por exemplo, que existiriam homossexuais com vocação para o futebol, e que estas vocações estão sendo sufocadas porque os clubes nunca lhes dariam oportunidades?

CH – Acho. Mesmo assim o futebol também está cheio, não é? (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 4, 1978, p. 11).

Queria destacar dessa entrevista, é que se busca apontar a possibilidade de os homossexuais assumirem diferentes profissões, independentemente de serem efeminados ou não, e, que a efeminação, é tida como positiva, por agregar uma sensibilidade ao sujeito homossexual (PEREIRA, 2017, p. 87).

Ainda sobre profissão, cito os artigos publicados por Leila Miccolis na edição 21, de 1980: “Um candidato ao emprego se explica” e “Bichas: já pra cozinha”, que trazem a notícia de que as pessoas homossexuais que trabalhassem como cabelereiras, maquiadoras, bailarinas ou como empregados domésticos eram bichas, e, a notícia completa da senhora que colocou o anúncio de emprego na sua casa para serviços domésticos no jornal *O Fluminense*, dizia que ela preferia homossexuais, porque eram “eficientes e pessoas maravilhosas de se tratar por serem delicados e criativos” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 21, 1980, p. 12), ou seja, para a senhora do anúncio, todo homossexual era delicado, frágil, enfim, qualidade normalmente associadas às mulheres, e, também às bichas.

O texto “Bichas, mulheres e negros no açougue do 'marketing'”, de Antônio Chrysóstomo, publicado na edição 17, inicia falando de que há indícios de que a homossexualidade está virando moda, e, critica a falta de criatividade e originalidade dos

criadores de propaganda, que colocam a bicha, “bicha mesmo, bem desmunhecada e ridícula em papéis de mordomo, cabeleireiro etc” (Chrysóstomo, nº 17, 1979, p.3).

Todavia, parecia ser consenso que profissionalmente a bicha trabalhava só como cabeleireiro, ou maquiador, ou bailarino, são encontrados em outros textos, como no ensaio intitulado “À procura de um emprego”, na edição de número 9, por Eduardo Dantas, que atenta para a questão de que existe o

velho clichê: bicha tem que ser cabeleireiro, costureiro, maquiador, ou então fazer parte dos trabalhos intelectuais - artistas plásticos, escritores, jornalistas - ou estar infalivelmente ligado ao meio teatral, seja ator ou simples bilheteiro. Na verdade, o homossexual busca essas atividades por instinto de sobrevivência. Como são, na sua maioria, seres de grande sensibilidade e inteligência, geralmente com talento invejável, "enclausuram-se" nessas espécies de guetos profissionais onde as aptas habilidades são aceitas com razoável grau de liberdade.

Mesmo porque esse tipo de trabalho reforça a imagem de marginalidade - trata-se de "atividades não produtivas", de acordo com os padrões vigentes - que a sociedade faz questão de atribuirá condição do homossexual.

Ah, mas existem muitos executivos bichas - dirão alguns. É claro que existem, está cheio. Mas desafio a que me apontem um executivo que tenha perdido o emprego sem dar uma tremenda disfarçada nas suas características pessoais. Basta dizer que para esse tipo de emprego o candidato deve se apresentar invariavelmente dentro dos padrões "normais" até na vestimenta, isto é, de terno e gravata. E enquanto não termina o período de experiência, nada de dar bandeira. (DANTAS, nº 9, 1979, p. 3)

Para combater esses clichês, a carta de Fábio Doro, de Salvador, publicada na edição número 5, é bastante ilustrativa, porque cobrava ao jornal que mostrasse “pro povo que bicha também é sapateiro, surfista, lavadeira, bancário, milionário, professor, estudante, universitário, motorista de táxi, etc. Ah: jogadores de futebol também” (DORO, nº 5, 1978, p. 14).

Fechado esse parênteses, destaco que um texto que criticou as bichas, só que agora de forma pessoal, foi “Sobre tigres de papel”, onde João Antônio Mascarenhas expõe razões para desqualificar a crítica que um amigo dele fez ao *Lampião* e a ele, dizendo que ambos não gostavam das “bichas pintosas”¹⁹¹ e das travestis, e, para se defender, Mascarenhas (1978) disse que eles “até merecem minha simpatia pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes”, além de merecem “o meu respeito por forçarem os que não querem ver, a admitir a existência do homossexualismo” e, ainda, “merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante”, mas o texto continua, e, Mascarenhas acaba sendo preconceituoso com

¹⁹¹ Conforme Canabarro (2015, p. 78), a palavra “pintos” tem uma equivalência com “afeminado”, aquele que “dá pinta”, deixa transparecer sua bichice.

eles, dizendo que “há facetas do procedimento deles que, na minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto - sempre no meu entender erradas”, como por exemplo, a “voz de falsete, faz[er] ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris” (MASCARENHAS, nº 4, 1978, p. 9). Ainda sobre as “bichas pintosas”, o autor diz que elas são agressivas, pois se sentem inseguras e tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e que por isso passou a considerarem que, por serem homossexual, precisam dar bandeira, mostrando a todos que usa a marca que o opressor lhe deu (MASCARENHAS, nº 4, 1978, p. 9). E sobre as travestis, Mascarenhas (1978), diz que elas levam essa atitude ao extremo, “chegando a submeter-se às operações cirúrgicas (...) para assemelhar-se ao que metade da população mundial é com naturalidade, francamente, para mim, significam uma perda de tempo e de energia muito grandes” (MASCARENHAS, nº 4, 1978, p. 9).

Mas, o texto publicado na edição 4, não foi o único que Mascarenhas apresentou tal posição sobre as bichas. Na edição 3, ele já havia manifestado um posicionamento parecido com esse, no artigo “Noticiários esportivo (2)”:

Os componentes do grupo, ao unirem-se pela identidade dos gestos afetados, dos requebros e do agressivo exibicionismo, representam exatamente o papel que a eles atribuem os machões, o de bichas efeminadas e escandalosas, ainda que de briga, quando fisicamente agredidas, o que lhes confere maior pitoresco. Sem se darem conta, atuam como machistas, pois introjetaram os estereótipos da nossa sociedade, que erradamente - e de má-fé -, identifica homossexualidade com efeminação. Ao aceitarem, felizes, convites para exibirem-se no interior, mostram que se acham prontos a servir de palhaço a machistas basbaques desejosos de conhecer as novidades da capital. (MASCARENHAS, nº 3, 1978, p. 5)

Outro texto que criticou as bichas foi “Um alerta - um aviso”, de Carlos A. P. Silva, publicado na edição 11, onde se fala sobre a morte de um bancário gay para discutir sobre a tomada de consciência do homossexual, e, se ele deve fazer o papel de bicha louca inofensiva e posta no seu lugar, ou se tentará lutar pela vida (SILVA, nº 11, 1979, p. 2).

Num primeiro momento, poderíamos dizer que a efeminação e o uso dos trejeitos femininos era considerado impróprio para a construção de uma identidade coletiva positiva, pois a efeminação “sujava” a imagem, do homossexual, que era politicamente conscientizado. Mas, *Lampião* também trouxe textos que afirmavam a identidade da bicha, de forma positiva. Em “Paulistinha: cuidado com a caretice”, publicado no número 22, Aguinaldo Silva fez um diagnóstico de que o Berro da Paulistinha, no carnaval, não foi tão animado como nos outros anos, pois foi invadida por casais de classe média, e, conclui que o carnaval carioca tem que voltar a ter muita bicha, “não só as que desfilam porque são menos interessantes, mas aquelas

que pulam e saracoteiam, que instauram a desordem e esquentam qualquer ambiente” (SILVA, nº 22, 1980, p. 5).

O texto “Viva a pintosa!”, publicado na edição 26, sem autoria, também defendeu a “desmunhecação” das “bichas pintosas”, travestis e lésbicas tipo macho, salientando que elas “são pessoas corajosas que subvertem o padrão hétero que nos é cobrado a cada instante”, e, que “não importa o motivo que leva a isso - se busca de aceitação, ou agressão, identificação com o outro sexo ou com um estereótipo, porque o que “importa realmente é que são pessoas que estão procurando uma expressão mais verdadeira de si próprias e assumir publicamente essa postura é um ato revolucionário de grande importância”, pois desestabiliza a dicotomia feminino versus masculino (LAMPÃO DA ESQUINA, nº 26, 1980, p. 7).

Mas, é bom lembrar, que a bicha que defendiam era a “bicha” militante e consciente, que seria o homossexual assumido, que não tem sentimentos de culpa e nem vergonha por ser homossexual, que fazia frente à “bicha-sistema”, que reforça a ideia de guetos para os homossexuais, e pergunta: "Pra quê liberação homossexual no Brasil? Aqui, bicha já é livre faz tempo. Basta ver a Bolsa de Valores na praia de Copacabana, onde se faz tudo à luz do dia" (TREVISAN, nº 2, 1978, p. 5). Bicha consciente ou bicha-sistema, não importava para os leitores, que as viam somente como bichas, e, que, portanto, já eram “inconscientes” mesmo, porque eram fruto do “subdesenvolvimento cultural do país” (BANDEIRA, 2006, p. 104). Contudo, haviam pessoas como Dantas (1978), que reconheciam que a bicha era um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual (DANTAS, nº Zero, 1978, p. 5), e, como o leitor P. Camargo, de São Paulo, que defendia a identidade bicha, como a de dizendo que as bichas eram as menos conscientes devido à nossa cultura:

Você cai de porrada nas bichas com a fúria de fazer vibrar o líder da TFP! Pense um pouco. Será que estas pessoas (sim, são gente também) não estão com “todos seus artefatos de consumo e tiques ridículos”, tentando vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhes salga a vida? Não estarão pondo para fora em trajes e gestos o que são obrigados a esconder no dia-a-dia? Você pode dizer que é uma vingança frustrada, um desabafo inútil. Vá lá. Só que nem todos chegaram a esse nível de consciência. Somos, no geral, um povo atolado até o pescoço no mangue do subdesenvolvimento cultural (e outros). Não é realista exigir do homossexual brasileiro (que é povo) e, portanto, amostra cultural (nem mais, nem menos) um nível de conscientização como do americano e do europeu (que nem é tanto assim – também lá há a bixórdia) (CAMARGO, nº 02, 1978, p. 14)

3.3.2) As identidades Masculinizadas

Dentro dessa categoria geral, a identidade que se encaixa é a das pessoas homossexuais “machos” - ou dos “entendidos”, por ser um termo equivalente a “homossexual” -, por se comportarem e aparentarem fisicamente dentro daquilo que normalmente se caracteriza como características masculinas.

3.3.2.1) Homossexuais “machos”

Sobre homossexuais, temos uma diversidade de textos nas páginas de *Lampião*. *Lampião* fala do orgasmo¹⁹²; de monogamia e relacionamento entre casais homossexuais¹⁹³; da homossexualidade em tribos indígenas¹⁹⁴; do afastamento de um aluno, por suspeitarem de sua homossexualidade¹⁹⁵; sobre a vida de homossexuais em Buenos Aires, no contexto da ditadura civil-militar¹⁹⁶; de traição dentro de casais homossexuais¹⁹⁷; discussão sobre o teatro ser composto majoritariamente por pessoas homossexuais¹⁹⁸; da criação de um grupo de homossexuais para torcer para o Grêmio, o Coligay, que acabava legitimando um discurso machista de que todo gay é efeminado¹⁹⁹, e, ainda dentro do mundo dos esportes, *Lampião* publica uma reportagem de Edvaldo Ribeiro de Oliveira sobre Pompílio Garcia, 31 anos, homossexual, jogador de futebol e "madrinha" do Clube Atlético Boa Vontade, que no repressivo contexto social do interior, em Jacareí, “atua até com certa liberdade, não se importando com os comentários gerais, "furando barreiras" do preconceito num esporte preponderantemente machista” tentando “a seu modo conscientizar os outras de que a homossexualidade pode ser uma coisa absolutamente comum portanto, aceita com naturalidade” (OLIVEIRA, nº 15, 1979, p. 3)

Lampião também publicou textos que davam a entender que a pessoa se não era homossexual, tinha tido alguma prática, como em “O segredo de Mário Andrade”, publicado na edição 14, onde Glauco Mattoso fala de Mário de Andrade como “fundador do desvairismo paulistano e da macunaimidade brasileira, é uma figura tão importante que, como não podia

¹⁹² O nosso prazer é melhor?. *Lampião*, nº Zero, 1978, p. 4.

¹⁹³ Algumas histórias de amor. *Lampião da Esquina*, nº 2, 1978, p. 3.

Novas histórias de amor (II). *Lampião da Esquina*, nº 3, 1978, p. 4.

¹⁹⁴ No texto “Repressão: essa ninguém transa”, publicado na edição nº 8, Darcy Ribeiro fala do respeito de algumas tribos indígenas perante a homossexualidade, como os Kadiwéu, que tem as kudinas - um homem-mulher, ou um homem que decidiu ser mulher.

¹⁹⁵ Suspeita do Itamarati não basta para afastar aluno. *Lampião da Esquina*, nº 32/1981, , p. 11.

¹⁹⁶ (Des) aventuras de brasileiros em "Baires". *Lampião da Esquina*, nº 33, 1981, p. 20.

¹⁹⁷ O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem? *Lampião da Esquina*, nº 37, 1981, p. 3.

¹⁹⁸ O teatro é uma arte guei? *Lampião da Esquina*, nº 37, 1981, p. 13-15)

¹⁹⁹ Noticiário esportivo (2). *Lampião da Esquina*, nº 3, 1978, p. 5.

deixar de ser, continua discutidíssimo e sua biografia íntima misteriosíssima” (PENTEADO, nº 14, 1979, p. 12).

Lampião em suas páginas falou de outras pessoas conhecidas na época. Fez uma entrevista com o australiano Dennis Altman que escreveu *Homossexualismo: Opressão e Liberação*, onde ele fala do livro, dos movimentos de liberação homossexual e sobre o Brasil²⁰⁰; entrevistou também o cineasta Antônio Calmon que falou sobre seus filmes *Os embalos* e *Eu matei Lúcio Flávio*, além de falar do Cinema Novo e das pornochanchadas²⁰¹; e, fez um texto biográfico do poeta gay Antônio Botto²⁰². Mas, *Lampião* também falou de homossexuais anônimos, desconhecidos. Fez uma entrevista com o cabeleireiro, travesti e poeta carioca Ruddy²⁰³, e, um texto em que ele narrava a sua ida no samba junto com o seu amigo Oldy²⁰⁴. O jornal também fez um texto com um dos candidatos para a vaga de serviço doméstico sobre a entrevista de emprego e o porquê de ter se candidatado à vaga, e, conclui debochadamente afirmando que “bicha, antigamente, só podia ser cabelereira, maquiadora ou bailarina. Agora, ampliaram seu mercado de trabalho, apontando-lhe as promissoras portas do emprego doméstico. Sinais da abertura...” (MICCOLIS, nº 21, 1980, p. 12).

Lampião da Esquina, por sua vez, na entrevista com a escritora Cassandra Rios, publicada na edição 5, intitulada “Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever: Cassandra Rios ainda resiste”, se dedicou a discutir como o homossexualismo surgia nas suas obras e no modo como os personagens criados por ela foram construídos a partir das relações da autora com pessoas homossexuais:

Cassandra – (...) Homossexualismo, você não pode generalizar, você tem de individualizar; é um por um, cada um apresenta um motivo, tudo depende das influências, do meio, de suas próprias ideias, tudo.

Darcy – Você não acredita no homossexual absolutamente integrado à sua homossexualidade e feliz?

Cassandra – Acredito. Eu criei um personagem assim. E o livro foi proibido depois de estar na vigésima-segunda edição, em 1954. (...) Me acusaram de “atentado à moral e aos bons costumes”. Isso em 1954. No livro, a homossexual é simplesmente aquilo que ela quer ser; ela enfrenta seus problemas, que todo o mundo os tem, mas no final é feliz. (CASSANDRA, 1978, p. 8).

Conforme Pereira (2017, p. 82), a discussão sobre a homossexualidade não aparece na entrevista de Cassandra Rios apenas para falar da censura e da repressão, mas para

²⁰⁰ Apresentando Dennis Altman. *Lampião da Esquina*, nº 16, 1979, p. 3.

²⁰¹ Ao contrário dos outros cineastas, ele não teme o seu lado guei. *Lampião da Esquina*, nº 13, 1979, p. 10-11.

²⁰² Lembrando Antônio Botto. *Lampião da Esquina*, nº 16, 1979, p. 6.

²⁰³ A enriquecedora viagem de Ruddy da Zona de Belô ao brilho de Ipanema. *Lampião da Esquina*, nº 29, 1980, p. 6-9.

²⁰⁴ Tem odalisca no samba (Um Inédito do Incrível Ruddy). *Lampião da Esquina*, nº 29, 1980, p. 9.

“desmitificar certas generalizações sobre homossexuais, por exemplo, que todo homossexual é sofredor ou absolutamente integrado à sua homossexualidade e feliz”. Algo parecido, foi feito por Alexandre Ribondi, que no texto “Nossas histórias de Amor (II)”, publicado no número 3 questiona a generalização de que um dos homens, no ato sexual, só desejaria ser submisso, passivo:

Então a coisa fica assim: um par homossexual tem um feminino (passivo, que gosta de frescuras) e outro masculino (ativo, viril, relaxado). Mas será que todos os homossexuais são presas tão fáceis de um jogo de domínio e submissão? Ou então seria possível, e até fácil, compreender que não se está mais brincando de papai e mamãe, e, sim, tentando viver sinceramente a dois - dois homens, onde ninguém é hipoteticamente mulher? (RIBONDI, nº 3, p. 4)

Já a entrevista com o vocalista de Secos & Molhados Ney Matogrosso, “Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua”, publicada na edição 11, abrangeu aspectos biográficos, artísticos, políticos e a questão das performances artísticas:

Chrysóstomo – Mas não acha que em certo tipo de artista, principalmente nos que têm um comportamento cênico como o que você tem, as duas coisas [vida particular e vida pública] têm o mesmo peso?

Ney – Não. Porque quando eu estou no palco tenho a minha colocação cênica, que é um pouco ousada, reconheço; mas antes de mais nada sou cantor, estou ali para cantar, e o que eu quero é cantar cada vez melhor.

Chrysóstomo – Você reconhece que, de certa forma, recuperou a frescura...

Ney – Entre aspas.

Chrysóstomo – Claro, a frescura no bom sentido – afinal de contas, trata-se de uma entrevista para o LAMPIÃO; você reconhece que deu uma certa estética à frescura?

Ney – Olha, quando eu estou no palco não tenho preocupações com frescura ou não-frescura, nenhum problema com o masculino ou feminino. Procuo é fazer uma coisa harmônica. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 11, 1979, p. 5).

Da entrevista com Ney, vale destacar, que ao contrário de Clodovil, cuja efeminação era bem vista porque contribuía para uma maior sensibilidade, a efeminação em Ney, só servia como um “elemento de performance artística e/ou como forma de contestação”, onde se tinha o Ney Matogrosso, o artista, e Ney, o homossexual (PEREIRA, 2017, p. 88). O autor também chama-nos a atenção para a questão da tensão provocada pelo uso do termo “frescura”, pois conforme o autor, o sentido associado à palavra, vem da virada do século XIX para o XX, quando a palavra “fresco”, passa a ter “duplo sentido de ‘puto’ e também conotando frescor, jovialidade ou amenidade no clima”, tornando-se um termo “usado para zombar dos homens efeminados ou daqueles que supostamente mantinham relações anais “passivas” com outros homens”, mas, que na entrevista, se referia a homens efeminados (PEREIRA, 2017, p. 89).

No entanto, *Lampião* também não era totalmente favorável à imagem do homossexual masculinizado, como fica claro no texto “Gay-Macho: uma nova tragédia americana?”, de Seymour Kleinberg, na edição 8, que criticavam uma boate gay de Nova York, Anvil Bar, no qual a masculinidade do público frequentador era exaltada ao máximo, sem “desmunhecadas ou requebros excessivos. A maneira de andar e de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência em geral são corretíssimos”, porque a mensagem central que passava era a do mundo machistas, onde a masculinidade era a única e verdadeira virtude, e, os demais valores são desprezíveis (KLEINBERG, nº 8, 1979, p. 8-9).

Tal texto denunciava e criticava uma identificação homossexual voltada para o culto da masculinidade e abjuração da efeminação entre os homossexuais, por reforçar a divisão machista dentro da comunidade homossexual masculina, porque os gays masculinizados acabavam discriminando os efeminados, pois só queriam ficar com outros “gays-machos”. Esse texto teve repercussão entre os leitores, como Mauro Luiz, do Rio de Janeiro, que defendeu a figura masculinizada do homossexual:

A propósito do último número do *Lampião*, discordo do título do ensaio “Gay-macho, uma tragédia americana”. Não vejo nenhuma tragédia no fato de um cara ser guei e cultivar uma imagem masculina, embora, como vocês mesmo disseram, na cama faça o que lhe der na cabeça e, portanto, não seja um reprimido sexual. É uma questão de opinião, mas pra mim muito mais doentio e chocante é o cara dar uma de bicha louca, que é sempre uma figura que serve de palhaço para os ditos “normais”, e que por vezes na cama são cheios de bloqueios. Não vejo por que o cara, pra gostar de homem, tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha... Ser uma caricatura grotesca de mulher, uma maricona, isso sim é que é uma tragédia. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 10, 1979, p. 15).

O comentário de Mauro Luiz evidencia a existência de certo desprezo e/ou repúdio das práticas homossexuais efeminadas, estabelecendo uma relação de oposição às identificações de “gays-machos” e “bonecas”, para qualificar a “identidade homossexual masculinizada para ser mais adequada à manutenção do sistema heteronormativo”, ou seja, o “gay-macho” era o mais próximo de um “homem de verdade”, que o homossexual poderia chegar (PEREIRA, 2017, p. 172). O comentário de Mauro obteve como resposta:

R – Olha, Mauro, se chega realmente a ser uma tragédia o mundo dos rapazes de couro e aço dos EUA, é o que nós não sabemos (nem decretamos): veja a interrogação no título. Mas que esse culto obsessivo da aparência máscula tem lá seus pés de barro parece que ficou evidente no ensaio de Seymour Kleimberg que reproduzimos. Quanto aos desmunhecamentos sobrenaturais, *Lampião* ainda vai publicar alguma coisa que tente esmiuçar o fenômeno como manifestação psicossocial (ou policial, se for o caso), mas sempre se reservando o direito de defender até a última

lantejoula o projeto (ou a falta de cada um) de pisar no mundo como sabe melhor. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 10, 1979, p. 15).

Fica explícito com essa resposta, que Mauro Luiz, se equivocou, e, que *Lampião* criticava era o excesso de valorização da masculinidade e não a possibilidade de identificação de um homossexual com a identidade de “gay-macho”.

Todavia, nas cartas dos leitores, era possível ver vários posicionamentos contrários ao homossexual efeminado, como de José Alcides, do Rio de Janeiro, na edição 2, que os consideram anormais, explicitando que eles são bichas de classe média, e, que se apresentam como nocivos e machistas ao projeto de afirmação do homossexual:

(...) nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos olhos e corações de coisas boas, de realidade.

Gente, vocês têm espaço e credibilidade suficientes para oferecer aos cariocas, paulistas e a todos os brasileiros, textos e reportagens que digam a nossa realidade, que ajudem a desmascarar o machismo impregnado em todas as coisas desta sociedade sexista. Mas, por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente, claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 2, 1978, p. 14)

Lampião ainda continuou tendo também problemas com outros leitores, além de Mauro Luiz, por parte do artigo de Seymour Kleinberg, sobre a “tragédia” do “gay-macho”.

Querido jornal LAMPPIÃO: estou de acordo com Mauro Luís, do Rio, na reportagem “A tragédia é contestada” (vide LAMPPIÃO nºs 8 e 9). Sou americano, brasileiro de sangue. Gato que nasce no forno não é biscoito, é gato! Mas vou defender a tragédia americana no mundo gay-macho. Nós estamos todos curtindo uma boa. Não existe nada disco nem travolta nos discos. Aliás, ele já era! O gay-macho é simples como um qualquer que veste um jeans para ir à boate. Aliás, aqui ninguém curte roupas e paetês! Carros ou posições sociais ridículas que se impõe em conversas de boate para impressionar o bofe. Aqui é tudo muito simples. Até as bichas loucas já não são tão loucas, chocantes e ridículas. Agora, as bichas loucas, elas já não encontram aqui nos EUA público para fazer show -off ou admirá-las. E nem por isso elas deixaram as lantejoulas em casa. Mas viram que é ridículo ser exibicionista, seja guei ou straight. Portanto, todos estão curtindo com a consciência de ser autêntico ou autêntica, com lantejoulas ou sem lantejoulas, mas tudo com muita CLASSE. A verdadeira tradução da palavra gay é alegria, alegre. Portanto, um conselho às bichas loucas: seja alegre, seja sempre você, seja guei! Um abraço a todos vocês. (Jairo Ferry, San Francisco, USA)

Senhor editor: Gostei muito da carta escrita pelo leitor Mauro Luís aí do Rio de Janeiro, acho que a linha que ele defende é muito válida e bem definida,

concordo com o que ele diz e aproveito para acrescentar mais alguma coisa. Acho que se existiu alguma vez uma oportunidade de a gente se valorizar e mostrar realmente quem somos, agora chegou este momento. E é momento, que todos aqueles que entendem devem lutar. Não se trata de uma luta como o Mauro descreveu, mas sim, de gente que possa ser respeitado no meio em que vive, trabalha e estuda. Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua. O que eu acho é que precisamos estudar mais, nos tornarmos necessários na sociedade e assim respeitados. Gostaria de esclarecer que não concordo absolutamente que os homossexuais tenham que imitar os homens e muito menos as mulheres. Concordo sim, que todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta. Só assim seremos amados pelos outros. Caso contrário, seremos eternamente ridicularizados e marginalizados por todos. Um beijo para vocês, e continuem sempre assim. (Caetano, São Caetano do Sul, SP) (LAMPÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 18).

Essas duas cartas, de Jairo e Caetano, publicadas na edição de número 12, reinteram a posição defendida por Mauro Luiz sobre a questão de o homossexual ser visto como masculinizado, por defenderem uma “afirmação” do sujeito homossexual que fosse distanciada da de um modelo que associasse a homossexualidade ao risível ou à “frescura”, sintetizados, nas suas concepções, na figura do homossexual efeminado, da “bicha”. Ou seja, as duas cartas, reivindicavam que o homossexual masculinizado adquiriam maior respeitabilidade na sociedade, e, assim as pessoas homossexuais passariam a ser vistas como “normais”.

Lampião da Esquina novamente demonstra em sua resposta que ocorre equívocos na interpretação da matéria publicada por ele, e, tem um discurso voltado para a necessidade de se aceitar a todas as homossexualidades, evitando sermos machistas:

R. - Houve um problema muito sério com o artigo sobre o "gay-macho" publicado no nº 8 de LAMPÃO. Fala-se ali da tendência verificada entre alguns homossexuais norte-americanos de adotar um comportamento machista. Veja bem, é uma tendência, e de apenas uma facção homossexual; não de todos. Essa facção, é claro, não abrange todos os que frequentam boates, ou que cuidam da aparência física. Mas os seus adeptos procuram externar seu comportamento principalmente nas casas noturnas, onde encontram o cenário ideal para dar vazão à sua preocupação com o corpo, com a exibição da beleza física. Jairo fala de participação política, Caetano de integração; fazer política, para nós, implica a oposição à sociedade machista e preconceituosa em que vivemos; os "gay-machos", ao confundirem virilidade com machismo cometem um erro grave; como é grave o erro de alguém que, falando em integração, deixe bem explícita a condenação às pessoas que "dão pinta", sem se preocupar em detectar as origens dessa "Pinta" - que estão na repressão e no condicionamento forçado das pessoas aos dois únicos tipos de comportamento sexual aceitos pela sociedade em que vivemos. Além disso a gente nota, com preocupação ainda maior, que tanto Jairo como Caetano só falam de homossexuais masculinos. Será que vocês – como os machistas, gueis ou não -, também acham que lugar de mulher – mesmo mulher homossexual – é na cozinha? Cruzes! (LAMPÃO DA ESQUINA, nº 12, 1979, p. 18).

Podemos observar, que a construção das homossexualidades envolveu em *Lampião*, discursos contraditórios, sinalizadores de estratégias distintas, que procuravam conferir visibilidade a categorias sexuais distintas. Por isso, que a oposição que se faz entre o “homossexual consciente” e masculinizado, ao homossexual efeminado “afetado”, “fresco” e alienado, são reveladores do “tom” que deveria ser empregado por um jornal que se definia como sendo um jornal “homossexual”. Que categorias seriam ou não utilizados na nomeação desses sujeitos? Bem, acredito que todas as categorias, pois como destaca Penteado no ensaio “Cultura Homossexual: Já Existe?”, todos os homossexuais contribuem para uma cultura homossexual, seja

(...) o ensaísta conscientizado, o artista que retrate aspectos desse cotidiano, o entendido que não pretenda criar nada, mas que viva a sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá shows na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti prostituto que leva porrada da polícia, etc., etc... (...) (PENTEADO, nº 19, 1979, p. 9)

Então *Lampião da esquina* resolveu seguir uma política inclusiva, já que homossexual era “todo aquele que gosta do mesmo sexo, seja bicha pobre da periferia, o travesti desdentado do Pelourinho, a boneca Cartier do Holmes, o entendido rançoso do La Boheme ou o “bi-sexual” (última descoberta da VEJA para pasmo do Dr. Freud!) do Porto da Barra” (MOTT, nº 25, 1980, p. 14). Além do mais, uma causa unia a todos os homossexuais, já que eram “todos um pouco marginalizados, seja a bicha louca, o enrustido, o travesti, o sapatão, a entendida”, enfim toda essa turma que sentia que a cada dia que se passava que estava chegando o dia da sua aceitação pela sociedade, não pelas preferências sexuais, mas sim como seres humanos que eram (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 20, 1980, p. 18).

3.4) OUTROS MODOS DE SE REPRESENTAR AS IDENTIDADES

Brito (2017, p. 71) afirma que “um dos mecanismos fundamentais de afirmação política e da redefinição identitária empreendida nas páginas do *Lampião da Esquina* era o ‘assumir-se’, que implicava diretamente na construção de um orgulho de ser”. Um dos lampiônicos a assumir essa posição, foi Bernardo Mascarenhas, que publicou na edição 2, o texto “Assumir-se por quê?”, onde dava 12 razões para a “saída do armário”. No texto, João Antônio Mascarenhas diz que o ato de “assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la”, e, por isto enumerou 12 razões de ordem individual, social e política para que as pessoas fizessem isso:

como se livrar do peso ser descoberto; impedir chantagem; dar, pelo exemplo, o apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo; etc. (MASCARENHAS, nº 2, 1978, p. 2). Vale destacar que o autor ressalta que tal atitude de se assumir, de “sair do armário”, como se falava na época, é um ato individual, pois somente cada um estava “habilitado a decidir quando e como poderá arcar com as consequências de uma ostensiva rejeição dos preconceitos dominantes”, como a “perda de emprego” ou de ter a carreira profissional arruinada (MASCARENHAS, nº 2, 1978, p. 2).

Mas, ele não era o único. Conforme Brito (2017, p. 72), outro membro do jornal a defender essa necessidade foi Trevisan, que publicou dois artigos que permitem tal afirmação: “Minorias e a política”, publicado na edição de número 5, no qual, por um lado, elogiava “as ativistas feministas por criarem na época uma Carta dos Direitos da Mulher”, e por outro lado, criticava “a falta de iniciativa semelhante por parte dos homossexuais e o receio que estes tinham de se assumirem” publicamente, o que dificultava uma afirmação política desse segmento; e, o artigo, intitulado “Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia”, publicado na edição 25, onde “buscava definir um caminho autônomo para uma política homossexual”, conjugando “assunção e libertação como chave central para a construção de uma política de defesa da homossexualidade”, para “impedir uma absorção deles pelas forças políticas instituídas”.

Todavia, alguns dos editores não concordavam que o ato de assumir serviria como um instrumento político. Ribondi (1980), por exemplo, afirma que você ter que se assumir homossexual “parece coisa de réu confesso” e, que por isso acredita firmemente que “não temos obrigação de dar satisfação de nossa sexualidade a ninguém, mesmo que para que todos a estão pedindo” (RIBONDI, 1980, n 28, p. 9). O autor, apesar disto, afirma acreditar nos grupos homossexuais organizados, e que por isto não acha “que os movimentos homossexuais estão querendo participar do ‘establishment’ e gozar das delícias da legalidade” (RIBONDI, nº 28, 1980, p. 9).

Muitos dos leitores concordavam com Ribondi (1980). O leitor Guilherme Império, de Campinas-SP, por exemplo, numa carta publicada na edição 1, achava que fazendo isso, ao invés de acabar com a discriminação, na verdade acabava é endossando ela:

Dizem que temos que "assumir". Um dos pontos chave do movimento guei dos Estados Unidos foi de que "homossexuais" deveriam sair dos 'closets' - deveriam "assumir" a sua "condição".

Agora no Brasil fala-se muito em assumir. Cada um tem que assumir o que 'realmente é', assim se 'libertando', e assim por diante. Mas que quer dizer isso tudo? Quer dizer que pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo têm que assumir a 'condição'?

de 'guei', "lésbica", "homossexual", "veado", 'bicha', 'entendido' ou coisa que o valha. Tudo bem. Será?

Creio que está tudo muito mal, e que o 'assumir', longe de ser uma libertação do indivíduo, constitui-se no mais sutil endossar dos interesses da sociedade patriarcal, pois, o 'assumir' acaba reforçando a ideia de que pessoas que transam com pessoas do mesmo sexo são realmente diferentes, assim garantindo o comportamento 'normal' dos outros. Por um mecanismo demais sutil o 'assumir' acaba corroborando esta ideia de diferença e santificando-a nos templos das boates e nos testamentos de tomais como este.

Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a condição de 'entendido', etc, etc. Pessoas são pessoas, e chega. (IMPÉRIO, nº 1, 1978, p. 14. Aspas e grifos do autor)

Na edição 4, também encontrei a carta de Gide Guimaraes, que discordada do ato de assumir

O "assumir-se" (do artigo de João Antônio Mascarenhas) diante das regras do jogo opressor não enfatiza uma tradição de uma sociedade repressora que nos impõe uma rasgada de sedas para definir melhor o seu comportamento com a gente? Não seria o LAMPIÃO uma propriedade privada de uma elite que quer ser lida "do Oiapoque ao Chuí", numa operação aspirina? Eu particularmente prefiro um jornal que abra abscessos. Gere câncer. E a família, desta TPF, não seria a obviedade de cristalizar o gueto de que falam libertar?

Sinto no ar um cheiro de paternalismo de "bichas esclarecidas" que tentam "compreender" e unir suas vozes às das outras minorias que eventualmente "entram na redação" e que ainda irão entrar. Vocês não acham que o jornal continua a fomentar o estereótipo de que "elas" são mais sensíveis e inteligentes (é só dar uma olhada nas entrevistas publicadas no jornal para sacarmos a generalização de que falo acima, além de se cultivar o mito de bicha-artista)? Os operários do Metrô ou do ABC paulista, se se juntam às bichas (isto é, se eles não as caparem antes), em que é que vai dar? Num pra frente Brasil? Qual deve ser o QI do leitor lampionesco? Qual a ideologia do jornal? Por enquanto, me parece mais com a do Social-Democrata-Cristão Jornal do Brasil.

Se LAMPIÃO perguntar ao espelho da madrasta de Branca de Neve se ele já é, o espelho responderá: Veja, isto É, os outros nanicos e mesmo a grande imprensa ainda existem. Eu lamento muito que o espelho responda esse miseré. E não adianta quebrar o espelho e cortar os pulsos com seus cacós. Nosso sangue será bebido pelo machismo biotônico fontoura de Ivan Lessa e congêneres. O LAMPIÃO oferece o bumbum a todo vampiro que aparece? (GUIMARAES, nº 4, 1978, p. 17)

E também a carta de C.A.A., de Vassouras, que dizia

Como homossexual honrado e assumido (até certo ponto) que sou, sempre lutei, na medida do meu possível, para levar as pessoas à verdadeira imagem do povo guei. Nunca escondi minha condição, sem, contudo, precisar ser "pintosa" para me assumir nem sair falando para todo mundo de mim. Deixo apenas que as pessoas me notem como sou, sutilmente, impondo, sobretudo, respeito para com a minha pessoa. Ainda mais pelo fato de ser estudante de Medicina é inadmissível que eu mantenha uma conduta indecorosa, pois dando uma de "bicha louca" só iria comprometer minha carreira futura. Vocês não concordam? (C.A.A, nº 8, 1979, p. 15)

A única carta que tocou na questão do assumir, e, discordou dessas outras foi a de Carlos Québec, de Salvador, que foi publicada na edição 3, que escreveu

Está simplesmente excelente o artigo de Mascarenhas sobre o "assumir-se"; está de um equilíbrio louvável, colocando sempre em evidência o fato de que, muitos homossexuais simplesmente passariam fome se assumissem na atual conjuntura de suas vidas, apesar de sabermos de todas as vantagens pessoais (em termos de equilíbrio emocional, principalmente) que se tira daí. (QUÉBEC, nº 3, 1978, p. 15)

Encontrei também cartas de pessoas que queriam se assumir, mas que esbarravam em dificuldades

Não me faltam forças para lutar por um ideal de vida comum e consciente de que estamos no caminho certo, pois é uma merda ter de passar o resto da podre vida com esse peso nas costas de não poder se assumir, com medo da sociedade que, com suas ideias, consegue nos atrofiar. Meus casos são como a lua cheia, que só aparece quando se cansa de estar vazia. Não me realizei ainda por temor de ter de assumir minha homossexualidade quando todos pensam que sou heterossexual. Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza de saber que têm um amigo que vive frustrado. Meus pensamentos são sempre os mesmos: O que será que os outros vão dizer? No meu trabalho não, no curso de jeito algum poderei ser notado. (R. C., nº 6, 1978, p. 15)

Aqui no interior é muito difícil ser diferente, as pessoas com quem a gente convive vivem cobrando atitudes de você. Eu não posso assumir que eu não gosto de mulheres (que eu nunca gostei), que eu prefiro os corpos masculinos. Não podendo assumir, vou vivendo, deixando o tempo passar, para ver no que tudo vai acabar: eu adoraria poder curtir essas boates de São Paulo, mas não posso. (E. D., nº 16, 1979, p. 19)

O motivo principal que me leva a escrever é que no exemplar de agosto eu li a carta enviada por um rapaz daqui, que se subscreve Carlos N., e que prendeu minha atenção. O que ele diz é verdade, embora Curitiba já seja uma metrópole, ainda há muito preconceito, principalmente por parte das pessoas mais velhas. A gente enfrenta uma barra pesada e por isso é difícil assumir numa boa. É repressão pelos familiares, no emprego e nos meios que agente frequenta. (C.C., nº 17, 1979, p. 19)

Queria destacar, conforme Heeren (2011, p. 97) que o assumir-se homossexual “significaria expor para si mesmo e para o mundo sua homossexualidade, seria revelar um segredo, seria escancarar um espaço que não se abria para qualquer um”, e, que por isso, acho a metáfora do armário tão eficaz, porque “ele vive um centro de ordem que protege toda a ‘casa’ contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino. Sair dele é deixar-se levar pelo caos é viver fora de um lugar controlado e seguro”, e, por isso muitas pessoas resistiam e resistem a escancarar o armário. Muitos ainda olham pela fresta, dando uma espiadinha, e depois voltando para dentro dele, talvez pelo medo da família, dos amigos, de perder o emprego, ou por qualquer outro motivo pessoal. Eve K. Sedgwick acredita que o armário foi a principal estrutura definidora da opressão homossexual no século

XX, e eu acrescento que do século XXI, mas ela também lembra que não existe somente um armário e sim, vários armários, pois

mesmo num nível individual, até entre pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimos que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas.

Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. (...) O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social. (SEDGWICK, 1993, p. 22)

Então, a palavra de ordem era ‘discrição’, isto é, não “dar pinta”, não se comportar como “mulher”, seja pela indumentária, modo de falar, andar, gesticular, rebolar etc. Isto, pode ser visto mais claramente na seção *Troca-Troca*, onde as pessoas faziam uma breve descrição do que eram e do que queriam encontrar em outra pessoa. Citarei alguns exemplos:

RAPAZ de boa aparência, sincero, discreto, educado, quer correspondência com rapazes que tenham as mesmas qualidades. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 18, 1979, p. 10)

JOVENS realistas que desejam um amigo que não os envergonhe, não seja efeminado, nem use qualquer tipo de maricagem.

RAPAZ com boa aparência, sincero, discreto, educado, quer correspondência com rapazes que tenham as mesmas qualidades. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 19, 1979, p. 8)

BARBUDO, 29 anos, alto, homossexual consciente, sem grilo e ama complexo de Édipo, discreto. Desejo corresponder-me com outros homossexuais, discretos que estejam e afim de transar uma amizade sadia, sincera e franca. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 30, 1980, p. 17)

ALTO, 30 anos, não feio de todo, moreno, culto, curto música brasileira e latino-americana, cinema em geral, discreto e passivo.

ANUNCIO - Se você é gay ou entendido... gente... escreva-me. Sou bronzeado, universitário, livre, prático, esportivo, másculo, inteligente. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 32, 1981, p. 2)

ATIVO, 22 anos, moreno claro, 1,75m, simpático. Gostaria de corresponder-se com rapazes entre 18 e 23 anos que sejam ativos e discretos. (...)

MORENO, 30 anos, discreto, bonito, deseja corresponder-se com rapaz másculo, para um forte relacionamento, podendo, inclusive, morar juntos. (...) (LAMPIÃO DA ESQUINA, nº 34, 1981, p. 2)

ATENÇÃO FORTALEZA - Procuero, nessa cidade, pessoas calmas, sensíveis, inteligentes e discretas para dar início a uma sólida amizade. Tenho 20 anos, 1,76m, Estudante. (...)

ATIVO, 41 anos, deseja corresponder-se com rapazes mais jovens, sem pinta, de preferência moradores no Rio de Janeiro ou adjacências, para namoro e/ou sexo. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 35, 1981, p. 2)

LOURO, boa aparência, bom nível cultural e querendo amar muito... Tenho 27 anos, olhos verdes, 1,76m, 66 Kg, cabelos claros e lisos e barba. Desejo corresponder-me com rapazes discretos, de qualquer cor e idade. (...)

MEIA-IDADE, bom nível cultural, social e financeiro, alto físico bem proporcionado, simpático, discreto, morando sozinho, procura jovens até 28 anos, bonitos e discretos, para um bom relacionamento. (...) (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 36, 1981, p. 2)

JOVEM, 21 anos, 1,85m, fofinho, olhos e cabelos castanhos, deseja encontrar alguém disposto a amar e ser amado. Podem escrever do vinte aos trinta e cinco, serão bens aceitos, desde que discretos. (...)

LOURO, 1,75m, 64 Kg. Gostaria de manter correspondência com gente discreta, e de bom nível cultural. (...)

CORAÇÃO SOLITÁRIO. Tenho 18 anos, 1,70m, 52 Kg, olhos e cabelos castanhos, discreto, curso o pré-vestibular e desejo corresponder-me com jovens de todo o Brasil, que sejam inteligentes e dispostos a curtir uma amizade sincera e duradoura. (...) (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nº 37, 1981, p. 2)

Ao se descreverem como pessoas discretas e procurarem as mesmas, os próprios leitores acabavam por (re) produzir sentidos, estereótipos e hierarquias sobre as pessoas homossexuais, forjando uma díade do “gay-macho” versus a “bicha louca”, do “ativo” versus o “passivo” (SILVA, 2016; PEREIRA, 2017; SILVA e RUBIO, 2018). Mas, *Lampião* e os lampiônicos tentaram representar todos os tipos de homossexuais no período de sua existência. É claro que não conseguiu fazer isso de forma igual, é tanto que temos mais textos sobre o homossexual masculino, do que as homossexuais, além é claro de ter mais uma identidade masculinizada, do que uma efeminada, no entanto, não podemos ser injustos e dizer que a identidade efeminada é deixada de lado, como fez Bandeira (2006), pois consta em suas páginas as travestis, as bichas, as drag queens, os transexuais.

Tendo feito esse adendo, volto agora a falar novamente da assunção das homossexualidades em *Lampião*, pois, acredito que ao publicar sobre os espaços de sociabilidade homossexual, como praças, teatros, cinemas, bares, saunas e casas noturnas, os lampiônicos tinham a mesma perspectiva que as entrevistas, artigos e reportagens, de dar visibilidade aos homossexuais. Mas, ia além disso, pois não só tornavam visível a existência das pessoas homossexuais e dos lugares que elas frequentavam, como tentava dizer que os homossexuais poderiam ter uma vida “normal”, como todo mundo, que a identidade da “bicha” noturna, em locais marginalizados, já não dava mais conta da realidade que viviam.

Outro elemento de assunção de identidade homossexual, foi a publicação, na edição Zero, das profissões dos componentes do conselho editorial. Com a publicação intitulada “Senhores do Conselho”, além dos lampiônicos colocarem seus nomes verdadeiros, também mostraram sua formação profissional para afirmar que os homossexuais poderiam trabalhar também como jornalistas, professores universitários, escritores, advogados etc, já que “bicha, antigamente, só podia ser cabelereira, maquiadora ou bailarina” (PENTEADO, 1980, p. 13). Se, de um lado, esse procedimento procurava “legitimar a linha editorial” e demonstrar que os homossexuais poderiam ocupar outros cargos de trabalho para além daqueles tradicionais (bailarinos, artistas, cabelereiros, maquiadores etc), por outro lado, podia ser visto como uma tentativa de repassar aos leitores uma imagem de respeitabilidade dos integrantes. Desse modo,

era tanto uma forma de contestar o discurso da discriminação que associava a homossexualidade à decadência social, como também se constituía numa apropriação de um importante demarcador identitário da masculinidade: o status profissional, pois, conforme Sócrates Nolasco, o trabalho funciona como uma das primeiras referências para a construção do modelo de comportamento dos homens, ou seja, “o trabalho define a primeira marca da masculinidade” (ANDRADE, 2015, p. 139).

Compreendendo as profissões como um determinante de identidade, e, no caso dos homens, como uma confirmação da sua masculinidade, acredito que quando *Lampião* demonstra que os homossexuais estavam presentes em outras profissões, para além daquelas comuns – artistas, áreas da estética etc.-, ele confirmava que homossexualidade e masculinidade não se opunham. Brito (2016, p. 61), por sua vez, também nos chama a atenção de que a atitude de publicar as profissões servia também para “mostrar que não havia uma relação necessária entre ser homossexual e decadência social ou pessoal”.

Um outro elemento de assunção de uma homossexualidade era a divulgação da produção cultural de homossexuais e sobre homossexuais, que se constituíram numa forma de tornar visível a existência de uma produção intelectual homossexual existente tanto no Brasil como no mundo, como livros, filmes, contos, poemas, músicas, imprensa gay, e exposições.

Queria finalizar destacando duas questões polêmicas, ligas à uma política de identidade, que segundo Brito (2017, p. 71) pode ser resumida em: a valoração da assunção como forma de libertação cria um ideal de identidade como um dado natural, uma essência; e, que a defesa da homossexualidade, “enquanto identidade a ser assumida, acabaria naturalizando a própria divisão homo/heterossexual, endossando, por sua vez, uma distinção na qual se busca combater e promovendo uma perpetuação das bases que sustentam o próprio sistema de opressão”. O leitor Guilherme Império, já havia questionado isso, e, Bourdieu

(1999) nos ajuda também a refletir sobre tal questão ao se referir a esse paradoxo enfrentado pelos movimentos homossexuais no seu livro *A dominação masculina*, ao questionar como ocorreria uma revolução “contra uma categorização socialmente imposta organizando-se como uma categoria construída segundo esta categorização e fazendo assim existirem as classificações e as restrições às quais se pretende resistir [...]?” (BOURDIEU, 1999, p. 146). Acredito que Chartier (1995, p. 42), responde tal questão, ao comentar sobre a possibilidade de deslocamentos e superação de uma ordem definida por uma dominação masculina por parte das mulheres, afirmando que “nem todas as fissuras que corroem as formas de dominação masculina tomam forma de dilacerações espetaculares, nem se exprimem pela irrupção de um discurso de recusa ou de rejeição”. Ou seja, é possível que as formas de dominação possam ser fissuradas dentro do próprio consentimento, fato que ocorre principalmente “quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência” (CHARTIER, 1995, p. 42), e, isso, *Lampião da Esquina* fez.

“QUAL É A TUA, OH LAMPIÃO?”²⁰⁵: APONTAMENTOS FINAIS

Como todas as condutas humanas, a homossexualidade conduzirá a desequilíbrio, comédias, frustrações, mentiras, ou, ao contrário, será fonte de experiências fecundas. Depende da maneira como é vivida, se com má-fé, preguiça e inautenticidade ou se lucidamente, com generosidade e liberdade.
(Simone de Beauvoir)

O termo “homossexual” proposto, em 1869, pelo médico húngaro Benkert, a fim de transferir da área jurídica para a médica essa manifestação da sexualidade, antes do século XVIII, era utilizado nas certidões de nascimento de gêmeos do mesmo sexo (CECCARELLI, 2008, p. 74). O autor, destaca também que com a invenção da homossexualidade, entendida por ele como um artefato classificatório, há a manutenção e imposição de uma sexualidade tida como natural: a heterossexual (CECCARELLI, 2008, p. 73). Parece-me que Ceccarelli (2008) faz desses argumentos uma crítica a insistência na transformação de comportamentos em categorias identitária, por ela contribuir para o surgimento de uma espécie de armadura que acaba aprisionando o sujeito em uma forma normativa e reduzida de viver (e ver) a sexualidade.

Critico dessas armaduras, dessas gaiolas, que aprisionam os sujeitos, cito para exemplificar, o caso do jornal *Lampião da Esquina*, que buscou problematizar, ao longo dos

²⁰⁵ Título extraído do texto homônimo publicado na seção Cartas na Mesa da edição nº 3, p. 13, 25 de julho a 25 de agosto de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*.

seus 3 anos de existência, a construção dos homossexuais e das homossexualidades concebidos pelo viés de “minorias sociais”, sendo vanguardista pelo uso da concepção como a entendemos atualmente, e para pregar aos homos e heterossexuais, que “também são prisioneiros do próprio sexo”, que “transar (qualquer que seja a forma de transação) é gostoso, é saudável, combate a cárie, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não dá câncer!” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 14). Ou seja, todo tipo de sexo e sexualidade eram normais e aceitáveis.

Por isso, quando se resolve falar de algo reprimido, se não pela sociedade, mas dentro de nós mesmos, como a homossexualidade, por medo, vergonha, ou qualquer outra justificativa, o ato de falar sobre ela, por onze pessoas que conviviam, aceitavam e enunciavam de modo natural como seus praticantes, mereceram ser estudados, e não mais deixados na lata do lixo da história, para serem esquecidos, por tem um caráter transgressor, subversivo, porque passaram a evocar a chegada da libertação da (homos) sexualidade. Em outras palavras, o que quero dizer é que penso que *Lampião* representou, de modo geral, uma virada no pensamento dos homossexuais do fim da década de 1970, passando a representar o início de uma tomada de consciência sobre si. No entanto, é bom acentuar que essa tomada de consciência de si, não surtiu o mesmo efeito em todas as pessoas homossexuais da época, e, que em algumas nem efeito tiveram, continuando a ser as “bichas-sistemas”.

Todavia, para essa tomada de consciência de si e dos outros, que passavam, por exemplo, por questões semelhantes de não aceitação de sua sexualidade como algo normal e saudável, *Lampião da Esquina* surgiu com o propósito de estar

mensalmente em todas as bancas do país, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana (...) Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter. LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor - que a nossa preferência sexual possa intervir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (LAMPIÃO, nº zero, 1978, p. 2)

Se os homossexuais não são aqueles da pecha negativa, dos trejeitos femininos, portanto, se fazia necessário, um processo de tomada de consciência sobre o homossexual, e, desse, sobre si próprio. Assim, nesse livro tive como principal objetivo retratar como um grupo de pessoas que se assumiam como homossexuais/viados/bichas entenderam a sociedade brasileira em relação à homossexualidade e, como representou os homossexuais, num

contexto pré-direitos humanos, no jornal criado por eles, num contexto de emergência de uma nova categoria: o *gay*.

Se antes da década de 1970 nós tínhamos o pederasta, o sodomita, o baitola, o fresco, o viado, a bicha, a boneca, o maricas, o entendido, o macho-e-fêmea, entre outras denominações para os homossexuais, agora surgia também o *gay*. Esta nova categoria era totalmente distinta das outras, era baseada num imperativo político e divulgada com orgulho. Porém, *Lampião* queria que todas as palavras fossem vistas com orgulho, ou pelo menos que perdessem a sua carga pejorativa. Mas, não era essa a sua intenção exposta na edição Zero: “resgatar o fato de que os homossexuais são seres humanos”? (LAMPPIÃO, nº zero, 1978, p. 2). Como ferramenta para isso, os lampiônicos utilizaram a linguagem para alcançar o que queriam. Tal linguagem, ora mais séria, ora mais formal, que passava uma imagem sisuda e ao mesmo tempo debochada, fez com que *Lampião* tivesse voz de homossexual, “jeito” de homossexual, e por isso se tornou um jornal irreverente, debochado, mas, que também podia assumir (assim como assumiu) posturas sérias quando a ocasião impunha.

Desejando, portanto, desmoralizar o(s) conceito(s) que lhe(s) fora(m) im(postos), os lampiônicos procuraram apontar que a (homos)sexualidade era apenas um dos muitos traços que definiam o seu caráter, e, que, portanto, não poderiam ser oprimidos só por ter uma sexualidade diferente da que a maioria da sociedade tinha. Por isso, acredito que o intuito de *Lampião da Esquina* (*Lampa* para os mais chegados) não era explicar as homossexualidades, dizendo o que eram os homossexuais, mas mostrar como viviam e como essa existência era um estilo de vida dentre tantos outros possíveis. Entretanto, enquanto o editorial da edição 1 indicava a necessidade de superar as tensões entre as identidades, as cartas de alguns leitores e as publicações de alguns dos editores ou colaboradores, causavam-nas, devido às ideias que cada um tinha. Ademais, sublinho que o fato de, nas páginas do jornal *Lampião*, encontrarmos tais conflitos ideológicos entre os lampiônicos, entre estes e os leitores e entre os leitores entre si (através das discussões via carta), nos é demonstrado que tais discussões se faziam correntes na época e que *Lampião*, por ser uma das instâncias de maior visibilidade dos discursos acerca da homossexualidade e dos homossexuais, os aglutinava, e, divulgavam.

Apesar disso, *Lampião* resolveu resistir à todas ideias que pregavam por exclusão, e, resolveu fazer com que todas as identidades homossexuais coexistissem no jornal. Contudo, quando falo de resistência não me refiro ao sentido predominante na nossa historiografia sobre a ditadura civil-militar, que faz referência aos adeptos da luta armada. Falo no sentido entendido por Foucault (2004, p. 168), que a compreende como “um processo de criação”, já que, para ele, resistir é “criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do

processo”. Ou seja, a resistência seria uma revolução. E, *Lampião da Esquina* fez uma quando falou dos *gueis, bichas, viados, travestis, bonecas, baitolas, transformistas, sapatões...* e tantas outras definições que foram criadas para referir às pessoas homossexuais de forma pejorativa. Ao fazer apropriação das palavras, porém de uma maneira ressignificada, vazio de qualquer ofensa, como sendo uma forma de afirmação de si e de sua homossexualidade, o jornal fez a opção de fazer “revolução”, não pelas armas, mas por um modo de informar, dispensando o poder das armas de fogo ou das armas brancas, e, privilegiando o poder das palavras, da conscientização, mirando uma outra forma de fazer política e, principalmente, de politizar a sexualidade e os homossexuais.

Não obstante, para combater a imagem estereotipada da homossexualidade os lampiônicos buscaram enfraquecer algumas “verdades” que, até então, serviam como justificativas para sua construção negativa. Então, foi preciso, por exemplo, destruir o discurso construído pelo saber médico que associava a homossexualidade à doença, ou o discurso jurídico, que associava homossexualidade à marginalidade, ao crime, ou o discurso religioso, que associava homossexualidade à pecado. E, para isso *Lampião da Esquina* tomou a luta contra as “verdades” como uma função do discurso jornalístico, tirando todos esses outros discursos de suas searas, para migrarem para o território da informação, da notícia. Talvez, por isso, sempre se optou por manter uma linha jornalística, e, não um boletim de militância.

Sendo assim, o jornal demonstrou a existência de diferentes homossexualidades, fazendo com que percebamos não um princípio de identidade, mas os estilhaços da sua multiplicidade. Então, foi possível ver no jornal cada categoria das homossexualidades, como por exemplo, a das travestis, que aparecem sempre como representação da imagem efeminada dos homossexuais. Em *Lampião*, aparece críticas às travestis por fazerem o papel de bobos da corte na sociedade (edição nº 1), por desejarem ser mulher (edição nº 16; nº 21; nº 22, e, nº 23). Mas também o jornal *Lampião* defendeu o seu direito de ir e vir e de fazer parte da sociedade (edições: nº 1; nº 4; nº 6, e, nº 10), além de destacar sua criatividade (edição nº 4). Todavia, apresentam muito a imagem da travesti ligada à prostituição (edições: nº 7; nº 10; nº 22; nº 24, e, nº 32) ou a *shows* (edições: nº 4; nº 7; nº 9; nº 23; nº 25; nº 32; nº 34; nº 35, e, nº 37).

Já a imagem masculinizada, do homossexual como bofe, como entendido, aparece quando se fala de um jogador de futebol (edição nº 15); quando se critica a imagem estereotipada da “bicha louca, doentia e histérica” que os filmes ou programas de TV tentam passar sobre os homossexuais (edições: nº 4; nº 8; nº 15; nº 23; nº 24, e, nº 26); falando do

bofe como ativo (todas as edições), no nome e logotipo do jornal, na publicação dos nus masculinos.

Há também uma defesa dos homossexuais efeminados (as bichas) na edição de nº 8, quando se critica uma boate gay de Nova York, Anvil Bar; e na edição nº 26, onde se defende a desmunhecação. Mas há também críticas às bichas, que são consideradas loucas e alienadas por negarem a sua masculinidade e imitar a mulher (nº 8, e, nº 11) ou delicadas e criativas (nº 21).

Se os lampiônicos não (re)criaram identidades homossexuais, pelos menos as separaram, mostrando as características que as diferenciavam, e, as uniam, mostrando seus pontos convergentes: eram todos homossexuais. Nessa pesquisa, tentei demonstrar também que *Lampião* fez representações das homossexualidades desde sua edição Zero, com o uso de alguns demarcadores identitários – a imagem e o nome que remetem ao cangaceiro mais famoso desse Brasil, o falo, a respeitabilidade adquirida pelo sucesso profissional de seus integrantes – que abriram uma possibilidade de associação entre ser homossexual sem deixar de ser considerado um “homem de verdade”.

É importante ressaltar, que apesar de ser um jornal feito por homens, em sua maioria brancos e da classe média, não consegui encontrar em *Lampião* um discurso dirigido a uma classe ou grupo social definido. Aliás, *Lampião*, tentou dar espaço não só aos homossexuais, como também às mulheres, negros, índios, e, sempre tendo como um ponto de diálogo entre eles, a questão da sexualidade. Todavia, seria possível delimitar que quem falou no jornal, mesmo que de maneira não homogênea, teve um discurso que tendeu, geralmente, a seguir a ótica do homossexual entendido.

No entanto, depois de tudo que li, conclui que o jornal *Lampião da Esquina* foi um marco importante na história do país, para a imprensa, para os homossexuais e para os brasileiros. Nas páginas de *Lampião da Esquina* encontram-se relatos significativos do período em que os homossexuais tomaram a palavra para si, argumentaram - em condições históricas ainda difíceis, como o da ditadura – e se fizeram ouvir sobre o tema da (homo) sexualidade que até então era considerado impróprio de ser mencionado, quanto mais então ser impresso. Se na visão da historiadora Ana Maria Colling (2015, p. 381), ao se falar da mulher militante na ditadura não seria “somente relatar os fatos em que esteve presente, mas é reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos”, pois boa parte da história sobre as oposições e resistências às arbitrariedades da ditadura se constituiu numa história masculina que silenciou e invisibilizou a maioria das mulheres como sujeito político, acrescentaria que

os homossexuais também quase foram invisibilizados. Digo quase, porque *Lampião* foi um dos instrumentos que não deixou isso acontecer.

Lampião da Esquina deu voz e corpo aos homossexuais e, com isso, levou para as “esquinas” durante o dia pessoas e histórias de vidas, que ficavam nas mesmas muitas vezes somente à noite. Mas, *Lampião* não ficou só na rua, entrou também nas casas, tanto dos assinantes quanto dos amigos dos assinantes que o pegavam emprestado.

Lampião foi um jornal, em busca de uma causa que não é nem maior nem menor, e, por isso se posicionou fora de qualquer partido, apesar de ter pautas que iam de encontro com o que a esquerda defendia. À margem da esquerda, à margem da direita, era um jornal duplamente marginal. No entanto, um marginal que agora tinha corpo, voz e existência política e social, que adquiriu aqui o *status* de documento “histórico”, por dar acesso à realidade “da vida homossexual” brasileira.

Lampião da Esquina parou de circular em 1981, portanto, antes do surto da aids no Brasil; da definitiva inserção de homossexuais no mercado, através de jornais e revistas de teor mais cultural ou mais erótico, como *Sui Generis*, *G Magazine*, por exemplo; das Paradas do Orgulho GLBT (depois tornado LGBT), evento pelos direitos homossexuais no Brasil e que garante aos homossexuais uma ampla visibilidade; da inclusão da questão homossexual nas inúmeras Comissões de Direitos Humanos; da eliminação do homossexualismo no CID (Cadastro Internacional de Doenças) da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1993; dos projetos de “cura gay”, dos deputados João Campos, em 2011, Pastor Eurico e, Ezequiel Teixeira, em 2016, cujo objetivo era sustar a aplicação da resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que desde 1999 regulamentava a atuação de seus psicólogos em relação à orientação sexual, proibindo os profissionais de praticarem terapias para alterar a orientação sexual, por considerar a homossexualidade como uma variante legítima da sexualidade humana e, portanto, não possível de ser tratada como condição patológica; do reconhecimento, em 2011, da união estável entre pessoas do mesmo sexo, pelo Supremo Tribunal Federal (STF); da aprovação, pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em 2013, da resolução que permitia a todos os cartórios celebrarem o casamento entre pessoas do mesmo sexo; da equiparação em 2017, da união estável e casamento civil quanto aos direitos de herança, pelo STF, que também reconheceu o direito das pessoas transexuais a mudarem nome e sexo nos documentos, independentemente de cirurgia, laudos de profissionais da saúde e ação judicial; do surgimento de várias igrejas evangélicas inclusivas e da aproximação dos católicos com as pessoas homossexuais, através de falas do Papa Francisco e de padres que tentam incentivar pastorais de acolhimento a essas pessoas; e, da criminalização da

homofobia, pelo STF, em junho de 2019, equiparando as penas por ofensas a homossexuais e a transexuais às previstas na lei contra o racismo.

É válido destacar que apesar dos aparentes avanços, ainda continuamos presos às discussões sobre a origem da homossexualidade, o dever ou não da assunção da homossexualidade, a homossexualidade como um mal a ser combatido e o homossexual como um sujeito “não recomendado à sociedade”, que tem demonstrado a existência de indivíduos e grupos cada vez mais conservadores.

De todo modo, queria finalizar frisando a importância de *Lampião da Esquina*, que tem muitas de suas ideias circulando até hoje. João Silvério Trevisan, no texto “Um produto novo na praça”, da edição 2, dizia que “uma andorinha só não faz verão. Nem um LAMPIÃO isolado ilumina mais do que seu próprio fosso”, defendendo que *Lampião* com o seu bando de lampiônicos conseguiu iluminar mais do que o fosso. Apesar de ter uma curta duração de vida, *Lampião da Esquina* foi o grito que quebrou o silêncio dos homossexuais, que se atreveram a reivindicar voz e assim afrontar a ordem (im)posta pela repressão da direita e pela hostilidade da esquerda. Claro, que os tempos mudaram, que o contexto hoje é outro e difere bastante do de escritura do *Lampião*, mas é fato que ele, ao ter se apagado, deixou uma lacuna na imprensa, que até hoje não foi preenchida, seja na alternativa ou na grande imprensa, por nenhum jornal ou revista com características semelhantes à de *Lampião*, pois ao contrário do cangaceiro Virgulino, que teve sua Maria Bonita, o nosso *Lampa* não teve, porque era homossexual, partindo, então, sem deixar filhos legítimos.

FONTES

ACOSTA, Adão. **Lampião da Esquina**. Música para o povo guei. Rio de Janeiro, ano 1, nº 6, 1978.

BITTENCOURT, Francisco. Brasil: campeão mundial de travesti. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, 1981.

_____. Quem tem medo de Lutzemberger? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1978, nº 6, p. 3.

CAMARGO, P. De frente e querelas. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, 1978.

FERREIRA, José A. PAULADAS na “bichória”. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 1978.

FISCHER, Iso. Quem está com a bandeira? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 1978.

Lampião da esquina. Livia Perez e Noel Carvalho. Documentário. Brasil: Doctela, em parceria com o Canal Brasil, 2016. 85 min, cor.

Lampião. Rio de Janeiro, Edição Experimental – número zero – abril de 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 1, 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, nº 2, 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, nº 3, 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 4, 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 5, 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 7, 1978.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 8, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 10, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 12, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 13, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 14, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 15, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 17, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 19, 1979.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 21, 1980.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 22, 1980.

- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 23, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 24, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 25, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 26, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 27, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 28, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 29, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 31, 1980.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 33, 1981.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 36, 1981.
- Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n.37 , 1980.
- LUTZEMBERGER, José. A demolição da ecosfera. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro nº 7, 1978.
- _____. Bacanal do esbanjamento. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 8, 1979.
- _____. Reconquista do futuro. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 9, 1979.
- MACHADO, Josué R. S. Veado por quê?. **Folha de São Paulo**, 23/7/1994. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/23/brasil/25.html>
- MAMBABA, Rafaela. **Lampião da Esquina**, Travestis! (Quem atira a primeira pedra). Rio de Janeiro, ano I, n.4, 1978.
- MASCARENHAS, João A. Sobre tigres de papel. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 1978.
- MICOLLIS, Leila. Mulheres do mundo inteiro... **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1978, nº 9.
- MOTT, Luiz. Notícias do amor-mentira. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1979, nº 8.
- PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, 1978, nº 2.
- _____. Não tem sabiá que aguente. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 3, 1978,.
- _____. Homossexualismo e ecologia. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 7, 1978.
- _____. O mito bem dotado. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 7, 1978.
- _____. Um retrato sincero. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 7, 1978.
- _____. Ma che cosa é questa? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 9, 1979.
- _____. Cultura Homossexual: Já Existe? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 19, 1979.
- _____. O travesti, este desconhecido: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 22, 1980.

- _____. O segredo de Mário Andrade. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 22, 1980.
- _____. Começam a nos entender. Mas é isso o que interessa?. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 25, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. Repressão: essa ninguém transa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 8, 1978.
- RIBEIRO, L. **Homossexualismo e endocrinologia**, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1938.
- RODRIGUES, João Carlos. O homossexual e o cinema brasileiro. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, 1979.
- SILVA, Aguinaldo. O amor entre mulheres. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1978.
- _____. As palavras: para que teme-las?. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 3, 1978.
- _____. “Transexualismo: um julgamento moral”. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 5, 1978.
- _____. A difícil batalha dos censores contra a realidade - Para o Brasil do ano 2.000. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 9, 1979.
- _____. “Extra! Mulheres chegam pra ficar”. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, 1979.
- _____. Lampiônicos: ativistas, astronautas? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 31, 1980.
- TREVISAN, João Silvério. Um produto novo na praça. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 2, 1978.
- _____. Um texto clássico do feminismo americano - Mulheres: o mito do Prazer. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 4, 1978.
- _____. Minorias e a política. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 5, 1978.
- _____. Tem piranha na Amazônia. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 9, 1979.
- _____. Na selva peruana. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 8, 1979.
- _____. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 31, 1980.
- _____. O onanista. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº 31, 1980.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Monica Piccolo. Legitimidade e coação no pós-1964: institucionalidade partidária e repressão. In: CORRÊA, Maria Letícia e ALMEIDA, Monica Piccolo. **História do Brasil IV**, v. 2. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2012A.

_____. A economia brasileira no neoliberalismo: crise econômica e reformas institucionais. In: CORRÊA, Maria Letícia. **História do Brasil IV**, v. 2. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2012B.

ALTOÉ, André Pizetta. **Tradição família e propriedade (TFP): uma instituição em movimento**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2006.

AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: A Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral de Copacabana**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2012.

AMARAL, Arthur Bernardes do. **A guerra ao terror e a tríplice fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

ANDRADE, Marciano Vieira de. **O “orgulho de ser”**: identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2015.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

ARIAS, José Miguel; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015). **Cuadernos.info**, nº 39, 2016.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**. O exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e o Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **SERÁ QUE ELE É?**: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BADINTER, Elizabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROS, Patrícia Marcondes de. “A imprensa alternativa brasileira nos „anos de chumbo””. **Akrópolis**, Umuarama, v. 11, n. 2, abr./jun., 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEDÊ JUNIOR, Américo. Constitucionalismo sob a ditadura militar de 64 a 85. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, Ano 50, Número 197, jan./mar. 2013, p. 161-174.

BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (Org.). **Pesquisas em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BERG, Creuza. **Mecanismos do silêncio**: expressões artísticas e censura no regime militar (1964-1984). São Carlos, SP: EdUFSCar, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19, p. 20-28.

BRASIL. Contexto histórico das graves violações entre 1946 e 1988. In: **Relatório da Comissão Nacional da Verdade**; v. 1. Brasília (DF): CNV, 2014A. Disponível em: < <http://www.cnv.gov.br/> > Acesso em 6 jun. 2018.

_____. Comissão Nacional da Verdade (CNV). In: **Relatório da Comissão Nacional da Verdade**, v. 2. Brasília (DF): CNV, 2014B. Disponível em: < <http://www.cnv.gov.br/> > Acesso em 6 junho de 2018.

_____. Os Presidentes e a Ditadura Militar. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2001.

BRAZDA, Rudolf; SCHWAB, Jean-Luc. **Triângulo Rosa**: um homossexual no campo de concentração nazista. São Paulo: Mescla, 2011.

BRITTO, Denise Fernandes. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. In: **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Porto Alegre, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALICCHIO, Vera. Atos Institucionais. **CPDOC**, Rio de Janeiro, FGV, Verbete, S/D. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/atos-institucionais> > Acessado em 25 de julho de 2019.

CAMPANHOLE, Adriano e CAMPANHOLE, Hílton Lobo. **Atos Institucionais, Atos Complementares, Leis Complementares**. São Paulo: Editora Atlas, 1971.

CANABARRO, Ronaldo Pires. **Fazendo travestis – Identidades transviadas no jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

CARVALHO, Julia. **Amordaçados**: uma história da censura e de seus personagens. São Paulo: Editora Manole LTDA, 2013.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas**, n. 02, p. 71-93, 2008.

CHARTIER, Roger. “Diferença entre os sexos e dominação simbólica”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, 1995.

COLLING, Ana Maria. 50 anos da Ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. **OPIS**, Catalão, v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

CORINO, Luis Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, Rio Grande, v. 19, p. 19-24, 2006. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/67752923/249-357-1-PB> >. Acesso em: 28 set. 2018.

CORRÊA, Maria Letícia. As militâncias em oposição à ditadura militar: movimento estudantil e luta armada. Movimentos da sociedade civil na oposição à ditadura militar. In: CORRÊA, Maria Letícia. **História do Brasil IV**. v. 2. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2012.

CORRÊA, Mariza; PISCITELLI, Adriana. Flores do Colonialismo. Masculinidades numa perspectiva antropológica. Entrevista com Miguel Vale de Almeida. **Cadernos Pagu**, v. 11, 1998.

COWAN, Benjamin. “Homossexualidade ideologia e ‘subversão’ no regime militar”. In: James N. Green e Renan Quinalha (orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos; Editora da UFSCar, 2015.

CRUZ, João Lúcio Mariano. **Qual é a tua, oh Lampião?: Tensionamentos em um jornal editado na e pela Esquina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Goiânia, 2019.

CRUZ, Rodrigo. **Do protesto as urnas: O movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - USP, São Paulo, 2015.

CRUZ, Sebastião Carlos Velasco; MARTINS, Carlos Estevam. De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da “abertura”. In: ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de (Orgs). **Sociedade Política no Brasil pós-64**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 08-90.

DIAS, Maria Berenice. **UNIÃO HOMOAFETIVA: O PRECONCEITO & A JUSTIÇA**. 4ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar**: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1964 e 1978. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DUARTE, Bruno Sobroza. Desmontando a Ditadura: o governo de Ernesto Geisel. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011, p. 1-9.

DULLES, Jhon F. **Carlos Lacerda**: a vida de um lutador 1969-1977. Tradução de Daphne F. Rodger. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.2, 2000.

ELÉGUIDA, Júlia; MORAES, Everton de Oliveira. Secos e Molhados: a transgressão do corpo performático (1971-1974). **Ateliê de História**, UEPG, 1 (2): 185-206, 2013.

ELÍDIO, Tiago. O testemunho de um dos homossexuais esquecidos da memória. **Estação Literária Vagão**, v. 5, 2010, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL5Art23.pdf>> Acesso em 30 de junho de 2018.

FACCHICI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 4a ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 1996.

FICO, Carlos. FICO, In: QUINALHA, Renan; GREEN, James (Orgs). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca de verdade. São Carlos: EDUFscar, 2015.

_____. **Além do golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FIDALGO, Maycon. **A identidade queer no jornal o Lâmpião da Esquina**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, Universidade Católica de Brasília, DF, 2013.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: A imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade. **Verve**, v. 5, 2004.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo; QUADROS, Jânio. **História do povo brasileiro**. São Paulo: J. Quadros Editores Culturais S. A., vol. 6, 1967.

FRANCO, Renato. Política e cultura no Brasil: 1969-1979. (Des)figurações. **Perspectivas**, São Paulo, vol. 17-18, p. 59-74, 1994.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Penguin, 2013.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Peter Fry. **Para Inglês ver**: Identidade e Política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FRY, Peter e CARRARA, Sérgio. “Se oriente, rapaz!”: Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos “outros” na controvérsia sobre as causas da homossexualidade?. **Rev. Antropol.** São Paulo, Online, 59 (1): 258-280 [abril/2016]

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**, volume 1. Coleção As Ilusões Armadas, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **A Ditadura Escancarada**, volume 2. Coleção As Ilusões Armadas, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GIMENEZ, Mariana Quadros. **“Saindo do armário”, porque é tempo de abertura: Memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina (1978-1981).** Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados - Mato Grosso do Sul, 2015.

GREEN, James N. Quem é o macho que quer me matar?”: Homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970, **Revista Anistia Política e Justiça de Transição** (Brasília/Ministry of Justice), n. 8 (July/December 2012). Brasília: Ministério da Justiça, 58-93.

_____. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980).** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade.** São Carlos; Editora da UFSCar, 2015.

GROPPO, Luís Antonio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960.** Tese de Doutorado (Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas -SP, 2000.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, 2009, Vol. 17, nº 2, 553 – 567.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

_____. Quem precisa de identidade? In SILVA. Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEEREN, José Augusto de Castro. **O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião.** Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2011.

HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas.** Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 287-309, 2003.

JOFFILY, Mariana. **No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969/1975)**. São Paulo: EDUSP, 2013.

JUNIOR, L. C. P. **Com a língua de fora** - A obscenidade por trás de palavras insuspeitas e a história inocente de termos cabeludos. São Paulo: Angra, 2002.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. A reflexão conceitual na prática historiográfica. **Textos de História**. Vol. 15, n. 1/2, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; revisão técnica de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. Uma historia dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p.134-146.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo. EdUSP, 1991.

KULICK, Don. **Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

LASSO, Pablo. Antropologia cultural e homossexualidade... Homossexualidade – Ciência e consciência. In: BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. **Parcerias homossexuais – aspectos jurídicos**. 1ª ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2002.

LATTMAN-WELTMAN, F. Imprensa carioca nos anos 50: “os anos dourados”. In: ABREU, A. A. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.

LESSA, Daniele. Especial Cassações 5- A ditadura militar foi período com mais cassações na história política brasileira. **Rádio Câmara**, Brasília, 2006. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/333582-ESPECIAL-CASSA%C3%87%C3%95ES-5--A-DITADURA-MILITAR-FOI-PER%C3%8DODO-COM-MAIS-CASSA%C3%87%C3%95ES-NA-HIST%C3%93RIA-POL%C3%8DTICA-BRASILEIRA-\(11'46%22\).html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/333582-ESPECIAL-CASSA%C3%87%C3%95ES-5--A-DITADURA-MILITAR-FOI-PER%C3%8DODO-COM-MAIS-CASSA%C3%87%C3%95ES-NA-HIST%C3%93RIA-POL%C3%8DTICA-BRASILEIRA-(11'46%22).html)> Acesso em 6 de junho de 2018.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Felipe de Almeida. A identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Bagoas**, v. 1, n. 1, p. 269-286, jul./dez. 2007.

LOBERT, Rosemary. **A Palavra Mágica**: A vida cotidiana do Dzi Croquettes. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

LORIGA, Sabina. O eu do historiador. Revista **História da historiografia**, Ouro Preto, número 10, dezembro, 2012, p. 247-259.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. **Patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal do Brasil das décadas de 1940 e 1950.** Monografia (História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

MACHADO JUNIOR, Sérgio Luis Pacheco; NAVES, Raphael de Andrade. A regulação da mídia e a sua importância para a concretização de direitos. In: **Anais do III Seminário de Extensão do UNISAL - Direitos Humanos, Culturas e Meio Ambiente.** Lorena: Unisal, 2014.

MAIA, Maurício. Censura, um processo de ação e reação. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). **Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MARCELINO, Douglas Attila. **Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970.** Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARVIN, Rich. **Formatos de jornais.** Disponível em: <<http://diagramacao.blogspot.com/2009/12/formatos-de-jornais.html>>. Acesso em: 18 maio. 2019.

MATTOS, Sérgio. A censura no Brasil Republicano. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Síndrome da mordaca: mídia e censura no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

MATTOSO, Glauco. Os Colaboradores do Lampião (Rede I). In: SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o Sonho: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo.** Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998)

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981).** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MEIRELES, Mauricio. Aguinaldo Silva lembra sua saga na imprensa alternativa, incluindo o primeiro jornal gay do país. **Jornal O globo,** 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/aguinaldo-silva-lembra-sua-saga-na-imprensa-alternativa-incluindo-primeiro-jornal-gay-do-pais-15887385>> Acesso 18 de maio de 2019.

MELO, Raphaela de Campos. 200 anos da rainha Vitória, a mulher por trás do império. **Aventuras na história,** 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/200-anos-da-rainha-vitoria-mulher-por-tras-do-imperio.phtml>> Acesso em 25 de julho de 2019

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. A imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984): um olhar historiográfico. **CONTRAPONTO – Revista Eletrônica de História,** Teresina, n. 1, v. 1, jun. 2011. p. 24-41.

MIANI, Rozinaldo. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **Nona arte: Revista brasileira de pesquisas em histórias em quadrinhos.** São Paulo, v.1, n.1, 2012, p.37-48.

Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3>>. Acesso em 18 setembro. 2018.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-69). In: James N. Green e Renan Quinalha (orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos; Editora da UFSCar, 2014

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear- da construção de categorias de gênero até a abjeção. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 4, t. 4.

MOTT, Luiz. Educação sexual e o jovem homossexual. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 16, n. 30, 1998, p. 57-88.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. **Topoi**, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85.

MUNHOZ, Dércio Garcia. Inflação brasileira: os ensinamentos desde a crise dos anos 30. **Economia Contemporânea**, n.1, jan./jun. 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

NASCIMENTO, Márcio Santos. **O partido Comunista Brasileiro e o governo de João Goulart (1961-1964)**. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, RJ, 2016.

NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilian Maria (orgs.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

NOVICK, P. **That noble dream: the “objectivity question” and the American historical profession**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. Trad. Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1992.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.

PILETTI, Nelson; ARRUDA, José Jobson de A. **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. 3ª edição. Ensino Médio. São Paulo: Ática, 1995.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. São Paulo: Zahar editora, 1982.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REGINATTO, Andréa Ad. Riso e ironia na construção paródica: Uma leitura de O pagador de promessas. (Anais do SITED). In: **Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso**. Porto Alegre: setembro de 2010.

REZENDE, Joffre M. **Linguagem médica**. 3ª ed. Goiânia: AB, 2004.

RIANI, Camilo. **Linguagem & cartum... tá rindo do quê?** Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e Romantismo Revolucionário. In: Cultura: Vida e Política. São Paulo: **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 2, abr-jun de 2001.

RIBEIRO, Djalma. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Jorge L. P. **Impressões de identidade**: Histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF. Rio de Janeiro, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia - um estudo de charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

ROSA, Susel Oliveira da. "Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia"- Imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, vol. 01, n. 01, jul/dez, 2005.

ROSSI, Elvio Antônio. A luz do Lampião dobrou a esquina: as múltiplas vozes de um nanico no Brasil da abertura (1978-1981). **Revista Senso Comum**, nº 3, 2015.

RUAN, Fang Fu; LAU, M. P. China: Zhonghua Renmin Gonghe Guo. In: FRANCOEUR, Robert T. (Org.). **The international encyclopedia of sexuality**. Estados Unidos: Continuum, 1997. v. 1, p. 344-396.

SAFFIOTTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. Censura à imprensa e a busca de legitimidade no regime militar. In: **IX Encontro Estadual de História**, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212349634>> Acesso em 16 set 2019.

SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos. Política Cultural no Brasil: Histórico de Retrocessos e Avanços Institucionais. **XXXIII Encontro da APAD**, São Paulo, 19 a 23 de setembro, 2009.

SANTOS, Jordana de Souza. O papel dos movimentos sócio-culturais nos “anos de chumbo”.

Baleia na Rede - Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura, Vol. 1, nº 6, Ano VI, Dez/2009.

SANTOS, Rogério Reis dos. **“Uma bicha atrevida pede a palavra”**: o lampião da esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Brasília, 2017.

SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Natanael de Freitas; RUBIO, Natam Felipe de Assis. Sexualidade homossexual no jornal lampião da esquina. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: LGBTQI. HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS". Nº 14, SET-DEZ, 2018, pp. 165-186 Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. Acessado em 30 de março de 2019.

SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o sonho**: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, São Paulo, 1998.

SIMIONATO, Gabriel Donizetti Ferreira. SOB A LUZ DO LAMPIÃO: análise das cartas dos leitores e suas relações com o jornal Lampião da Esquina (1978-1981). **Anais do XXIV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, 3 a 6 de setembro de 2018, Guarulhos, São Paulo.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. O Lampião da Esquina Narrativas, memórias e identidades gays em meio à ditadura brasileira. **Revista DIGILENGUA**, nº 11 – Abril de 2012, p.17-34.

_____. **E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: **Homossexualismo em São Paulo: e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/julio01.pdf>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2019.

SOUSA, Luana Neres de. **A pederastia em Atenas no período clássico [manuscrito]**: re- lendo as obras de Platão e Aristófanos. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia Marcondes de. O Lampião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. **VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro**, Guarapuava-PR, 28 a 30 de abril de 2011.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade**: uma história. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e Militarização das Artes.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

THOMAS, Jennifer Ann; URBOM, Emiliano. A verdadeira participação dos Estados Unidos no golpe de 64. Super Interessante, Editora Abril, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/a-verdadeira-participacao-dos-eua-no-golpe-de-64/>> Acesado em 15 de junho de 2019

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso.** A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 6º ed. São Paulo: Record, 2004.

VAÍNFAAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados:** moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VALENTINI, Daniel Martins. **História e memória do Teatro Oficina nos anos 1960 e 1970.** Doutorado (História Social) – PUC, São Paulo, 2016.

VASCONCELOS, Talita Rafaela Araújo. **“Da mulher para a mulher”:** representações do feminino, a reiteração da norma e a denúncia dos “desvios” na revista *O Cruzeiro* (1940-1963). Monografia (Curso de História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. Manual da Homoafetividade. **Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo.** São Paulo: Método, 2008.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707).** Brasília: Senado Federal, 2007.

VRISSIMTZIS, Nikos. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga.** São Paulo: Odysseus, 2002.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha:** uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

ZANOTTO, Gizele. Tradição, família e propriedade (TFP): um movimento católico no Brasil (1960-1995). **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 30, n.1, p. 87-101, 2010.

ZENI, Bruno José. Ditadura Militar brasileira e as estratégias para o controle e fomento do Cinema e da Cultura. **FACES DA HISTÓRIA**, Assis-SP, v.5, nº1, p. 321-337, jan-jun, 2018.

ANEXO – Temáticas

Arte erótica

1. Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil (nº Zero)
2. A verdade sobre Garcia Lorca (nº Zero)
3. Arlindo, o esquartejador (nº 2)
4. Histórias escandalosas (nº 2)
5. Mas o que é Arte Erótica? (nº 17)
6. Entre luz e sombra (nº 29)
7. O vaivém da poesia pornô (º 35)
8. Quando a sacanagem é criativa (nº 35)

Arte e homossexuais e/ou homossexualidade

1. Uma exposição muito louca (nº Zero)
2. Três vezes Darcy Penteado (nº Zero)
3. A volta de Edward Albee (nº Zero)
4. Uma novidade nas telas de todo o País: o cinema brasileiro (nº 1)
5. Histórias de pessoas comuns (nº 1)
6. Nas rodas da engrenagem (nº 1)
7. Um recado: "O Amor do Não" (nº 1)
8. As menininhas frenéticas (nº 1)
9. Pobre dama da lotação (nº 1)
10. Machismo ataca no balé (nº 1)
11. Pobre dama da lotação (2) (nº 1)
12. O que o cinema nunca contou (nº 1)
13. SENSUALIDADE REPUGNANTE? (nº 1)
14. Crônica dos cabarés (nº 1)
15. Um disco macho paca (nº 2)
16. Fora do esquema “cinemão” (nº2)
17. Bananas party (nº 2)
18. Marcello Mastroianni e Paul Newman ensinam: A difícil arte de ser guei (nº 3)

19. Eles fazem filmes geniais, que nunca chegam às telas Udigrudi: os marginais do cinemão brasileiro (nº 3)
20. Os perigos de Carvana (nº 3)
21. Travoltar é o verbo (nº 4)
22. Os anos 50 aqui e agora (nº 4)
23. Música para o povo guei (nº 6)
24. Chico Buarque e Emiliano Queirós apresentam Genivaldo, a malandrone (nº 7)
25. As intenções de “Mr. Goodbar” (nº 7)
26. Keneth Anger: por um cinema sem barreiras (nº 8)
27. Atenção, Marias Travoltas (nº 8)
28. Punhado de poemas fálicos (nº 11)
29. O homossexual e o cinema brasileiro (nº 11)
30. O "Expresso" e o preconceito (nº 12)
31. O expresso da repressão (nº 14)
32. Cenas de um filme lampiônico (nº 15)
33. Vivencial Diversiones apresenta: frangos falando para o mundo (nº 18)
34. Aprenda a resistir (nº 18)
35. Um filme para a abertura (nº 18)
36. “O Crime do Castiçal” (nº 19)
37. Como era gostoso o meu torturador (nº 19)
38. Com a cara e a coragem (nº 19)
39. Os rapazes da nossa banda (nº 20)
40. O dia em que Sandra Bréa foi apenas um chamariz (nº 20)
41. Olha a coisinha do pai! (nº 21)
42. Uma bicha no Poder (nº 23)
43. "Z", o antibicha (nº 24)
44. Amsterdã, Bichas Vermelhas Promovem a Festa (nº 25)
45. Bisso, toujours Bisso (nº 25)
46. Quem tortura quem? (nº 25)
47. O beijo de dois homens lindos (nº 26)
48. A louca da consolação (nº 27)

49. Contra "La Luna" (nº 28)
50. "La Luna": a favor (nº 28)
51. Gigolô cocô (nº 28)
52. Apenas uma boa intenção (nº 29)
53. "Pixote", um casamento que deu certo (nº 30)
54. "Bent": curvado, frouxo, Passivo, bicha morta (nº 33)
55. O dia em que Peréoi viu o que é que Vera Abelha tem (nº 34)
56. "Gay Fantasy": rumo às estrelas (nº 34)
57. História de macho-beleza (nº 34)
58. Os novos deuses do sexo (nº 35)
59. Quando as bichas fazem o "show" (nº 36)
60. Vanda Fátima e suas mimosas (nº 36)
61. Quatro bichas de meia-idade, uma tradicional senhora mineira e um rapaz sexy: uma família? (nº 36)
62. Viado gosta de apanhar? (nº 37)
63. A estréia de julho (nº 37)
64. A estréia de maio (nº 37)

Ciência e homossexualidade

1. Homossexualismo: que coisa é essa (nº 2)
2. História da sexualidade (nº 13)
3. Falam os profissionais (nº 4)
4. O jogo do sistema (nº 4)
5. Notícias do amor-mentira (nº 8)
6. Contra a loucura de ocasião (nº 10)
7. Pioneiros do movimento guei: as questões científicas e teóricas (nº 10)
8. Homossexualismo: duas teses acadêmicas (nº 11)
9. Eram os homossexuais astronautas? (nº 14)
10. Vamos rodar a baiana? (nº 19)
11. Começam a nos entender. Mas é isso o que interessa? (nº 25)
12. Na Universidade (nº 25)

Discriminação/Preconceito

1. Más notícias do Nordeste (nº 2)
2. Panfletos acadêmicos (nº 11)
3. Todo o mundo pro banheiro! (nº 12)
4. A palavra dos ofendidos (nº 13)
5. Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - Uma carta aberta... (nº 18)
6. Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - ...E alguns conselhos (nº 18)
7. Madureira surreal (nº 25)
8. Por que me ufano? (nº 26)

Feminismo

1. Feministas com a palavra (nº 1)
2. À doença infantil do machismo (nº 3)
3. Quando as mulheres respondem (nº 4)
4. Minorias e a política (nº 5)
5. Shere Hite: machismo às avessas (nº 7)
6. Mulheres: política deve começar dentro de casa (nº 10)
7. Cinema feminista ou novo messianismo? (nº 10)
8. No Rio e São Paulo, mulheres em assembléia contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho (nº 11)
9. Perfil de uma feminista brasileira (nº 11)
10. Em vez de praia, discussão (nº 11)
11. Nós mulheres e nosso corpo (nº 11)
12. Paulistas elegem os objetivos da luta (nº 11)
13. A ironia de um certo humor (nº 13)
14. Maria Brasileira, a Casadoira (nº 14)
15. Anistia para as mulheres (nº 17)
16. Feminismo em Porto Alegre (nº 17)
17. Angela, Regina... E as feministas, onde estão? (nº 19)
18. São Paulo: mulheres dizem 'basta!' (nº 20)
19. Congresso das Genis, esquerda joga bosta nas feministas (nº 23)
20. Não sou mais aquela (nº 23)

21. Contra o autoritarismo (nº 23)
22. Feministas viram a mesa (nº 24)
23. Mulheres encontram mulheres (nº 26)
24. Nossas mulheres em Copenhague (nº 27)
25. Copenhague chama (nº 28)
26. A hora da porrada (nº 35)
27. Um Congresso bem-pensante? (nº 35)
28. Bilhete de olho no futuro (nº 35)

Homossexualidade de forma Geral

1. Cultura Homossexual: Já Existe? (nº 19)
2. Deus nos livre do "boom gay (nº 23)
3. 28 de junho: entre nessa festa (nº 26)
4. 28 de junho, um dia de luta (nº 27)
5. Na última entrevista de Jean Paul Sartre, um único tema: os homossexuais (nº 27)
6. Bicha é família? (nº 28)
7. Manuel Puig fala quase tudo (nº 28)
8. Devolver aos homossexuais o gosto pela vida (nº 29)
9. Peyrefitte fala (mal) do Vaticano, da Dietrich, de Sarte, de Pompidou... (nº 29)
10. Estes são os termos quentes do verão (nº 31)
11. Essa história dá muito samba (nº 31)
12. Praias: de Ubatuba ao doce Arraial (nº 31)
13. Estética da fome de sexo (nº 32)
14. Quem gosta de jaburu? (nº 32)
15. Para o Dr. Eiras, fugiu a média, é doente mental... (nº 32)
16. Nós estamos no rádio (nº 34)
17. Cavando ouro em Muriaé (nº 37)

Homossexualidade Feminina

1. Receita para ter um filho (nº Zero)
2. O amor entre mulheres (nº 1)
3. Lésbicas vendem mais jornal? (nº 10)

4. Extra! Mulheres chegam pra ficar (nº 11)
5. Então, por que tanta repressão? (nº 12)
6. Só queremos ser entendidas (nº 12)
7. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica (nº 13)
8. Clarice: do outro lado do espelho (nº 14)

Homossexualidade Masculina

1. O nosso prazer é melhor? (nº zero)
2. Algumas histórias de amor (nº 2)
3. Novas histórias de amor (II) (nº 3)
4. Noticiário esportivo (2) (nº 3)
5. Uma questão de objetividade (nº 4)
6. Sobre tigres de papel (nº 4)
7. Desbloqueando o tabu (nº 5)
8. Gay-Macho: uma nova tragédia americana? (nº 8)
9. Um alerta - um aviso (nº 11)
10. Ao contrário dos outros cineastas, ele não teme o seu lado guei (nº 13)
11. O segredo de Mário Andrade (nº 14)
12. Um livro só para homens (nº 14)
13. Jogador de futebol é a madrinha do time (nº 15)
14. "Amante latino": um machão que não dá susto - Paulo Coelho diz como criou Sidney Magal (nº 15)
15. A fábrica de heterossexuais (nº 15)
16. Apresentando Dennis Altman (nº 16)
17. Lembrando Antônio Botto (nº 16)
18. Bichas, mulheres e negros no açougue do 'marketing' (nº 17)
19. NA JAULA (A história de um presidiário guei) (nº 17)
20. Machões entram em pânico (nº 16)
21. Madame Paulo Bovary Francis (nº 17)
22. Bichas: já pra cozinha (nº 21)
23. Um candidato ao emprego se explica (nº 21)
24. Carnaval das bichas: o maior do mundo (nº 22)

25. Paulistinha: cuidado com a caretice (nº 22)
26. Viva a pintosa! (nº 26)
27. Vejam que preciosidade! (nº 27)
28. A enriquecedora viagem de Ruddy da Zona de Belô ao brilho de Ipanema (nº 29)
29. Tem odalisca no samba (Um Inédito do Incrível Ruddy) (nº 29)
30. Meus encontros com Daniel Guérin (nº 29)
31. Suspeita do Itamarati não basta para afastar aluno (nº 32)
32. "Balú ", um romance para o verão (nº 32)
33. (des) aventuras de brasileiros em "Baires" (nº 33)
34. Histórias de gente humilde (nº 34)
35. Saudades da mãezinha (nº 34)
36. Memórias de guerra (nº 34)
37. Minha quase experiência sexual com um anão guei (nº 35)
38. O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem? (nº 37)
39. O teatro é uma arte guei? (nº 37)

Imprensa

1. Qual é a da nossa imprensa? (nº Zero)
2. Sem essa de entregaçãõ (nº 1)
3. Lampião na Paulicéia Desvairada (nº 1)
4. Dica: "Pasquim" nuslê (nº 2)
5. No paraíso do consumo guei (nº 2)
6. " Tiçãõ": os negros já falam (nº 2)
7. Uma questão de cultura (nº 3)
8. Os múltiplos talentos de Ivan Lessa (nº 3)
9. Noticiário esportivo (1) (nº 3)
10. Não seja tão boba, Darling! (nº 4)
11. História da imprensa baiana (nº 4)
12. Não me espreme que eu sangro! (nº 4)
13. De Sergipe para o mundo (nº 4)
14. O rei que se cuide (nº 5)

15. Vilão homossexual (nº 5)
16. Lendo "Gente Gay" (nº 6)
17. Nas bancas o "Gay News" (nº 9)
18. "Brazil" no Gay Sunshine (nº 9)
19. Um bonde chamado prazer (nº 10)
20. O nosso jornal do Brasil (nº 10)
21. Enfim, um jornal-maravilha (nº 12)
22. Da Colômbia para o mundo (nº 12)
23. Ao Pasquim, com carinho (nº 14)
24. De olho em Júlio Bressane (nº 15)
25. Quanto cocô de cachorro! (nº 16)
26. Cartas marcadas (nº 20)
27. Um Esquadrão da vida? (nº 20)
28. Queridos companheiros (nº 22)
29. "Snob", "Le Femme"... Os bons tempos da imprensa guei (nº 28)
30. Brigadistas, ai, ai! (nº 28)
31. PRECONCEITUOSAS (nº 28)
32. Glauco Mattoso: um marginal à margem (nº 33)
33. Um jornal com muitas chanas (nº 34)
34. Homossexual se afoga após fotografar garoto nu (nº 37)

Índios

1. "Terra papagalorum" (nº 8)
2. Nas raízes da tragédia (nº 8)
3. Na selva peruana (nº 8)
4. No coração da magia, com os índios (nº 11)
5. Vozes no fundo do seringal (nº 12)
6. Aritana, um símbolo (nº 12)

Justiça e homossexualidade

1. Cada época com a sua medida (nº 9)
2. Justiça inocenta Celso Curi (nº 11)

3. Juiz absolve jornal guei canadense: "indecência" (nº 11)
4. Às portas da Lei (nº 17)
5. Um juiz pelas minorias: Álvaro Mayrink fala de racismo, homossexuais, mulher submissa, maconha, vadiagem, etc. (nº 30)

Lugares

1. Mercadinho AzuI (nº 2)
2. Bandido na Galeria Alaska (nº 8)
3. Copacabana, a enganadora: Uma entrevista com João Antônio (nº 9)
4. Um escritor fala do seu bairro. Com amor e ódio (nº 9)
5. Mas Copa ainda tem seus cantores (nº 9)
6. Atenção, gueis do Brasil: o Rio não é mais aquele (nº 9)
7. PORTUGAL: sem bacalhau, mas com muito paineleiro (nº 13)
8. Devolvam já o Tabuleiro (nº 13)
9. Deixem a Lapa em paz (nº 15)

Lugares Gays

1. Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo? (nº 1).
2. Nossas cidades da noite (nº 2)
3. De Terezina para o mundo (nº 2)
4. Florianópolis, meu amor (nº 3)
5. Fortaleza: um gay-guide (nº 7)
6. Estrelas mil na Galeria Alaska (nº 10)
7. Quem é esse povo que está nas ruas? (nº 10)
8. Nietheroy Dancing Gays (nº 10)
9. Para os meninos, mais um roteiro: Niterói e Bê-Agá (nº 13)
10. Viva São Paulo: Um roteiro para mulheres (nº 13)
11. Uma praça chamada República (nº 13)
12. Independência, tchê! (nº 13)
13. Gueifieira: a nova festança popular (nº 13)
14. Passe as férias na Bahia... (nº 14)
15. Um novo lugar na noite (nº 15)

16. Escolha o seu Roteiro: Brasília, Santos, Paraty e Salvador (nº 16)
17. Escolha o seu roteiro: Florianópolis, São Luiz e Recife (nº 17)
18. Escolha o seu roteiro: Fortaleza, Londrina, Campo Grande (nº 18)
19. Escolha seu roteiro: Rio de Janeiro 1 e 2 (nº 19)
20. Escolha o seu roteiro: Sorocaba e Juazeiro do Norte (nº 20)
21. Tudo sobre o carnaval das bichas (nº 21)
22. Arrisque vá as quadras (nº 21)
23. Enxutos: é pura exploração (nº 22)
24. Na Bahia todo o mundo gozou (nº 22)
25. O baile do preto e vermelho (nº 22)
26. Escolha o seu roteiro – Belo Horizonte; Macéio; Juiz de Fora (nº 23)
27. Mulheres e Homens: uni-vos (nº 22)
28. Escolha o seu roteiro: Vitória (nº 24)
29. Baratos em Brasília (nº 24)
30. Um roteiro turístico: os buracos do Rio (nº 25)
31. Notícias da Bahia (nº 25)
32. Ouro Preto Gay (nº 26)
33. Brasília dura (nº 26)
34. Escolha o seu roteiro – Goiânia; Belém (nº 27)
35. Escolha o seu roteiro – Pelotas (nº 28)
36. Uma casa da gente (nº 28)
37. Roteiro gaio da alegre Porto Alegre (nº 29)
38. Caçando eirá no meio da cabunga (nº 31)
39. De ativos, passivos e reflexivos (nº 31)
40. Quem resistirá a este verão? (nº 31)
41. O Rio: pra quem gosta e pode (nº 31)
42. Mário Valle conta os segredos da maratona do Elite (nº 32)
43. Vamos todas pra Salvador? (nº 32)
44. Goze muito: pode ser o último carnaval (nº 33)
45. Nada Ainda Começou (nº 33)

46. Só para cavalheiros (nº 34)
47. Mil e uma noites no Hotel do Pepe (nº 34)
48. Os primeiros degraus (nº 34)
49. Escolha o seu hotel (nº 34)
50. Bichices ipanemenhas (nº 34)
51. Salvador, mais de mesa que de cama (nº 34)
52. Geléia, queridinha, olha nós ai (nº 34)
53. Roça/Roça no Cinema Iris (nº 35)
54. Uma visita ao “The Club” (nº 35)
55. Em Aracaju, elas são capazes (nº 35)
56. Do Paulistinha ao Gala-Gay (nº 35)
57. Tiradentes, sublime tentação (nº 36)
58. Corre que lá vem os home! (nº 36)
59. Minha casa é um ladrilho (nº 36)
60. Tudo começou com "seu" Paschoal (nº 36)
61. Gueifeira, dellyrio (nº 36)
62. Um palácio para muitas rainhas (nº 37)
63. Uma visita ao QG das bichas de couro (nº 37)
64. Falange Vermelha no Schnitt (nº 37)
65. Ecos do Bixórdia 3 (nº 37)

Meio Ambiente

1. Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (nº Zero)
2. Não tem sabiá que aguente (nº 3)
3. Quem tem medo de Lutzemberger? (nº 6)
4. A demolição da ecosfera (nº 7)
5. Homossexualismo e ecologia (nº 7)
6. Bacanal do esbanjamento (nº 8)
7. Tem piranha na Amazônia (nº 9)
8. Incêndio na madrugada (nº 9)
9. Reconquista do futuro (n 9)

10. Cacilda no globo da morte (nº 16)
11. Quem liga pro meio ambiente? (nº 27)

Mulheres

1. Norma Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada): “Eu não quero morrer muda” (nº 3)
2. Um arco-iris desbotado (nº 3)
3. Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever: Cassandra Rios ainda resiste (nº 5)
4. "Mulheres da vida" (nº 7)
5. Mulheres do mundo inteiro... (nº 9)
6. Helena Sangíardi dá a receita certa (nº 9)
7. Mulher negra: um retrato (nº11)
8. Nós também estamos aí (nº 12)
9. Não somos anormais (nº 12)
10. Uma freira e sua paixão (nº 12)
11. Um protesto contra a rotina da bolinação – “Mulher não é maçaneta: tira a mão daí” (nº 13)
12. Nova mensagem para a mulher: "conforme-se" (nº 14)
13. "Mural Mulher": um relatório bem vivo (nº 14)
14. As confissões de Helena Brandão, ou Darlene Glória (nº 16)
15. Nossa heroína espacial (nº 16)
16. Estão matando mulheres (nº 17)
17. Bom dia - mais uma vez -, tristeza (nº 17)
18. Mangueira discrimina Lecy (nº 20)
19. A barra das jornalistas (nº 20)
20. Maria Schneider informal (nº 20)
21. Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, "alive and well"! (nº 21)
22. Mulher, discurso minoritário e atuação revolucionária (nº 22)
23. Mulheres atrás das câmeras (nº 22)
24. O Aborto Segundo Pasolini (nº 25)
25. A palavra das mulheres (nº 25)
26. Minorias de quê? (nº 25)

27. Uma mulher contra as mordomias (nº 26)
28. Ninuccia Bianchi, depois da absolvição (nº 27)
29. Uma pequena voz pessoal (nº 27)
30. Mulheres assassinadas: a história de sempre (nº 28)
31. Aborto corpo livre (nº 29)
32. Mostra em Minas de cinema alternativo (nº 29)
33. Cassandra Rios: “Assim, até a Bíblia é pornográfica” (nº 29)
34. A experiência de Dercy chega afinal à TV (nº 30)
35. Para as mulheres, apenas mais um tabu (nº 31)
36. Arrasadora Maria Malibran (nº 31)
37. A mulher que inventou o amor (nº 31)
38. Só teve homem com homem. É a glória? (nº 34)
39. Carmen Miranda, alive and well (nº 34)
40. Novo disco de Lecy Brandão (nº 35)
41. Um Show P'ra Gente (nº 36)

Negros

1. Gente negra é puro folclore (nº 1)
2. "Negras raízes": bastante podadas (nº 2)
3. A praça é dos negros (nº 4)
4. E se Gilberto Freyre também fosse negro? (nº 13)
5. E o negro, é “beautiful”? (nº 14)
6. Qual é o lugar dos negros no Brasil? Abdias responde (nº 15)
7. Qual é o lugar deles? Um garçom escreve ao “Dr. Gilberto Freyre” (nº 15)
8. Um dia de luta contra o racismo (nº 15)
9. Solano Trindade, um testemunho (nº 15)
10. A noite da palavra negra (nº 15)
11. Qual é o lugar deles? Longe daqui, aqui mesmo: um negro escreve de Paris (nº 15)
12. Movimentos negros (nº 17)
13. Contra a discriminação (nº 17)
14. No Quilombo o samba é pra valer (nº 17)

15. Cinco aspectos da cultura afro-brasileira (nº 17)
16. Os negros vão ao paraíso? (nº 17)
17. Olga de Alaketo: objeto de consumo do poder (nº 18)
18. Arte negra em Paris (nº 18)
19. Consciência negra sai às ruas, em todo o Brasil (nº 19)
20. Quanto vale o negro brasileiro? (nº 19)
21. Zezé Motta, negra e mulher-bicha (nº 19)
22. Dia 31, todo o mundo na praia: Axé! (nº 19)
23. IBGE dá golpe nos negros (nº 20)
24. A vida é fácil? (nº 21)
25. Fala o Movimento Negro Unificado (nº 21)
26. Negros: as vítimas da “vadiagem” (nº 21)
27. E o 13 de Maio? (nº 25)
28. A arte dos negros (nº 25)
29. Lecy Brandão vai à luta contra o racismo (nº 28)
30. Uma lei branca (nº 28, p. 5)
31. Um carnaval negro no Havre (nº 28)
32. Lima Barreto, um escritor libertário (nº 31)
33. Lima Barreto, um símbolo negro (nº 33)

Outras Minorias

1. "Gargalhada final" (nº 14)
2. Canhotos: uma minoria liberada (nº 16)
3. Os paraplégicos também transam (nº 36)
4. Daniel Pastura diz como é e convida: -Experimente! (nº 36)
5. O títi dos surdos-mudos (nº 36)
6. "... Eu descarrego esperma pelos olhos, pela boca, pelos dedos..." (nº 36)

Política

1. Dá-lhe, Paraguassu (nº 1)
2. Emilinha, deputada de proveta (nº 4)
3. Alô, alô, classe operária: e o paraíso, nada? (nº 14)

4. Manifesto do Rio Sena (nº 15)
5. Que tu tenhas teu corpo (nº 17)
6. ARRAES TAI (nº 17)
7. Fernando Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80 (nº 18)
8. "Remake" com Gabeira (nº 18)
9. Um livro sobre a longa noite (nº 18)
10. O que é isso, Heloneida? (nº 20)
11. Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar (nº 20)
12. O Governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar (nº 21)
13. Algumas vozes do contra (nº 21)
14. Fala o pessoal do IPCN (nº 21)
15. O Samba do Governador Doido (nº 23)
16. Pequenos Gestos, Pequenas Revoluções (nº 26)
17. Imprensa o quê? (nº 28)
18. Finalmente: a UNE já pensa no prazer (nº 30)
19. Saudades de Manoel Maurício (nº 35)

Política e homossexuais

1. Estão querendo convergir. Para onde? (nº 2)
2. Uma bicha atrevida pede a palavra... (nº 2)
3. Passeata guei reúne 240 mil (nº 4)
4. E no dia 15, a boneca morre afogada? (nº 6)
5. Um candidato fala mais alto (nº 6)
6. Uma vitória na Califórnia (nº 7)
7. Em busca de um candidato (nº 7)
8. Denúncia nos EUA: genocídio (nº 7)
9. Acusações em Londres (nº 8)
10. À procura de um emprego (nº 9)
11. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita (nº 10)
12. Quem tem medo das "minorias"? (nº 10)
13. Ninguém segura o "ayatollah?" (nº 11)

14. Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua (nº 11)
15. Homossexuais se reúnem em Israel (nº 11)
16. Grupo SOMOS: uma experiência (nº 12)
17. A revolta de San Francisco (nº 14)
18. Nas ruas, no calor da hora (nº 14)
19. O Movimento Louco-Lésbico da França (nº 14)
20. Anistia, confetes e serpentinas (nº 14)
21. Londres, Amsterdam, Berlim, onde o ativismo é pra valer (nº 14)
22. Gueis, um: polícia, zero (nº 15)
23. Radicais: a mão fechada que... (nº 15)
24. O pessoal do SOMOS (nº 16)
25. O pessoal do Libertos (nº 16)
26. O pessoal do GAAG (nº 16)
27. Organização e métodos (nº 16)
28. COM MUITA ALEGRIA E ORGULHO (nº 16)
29. No Rio, pessoal cria mais um grupo homo (nº 17)
30. No México, a vez dos “jotos” e “lesbianas” (nº 19)
31. O ovo enorme da serpente (nº 19)
32. Anistia apoia homossexuais (nº 19)
33. Fim de década, gosto de festa na boca. Viva o real maravilhoso! (nº 19)
34. No Rio, o encontro do povo guei (nº 20)
35. Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política (nº 20)
36. Na hora da festa, conosco ninguém pode (nº 20)
37. Uma luta de todas as minorias (da maioria) (nº 21)
38. Ai, que São Paulo gostoso... (nº 22)
39. O que é isso, companheiros? (nº 22)
40. Esquerda, direita, um dois (nº 23)
41. O apoio das bichas (nº 23)
42. Povo guei se reúne em São Paulo (nº 23)
43. Homossexuais, a nova força (nº 24)

44. Encontros e brigas de vários graus (nº 24)
45. Mulheres compram as brigas (nº 24)
46. E tudo foi uma festa móvel (nº 24)
47. Papa processado (nº 24)
48. Mulheres e Bichas Gaúchas Invadem o Movimento Estudantil (nº 25)
49. O racha no SOMOS/SP (nº 25)
50. Por uma política menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia (nº 25)
51. Bichinhas sonhando com o poder (nº 26)
52. Boas de cama? (nº 26)
53. Autonomia ou não, eis a questão (nº 26)
54. Compromissos, queridinhas? Nem morta! (nº 26)
55. Recadinho a Alice (nº 27)
56. Quando a política é uma festa (nº 27)
57. Homossexuais invadem SBPC (nº 27)
58. A posição do GALF (nº 27)
59. Mais tesão, menos politicagem (nº 27)
60. Nós ainda estamos aqui (nº 28)
61. Londres marchando (nº 28)
62. Frente de Liberação Homossexual da Argentina: um histórico (nº 28)
63. Mulheres e bichas contra a violência (nº 30)
64. Lampionicos: ativistas, astronautas? (nº 31)
65. Surpresos e decepcionados (nº 31)
66. Bandeiras desfraldadas (nº 31)
67. Mendigos da normalidade (nº 31)
68. O que é bom pras bichas gringas é bom pras bichas do Brasil? (nº 31)
69. Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti (nº 31)
70. Afinal, o que é um grupo homossexual organizado? (nº 32)
71. Na reunião dos grupos, os reflexos da crise (nº 32)
72. Notas sobre um coquetel de ódio (nº 32)
73. O ativismo e o abismo dos nossos desejos (nº 32)

74. Veredas tropicais (nº 33)
75. Querem capar as lampiônicas (nº 33)
76. Bandeirante destemido (nº 33)
77. Jogaram bosta no II EGHO (nº 33)
78. Bahia: os ativistas vão à luta (nº 34)
79. Novela: por que o II EGHO dançou? (nº 34)
80. Carta aberta, ou abaixo a fofoca (nº 34)
81. Miss Anita e a boca na moringa (nº 35)
82. A peleja entre Darcy Penteadó e Antônio Calmon (nº 35)
83. Loucuras no Parque Lage (nº 36)
84. Hocquenghem: Revolucionário é o travesti (nº 37)

Prostituição

1. Os caubois, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação (nº 1)
2. Do Regina Coeli às coisas da vida (nº 3)
3. Esta zona vai acabar (nº 3)
4. Tocaram fogo no Mangue (nº 5)
5. Os clientes, as transas e os babados: as confissões de um jovem michê (nº 20)
6. Estes michês (nem tão) maravilhosos e suas incríveis máquinas de fazer sexo (nº 30)
7. Eles atendem pelo telefone (nº 30)
8. Confissões de um massagista debutante (nº 30)
9. O sagrado conceito do amigo (nº 30)
10. Uma casa que não era da Irene (nº 30)
11. Chame Babilônia/zero-zero (nº 30)
12. Louca viagem aos buracos de São Paulo (nº 30)
13. Os michês são filhos de Deus? (nº 30)
14. Prostituição na solidão do Planalto (nº 30)
15. Galeria Alaska: pão, amor e nostalgia (nº 30)
16. Da Via Veneto a Be-agá (nº 30)
17. Um jovem michê pede a palavra (nº 30)
18. O Prazer Por Alguns Contos de Réis (nº 30)

Religião e homossexualidade

1. Confissões de um Carmelita Descalço (nº 1);
2. Cristo também está conosco (nº 1)
3. As confissões de um rabino guei “Nao espargir as sementes em vão...” (nº 12)
4. Um padre escreve sobre o amor de Jônatas e Davi (nº 12)
5. O Papa não nos ama? Nós rezamos por ele (nº 18)
6. Uma igreja para o povo guei? (nº 23)
7. A Igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão (nº 26)
8. Dignity: Agrupamento de Cristãos Gueis (nº 26)
9. Uma Experiência com cristãos gueis (nº 26)
10. A Bíblia e o Homossexualismo (nº 26)
11. Nós e o papa: as Denúncia do Fuori (nº 26)
12. Um ex-seminarista fala de sua temporada no inferno (nº 26)
13. Brasília: carta aberta ao Sr. Karol Woítjila (nº 27)
14. Homem, mulher, sim, não? (nº 34)
15. Relatos de um desviante (nº 34)
16. Em busca de movimento próprio (nº 34)
17. Algumas receitas magicas (nº 34)
18. "Prova de Fogo": a religião do erotismo (nº 36)

Representação do homossexual na imprensa

1. Ritual da amizade na Tv (nº Zero)
2. Nureyev Vs Cassius Clay (nº Zero)
3. Aconteceu nos EUA (nº Zero)
4. Opinião pública na TV (nº 2)
5. Um dia muito especial (nº 4)
6. Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual (nº 6)
7. Procura-se: vivos ou mortos (nº 8)
8. O céu está caindo? (nº 15)
9. Nossos comerciais, por favor (nº 23)
10. Bichices na Tevê (nº 23)
11. Que trapalhada! (nº 24)

12. O Buraco é Mais Embaixo (nº 26)

Repressão Política

1. Com o tímido apoio da anistia (nº Zero)
2. Lembrando o triângulo rosa (nº Zero)
3. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri? (nº Zero)
4. Cinema Irís: na última sessão, um filme de terror (nº Zero)
5. Sinal de alerta (nº 5)
6. Para o Brasil do ano 2.000, os "bons costumes" do século XIX (nº 9)
7. "Ma che cosa é questa? (nº 9)
8. O que pensa a sociedade civil sobre o assunto (nº 9)
9. Fernando Morais apóia LAMPIÃO (nº 10)
10. Trifonov, um poeta na Sibéria (nº 11)
11. Uma capa com muitas estrelas (nº 12)
12. Pela liberdade de expressão (nº 12)
13. Estamos aqui, plantados, sempre à espera da chamada "abertura" (nº 13)
14. Moral e bons costumes: uma questão de economia (nº 13)
15. De bicha, negro e louco, todos nós temos um pouco (nº 15)
16. Pintou a solidariedade (nº 15)
17. Nossa pobreza é nosso maior charme (nº 15)
18. Somos todos inocentes (nº 18)
19. Os que estão conosco (nº 19)
20. Itamaracá: na cela do castigo, o lamento dos presos comuns (nº 21)
21. Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla (nº 21)
22. The Buenos Aires Affair: Roteiro guei de uma cidade em pânico (nº 22)
23. S.O.S. Argentina (nº 25)
24. Espanha quente (nº 26)
25. Cuba: dez anos de caça às bichas (nº 33)
26. Histórias que Mãe-Revolução não contava (nº 33)
27. Go home, gay yankee! (nº 33)
28. Em 1971, um congresso decide o que é pecado (nº 33)

29. Os órfãos de Sierria Maestra (nº 33)
30. Yo soy cubana; da terra de Fidel (nº 33)
31. A égua (nº 33)
32. "Bent": para o seu diretor, uma bandeira dos reprimidos (nº 34)
33. E por esta Argentina, quem chora? (nº 34)

Sexualidade

1. Nossas gaiolas, comuns (nº 1)
2. Assumir-se? Porquê? (nº 2)
3. Um produto novo na praça (nº 2)
4. Tirando as etiquetas (nº 3)
5. Um texto clássico do feminismo americano - Mulheres: o mito do Prazer (nº 4)
6. A "mulher nua do Pasquim" fala dos seus grilos: Confissões de um objeto sexual (nº 4)
7. Pílula neles, meninas (nº 5)
8. Seguindo a pista de Kínsey (nº 5)
9. Os gregos proibidos (nº 5)
10. "Amada Amante": é sério? (nº 5)
11. Heterossexualidade: perversão ou doença? (nº 6)
12. O mito bem dotado; Um retrato sincero (nº 7)
13. Capitalismo, socialismo, argh! (nº 8)
14. Louca e muito da baratinada (nº 8)
15. Repressão: essa ninguém transa (nº 8)
16. Amanda Lear: uma "senhora"? (nº 11)
17. Quando o machismo fica no porão (nº 11)
18. Mulheres, panteras, gorilas, automóveis. E o bicho homem? (nº 12)
19. Fernando Pessoa: poeta ou "macho-man"? (nº 13)
20. Um beijo é um beijo (nº 14)
21. Em busca de uma nova moral (nº 17)
22. Lembrando Marcuse (nº 16)
23. Uma entrevista com Marta Suplicy (nº 17)
24. Sexo nas escolas?... (nº 17)

25. Eis aqui o princípio do prazer (nº 17)
26. Um cantor, pequeno por fora mas e-nor -me por dentro (nº 19)
27. Finalmente: o nu frontal! (nº 27)
28. Quem salvará nossas crianças? (nº 29)
29. Como fotografar um homem pelado (nº 30)
30. Masturbação - O prazer da maioria (nº 31)
31. Prazer solitário: eu, hem? (nº 31)
32. O onanista (nº 31)
33. André Gide e o onanismo (nº 31)
34. Masturbação: algumas teorias e uma alegoria (nº 31)
35. Sex shops: pornôs ou farmácias? (nº 33)
36. Hambre de sexo en Argentina (nº 33)
37. Doença venérea: o mito e o rito (nº 35)
38. Por que os bofes usam as roupas de suas irmãs? (nº 35)
39. A batalha do corpo, ou cenas de nu explícito (nº 36)
40. As crianças no poder? (nº 36)

Transexuais

1. Transexualismo: um julgamento moral (nº 5)
2. Na tevê, minutos de muita emoção (nº 5)
3. Transexualismo no fim (nº 16)
4. Quem lucra com esta operação? (nº 35)
5. Como Num Conto de Fadas (nº 35)
6. Homem/mulher: pra virar tudo basta operar? (nº 35)
7. Claudie: o transexualismo é um estilo de vida? (nº 35)
8. ...Esse espírito dos sexos (nº 35)

Travestis/bonecas/ Drag queen

1. Mesmo no Carnaval baiano, cada macaco no seu galho (nº 1)
2. E o direito de ir e vir? (nº 1)
3. Travestis! (Quem atira a primeira pedra?) (nº 4)
4. "Mimosas", sim; mas é bom não confundir (nº 4)

5. Recife brinca de samba (nº 6)
6. “Mônica Valéria”, uma vida em segredo (nº 7)
7. Hysteria "in concert" (nº 7)
8. LORD CORNBURY? UMA AUDACIOSA (nº 9)
9. Mário Chaves (Mariza) (nº 9)
10. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó (nº 10)
11. Djalma Santos: nosso homem em Vila Kennedy (nº 10)
12. Sugestões para o pesadelo da madrugada (nº 11)
13. "Shirley": breve, nas livrarias (nº 13)
14. Anselmo Vasconcelos ator, e o seu rosto mais secreto (nº 16)
15. Filme premiado mostra um dia na vida de uma boneca (nº 16)
16. Juiz de Fora elege sua 'Miss Gay (nº 16)
17. O travesti é como um pistoleiro; todo dia tem que vencer um desafio (nº 18)
18. Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco (nº 19)
19. Eloína dá o serviço: operação, implantes, silicone, etc. (nº 21)
20. O travesti, este desconhecido: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma (nº 22)
21. O travesti, este desconhecido - O papel do travesti na emancipação feminina (nº 23)
22. Blanco, Michalski, Marinho: um Moliere para Maria Leopoldina URGENTE! (nº 23)
23. Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matem e comam os travestis! (nº 24)
24. Quando o certo é o avesso (nº 25)
25. A incrível metamorfose de Andrea Casparelly (nº 27)
26. Mistérios de Gracinha Tropical (nº 29)
27. Brasil: campeão mundial de travestis (nº 32)
28. Libélulas, mariposas, vampiras, damas da noite... (nº 32)
29. Vítimas da falta de espaço (nº 32)
30. Na Pauliceia, com olhos de lince e pernas de avestruz (nº 32)
31. ... E a França aprende a tomar banho (nº 32)
32. Um passeio na Zona (nº 32)
33. Intimidade com uma estrela (nº 32)

34. Rogeria super star Confissões íntimas da Camisa 10 dos travestis (nº 32)
35. As flores negras da repressão (nº 32)
36. Rogéria, o ator: enfim a revelação (nº 34)
37. Um bonde chamado "24" (nº 35)
38. Estrelas brasileiras em Paris (nº 37)
39. Jaime Eduardo e Bárbara Hudson - A Nova Versão de "A Médica e a Monstra" (nº 37)

Violência

1. Violação: ato de sexo ou de poder? (nº 5)
2. Terror no Rodolfo Dantas (nº 6)
3. Anormal assassinado em Copacabana..." (nº 6)
4. Um homem beija Celso Curi e diz: "Você vai morrer" (nº 6)
5. No Vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas (nº 6)
6. Um casamento banhado em sangue (nº 6)
7. Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio (nº 7)
8. "Não somos turistas, somos fugitivos" (nº 7)
9. Chile: denúncias da matança (nº 7)
10. Buenos Aires: dois policiais por quarteirão (nº 7)
11. México: que viva el macho (nº 7)
12. Morte em San Francisco (nº 8)
13. De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais (nº 13)
14. Um crime para não esquecer (nº 14)
15. Um esquadrão mata-bicha? (nº 20)
16. Nós estupradores (nº 20)
17. O caso Marisa Nunes (nº 20)
18. Rio: a violência como convém (nº 20)
19. Tá legal "Geni"; mas e a mãe, tá boa? (nº 22)
20. Olha o Mão Branca! (nº 24)
21. PORTO ALEGRE: A morte de "Luisa Felpuda" (nº 25)
22. Réquiem para Luiza Felpuda, depois dos nossos comerciais (nº 25)
23. RECIFE: "Bamba" assassinado (nº 25)

24. O médico e o bailarino: mistério? (nº 25)
25. Lições Políticas do Caso Marli (nº 25)
26. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti (nº 26)
27. DERALDO PADILHA, Perfil de um Delegado Exibicionista (nº 26)
28. Recife: mais uma bicha executada (nº 28)
29. Dando nome aos bois (nº 29)
30. Por trás do mictório, um policial (nº 29)
31. Pega pra capar em Brasília (nº 29)
32. Matador de Felpuda quase estupra menina (nº 30)
33. Campeão de vadiagem (nº 30)
34. Richetti volta às ruas (nº 31)
35. Homossexualismo? Diabetes? Assassinato cultural? (nº 32)
36. Recordações da casa dos mortos (nº 32)
37. Para a polícia, ainda um mistério (nº 32)
38. Mas a violência do sistema pode? (nº 33)
39. Contra a bicha institucionalizada (nº 37)